

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LEANDRA CRISTINA DE OLIVEIRA

**ESTÁGIO DA GRAMATICALIZAÇÃO DO PRETÉRITO
PERFEITO COMPOSTO NO ESPANHOL ESCRITO DE SETE
CAPITAIS HISPANO-FALANTES**

Florianópolis
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LEANDRA CRISTINA DE OLIVEIRA

**ESTÁGIO DA GRAMATICALIZAÇÃO DO PRETÉRITO
PERFEITO COMPOSTO NO ESPANHOL ESCRITO DE SETE
CAPITAIS HISPANO-FALANTES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Luizete
Guimarães Barros

Florianópolis
2010

Dedico

A minha irmã, Rosileide de Oliveira (Rosi), na memória...
na minha história...
na minha vida...
no meu coração eternamente!

AGRADECIMENTOS

A meus pais, José e Jandira, pelo amor e pela vida.

A minhas irmãs, Regiane, Rosi (*in memoriam*) e Aline, pela história que construímos juntas e pelos sobrinhos amados que me deram as duas primeiras: Juliana, Raquel, Victor Hugo e Júlia.

A Eduardo Antônio Angeloni, pelo apoio, amor e companherismo.

A meus alunos, pela motivação a seguir estudando, aprendendo e ensinando.

A meus professores. Difícil lembrar os nomes, pois a trajetória foi longa, mas agradeço a TODOS pelos ensinamentos e, muitas vezes, pela inspiração.

Neste momento, em especial, à professora Dra. Luizete Guimarães Barros, minha orientadora desde o Mestrado, pelo apoio e exemplo de força, competência e entusiasmo.

Aos professores Dr. Marco Antônio Esteves da Rocha e Dra. Edair Maria Görski, do Programa de Pós-graduação em Linguística (UFSC), pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições para o desenvolvimento deste trabalho.

Junto a estes, aos demais professores membros da banca de defesa de Doutorado: Dra. Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold, Dra. Iandra Maria da Silva e Dr. Rafael Camorlinga Alcaraz, pela leitura atenta de minha Tese e pelas importantes sugestões.

Aos amigos e colegas do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, pelos debates em sala de aula, pela companhia em viagens a eventos científicos e pelos momentos de lazer. Aprendi e ME DIVERTI muito com vocês!

Aos colegas e amigos de trabalho do campus Florianópolis-continente do Instituto Federal de Santa Catarina, pelo PROFISSIONALISMO. Em especial, à professora Ângela Faria Brognoli pela ajuda nas traduções, e à grande amiga Ana Kaciara Wildner, pela parceria no trabalho, nas produções científicas, na vida...

Aos amigos queridos que me ajudaram de diversas maneiras em diferentes ocasiões: Gorete, Fabíola, Vanessa, Roni, Cris, Sabrina, Melissa, Geise, Valmir, João e outros...

À Capes, pelo apoio financeiro durante o Mestrado, parte do Doutorado, bem como pela Bolsa Sanduíche concedida por meio do Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDEE) - oportunidade conquistada, mas não usufruída devido à nomeação em Concurso Público.

A Deus, agradeço por todas essas conquistas e por não permitir que me faltasse a fé e a alegria!

*Cambia lo superficial
Cambia también lo profundo
Cambia el modo de pensar
Cambia todo en este mundo*

*Cambia el clima con los años
Cambia el pastor su rebaño
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño
(...)*

***“Todo cambia”, de Julio Numhauser,
Intérprete: Mercedes Sosa***

Assumindo a língua como um fenômeno de interação social, na qual a variação e a mudança estão sempre presentes, investigo nesta tese a gramaticalização do pretérito perfeito composto (PPC) da língua espanhola. Assentada nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico, com enfoque na gramaticalização, meu objetivo é verificar a etapa de evolução em que se encontra o PPC castelhano, analisando dados presentes em notícias de periódicos virtuais, publicadas em sete capitais hispano-falantes: Buenos Aires, Santiago do Chile, La Paz, Lima, Havana, Cidade do México e Madri. A partir da consideração de estudos diacrônicos já realizados, discorro sobre a gramaticalização do PPC desde a forma da qual se origina – a construção perifrástica latina “*habere* + particípio flexionado” – até os diferentes valores exibidos nas línguas românicas. Conforme essas investigações, o PPC passa por quatro estágios de evolução, indicando: I) Resultado, II) Continuidade, III) Relevância presente e IV) Perfectividade. Na análise dos resultados, verifico estágios diferentes na evolução do PPC, a depender da capital hispano-falante. Os dados de Cidade do México mostram o uso predominante do PPC de Continuidade. Embora apareçam nessa variedade ocorrências do terceiro estágio – Relevância presente –, a frequência de dados indicando o segundo estágio é superior em relação às demais regiões hispano-americanas. Nas variedades de Buenos Aires, Santiago do Chile, Havana e La Paz, o PPC caminha para o estágio III, já que o percentual de ocorrências de Relevância presente aumenta, embora o de Continuidade – estágio II – seja ainda superior. A variedade de Lima segue em direção similar; há, contudo, um adiantamento na evolução, já que é possível verificar o aumento da frequência do PPC indicando Relevância presente. Sustentando esta afirmação, a amostra de Lima apresenta uma ocorrência do PPC Aoristo (indicando perfectividade), o qual representa o último estágio da evolução dessa forma verbal. Tendo em vista a alta frequência de dados que indicam o estágio III da gramaticalização do PPC, a variedade de Madri parece avançar de maneira semelhante. Considerando os resultados da análise dos 262 dados acima sintetizados, corrobora-se a hipótese de que a evolução gradual de ordem sintática e semântico-

pragmática do pretérito perfeito composto segue em ritmo diferenciado no universo hispano-falante.

Palavras-chave: Pretérito perfeito composto. Valores semântico-pragmáticos. Gramaticalização.

ABSTRACT

Taking language as a social interaction phenomenon in which variation and change are always present, I investigate in this thesis the grammaticalization of the Present Perfect (PP) in the Spanish language. Based on the Linguistic Functionalism theoretical assumptions focused on grammaticalization, my objective is to investigate the present development stage of the Spanish PP. I analyze data presented in online journals news, published in seven Spanish speaking capitals: Buenos Aires, Chilean Santiago, La Paz, Lima, Havana, Mexico City and Madrid. Considering diachronic studies which have already been made, I discuss the Present Perfect grammaticalization since its original form – a Latin periphrastic construction “habere + inflected participle” – up until the different values exhibited in the Romance Languages. According to these investigations, the PP passes through four stages of evolution which indicated: I) Result, II) Continuing, III) Current Relevance and IV) Perfective. In the analysis of results, I identify different stages in the PP evolution, which depend on the Spanish speaking capital. The Mexico City data show the predominant use of the Continuing PP. Even though there are occurrences of the third stage in this variation – Current Relevance –, the frequency of data indicating the second stage is superior as concerning the other American-Spanish regions. In the Buenos Aires, Chilean Santiago, Havana and La Paz variations, the PP follows to stage III, since the percentage of Current Relevance increases, although the Continuing – stage II – is superior. The Lima variety follows similar direction; however, it has already moved forward in the evolution, since it is possible to identify the PP frequency increase revealing Current Relevance. Contributing to this statement, the Lima sample presents the PP Aoristic occurrence (Perfective), which represents the last stage of evolution of this verbal form. As the high frequency of data indicate stage III of the PP grammaticalization, the Madrid variety seems to advance in a similar form. The analysis of the 262 data synthesized above reinforces the hypothesis that gradual evolution of the syntactic and pragmatic-semantic order of the Present Perfect continues in differentiated rhythm in the Spanish speaking universe.

Keywords: *Present Perfect. Semantics and pragmatics values. Grammaticalization.*

Asumiendo la lengua como un fenómeno de interacción social, en la cual la variación y el cambio están siempre presentes, investigo en esta tesis la gramaticalización del pretérito perfecto compuesto (PPC) de la lengua española. Orientada por los presupuestos teóricos del Funcionalismo Lingüístico, con enfoque en la gramaticalización, mi objetivo es averiguar la etapa de evolución en que se encuentra el PPC castellano, analizando datos presentes en noticias de periódicos virtuales, publicadas en siete capitales hispanohablantes: Buenos Aires, Santiago de Chile, La Paz, Lima, Habana, Ciudad de México y Madrid. A partir de la consideración de estudios diacrónicos ya realizados, discuro sobre la gramaticalización del PPC desde la forma de la cual se origina – la construcción perifrástica latina “habere + participio flexionado” – hasta los diferentes valores exhibidos por las lenguas románicas. Conforme esas investigaciones, el PPC pasa por cuatro etapas de evolución, indicando: I) Resultado, II) Continuidad, III) Relevancia presente y IV) Perfectividad. En el análisis de los resultados, verifico etapas diferentes en la evolución del PPC, a depender de la capital hispanohablante. Los datos de Ciudad de México demuestran el uso predominante del PPC de Continuidad. Aunque aparezcan en esa variedad ocurrencias de la tercera etapa – Relevancia presente –, la frecuencia de datos indicando la segunda etapa es superior en relación a las demás regiones hispanoamericanas. En las variedades de Buenos Aires, Santiago de Chile, Habana y La Paz, el PPC camina en dirección a la etapa III, ya que el porcentaje de datos de Relevancia presente se amplía, aunque el de Continuidad – etapa II – sea aún superior. La variedad de Lima sigue en dirección similar. Sin embargo, hay un adelantamiento en la evolución, ya que es posible verificar el aumento de la frecuencia del PPC indicando Relevancia presente. Ratificando esta afirmación, la muestra de Lima presenta una ocurrencia del PPC Aoristo (indicando perfectividad), el cual representa la última etapa de evolución de esa forma verbal. Teniendo en cuenta el alta frecuencia de datos que indican la etapa III de la gramaticalización del PPC, la variedad de Madrid avanza de manera semejante. Considerando los resultados del análisis de los 262 datos sintetizados aquí, se corrobora la hipótesis de que la evolución gradual

de orden sintáctica y semántico-pragmática del pretérito perfecto compuesto sigue en ritmo diferenciado en el universo hispanohablante.

Palabras-clave: *Pretérito perfecto compuesto. Valores semántico-pragmáticos. Gramaticalización.*

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Nomenclatura do PPS e do PPC em línguas românicas	40
QUADRO 2 – Valores aspectuais do PPC em algumas variedades românicas	53
QUADRO 3 – Diferença entre línguas românicas na estrutura de tempos compostos e construções resultativas	56
QUADRO 4 – Definições semânticas do PPS e do PPC em gramáticas portuguesas e castelhanas	58
QUADRO 5 – Evolução semântica do PPC no português e no espanhol	71
QUADRO 6 – Reformulação do conceito de gramaticalização	101
QUADRO 7 – Gramaticalização de <i>habere</i> : de construção lexical a construção gramatical	102
QUADRO 8 – Gramaticalização de <i>habere</i> : surgimento de novas funções	102
QUADRO 9 – Etapas da gramaticalização de <i>be going to</i> como marca de futuro	105
QUADRO 10 – Etapas da gramaticalização de <i>haber</i> + <i>participio</i> como forma verbal composta	106
QUADRO 11 – Tempo e referência temporal	116
QUADRO 12 – Encadeamento das relações temporais	119
QUADRO 13 – Valor temporal das formas pretéritas (modo indicativo)	121
QUADRO 14 – Valores dos tempos verbais do indicativo em castelhano	122
QUADRO 15 – Representação do sistema verbal inglês	124
QUADRO 16 – Valor temporal do PPS e do PPC a partir de Bello, Rojo e Veiga e Reichenbach	127
QUADRO 17 – Sistema aspectual castelhano	131
QUADRO 18 – Representação dos Aspectos <i>Prospectivo</i> e <i>Perfecto</i>	134
QUADRO 19 – Paralelo temporal entre as formas de futuro e de passado	135
QUADRO 20 – Traços semânticos e tipos de verbos	145
QUADRO 21 – <i>Present Perfect Extended</i> / PPC Anterior	147
QUADRO 22 – Representação do pretérito imperfeito espanhol .	148

QUADRO 23 – Representação do PPC Anterior no espanhol	148
QUADRO 24 – Gradiente de certeza das modalidades epistêmicas	170
QUADRO 25 – Representação dos periódicos virtuais que compõem o “ <i>Corpus</i> de notícias mundiais no panorama hispânico”	181
QUADRO 26 – Representação da variável “tipo de verbo”	183
QUADRO 27 – Representação da variável “número dos complementos verbais”	185
QUADRO 28 – Representação da variável “tipo de complemento adverbial”	185

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Frequência e percentual do PPS e do PPC nos países selecionados	29
TABELA 2 – Influência do contexto temporal pré-hodierno no uso do PPS e do PPC	32
TABELA 3 – Influência do contexto temporal hodierno no uso do PPS e do PPC	32
TABELA 4 – Valores aspectuais do perfeito composto nas variedades do português	69
TABELA 5 – Valores aspectuais do perfeito composto no português brasileiro	70
TABELA 6 – PP + “ <i>Ayer</i> ” (Resultados de Kempas (2006, p. 158))	75
TABELA 7 – PP + “ <i>La semana pasada</i> ” (Resultados de Kempas (2006, p. 159))	76
TABELA 8 – Distribuição total de <i>Perfect/Preterit</i> em três variedades do espanhol	77
TABELA 9 – Distribuição total de <i>Preterit/Perfect</i> em três dialetos espanhóis	79
TABELA 10 – Atuação da variável “tipo de verbo” no valor do PPC	195
TABELA 11 – Resultados do teste χ^2 : distribuição dos valores do PPC por tipo de verbo	197
TABELA 12 – Resultados do teste <i>tau de Goodman e Kruskal</i> : distribuição dos valores do PPC por tipo de verbo	198
TABELA 13 – Atuação da variável “tipo de complemento adverbial” no valor do PPC	202
TABELA 14 – Resultados do teste χ^2 : distribuição dos valores do PPC por tipo de complemento adverbial	205
TABELA 15 – Resultados do teste <i>tau de Goodman e Kruskal</i> : distribuição dos valores do PPC por tipo de complemento adverbial	205
TABELA 16 – Atuação da variável “número do sujeito” no valor do PPC	207
TABELA 17 – Atuação da variável “número do objeto direto” no valor do PPC	210

TABELA 18 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Buenos Aires	212
TABELA 19 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Santiago do Chile	216
TABELA 20 – Valor do PPC nas notícias publicadas em La Paz ..	218
TABELA 21 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Lima ...	221
TABELA 22 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Havana .	224
TABELA 23 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Cidade do México	227
TABELA 24 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Madri ...	231
TABELA 25 – Valor do PPC em variedades do espanhol: percentual de frequência	242

Introdução	25
1 Histórico da pesquisa	29
1.1 Objetivos e hipóteses	35
1.1.1 Objetivo geral	35
1.1.2 Objetivos específicos	35
1.1.3 Hipóteses	36
2 A evolução do PPS e do PPC nas línguas românicas	37
2.1 <i>Scriptis e habeo epistulam scriptam</i> : a forma sintética de perfeito e a perífrase resultativa no latim	37
2.2 <i>Escribí e he escrito</i> : o PPS e o PPC nas línguas românicas ...	40
2.2.1 Evolução do PPC	41
2.2.2 Traços formais do PPC em línguas românicas	43
2.2.2.1 Os auxiliares <i>habere</i> e <i>esse</i>	43
2.2.2.2 A concordância do particípio	45
2.2.2.3 <i>Tenere</i> + particípio	47
2.2.3 Os valores do PPC em línguas românicas	48
2.2.4 O PPS e o PPC no português e no espanhol	54
2.2.4.1 Um olhar diacrônico sobre o uso do PPC no espanhol e no português	60
2.2.4.2 Percurso histórico do PPC no espanhol	61
2.2.4.3 Percurso histórico do PPC no português	66
2.2.4.4 Breve comparativo do percurso histórico do PPC no português e no espanhol	71
3 Estudos contemporâneos do PPS e do PPC na língua espanhola	73
3.1 PPS e PPC em contextos hodierno e pré-hodierno	73
3.2 PPS e PPC à luz do Programa Minimalista	79
3.3 A análise do PPS e do PPC sob o prisma pragmático- discursivo	86
4 Funcionalismo linguístico e gramaticalização	97
4.1 O paradigma da gramaticalização	100

5 As categorias Tempo, Aspecto e Modalidade	115
5.1 Categoria Tempo	115
5.2 Categoria Aspecto	128
5.2.1 O sistema aspectual castelhano	131
5.2.2 Perfecto/Anterior e Perfectivo/Aoristo: atualizando as definições	138
5.2.3 Os Aspectos Anterior, Aoristo e Imperfectivo na análise do PPS e do PPC	139
5.2.4 Elementos que atualizam Aspecto	150
5.2.4.1 Os tipos de verbo	150
5.2.4.2 Complementos adverbiais	154
5.2.4.3 Complementos verbais	164
5.3 Categorias Modo/Modalidade	168
6 Aspectos metodológicos	179
6.1 Procedimentos metodológicos na compilação da amostra	179
6.2 Procedimentos metodológicos na escolha das variáveis e codificação dos dados	181
6.2.1 Variável tipo de verbo	182
6.2.2 Variável número dos complementos verbais (sujeito e objeto direto)	183
6.2.3 Variável tipo de complemento adverbial	185
6.2.4 Variável valor do PPC	188
6.3 A escolha do programa computacional para o tratamento estatístico.....	190
7 Valores do PPC no espanhol escrito: análise dos dados	193
7. 1 Variáveis de análise	193
7.1.1 Contribuições da variável “tipo de verbo” na análise do valor do PPC	194
7.1.2 Contribuições da variável “tipo de complemento adverbial” na análise do valor do PPC	199
7.1.3 Contribuições da variável “número do sujeito” na análise do valor do PPC	206
7.1.4 Contribuições da variável “número do objeto direto” na análise do valor do PPC	208
7.2 Valores do PPC no <i>Corpus</i> de notícias mundiais no panorama hispânico	211
7.2.1 Valores do PPC na amostra de Buenos Aires	211
7.2.2 Valores do PPC na amostra de Santiago do Chile	215
7.2.3 Valores do PPC na amostra de La Paz	218

7.2.4 Valores do PPC na amostra de Lima	220
7.2.5 Valores do PPC na amostra de Havana	224
7.2.6 Valores do PPC na amostra de Cidade do México	226
7.2.7 Valores do PPC na amostra de Madri	230
7.3 A polissemia do PPC de Relevância presente: um <i>continuum</i> do estágio III ao IV?.....	237
7.4 Valor do PPC: aproximação dos resultados e teste de hipóteses	241
Considerações finais	247
Referências	255

INTRODUÇÃO

A análise dos pretéritos perfeito simples (PPS) e perfeito composto (PPC) é tema recorrente nas pesquisas sobre o sistema verbal de diferentes línguas, sobretudo das línguas românicas, nas quais essas formas verbais seguiram por caminhos distintos no processo de gramaticalização. A respeito do uso do PPS e do PPC no castelhano, diversos pesquisadores têm apontado a complexidade em se descrever as funções dessas formas verbais nos diferentes países hispano-falantes (ALARCOS LLORACH, 1984; 2001; BARROS; OLIVEIRA, 2007; BERMÚDEZ, 2005; GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000; HOWE; SCHWENTER, 2008; KANY, 1976 [1945]; KEMPAS, 2006; 2008; OLIVEIRA, 2007; SCHWENTER, 1994; SERRANO, 1994; entre outros). É importante destacar que o castelhano é uma língua falada em mais de vinte países; logo, a variação linguística é prevista.

Considerando essas questões, o desenvolvimento desta pesquisa tenta contribuir para a análise do percurso histórico das duas formas do pretérito perfeito castelhano, com foco, sobretudo, nos valores de uso atuais do perfeito composto na língua escrita.

É importante ressaltar que certas nuances da variação PPS/PPC apresentadas nesta tese são raramente percebidas por falantes de outras línguas – do português, por exemplo –, uma vez que os valores especialmente desta última forma verbal não coincidem nos diferentes idiomas, independente de terem a mesma língua de origem.

Como exemplificação dessa complexidade, pode-se citar o fato de, na língua portuguesa, a diferença entre o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto estar relacionada à questão aspectual (BARBOSA, 2003; 2008; FIORIN, 1996; ILARI, 1997; entre outros). Os enunciados “João **estudou** ontem” e “João **tem estudado** todos os dias”, por exemplo, marcam, respectivamente, uma situação iniciada e concluída no passado, e uma situação não-acabada, que se estende até o presente. No espanhol, a forma composta pode também estar relacionada à questão aspectual. Em “*Juan **estudió** ayer*” e “*Juan **ha estudiado** todos los días*”, por exemplo, a situação é acabada na primeira sentença, e iterativa na segunda, similar ao português. No entanto, ainda que ambas sejam línguas neolatinas, no espanhol, a escolha verbal pode,

inclusive, estar relacionada a uma perspectiva temporal: em “*María leyó una poesía ayer*” e “*María ha leído una poesía esta mañana*”, o emprego do PPS (*leyó*) e do PPC (*ha leído*) pode ser justificado pela distância da situação em relação ao momento da fala; no primeiro caso, o acontecimento é mais remoto, justificando o uso do pretérito perfeito simples; no segundo, a situação está mais próxima do presente da enunciação, o que justifica o uso do pretérito perfeito composto. Em outras palavras, a conjugação castelhana conta com duas formas do pretérito perfeito para codificar situações passadas. Ao traduzir para o português, contudo, empregariamos, em ambas as sentenças, o pretérito perfeito simples: “*Maria leu uma poesia ontem*” e “*Maria leu uma poesia esta manhã*”, independente de se tratar de um passado próximo ou remoto.

Vale destacar que, embora o espanhol conte com uma forma para expressar passado distante e outra para expressar passado imediato, na língua em uso de algumas regiões hispânicas, é possível o emprego de uma mesma forma em ambos os contextos: “*María leyó una poesía ayer*” e “*María leyó una poesía esta mañana*”. Estou antecipando aqui a discussão do próximo capítulo para mostrar algumas questões envolvidas na pesquisa desse tema: de um lado, há uma norma gramatical que diferencia os dois pretéritos a partir da distância temporal – regra observável no espanhol, mas não no português; de outro, as diferenças aspectuais que o pretérito perfeito composto castelhano pode desempenhar – Aoristo e Anterior¹; e ainda uma terceira dificuldade que consiste na variação desses dois tempos verbais no território hispanofalante: há países, como o México, em que o pretérito perfeito composto na função de passado próximo parece ser inexistente, conforme veremos nos resultados apresentados no capítulo I adiante.

Como se pode observar, a complexidade na análise das duas formas do pretérito perfeito do indicativo não se limita à diferença de uso entre português e espanhol. Assim, o que justifica a sequência da investigação é o interesse em descrever os valores semântico-pragmáticos do PPC nas capitais de sete países hispanofalantes (Argentina, Bolívia, Chile, Cuba, Espanha, México e Peru) no gênero textual notícia.² Desse modo, a pesquisa tem como ponto de partida a análise dos dados presentes no “*Corpus* de notícias mundiais no

¹ Adoto, nesta tese, a terminologia Aoristo, ao fazer referência ao valor Perfectivo – acabado e concluído no passado –, e Anterior para os valores do Perfecto – relacionado com o momento da enunciação. Ambos os Aspectos são discutidos na seção 5.2.3 adiante.

² Este trabalho parte de uma investigação anterior (OLIVEIRA, 2007), discutida no capítulo a seguir.

panorama hispânico”, compilado para minha pesquisa de Mestrado, a partir da qual – conforme discussão do capítulo I desta tese –, analisei a variação diatópica dessas formas verbais em notícias de repercussão mundial, publicadas em periódicos virtuais dos sete países mencionados.

As ocorrências presentes no *corpus* em questão são analisadas a partir das categorias Tempo e Aspecto, fundamentalmente. Entretanto, na discussão teórica – precedente à análise dos resultados –, menciono estudos e lanço hipóteses sobre a atuação da categoria Modalidade e de outras categorias de caráter discursivo sobre a variação PPS/PPC. Defendo que, na análise de determinados usos linguísticos, é necessário um exame para além da estrutura, lançando um olhar discursivo-pragmático³ sobre o fenômeno em estudo. Sobre este ponto, Travaglia (1993, p. 56) lembra que a classificação de um fenômeno linguístico como algo só gramatical ou só discursivo é improcedente, dado que as regularidades linguísticas, convencionalizadas no processo sócio-histórico, estão a serviço dos efeitos de sentido disponíveis a e dispostos por seus usuários.

O esforço em reunir elementos pragmáticos e discursivos para a definição do valor do PPC justifica-se pela polissemia que essa forma verbal tem assumido através do tempo e nas diversas regiões em que o espanhol é falado. Estudos sobre a evolução do pretérito perfeito composto nas línguas românicas evidenciam a não coincidência semântica dessa forma verbal nas línguas neolatinas, tampouco em uma mesma língua – como a espanhola, considerando os diferentes países em que é idioma nativo. No capítulo II desta tese, discorro, por exemplo, sobre a construção teórica de Harris (1982), que estabelece quatro etapas na evolução do PPC nas línguas românicas: PPC de Resultado (etapa 1); PPC de Continuidade (etapa 2); PPC de Relevância presente (etapa 3); e PPC de Pretérito/Aoristo (etapa IV).

Pesquisas linguísticas e dados da língua em uso evidenciam que essa evolução de ordem sintática e semântico-pragmática não seguiu o mesmo caminho no universo hispano-falante. Partindo dessa asserção, e assentada nos pressupostos do paradigma da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; HOPPER, 1996; TRAUGOTT; HEINE, 1991; HEINE *et al.*, 1991; entre outros), avalio os valores funcionais do PPC e, por consequência, a(s) etapa(s) da evolução em que se encontra essa forma verbal na amostra de cada uma das sete variedades analisadas.

³ No sentido givoniano, em que “discursivo” remete à multiproposicionalidade (textual), e pragmática remete à interação (extratextual).

Desse modo, a investigação proposta parte de um viés diacrônico, analisando o percurso histórico do PPC nas línguas românicas através de estudos realizados, e um viés sincrônico, através do qual analiso as funções assumidas pelo PPC em diferentes territórios hispano-falantes. A discussão desses aspectos está organizada, nesta tese, em sete capítulos. No primeiro, apresento um histórico da minha investigação sobre as duas formas do pretérito perfeito do indicativo na língua espanhola, apontando as conclusões a que cheguei durante o Mestrado. No capítulo II, amplio a discussão sobre o fenômeno, discorrendo sobre o caminho percorrido pelo PPS e pelo PPC nas línguas românicas e mencionando aspectos da perífrase resultativa latina que deu origem a esta última forma verbal. Após essa mirada ampla, fecho a lente, nesse mesmo capítulo, para o uso do PPS e do PPC em dois idiomas de meu interesse: o português e o espanhol, por serem, respectivamente, meu idioma nativo e o idioma que venho investigando desde a Graduação. Após a comparação entre as duas línguas, no que diz respeito a meu objeto de estudo, resenho algumas investigações sobre o PPS e o PPC castelhanos no terceiro capítulo. A proposta desses capítulos iniciais consiste, então, em possibilitar ao leitor certa familiaridade com o tema investigado nesta tese.

Na sequência, no capítulo IV, discorro sobre o Funcionalismo Linguístico com enfoque na gramaticalização – paradigma que dá suporte à discussão sobre o processo de mudança do PPC nas línguas românicas. No capítulo V, essa discussão de ordem teórico-metodológica prossegue, já que trato das categorias Tempo, Aspecto e Modalidade – frequentes em estudos sobre a unidade linguística verbal. Na sequência, no capítulo VI, detalho os aspectos metodológicos seguidos na análise dos dados, cujos resultados são apresentados e discutidos, finalmente, no capítulo VII.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO DA PESQUISA

O objeto de investigação desta tese decorre de meu estudo anterior (OLIVEIRA, 2007), cujo interesse era observar a variação diatópica no uso dos dois pretéritos, ou seja, o diferente comportamento dessas formas verbais em países distintos. Para tanto, compilei o “*Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico”, constituído de notícias de repercussão mundial, publicadas na mesma data do acontecimento, em sete países hispânicos: Argentina, Bolívia, Chile, Cuba, Espanha, México e Peru. Com isso, pude observar o emprego das duas formas verbais em uma mesma situação, apresentada no mesmo espaço temporal, porém em contexto geográfico distinto. Essa metodologia permitia-me verificar se havia diferença no uso do PPS e do PPC nos países analisados.⁴ O resultado da amostra demonstrou que a variação diatópica é fato, considerando a discrepância na frequência dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto entre os países analisados, conforme ilustra a tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Frequência e percentual do PPS e do PPC nos países selecionados (Adaptada de Oliveira (2007, p. 62))

Forma verbal	Contexto Geográfico							Total
	es (Espanha)	pe (Peru)	mx (México)	cu (Cuba)	cl (Chile)	bo (Bolívia)	ar (Argentina)	
PPS (<i>vi</i>)	229 74,1%	236 87,4%	259 90,6%	183 92%	168 92,3%	184 93,4%	224 95,3%	1483 88,4%
PPC (<i>he visto</i>)	80 25,9%	34 12,6%	27 9,4%	16 8%	14 7,7%	13 6,6%	11 4,7%	195 11,6%
Total	309 100%	270 100%	286 100%	199 100%	182 100%	197 100%	235 100%	1678 100%

Fonte: *Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico

⁴ Naquele momento, utilizava as siglas PS (perfeito simples) e PC (perfeito composto). Observei, posteriormente, que, na literatura sobre esse objeto de estudo, as siglas PPS e PPC são mais frequentes.

A ordenação da tabela acima coloca em primeiro plano os países que apresentam maior frequência do pretérito perfeito composto. Os dados da Espanha chamam-nos a atenção pelo número significativo de ocorrência do PPC – 25,9% – o dobro do percentual do Peru – 12,6% – segunda maior frequência conforme a tabela 1. Considerando essa diferença entre o espanhol peninsular e o americano, é possível pensar que o contexto geográfico tenha influência na escolha desses tempos verbais. Verifica-se, ainda, que, mesmo no continente americano, há diferença na distribuição dos dois pretéritos: no Peru (região andina), por exemplo, o uso do pretérito perfeito composto é mais frequente do que na Argentina (região rioplatense). Contudo, em todos os territórios, o pretérito perfeito simples apresenta frequência mais elevada do que o composto. A título de exemplificação, apresento alguns dados extraídos do *corpus* que corroboram a hipótese da variação geográfica.

- (1) “*Wilma castigó a México y avanza hacia Florida.*” (Dado presente em periódico argentino. In: Oliveira, 2007).
- (2) “*Wilma ha azotado con especial fuerza al idílico balneario de Cancún.*” (Dado presente em periódico chileno. In: Oliveira, 2007).
- (3) “*...con el 97,71% de los votos escrutados, Bachelet obtuvo el 53,49% frente al 46,50% de Piñera.*” (Dado presente em periódico cubano. In: Oliveira, 2007).
- (4) “*La ex ministra ha obtenido el 53,49% de los votos, frente al 46,5% del derechista Sebastián Piñera.*” (Dado presente em periódico espanhol. In: Oliveira, 2007).

Em (1) e (2), os verbos “*castigó*” e “*ha azotado*” representam a mesma situação – a passagem do furacão Wilma – ocorrido e noticiado no mesmo espaço temporal (sábado, 22/10/2005). Podemos observar, então, que a questão temporal parece não ser o único critério na escolha por uma ou outra forma, uma vez que, nesse caso, o periódico da Argentina opta pela enunciação no perfeito simples, e o do Chile, no perfeito composto. O mesmo fenômeno ocorre em (3) e (4): enquanto o jornal cubano trata a eleição no Chile – fato ocorrido no mesmo dia da publicação da notícia – usando a forma simples (*obtuvo*), o jornal espanhol usa a forma composta (*ha obtenido*).

É importante mencionar que a investigação, naquela etapa, averiguava apenas a variação diatópica, não se atendo a nenhuma variável propriamente linguística. A variação geográfica era, porém, indício de um processo de mudança no uso do PPS e do PPC, pois, se havia um comportamento distinto no uso dessas formas verbais, provavelmente a compreensão sobre suas funções também se diferenciava nos diversos territórios hispânicos. Nessa perspectiva, passei à análise da explicação morfossintática comumente encontrada em diversos trabalhos sobre o sistema verbal espanhol que parece tomar como ponto de partida os critérios definidos a partir da categoria Tempo (ALARCOS LLORACH, 1984; 2001; BELLO, 1979 [1810]; GUTIÉRREZ ARAUS, 1997; 2005; ROJO; VEIGA, 1999, entre outros).

A explicação didática bastante difundida que distingue os dois pretéritos a partir da relação entre tempo da situação e tempo da enunciação costuma afirmar que o PPC aparece no contexto hodierno⁵, acompanhando, normalmente, advérbios relacionados com o presente (*hoy, esta tarde, este año*, etc.). Por outro lado, o PPS aparece no contexto pré-hodierno, acompanhando advérbios relacionados com o passado (*ayer, la tarde pasada, el año pasado*, etc.). Tal definição sintetiza afirmações presentes em diversos livros didáticos de espanhol como língua estrangeira e em obras sobre o espanhol como língua materna.⁶

Logo, com o intuito de não restringir o trabalho a uma análise meramente dialetológica, decidi verificar, naquele momento, a aplicabilidade dessa explicação na língua em uso, através da identificação dos modificadores temporais presentes (explícita e implicitamente) no contexto em que aparecia a variável forma verbal (PPS e PPC). Nas tabelas abaixo, lê-se “contexto temporal pré-hodierno” como todas as situações em que apareciam advérbios de tempo relacionados com o passado (*ayer, anteayer, la semana pasada*,

⁵ Contextos “hodierno” e “pré-hodierno” são terminologias recorrentes no estudo do PPS e do PPC. Hodierno tem vinculação com o “*hoje*” da enunciação; pré-hodierno refere-se a um contexto que antecede o “hoje”.

⁶ Encontramos essa diferenciação em diversos materiais: **gramáticas** – *Gramática descriptiva de la lengua española* (ROJO; VEIGA, 1999, p. 2880-2885); *Gramática de la lengua española* (ALARCOS LLORACH, 2001, p. 166-167); *Gramática de los verbos en español* (SOLÉ COSTA, 2003, p. 32-37); **livros didáticos** – *Expansión* (ROMANOS; CARVALHO, 2002, p. 109-111); *!Por Supuesto!* (SOUZA, 2003, p. 176-178); Espanhol Série Brasil (MARTÍN, 2004, p. 176-188); **outros trabalhos** – *Formas temporales del pasado en indicativo* (GUTIÉRREZ ARAUS, 1997, p. 21-26); *Problemas fundamentales de la gramática del español como segunda lengua* (GUTIÉRREZ ARAUS, 2005, p. 61-62).

la última semana, el año pasado, etc.), e “contexto hodierno” como todas as situações em que apareciam advérbios relacionados com o presente (*hoy, esta mañana, el mes actual, este año*, etc.).⁷ Dessa forma, pude verificar se o contexto temporal tinha, de fato, influência no uso dos dois pretéritos. Vejamos os resultados nas tabelas 2 e 3 que seguem:

Tabela 2 – Influência do contexto temporal pré-hodierno no uso do PPS e do PPC (Adaptada de Oliveira (2007, p. 62))

Contexto temporal	Forma verbal	Contexto geográfico							TOTAL
		es	bo	pe	cl	ar	cu	mx	
Pré-hodierno (<i>ayer</i>)	PPS (<i>vi</i>)	60 96,8%	60 100%	82 100%	91 100%	49 100%	45 100%	65 100%	452 99,6%
	PPC (<i>he visto</i>)	2 3,2%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	2 0,4%
TOTAL		62 100%	60 100%	82 100%	91 100%	49 100%	45 100%	65 100%	454 100%

Fonte: *Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico

A respeito do uso do PPS, a língua em uso coincide com a norma gramatical estabelecida: observamos uma quase totalidade do perfeito simples no plano temporal pré-hodierno, atestando o emprego “*Ayer vi a Juan*” como forma extensiva no panorama hispânico. A baixa frequência do PPC em contexto pré-hodierno parece confirmar a norma gramatical que, para advérbios no passado (*ayer*), emprega-se o PPS.

Essa coincidência entre norma e uso, contudo, não é observada olhando para as ocorrências do perfeito composto apresentadas na tabela 3 adiante, que averigua a recorrência de “*Hoy vi a Juan*”.

Tabela 3 – Influência do contexto temporal hodierno no uso do PPS e do PPC (Adaptada de Oliveira (2007, p. 62))

Contexto temporal	Forma verbal	Contexto geográfico							TOTAL
		es	bo	pe	cl	ar	cu	mx	
Hodierno (<i>hoy</i>)	PPS (<i>vi</i>)	21 67,7%	5 71,4%	17 81%	12 85,7%	85 95,5%	67 95,7%	26 100%	233 90,3%
	PPC (<i>he visto</i>)	10 32,3%	2 28,6%	4 19%	2 14,3%	4 4,5%	3 4,3%	0 0%	25 9,7%
TOTAL		31 100%	7 100%	21 100%	14 100%	89 100%	70 100%	26 100%	258 100%

Fonte: *Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico

⁷ Foram desconsiderados os contextos em que não era possível identificar advérbios de tempo.

Como se pode observar, acerca do uso do perfeito composto, norma funcional e norma gramatical⁸ não são coincidentes em nenhum dos países hispânicos considerados, uma vez que, no contexto hodierno, todos os países apresentam um percentual mais elevado do perfeito simples – o que possibilita inferir que tanto “*Ayer vi a Juan*” como “*Hoy vi a Juan*” são formas frequentes no espanhol escrito, ao contrário do que estabelece a norma gramatical. Ainda que a Espanha e a Bolívia apresentem uma frequência superior do PPC no contexto temporal relacionado com o presente (comparado aos demais países), proporções de 32,3% e 28,6%, respectivamente, estão longe do ideal normativo apresentado anteriormente. Logo, naquele momento, concluía que a forma composta parecia estar sendo substituída pela simples no contexto temporal de passado próximo, especialmente nos países americanos México, Cuba e Argentina.⁹ Os exemplos a seguir mostram que é absolutamente possível o uso da forma simples no contexto temporal hodierno:

- (5) “*Este domingo, el Pontífice **pronunció** sus primeras palabras en público.*” (Dado presente em periódico espanhol. In: Oliveira, 2007).
- (6) “*El Santo Padre **murió** esta noche a las 21:37 en su apartamento privado.*” (Dado presente em periódico peruano. In: Oliveira, 2007).
- (7) “*El papa Juan Pablo II **murió** esta noche en el Vaticano a los 84 años de edad...*” (Dado presente em periódico peruano. In: Oliveira, 2007).

Assim, a investigação conduziu-me às seguintes conclusões: i) a variável contexto geográfico tem influência no uso dos dois pretéritos, ou seja, o PPS e o PPC têm comportamento distinto conforme o país em que se apresentam; ii) a variável contexto temporal tem influência no uso dos dois pretéritos no plano temporal relacionado com o passado

⁸ Segundo Coseriu (1952, p. 55), norma gramatical é aquela convencionalmente estabelecida, que dita o “certo” e o “errado” em termos linguísticos. A norma funcional é aquela aceita e praticada pela comunidade. Em suma, por meio da norma gramatical, comprovamos o “como se deve dizer” e, por meio da norma funcional, o “como se diz”.

⁹ Novas leituras foram me mostrando que não era bem essa a questão – ponto que ficará mais claro na discussão sobre o percurso histórico do pretérito perfeito composto nas línguas neolatinas, apresentada no capítulo II adiante.

(pré-hodierno), no qual predomina o uso da forma simples; porém, no plano temporal relacionado com o presente (hodierno), podem aparecer ambas as formas, predominando também a simples. Vale ressaltar que as duas ocorrências do PPC no contexto temporal pré-hodierno, presentes na amostra da Espanha, não foram ignoradas; foram, senão, uma das motivações para a sequência da pesquisa a fim de buscar novos elementos que explicassem a variação PPS/PPC. Discuto esses dois dados no fragmento em (8), a seguir.

Após a conclusão dessa pesquisa de Mestrado, a análise do percurso histórico dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto no Doutorado apontava-me a necessidade em rever algumas considerações apresentadas em Oliveira (2007). A primeira delas diz respeito ao caminho da mudança das formas PPS e PPC. Conforme mencionado acima, afirmava naquele trabalho que parecia haver uma tendência de a forma simples substituir a composta, considerando a alta frequência do PPS em contexto em que a gramática estabeleceria o uso do PPC: contexto temporal hodierno, por exemplo. Nesta tese, tento evidenciar que, no que diz respeito às línguas romances, a literatura linguística aponta o caminho inverso, ou seja, o PPC passando a desempenhar funções antes destinadas ao PPS. Apresento a seguir o dado que me conduziu a essa reflexão:

- (8) “*Más de 100 personas **han muerto** ahogadas en el Golfo de Aden la semana pasada cuando intentaban alcanzar Yemen de forma ilegal a borde de embarcaciones organizadas por traficantes desde Somália (...) Algunos **han fallecido** tras pisar tierra yemení, a consecuencia de los malos tratos recibidos de manos de los traficantes.*”
(Dado presente em periódico espanhol. In: Oliveira, 2007).

Como se pode observar, *han muerto* e *han fallecido* aparecem em contexto passado, evidenciado pela presença do complemento adverbial pré-hodierno (*la semana pasada*) – situação em que se esperaria o uso do perfeito simples *murió* e *falleció*. Gómez Torrego (1989, p. 114) considera incorretos usos como “**El año pasado **hemos estudiado** menos que este año*” – similar à ocorrência ilustrada em (8) –, embora admita que esse tipo de uso possa justificar-se por “razões estilísticas” – sem detalhar o que seriam essas “razões”.

Voltando às questões a serem revistas, constatei que era preciso uma definição menos simplista das regiões analisadas. Conforme observamos nas tabelas 1, 2 e 3, os dados parecem representar as

variedades argentina, boliviana, chilena, cubana, mexicana, peninsular e peruana. Trata-se de uma simplificação metodológica que pode levar a leituras equivocadas, conduzindo a uma interpretação de que toda a Espanha apresenta alta frequência do perfeito composto, e toda a Argentina, alta frequência do perfeito simples, por exemplo. O estudo de Kempas (2006) – discutido no capítulo III desta tese – evidencia que não é esse o caso. Em sua tese doutoral, o autor constata uma região na Argentina em que é predominante o uso do PPC, o que me conduz a referir-me às capitais e não mais aos países.

Considerando essas revisões, esta investigação prossegue a partir de novos objetivos e hipóteses, apresentados a seguir.

1.1 Objetivos e hipóteses

1.1.1 Objetivo geral

- i) Analisar os valores do pretérito perfeito composto no “*Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico”, constatando a etapa da evolução em que se encontra essa forma verbal nas sete variedades hispano-falantes contempladas na amostra.

1.1.2 Objetivos específicos

- i) Discutir as mudanças semântico-pragmáticas do pretérito perfeito composto nas línguas românicas a partir de estudos já realizados.
- ii) Apresentar resultados de investigações que tratam dos valores temporais, aspectuais, modais e discursivos do PPS e do PPC.
- iii) Realizar um estudo sobre o processo de gramaticalização do PPC românico, focando a língua espanhola, e propondo um breve comparativo com a língua portuguesa.
- iv) Oferecer àqueles interessados na pesquisa e no ensino dos tempos verbais castelhanos um subsídio a mais para a compreensão do uso de formas complexas, como é o caso do pretérito perfeito composto do indicativo.

1.1.3 Hipóteses

- i) As variáveis semânticas “tipo de verbo” e “tipo de complemento adverbial” contribuem para a interpretação do pretérito perfeito composto – que, no espanhol atual, pode indicar: Continuidade, Relevância presente e Aoristo – e são, inclusive, estatisticamente significativas.
- ii) Em direção à primeira hipótese, as variáveis sintáticas “número do sujeito” e “número do objeto direto” também contribuem para a interpretação do PPC e são estatisticamente significativas.
- iii) No que tange ao valor temporal, o PPC tem comportamento distinto no território hispânico. Na indicação de passado recente, essa forma verbal é recorrente na variedade de Madri, mas não nas variedades hispano-americanas.
- iv) No que tange à noção aspectual, o pretérito perfeito composto apresenta tanto o Aspecto Anterior como o Aoristo; sendo o primeiro recorrente em todas as capitais analisadas, e o último mais recorrente em Madri.
- v) Embora Harris (1982) tenha estabelecido quatro estágios de evolução do PPC nas línguas românicas, dados das variedades hispano-falantes analisadas nesta tese não serão coincidentes quanto à etapa da evolução em que se encontra essa forma verbal.

Considerando as inquietações geradas através dos resultados obtidos na pesquisa de Mestrado, a investigação sobre o pretérito perfeito composto do indicativo, na língua castelhana escrita, prossegue nesta tese, tendo como ponto de partida os objetivos e as hipóteses antes mencionados.

CAPÍTULO II

A EVOLUÇÃO DO PPS E DO PPC NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Partindo da concepção da língua como uma atividade social que emerge e muda no discurso, neste capítulo, apresento uma revisão da literatura referente à evolução das formas simples e composta do pretérito perfeito nas línguas romances. A discussão parte da análise do passado simples e da perífrase resultativa empregados já na língua mãe: o latim. Em seguida, passo a analisar: i) a criação românica do PPC, gramaticalizado a partir da construção resultativa latina; ii) sua evolução nas línguas românicas e iii) seus valores semântico-pragmáticos nessas variedades, fundamentalmente, no espanhol e no português.

2.1 *Scriptis e habeo epistulam scriptam*: a forma sintética de perfeito e a perífrase resultativa no latim

Nesta etapa, discuto a origem no latim das duas formas verbais mencionadas no título da seção, para as quais emprego a terminologia pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto, considerando sua evolução nas línguas romances.

No latim, os tempos verbais simples presente, perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito carregavam a marca flexional de três categorias: Aspecto (desenvolvimento da situação: conclusa ou inconclusa), Tempo (ocasião em que ocorre a situação: presente, pretérito, futuro) e Modo (apreciação do falante frente à situação: indicativo, subjuntivo e imperativo), conforme Said Ali (1964) e Câmara Júnior (1974).

Ao proporem as noções de *infectum* (não-acabado) e *perfectum* (acabado), as gramáticas latinas acabam por chamar a atenção para a diferença aspectual e não temporal entre tempos verbais como o presente (*infectum*) e o perfeito (*perfectum*), segundo Ilari (2000, p. 102) – estudioso da gramática histórica do português.

O sentido exato de *vixit* (apesar da tradução portuguesa “viveu”) era “o indivíduo apontado pelo sujeito da oração completou a ação de viver” ou “ele viveu até o fim” (portanto: morreu); a primeira leitura era aspectual, isto é, a ação não era representada como passada, mas como acabada no momento da fala.

A oposição entre dois sistemas “acabado” (perfeito “*amauisti*”, mais-que-perfeito “*amaueras*” e futuro perfeito “*amaueris*”) e “não-acabado” (presente “*amas*”, imperfeito “*amabas*” e futuro simples “*amabis*”) perde-se já no latim vulgar, no qual os tempos verbais passam a ser definidos a partir da localização temporal da situação: anterioridade, simultaneidade e posterioridade (ILARI, 2000, p. 101).

Harris (1982, p. 46-47) lembra, contudo, que, ainda no latim clássico, a forma de passado *amauisti* apresentava dois valores: o de *presente perfecto*, indicando uma ação ou estado que contempla o momento presente ou é relevante para este; e o de *pretérito*, cuja função era situar um evento completado em um período de tempo passado, sem relevância presente. Na evolução do latim clássico ao latim vulgar, o valor que parece ter predominado é aquele herdado pelas línguas românicas: valor de pretérito.

Dos tempos verbais simples do latim, mencionados anteriormente a partir de Said Ali (1964), Câmara Júnior (1974) e Ilari (2001), derivam as atuais formas portuguesas e espanholas, respectivamente: presente (amo/*amo*), pretérito perfeito (amei/*amé*), pretérito imperfeito (amava/*amaba*), mais-que-perfeito (amara)¹⁰, futuro do presente (amarei/*amaré*) e futuro do pretérito (amaria/*amaría*).

Como se pode observar, a forma atual do pretérito perfeito em ambas as línguas neolatinas não passou por grandes transformações desde sua forma de origem *amauisti*. As formas do português (amei) e do espanhol (*amé*) mantêm a marca aspectual de acabado e a marca temporal de anterioridade, ou seja, desde o latim clássico, desenvolveu-se para a expressão exclusiva de um passado aorístico.¹¹

No que diz respeito à perífrase *habeo epistulam scriptam*, as transformações românicas em relação ao latim são evidentes. Nesta etapa, reservo a discussão sobre a existência de uma perífrase resultativa

¹⁰ Forma simples que foi substituída no espanhol pela composta “*había amado*”. Mesmo fenômeno vem sendo observado no português. Ver Coan (1997; 2003).

¹¹ Em direção a esse posicionamento, Lausberg (1963, p. 399) afirma que, já no latim, o perfeito – referindo-se à forma que defino como pretérito perfeito simples – distingue-se do imperfeito por representar uma ação pontual.

no latim, bem como sobre seus aspectos morfossintáticos e valor semântico. A análise sobre a gramaticalização dessa perífrase a um tempo verbal composto em línguas românicas está reservada para a próxima seção.

A construção *habeo epistulam scriptam* surge no latim vulgar para indicar o Aspecto *Permansivo* que desaparecera do *Perfectum* latino. Dessa forma, a construção frasal *habere* + objeto modificado + particípio flexionado era empregada para expressar estados presentes resultantes do passado¹² (CÂMARA JÚNIOR, 1970; HARRIS, 1982; SAID ALI, 1964; SQUARTINI; BERTINETTO, 2000).

Squartini e Bertinnetto (2000, p. 404) apresentam uma ocorrência presente em Plauto – escritor do período arcaico –, a partir da qual os autores apontam as características linguísticas evidenciadas na construção base para o atual pretérito perfeito composto:

- (9) *Multa bona bene parta habemus.*
(*Many goods well obtained we-have*)¹³

Na construção frasal latina, evidencia-se que:

- a) não é obrigatória a coincidência entre o sujeito do verbo flexionado e o sujeito do particípio passado;
- b) o particípio passado tem um significado predicativo, sendo um complemento do objeto, com o qual concordava em número e gênero;
- c) o verbo flexionado *habere* mantém um significado de posse (verbo pleno), ou seja, não é um verbo auxiliar, em absoluto.

Os autores lembram que o significado de resultado dessa perífrase é posto em evidência pelo fato de a maioria desses primeiros exemplos se referir a verbos télicos, ou seja, predicados orientados à concretização de uma meta.

¹² Valor “resultativo” expresso atualmente de maneiras distintas por línguas como o português e o espanhol – tema discutido adiante nesta tese.

¹³ Traduções possíveis no espanhol: i) *Tenemos muchas cosas bien adquiridas*, ou ii) *Tenemos muchas cosas buenas y bien adquiridas*. Agradeço ao professor Dr. Rafael Camorlinga pela ajuda na tradução.

É interessante notar que a perífrase que deu origem ao polissêmico PPC das línguas românicas apresentava, inicialmente, apenas um valor: o resultativo. Por outro lado, o atual PPS, que, na maioria das línguas latinas, expressa valor de pretérito, encontra, na sua origem, duas funções: a de presente *perfecto* e a de pretérito. Passemos, então, à evolução dessas formas verbais.

2.2 *Escribí e he escrito*: o PPS e o PPC nas línguas românicas

Para iniciar, vale destacar as diversas nomenclaturas adotadas pelas diferentes tradições gramaticais às formas verbais que constituem objeto de estudo desta tese. A gramática oficial de seis línguas neolatinas denomina de forma diferente as duas formas do pretérito perfeito, cujos nomes constam no quadro 1, a seguir.¹⁴

Línguas	Pretérito perfeito simples	Pretérito perfeito composto
Catalã	<i>Pretèrit Perfet</i>	<i>Pretèrit Indefinit</i>
	<i>Pretèrit Perfet Simple</i>	<i>Pretèrit Perfet Compost</i>
Francesa	<i>Passé Défini</i>	<i>Passé Indéfini</i>
	<i>Passé Simple</i>	<i>Passé Composé</i>
Italiana	<i>Passato Remoto</i>	<i>Passato Prossimo</i>
	<i>Perfetto Semplice</i>	<i>Perfetto Composto</i>
Portuguesa	<i>Pretérito</i>	<i>Perfeito</i>
	<i>Pretérito (Perfeito) Simples</i>	<i>Pretérito (Perfeito) Composto</i>
	<i>Perfeito Simples</i>	<i>Perfeito Composto</i>
Romena	<i>Aoristul</i>	<i>Perfectul Nedefinit</i>
	<i>Perfectul Simplu</i>	<i>Perfectul Compus</i>
Espanhola	<i>Pretérito (Indefinido)</i>	<i>(Pretérito) Perfecto, ou Antepresente</i>
	<i>Pretérito (Perfeito) Simple</i>	<i>Pretérito (Perfeito) Compuesto</i>
	<i>Perfecto Simple</i>	<i>Perfecto Compuesto</i>

Quadro 1 – Nomenclatura do PPS e do PPC em línguas românicas (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 385)

Como se pode observar, ainda que haja certa aproximação nas denominações usadas nas diferentes línguas, não há nomenclatura

¹⁴ Também a título de exemplificação, apresento algumas definições presentes em estudos sobre o PPS e o PPC sob diferentes perspectivas teóricas: *Simple Past* e *Present Perfect* (COMRIE, 1981), *Pretérito Indefinido* e *Pretérito Perfecto* (KEMPAS, 2006) *Simple Past* e *Compound Past* (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000) *Preterit Past* e *Perfect Participle* (STOWELL, 2008), *Retro-Perfect* e *Present Perfect* (BULL, 1963).

unívoca no que diz respeito aos pretéritos perfeito simples e perfeito composto – terminologia adotada nesta tese.

No que diz respeito ao uso, desconsiderando a diferença na frequência¹⁵, o pretérito perfeito simples possui nas línguas romances valor aspectual exclusivo de Aoristo (MARTÍNEZ-ATIENZA, 2008, p. 209) e valor temporal de pretérito.

Por não apresentar complexidade quanto à evolução, à função e à variação de uso, a forma simples do pretérito perfeito costuma desempenhar papel secundário nas análises sobre os tempos pretéritos em diversas línguas. Em contrapartida, há fatores intrigantes a respeito da forma composta, que justificam sua ampla atenção na bibliografia em estudo. Esta tese não foge à regra: o foco recai sobre as complexidades do PPC, de forma a distribuir a discussão em diferentes tópicos tratados adiante, a saber: evolução do PPC, traços formais do PPC em línguas românicas e valores do PPC em línguas românicas.

2.2.1 Evolução do PPC

Conforme mencionado na seção 2.1, a construção perifrástica latina com “*habere*”, a partir da qual se origina o PPC românico, apresentava alguns traços: constituía-se a partir de verbos télicos; o verbo “*habere*” mantinha seu significado independente de “posse”; não havia coincidência obrigatória entre o sujeito do verbo flexionado e o sujeito do particípio; e o particípio desempenhava função predicativa referente ao objeto, com o qual concordava em número e gênero. Com o decorrer do tempo, porém, as línguas românicas apresentam uma reanálise da perífrase, resultando no que hoje é a forma verbal pretérito perfeito composto.¹⁶ A esse respeito, Camus Bergareche (2008, p. 65) atenta para o fato de que “*su total gramaticalización e inserción en el paradigma de tiempos verbales es algo que podemos considerar como un auténtico ‘invento’ románico*”. Vejamos as transformações:

- a) a construção deixa de ser constituída apenas por verbos télicos, estendendo-se a outros tipos de predicados;

¹⁵ Veremos adiante nesta tese, por exemplo, que o português e algumas variedades do espanhol (espanhol de parte da América e das Ilhas Canárias) apresentam maior frequência do PPS, comparado a outras línguas românicas, como o francês e algumas variedades do italiano.

¹⁶ O termo “reanálise”, sob os postulados teóricos da gramaticalização, representa a evolução de novas estruturas a partir de outras já existentes – discussão ampliada no capítulo IV desta tese.

- b) o verbo flexionado perde o significado lexical, tornando-se um verdadeiro auxiliar;
- c) torna-se obrigatória a coincidência entre o sujeito do verbo flexionado e do verbo no particípio passado;
- d) o particípio passado torna-se parte do verbo, perdendo a marca de concordância de gênero e número;¹⁷
- e) a ordem verbo flexionado e particípio torna-se cada vez mais fixa, apresentando limitações rigorosas em relação ao tipo de constituinte sintático a aparecer entre os dois verbos.

Essa reanálise na construção base é o que caracteriza o que vem sendo definido como pretérito perfeito composto: “enquanto a forma verbal adjetiva se mantém articulada com o objecto de acção, não há a rigor uma conjunção verbal composta, mas uma construção frasal que deixa em evidência o estado de posse.” (CÂMARA JÚNIOR, 1956, p. 82). Em outras palavras, a concordância do particípio com o complemento direto mostra que não há a fusão semântica e sintática que marca a construção do tempo composto (SAID ALI, 1964; CÂMARA JÚNIOR, 1956), e, portanto, não se trata do estágio evolutivo do qual estou tratando.

Naro e Lemle (1977, p. 265), propondo que o surgimento do perfeito composto no português tenha ocorrido por volta da segunda metade do século XVI, também defendem que essa forma verbal é resultado da reorganização de uma construção em que o verbo *ter* acompanhava um complemento participial com *status* de adjetivo. Sobre o surgimento do perfeito composto, Mattos e Silva (1981), analisando um *corpus* do século XIV e XV, conclui que essa é uma nova forma verbal que se difunde ao longo do século XV. Como se pode observar, não há, entre os estudiosos, uma precisão sobre o período em que se

¹⁷ Squartini e Bertinetto (2000) lembram que esse parâmetro se comporta diferentemente nas várias línguas românicas: no espanhol, a concordância se perde completamente; no francês e no italiano, a concordância se mantém em determinadas circunstâncias. Os autores também fazem referência à possibilidade de todas as variedades apresentarem um vestígio da liberdade original dos constituintes. Em construções predicativas do português como “Tenho uma carta escrita”, em oposição a “Tenho escrito uma carta”, a concordância é exigida apenas no primeiro caso. A emergência dessa construção predicativa (e resultativa) correlaciona com a possibilidade de uma leitura adjetival do particípio.

situa o aparecimento do perfeito composto em português – conforme atesta Mattos e Silva (1989).

Acerca do auxiliar presente na construção participial, Squartini e Bertinotto (2000) destacam que, em algumas línguas românicas, especialmente as da região ibérica, e em alguns dialetos do sul da Itália, a forma usada é a descendente latina *tenere* em vez de *habere/esse*. Essa é uma das especificidades do perfeito composto no galego e no português em relação às outras línguas românicas (CAMPOS, 2000; CAMUS BERGARECHE, 2008; PINKSTER, 1987). Ainda que no português contemporâneo a estrutura da forma composta do pretérito perfeito seja *ter* + participípio, vale lembrar que esse parece ser um dos estágios da mudança da perífrase em questão. Cardoso e Pereira (2003), investigando o uso da estrutura *ter/haver* + participípio em textos não literários do século XIII, concluem que ambos os auxiliares ocorrem em construções de tempo composto, observando, entretanto, maior frequência do verbo *haver* em relação ao verbo *ter* (de 38 para 2 ocorrências).

Constata-se, então, que os traços formais do atual PPC diferem-se tanto em relação à sua forma perifrástica de origem, quanto em relação a seu uso nas variedades românicas. A esse respeito, vale apresentar a distribuição desses traços em diferentes línguas descendentes do latim, proposta por Camus Bergareche (2008).

2.2.2 Traços formais do PPC em línguas românicas

No que tange à estrutura do perfeito composto, Camus Bergareche (2008, p. 71) aponta como diferenças mais notáveis entre as línguas românicas os seguintes aspectos: i) a concorrência entre os auxiliares *habere* e *esse*, ii) a concordância no participípio e iii) o uso de *tenere* por *habere*. Veremos, nesta seção, de que forma esses traços se manifestam em diferentes línguas latinas.

2.2.2.1 Os auxiliares *habere* e *esse*

A respeito da primeira diferença, Camus Bergareche (2008, p. 71) observa que a perífrase original *habere* + participípio restringia-se a verbos estritamente transitivos, estendendo-se, posteriormente, a outros tipos de verbos. Ainda na Idade Média, porém, essa construção competia com a perífrase *esse* + participípio com verbos intransitivos. Algumas línguas românicas, como: galego, espanhol, português, catalão, romeno e alguns dialetos italianos meridionais completaram o processo

de generalização da construção com *habere* desde o final da Idade Média.¹⁸ No período medieval, entretanto, a presença do auxiliar *esse* é “*numerosísimo en español y gallego-portugués y llegan incluso hasta bien entrado el siglo XVI*” (CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 72).

O auxiliar *esse*, nessas línguas, acompanhava verbos pronominais, inacusativos ou intransitivos (*ir, venir, llegar, morir, correr*, por exemplo): “*Aun era de día, non era puesto el sol*”.¹⁹ Modernamente, todos os tipos de verbos acompanham o auxiliar *haber* (no espanhol) e *ter* no português: *he llegado tarde* e *tenho chegado tarde*, por exemplo. O catalão medieval assemelha-se ao espanhol e ao português, com uma generalização mais lenta do auxiliar *habere* evidente no fato de, atualmente, no balear – dialeto catalão falado nas Ilhas Baleares – poder se encontrar *esse* com verbos inacusativos de movimento com direção inerente: “*Encara no és tornada?*” (*todavía no ha vuelto*). No catalão atual, porém, generaliza-se o PPC com *habere*: “*He arribat tard*” (*he llegado tarde*), conforme Camus Bergareche (2008, p. 73). Acerca do romeno e dos dialetos do sul da Itália, documenta-se, no primeiro, apenas o PPC com *habere*, ressaltando que não existe registro extenso daquela língua antes do século XVI (Meyer-Lübke, 1906 *apud* CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 73); estes últimos apresentam um uso exclusivo de *habere* também com verbos não-transitivos.

Camus Bergareche acrescenta que, diferentemente dessas línguas românicas periféricas mais conservadoras, as línguas românicas centrais mantêm em menor ou maior grau o PPC com *esse* com verbos não-transitivos. O italiano – língua mais conservadora nesse sentido – mantêm o perfeito composto com o auxiliar *esse* com os verbos inacusativos que indicam estado, movimento ou mudança de estado (*venire* e *morire*, por exemplo), os verbos intransitivos ou usados intransitivamente (*essere* e *correre*, por exemplo), os verbos reflexivos ou pronominais (*lavarsi* e *svegliarsi*, por exemplo) e os verbos modais (*potere* e *dovere*, por exemplo) quando acompanhados de verbos como os anteriores. Dessa forma, o PPC com *habere* reserva-se estritamente a construções transitivas, exceto no caso de verbos reflexivos. O autor lembra, ainda, o fato de um grupo de verbos admitirem ambos os auxiliares, a depender de sua transitividade no contexto:

¹⁸ Na verdade, o que o autor quer dizer em relação ao português, especificamente, é o fato de não haver concorrência entre duas formas *habere/esse* na construção da perífrase, pois adiante Camus Bergareche (2008, p. 84) argumenta sobre o uso do auxiliar descendente de *tenere* nesse idioma.

¹⁹ Poema de *Mio Cid* (verso 416), representando o castelhano medieval do século XIII (CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 72)

- (10) “*Siamo corsi a Roma*” → uso do auxiliar *essere*, já que o verbo “*correre*” é empregado intransitivamente.
- (11) “*Ho corso la prova di 100 metri*” → uso do auxiliar *avere*, já que o verbo “*correre*” é empregado transitivamente. (CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 75)

Assemelham-se a esse modelo, em maior ou menor medida, o sardo e algumas línguas reto-românicas (faladas na Suíça e no nordeste da Itália).

Diferente do modelo italiano, na língua francesa, o uso de *être* (*esse*) como auxiliar do perfeito composto tem alcance mais limitado. Segundo Camus Bergareche (2008, p. 75), a língua atual vem estendendo o uso do auxiliar *avoir* (*habere*) nessa construção. Com base em gramáticas contemporâneas, o autor afirma que apenas os verbos inacusativos que indicam estado, mudança de estado e movimento (*rester, mourir, partir*, por exemplo), verbos pronominais e construções reflexivas devem conjugar-se com *être* (*esse*). Como no italiano, o uso transitivo ou intransitivo de determinados verbos pode determinar o emprego de uma das formas auxiliares, ainda que muitos gramáticos admitam a tendência de a língua francesa falada favorecer o auxiliar *avoir* (*habere*).

Conforme Camus Bergareche (2008, p. 77), a maioria das falas occitanas²⁰, inclusive o occitano estándar, aproxima-se ao uso do francês no que diz respeito ao emprego de *esse* e *habere* com o perfeito composto.

2.2.2.2 A concordância do particípio

À medida que avança o processo de gramaticalização da construção latina *habeo epistulam scriptam*, e *habere* passa a desempenhar função de auxiliar nas línguas romances, a concordância em número e gênero entre particípio e complemento direto vai se perdendo. Segundo Camus Bergareche (2008, p. 79), a concordância desapareceu na maioria das línguas românicas, como o romeno, o espanhol, o galego e o português.

Novamente, as línguas românicas centrais (reto-românico, italiano, sardo, catalão, francês, occitano e dialetos italianos centro-

²⁰ Presentes especialmente no sul da França e na Espanha.

meridionais) apresentam traços mais conservadores em relação à concordância latina entre particípio e complemento direto.

Camus Bergareche (2008, p. 78-81) observa que as variedades reto-românicas são as que mais se aproximam do espanhol e do romeno: a concordância nunca ocorre com o auxiliar *habere*.²¹ No italiano, o particípio com *habere* só concorda com um clítico de terceira pessoa anteposto ao verbo “*Avete visto Maria? No, non l’abbiamo vista*”, incluindo o partitivo *ne* “*Ne ho mangiati tre piatti*”. A essa regra, seguem os dialetos sardos e alguns dialetos do catalão atual – lembrando que este último já não apresenta o perfeito com *esse*. No valenciano, variedade do catalão, a concordância é mais frequente com os clíticos feminino singular e plural do que com o masculino plural. Em dialetos baleares, por outro lado, a concordância estende-se a contextos mais amplos, ocorrendo com outros clíticos “*T’he vista*” (segunda pessoa *Te he visto*), com relativas “*I sa que m’has agafada, on és?*” (*Y la que me has cogido, ¿dónde está?*) e com interrogativos com marca flexional, especialmente quando femininos singulares “*Quines has agafades?*” (*¿Cuáles has cogido?*). Nesta variedade, a concordância pode inclusive ocorrer entre particípio e sujeito se o verbo conjugado for inacusativo “*N’Antònia no ha vinguda*” (*Antonia no ha venido*).

No francês, lembra Camus Bergareche (2008, p. 81), os contextos em que se deve ocorrer a concordância são menos restritos. O particípio deve concordar com o complemento direto sempre que este estiver anteposto ao verbo “*Avez vous lu les livres que je vous ai prêtés?*”. Embora esse seja o padrão normativo, o autor acrescenta que a língua francesa falada tende a não manifestar a concordância em diferentes contextos – o que aproxima esse idioma ao espanhol e ao romeno, mais do que ao italiano, ao sardo e ao catalão.

Similar ao francês normativo, o occitano apresenta a concordância quando o complemento direto antecede o verbo, mas também é possível encontrá-la com complementos pospostos “*An pas tornadas trobar sas amigas*” (*No han vuelto a encontrar a sus amigas*). Na maioria dos dialetos italianos centro-meridionais, parece ocorrer a mesma situação de concordância estendida, conforme Camus Bergareche (2008, p. 81, 82).

²¹ Exceto na variedade romance de Engadina, vale alpino.

2.2.2.3 *Tenere* + participípio

A gramaticalização dos verbos *habere* e *tenere* não é observável apenas em sua função de verbo auxiliar, mas também na função de verbo pleno. Desde o fim da Idade Média, na indicação de posse, as línguas românicas da Península Ibérica e a maioria dos dialetos centro-meridionais da Itália substituíram a forma latina *habere* pelos derivados de *tenere*, cujo significado original era *sostener* (CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 83).²² Sob essa circunstância, os derivados de *habere* ficam disponíveis para o uso como verbo auxiliar. No entanto, também nessa função, *habere* passa a ser substituído outra vez por formas derivadas de *tenere* em algumas línguas românicas no decorrer do tempo. É o caso, por exemplo, das línguas galega e portuguesa.

O auxiliar *ter*, no português e no galego, desempenha a mesma função do auxiliar *haber* do espanhol, seguindo os mesmos traços formais: é a única forma que acompanha o participípio na construção do PPC, ou seja, combina-se com todos os tipos de verbos (transitivo e intransitivo), e apresenta a concordância com o sujeito e não com o com o complemento direto (CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 83, 84):

(12) “Ultimamente **tenho escrito** muitas folhas” (português)

(13) “*Non se **ten** ainda **inventado** música mellor*” (galego)

Segundo Camus Bergareche, a substituição de *habere* por *tenere* inicia-se, nesses idiomas, no final da Idade Média, consolidando-se na época clássica. Sobre a existência moderna da forma derivada de *habere* no português, o autor menciona que “*solo en portugués escrito, y de un modo estilísticamente muy marcado, con deliberada intención arcaizante o muy formal, se puede encontrar el perfecto con **habere***” (CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 84).

Vale acrescentar que, na língua espanhola, também é possível encontrar a combinação *tener* + participípio. Ressalta-se, entretanto, o fato de se tratar de uma perífrase com a mesma função resultativa da construção latina *habere* + participípio.

(14) “*Tengo entendido que no volverás*”

²² Algumas abordagens diacrônicas discorrem sobre esse tema: Mattos e Silva (1981; 1999; 2002), Ribeiro (1996), entre outras.

(15) “*Tengo hechos ya los deberes*”²³

Observa-se, neste último exemplo, o resquício latino da concordância entre o particípio e o complemento direto “*hechos los deberes*”. Num quadro final, Camus Bergareche (2008, p. 90) sintetiza as propriedades formais presentes no PPC nas línguas românicas: galego, português, espanhol, catalão, occitano, francês, reto-românico, sardo, italiano, italiano do sul e romeno, a partir do qual, interessa destacar que apenas as duas primeiras apresentam o traço *tener* + particípio.²⁴

2.2.3 Os valores do PPC em línguas românicas

Conforme mencionei em seções anteriores desta tese, no latim pré-clássico, a construção *haber* + particípio tinha valor puramente resultativo (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000). Por consequência, nessa leitura estativa, o particípio desempenhava função predicativa ou adjetiva, fazendo parte do objeto direto de *habere* – verbo ainda não gramaticalizado naquele período, já que mantinha o significado original de posse. Camus Bergareche (2008, p. 92) acrescenta que essa construção latina restringia-se aos predicados télicos “*Illa omnia missa habeo*”, “*Ibi castellum Caesar habuit constitutum*”²⁵ (*realización* e *logro*²⁶, respectivamente). Na passagem para as línguas românicas, como vimos, *habere* + particípio passa a ser de uso menos restrito, estendendo-se a verbos atélicos – o que comprova a perda da função exclusivamente resultativa da construção original. A esse respeito, vale acrescentar a observação de Squartini e Bertinetti (2000, p. 407) sobre o fato de nenhuma língua românica contemporânea apresentar o perfeito composto com valor puramente resultativo.

²³ Os exemplos são de Camus Bergareche (2008, p. 84), que acrescenta o fato de o judeu-espanhol, usado em Israel, empregar também o verbo derivado de *tener* como auxiliar do perfeito composto, mas não de outras formas compostas.

²⁴ No espanhol de Yucatán – estado localizado no sudeste mexicano – os verbos *estar* e *tener* são ainda empregados como auxiliares no pretérito perfeito composto do indicativo, como ocorria no século XVI, por exemplo: “*Tengo trabajado mucho*” e “*Está ido a cortar leña*” (ANDIÓN HERRERO, 2004, p. 13).

²⁵ “*Tengo mandada todas aquellas cosas*” (Plauto), “*Allí tuvo César levantado el campeonato*” (Cícero), cf. Camus Bergareche (2008, p. 92).

²⁶ O que Camus Bergareche chama de “*realización*” e “*logro*” corresponde, em teorias diversas, aos conceitos de: *achievement* e *accomplishment* (VENDLER, 1967; VERKUYL, 1993) e ato e acontecimento (COSTA, 1990).

Como se pode observar, a construção perifrástica latina, que, como qualquer forma inovadora, surge para desempenhar uma função linguística, passou por um processo de evolução não apenas de ordem sintática, como também semântico-pragmática. Tratando da evolução desta última, Harris (1982, p. 49) descreve os seguintes estágios do pretérito perfeito composto:

Estágio I: o perfeito composto restringe-se à expressão de estados presentes resultantes de ações passadas sem descrever as ações por si mesmas, por mais recentes que sejam (PPC de resultado).

Estágio II: o perfeito composto ocorre somente em situações bastante específicas, em contextos aspectualmente durativos ou repetitivos (PPC como operador aspectual).

Estágio III: valor prototípico do *Present Perfect* de ação passada com relevância presente (PPC de relevância presente e PPC de notícias recentes – *hot news*).

Estágio IV: PPC com função de pretérito, ficando o PPS restrito a registros formais.

Com base nesse quadro proposto por Harris (1982), Squartini e Bertinetto (2000) apresentam uma análise sobre o estágio em que se encontram as diferentes línguas românicas no que concerne ao uso dessa forma verbal. Em relação ao estágio I, algumas variedades do italiano meridional, como o siciliano e o calabrês, são apresentadas por Harris como exemplos típicos de um baixo grau de gramaticalização, em que o PPC indica estados atuais, conectados a situações passadas. O exemplo “aju jutu” (*he ido*) de Rohlfs (1986 *apud* Squartini; Bertinetto, 2000, p. 407), contudo, parece sinalizar uma leitura experiencial do PPC no calabrês (estágio II ou talvez III, cf. Squartini e Bertinetto). Embora a situação exemplificada por Rohlfs também seja possível em PPS (e normalmente o é), Squartini e Bertinetto querem evidenciar que, no calabrês e no siciliano, o PPC já avançou no processo de gramaticalização, corroborando que nenhuma língua românica exibe o valor puramente resultativo dessa forma verbal. Em direção a esse argumento, Skubic (1973 *apud* Squartini e Bertinetto, 2000, p. 414-415) aponta que o PPC siciliano não expressa passado recente ou relevância presente, senão situações durativas ou iterativas que contemplam o momento da fala – estágio II. Outra evidência que descarta a

interpretação estritamente resultativa do PPC nessas variedades é apontada por Camus Bergareche (2008, p. 93): em dialetos italianos meridionais, o perfeito composto pode constituir-se com predicados télicos e atélicos “*L’aju fattu*” (*lo he hecho*) e “*Non aju dormutu*” (*no he dormido*); lembrando que a construção puramente resultativa é permitida apenas com verbos télicos.

O estágio II é representado, segundo Squartini e Bertinetto (2000, p. 408-410), pelo português, o galego e algumas variedades do espanhol americano, apresentando algumas exigências para o uso do PPC.²⁷ Diversos estudiosos dos tempos verbais do português admitem a diferença do perfeito composto em relação a outras línguas românicas²⁸, a começar pela construção *ter + participípio*, em vez de *haver + participípio*. Quanto a aspectos semânticos, a principal diferença do PPC português consiste na referência dessa forma verbal a situações durativas ou iterativas; referência que, em outras línguas românicas, é preciso recorrer a expressões auxiliares como “várias vezes”, “sempre”, “até aqui”, “desde algum tempo” a fim de que se matenha a mesma significação portuguesa, cf. Paiva Boléo (1936).²⁹ Bastante similar ao português, encontra-se o uso do PPC na variedade mexicana, designando situações durativas e iterativas, respectivamente ilustradas a seguir:

- (16) *Desde entonces sólo he sido una carga para ti.* (LOPE BLANCH, 1983 [1961], p. 135)
- (17) *...va a visitarlo al hospital donde ha ingresado más de una docena de veces en los últimos tiempos.* (SPITZOVA; BAYEROVA, 1987, p. 45)

Em relação a outras variedades do espanhol, Squartini e Bertinetto (2000, p. 411-412), baseado em estudos sobre o perfeito composto na Colômbia, em Porto Rico, nas Ilhas Canárias e em Buenos Aires, apontam que, nessas regiões, o uso do PPC denota situações

²⁷ É interessante observar que, a respeito da evolução de ordem estrutural, línguas românicas periféricas – como o português – encontram-se em estágio mais avançado na evolução, conforme discussão da seção 2.2.2. A respeito da evolução de ordem semântica, essas são línguas mais conservadoras, comparadas a línguas românicas centrais – o francês, por exemplo.

²⁸ Barbosa (2003; 2008), Castilho (2003), Fiorin (1996), Paiva Boléo (1936), Silva (1998), Travaglia (1994b), por exemplo.

²⁹ Trato dessa questão de forma mais detalhada na seção 2.2.4, apresentando uma comparação entre o português e o espanhol acerca do uso dos dois pretéritos.

iterativas e durativas, igualmente ao que acontece nas variedades mexicana e portuguesa. Na variedade canária também são registrados casos do PPC experiencial “*Yo he ido a la escuela = he recibido enseñanza escolar*”. Ressaltando que esse valor não é possível no português, resultando agramaticais sentenças como “João tem viajado à Europa” na leitura experiencial (ao menos uma vez, João experienciou uma viagem à Europa).³⁰ Embora o galego e o português se aproximem funcionalmente quanto ao uso do PPC, naquela variedade o emprego dessa forma verbal é ainda mais reduzido, documentando-se apenas com verbos télicos e interpretação resultativa (como no latim), ou com predicados iterativos, mas não durativos (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 410).

Finalizando as exemplificações das variedades românicas que se encontram no estágio II proposto por Harris (1982), Squartini e Bertinetto (2000, p. 413-414) citam a variedade siciliana, cujo uso do PPC não denota passado recente, tampouco relevância presente, senão situações durativas e iterativas. O dado em (18) representa este último valor do PPC, em oposição ao dado em (19), no qual o passado recente é expresso por PPS:

- (18) *Aju m'nciatu tanti voti u piscispata, e m' ha fattu sempri beni.*
I-have eaten many times the sword-fish, and me: DAT it-has done always good
I have eaten swordfish many times, and it has always done me well.
- (19) *M' u m'nciài oj e mi fici mali.*
Me:DAT it:OBJ I-ate today and me: DAT it-did bad
I ate swordfish today and it made me sick.

No que concerne ao estágio III na evolução do perfeito composto – um dos mais significativos, já que, a partir desse ponto, o PPC passa a cobrir situações puramente perfectivas –, Squartini e Bertinetto (2000) alegam que, na Espanha, o PPC parece estar avançado nesse processo de transformação, marcando a relevância presente em:³¹

⇒ Contextos inclusivos, que contemplam o momento da fala: *He vivido aquí toda mi vida.*

⇒ Notícias recentes (*hot news*): *Ha llegado el Rey.*

³⁰ Essa sentença torna-se gramatical, porém, na leitura iterativa em que João tem viajado repetidas vezes à Europa.

³¹ Os exemplos são de Squartini e Bertinetto (2000, p. 416)

- ⇒ Contextos experienciais: *¿Has estado en Australia?*
- ⇒ Contextos que indicam anterioridade a uma referência: *No, todavía no ha llegado.*
- ⇒ Resultados persistentes de uma situação passada: *No, ha muerto.*
- ⇒ Contextos com advérbios de tempo que expressam passado recente: *Hoy me he despertado a las cuatro de la madrugada.*

É importante ressaltar que, em alguns desses contextos, co-ocorrem as formas PPS e PPC na variedade peninsular. A título de exemplificação, em contextos como “*todavía no*” e de passado recente expresso por advérbios do tipo “*hoy*” é possível o emprego de uma ou outra forma (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000; OLIVEIRA, 2007).

Na discussão sobre o estágio III do pretérito perfeito composto, Squartini e Bertinetti (2000, p. 416) chamam a atenção para a direção aorística (*aoristic drift*) que essa forma verbal vem assumindo no espanhol europeu. No espanhol de Alicante, por exemplo, a diferença no uso do PPS e do PPC entre gerações mais jovens e mais velhas evidencia uma mudança em curso, já que os resultados da geração mais jovem apontam um maior percentual do PPC tanto em contexto hodierno como pré-hodierno. O catalão e o occitano parecem caminhar na mesma direção do espanhol europeu, apresentando, além do PPC tipicamente Anterior, uma extensão aorística dessa forma verbal. Camus Bergareche (2008, p. 96) lembra, contudo, que o catalão parece ajustar-se de forma mais sistemática à regra “das 24 horas”³², empregando o PPC em contextos estritamente hodiernos.

Finalmente, no estágio IV, encontram-se diversas línguas românicas em que o PPS “*se convierte en una forma verbal caduca, hasta llegar a desaparecer del todo en algún caso por la competencia de las formas compuestas*” (CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 96). Nesse estágio, encontram-se: o italiano estándar, o francês, o romeno estándar, algumas variedades italianas setentrionais e as línguas reto-românicas, nas quais o PPC pode ser usado em qualquer contexto puramente perfectivo, sendo, em alguns casos, a única forma existente

³² Na literatura sobre esse objeto de estudo, é comum estabelecer o uso do PPC como ante-presente num limite temporal de 24 horas (contexto hodierno). O contexto pré-hodierno constitui a ultrapassagem desse limite.

(SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 418). Segundo os autores, nas línguas de estágio IV – considerando a evolução do perfeito composto –, não está em jogo a noção de distância temporal no uso dessa forma verbal, diferente das de estágio III. Vale lembrar, todavia, o alerta que Squartini e Bertinnetto apresentam para a necessidade de pesquisas mais detalhadas sobre as línguas que pertencem ao grupo IV, dadas conclusões a que chegam alguns estudos citados pelos autores, a saber: i) em muitos casos de vernáculos do norte da Itália, ocorre o total desaparecimento do perfeito simples, enquanto que em variedades locais estándares ainda é presente essa forma verbal; ii) no francês estándar, o PPS desapareceu da conversação coloquial, mas é relativamente frequente em jornais; iii) traduções de passagens narrativas são apresentadas em romeno apenas com o PPC, e, em francês e italiano, com o PPC e o PPS; e iv) surpreendentemente distinto de sua variedade estándar – bem como de qualquer outra variedade românica – aparecem dialetos da variedade romena, tais como os falado em Oltenia, nos quais, a distância temporal tem influência no uso do PPS e do PPC, no entanto, é a forma simples que denota eventos mais próximos do momento de fala, enquanto a forma composta remete a eventos mais distantes.³³

Concluindo esta seção, vale apresentar o quadro que Camus Bergareche propõe para ilustrar os valores característicos do PPC em diferentes línguas românicas:

	Perfecto inclusivo	Perfecto experiencial	Perfecto + passado hodierno	Perfecto + aoristo
Galego	X			
Português	X			
Espanhol da América	X			
Espanhol Peninsular			X	
Catalão			X	
Occitano			X	
Francês				X
Reto-românico				X
Sardo				X
Italiano				X
Calabrês		X		
Siciliano	X			
Romeno				X

Quadro 2 – Valores aspectuais do PPC em algumas variedades românicas (Adaptada de CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 98)

³³ O leitor pode buscar as referências na obra de Squartini e Bertinnetto (2000).

O quadro 2 leva-nos a concluir que apenas o francês, o reto-românico, o sardo, o italiano e o romeno completaram a gramaticalização do pretérito perfeito composto, chegando ao último estágio da evolução, no qual se prevê a função aorística dessa forma verbal. O galego, o português, o espanhol da América e o siciliano encontram-se em estágio coincidente – uso do PPC inclusivo –, sendo línguas mais conservadoras nesse sentido.³⁴ O espanhol peninsular, por outro lado, difere-se do americano, uma vez que se encontra no terceiro estágio da evolução do PPC (passado hodierno). No decorrer desta tese, argumento que, na verdade, o PPC peninsular já caminha numa direção aorística.

O quadro proposto por Camus Bergareche desperta-nos o interesse em verificar a trajetória da mudança do PPC nas diferentes línguas românicas, o que vêm fazendo alguns pesquisadores. Na seção a seguir, faço um recorte desses estudos e concentro-me nos estágios da evolução do perfeito composto no português e no espanhol.

2.2.4 O PPS e o PPC no português e no espanhol

A inclusão desta seção justifica-se pelo meu interesse em comparar dois idiomas de minha realidade: o português e o espanhol. O meu interesse amplia-se à medida que, em contato com estudos históricos, verifico os caminhos diferentes dos dois idiomas no que diz respeito ao uso das formas simples e composta do pretérito perfeito.

No português atual, o auxiliar do perfeito composto é o verbo *ter* (*tenere* latino), o qual também mantém viva sua função de verbo pleno. Nessa forma verbal, *ter* e *haver* não são verbos concorrentes na função de auxiliar.³⁵

(20) Pedro **tem estudado** muito. (*ter* verbo auxiliar)

(21) Pedro **tem** um carro. (*ter* verbo pleno indicando posse)

No espanhol, por outro lado, o perfeito composto tem como auxiliar o verbo *haber*, o qual também se mantém como verbo pleno.

³⁴ No capítulo VII desta tese, verifico se em meus dados o PPC hispano-americano é de fato exclusivamente inclusivo.

³⁵ Diferente do que ocorre com o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, em que *ter* e *haver* são verbos concorrentes, apesar da baixa frequência deste último: João **tinha chegado**/João **havia chegado**.

- (22) *Pedro ha estudiado mucho.* (*haber* verbo auxiliar)
 (23) *Hay alumnos acá.* (*haber* v. pleno indicando existência)³⁶

A construção composta do pretérito perfeito apresenta a mesma estrutura nos respectivos idiomas: não há concordância em gênero e número entre o particípio e o objeto, aparecendo este à direita daquele. A diferença reside no auxiliar “ter” em português, e “*haber*” em espanhol.

- (24) Pedro **tem lido** cartas.
 (25) *Pedro ha leído* cartas.

Sobre esse ponto, vale acrescentar que, no português, também é possível a construção “Pedro **tem** as cartas **lidas**”,³⁷ na qual podemos observar: i) o objeto intercalado entre o verbo *ter* e o particípio e ii) a concordância em gênero e número do particípio com o objeto (**cartas lidas**) – características que põem em evidência uma construção frasal que expressa um estado de posse, e não uma forma verbal composta, uma vez que o perfeito composto se constitui na construção *ter* + particípio invariável, conforme Said Ali (1964), Câmara Júnior (1956) e Mattos e Silva (1989).

A diferença entre a construção do tempo composto (expressa nos exemplos 24 e 25) em relação à construção frasal “Pedro tem as cartas lidas” é marcada na língua espanhola, na qual o auxiliar *haber* é substituído pelo verbo pleno *tener*, e o particípio concorda com o objeto.

- (26) *Pedro tiene leídas las cartas.*

Barbosa (2008, p. 115-116) apresenta a discussão de Colaço e Gonçalves (1995) a respeito da diferença entre as construções composta e resultativa, mostrando que essas autoras dividem as línguas românicas em dois grupos: de um lado as que apresentam a concordância entre o particípio e o clítico (francês e italiano); de outro, as que não apresentam tal concordância (português, castelhano e o romeno). Segue o quadro que sintetiza tal divisão:

³⁶ Como observação, a língua espanhola culta e coloquial parece não admitir o uso de *tener* como verbo impessoal no sentido de existência; diferente da variedade coloquial do português, na qual é predominante o uso de *ter*.

³⁷ Construção que se aproxima da que esteve na origem das formas compostas nas línguas românicas (construção resultativa), cf. discussões anteriores.

Francês e italiano	Português, castelhano e romeno
Não dispõem de construção resultativa.	Possuem a construção resultativa. Exemplos: O João tem os livros lidos. <i>Juan tiene leídos los libros.</i> <i>Ion are cartile citite.</i>
Na construção de tempo composto, exibem concordância entre o particípio e o objeto. Exemplos: <i>Jean les a lus.</i> <i>Gianni li ha letti.</i>	Na construção de tempo composto, não exibem concordância entre o particípio e o objeto.

Quadro 3 – Diferença entre línguas românicas na estrutura de tempos compostos e construções resultativas³⁸

Como vimos anteriormente, o português usa o verbo *ter* tanto na construção frasal quanto no tempo composto; diferente do que ocorre no espanhol, o qual seleciona o verbo *haber* como auxiliar do tempo composto, e o *tener* como verbo pleno na construção resultativa.³⁹ Outra diferença é mencionada por Colaço e Gonçalves: no português e no romeno a construção resultativa “é manifestada pela diferente ordem dos constituintes objeto direto e particípio” (COLAÇO; GONÇALVES, 1995, p. 129 *apud* BARBOSA, 2008, p. 116).

Port. João tem os livros lidos.

Rom. *Ion are cartile citite.*

Esp. **Juan tiene los libros leídos.*

Observa-se que, diferente do que acontece no português e no romeno, no espanhol é agramatical a construção em que o objeto aparece intercalado entre o auxiliar flexionado e o particípio. Consequentemente, enquanto no português e no romeno é gramatical a construção *ter* + objeto + particípio flexionado, no espanhol é gramatical a construção *ter* + particípio flexionado + objeto:

Port. *João tem lidos os livros.

Rom. **Ion are citite cartile.*

Esp. *Juan tiene leídos los libros.*

³⁸ Conclusões de Colaço e Gonçalves (1995, p. 120-129 *apud* BARBOSA, 2008, p. 115-116).

³⁹ Para Bello (1979, p. 456), entretanto, também é possível o uso da forma *he leído* na expressão de que “*tengo ejecutada la acción de leer*”.

Sintetizando a discussão anterior, o português e o espanhol apresentam algumas semelhanças no que diz respeito às construções resultativa e de tempo composto:

- i) ambos os idiomas apresentam a mesma estrutura na construção de tempo composto (auxiliar + particípio invariável);
- ii) o auxiliar aparece flexionado no presente do indicativo;
- iii) na estruturação da forma verbal composta, o objeto aparece à direita do particípio;
- iv) as construções resultativas são evidenciadas através da concordância em gênero e número entre o particípio e o objeto.

Com base nos estudos de Barbosa (2008), algumas diferenças entre as duas línguas também podem ser aventadas:

- i) o português apresenta como auxiliar do perfeito composto o verbo *ter*, enquanto o espanhol apresenta o verbo *haber*;
- ii) na construção resultativa, o auxiliar do português continua sendo o verbo *ter*, enquanto em espanhol o auxiliar passa de *haber* para *tener*;
- iii) ainda sobre a construção resultativa, enquanto o espanhol mantém unidos o auxiliar e o particípio, aparecendo o objeto à direita deste último, o português intercala o objeto direto entre os dois verbos.

Sobre a construção do perfeito simples, creio serem dispensáveis reflexões demoradas, já que as formas portuguesa e castelhana *amaste* e *amaste*, derivadas do latim *amauisti*, são igualmente construídas a partir de um radical mais as desinências de tempo/modo e número/pessoa.

No que diz respeito à definição semântica dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto, o quadro a seguir ilustra os valores dessas formas verbais discutidos por estudiosos do português e do espanhol.⁴⁰

⁴⁰ No quadro 4, a análise dos estudos citados sobre a língua portuguesa é de Barbosa (2003, p. 51), trabalho no qual se pode consultar as referências.

PORTUGUÊS		ESPAÑHOL	
Pret. Perf. Composto	Pret. Perf. Simples	Pret. Perf. Composto	Pret. Perf. Simples
Soares Barbosa (1871 [1803])		Bello (1979 [1810], § 30-33, 40)	
Faz referência a qualquer tempo passado, cujo período de existência termine no presente; por essa razão, é possível dizer “este ano, esta semana, muitos annos tenho sido espectador.”	Expressa ação de um tempo passado, de existência acabada em relação ao presente; uma ação “absoluta e indeterminada, pois não se sabe quando foi acabada.”	Indica a relação do atributo com o presente. “ <i>La forma compuesta tiene relación con algo que todavía existe.</i> ”	Tempo verbal que representa anterioridade do atributo em relação ao ato da palavra; “ <i>una cosa que ya pasó</i> ”.
Pereira (1927)		García de Diego (1914, § 268)	
Indica uma ação que não só é anterior ao presente, mas também os resultados duram até esse momento.	É o passado absoluto, cuja ação tem origem e conclusão no passado sem relação com o presente (a não ser relação de anterioridade).	Trata-se de um pretérito que tem relação com o presente. Acompanha termos relacionados ao presente: “ <i>Esta mañana le he visto.</i> ”	Usa-se a forma <i>amé</i> em situações que não guardam relação com o presente. “ <i>Anteanoche se marchó.</i> ”
Dias (1933)		Kany (1976 [1945])	
Expressa a continuidade ou a repetição de uma ação desde um momento passado até o momento que falamos.	É empregado quando, transportando-nos com os pensamentos para o passado, registramos acontecimentos que se deram como momentos históricos.	Emprega-se <i>he venido</i> para expressar uma ação passada que guarda efeitos em relação ao momento presente.	A forma <i>vine</i> expressa uma ação completa no passado.
Celso Cunha (1970)		Alarcos Llorach (2001, p. 166)	
Exprime a repetição de um ato ou sua continuidade até o presente em que falamos.	Expressa uma ação acabada, concluída.	Refere-se a fatos (<i>hechos</i>) que precedem o momento da fala, indicando, porém, uma perspectiva de presente.	Refere-se a fatos que precedem o momento da fala, indicando, porém, uma perspectiva de pretérito.

Quadro 4 – Definições semânticas do PPS e do PPC em gramáticas portuguesas e castelhanas

Com base no quadro anterior, no qual associei as definições do PPS e do PPC do português, a partir de Barbosa (2008), e as definições do PPS e do PPC do espanhol apresentadas em obras de meu referencial bibliográfico, podemos inferir algumas aproximações semânticas das duas formas do pretérito perfeito em ambos os idiomas:

- i) os dois pretéritos expressam temporalidade passada;
- ii) o perfeito simples, porém, não guarda relação com o presente, ao contrário da significação do perfeito composto, que se relaciona com o momento da fala;
- iii) o perfeito simples pode ser tomado como um tempo absoluto, e o perfeito composto, como um tempo relativo (ver a discussão sobre tempos absolutos e relativos na seção 5.1 adiante nesta tese);
- iv) o perfeito simples é perfectivo (Aoristo), expressando acontecimentos que iniciam e terminam no passado; o perfeito composto, por outro lado, pode expressar duratividade e iteratividade (Anterior);
- v) a definição dos dois pretéritos parece inalterável dos estudos do século XIX ao século XX.

Ainda que o uso dos dois pretéritos se assemelhe nos respectivos idiomas, apresento algumas discrepâncias:

- i) embora o perfeito simples apresente valor de Aoristo tanto no português como no espanhol, não se pode dizer que o perfeito composto expresse exclusivamente o valor de Anterior em ambos os idiomas. Esse é o motivo da modalização no tópico iv (“pode expressar”), visto que, com base nos estudos citados no quadro 4, o PPC português expressa exclusivamente continuidade e iteratividade (valor de Anterior); o PPC espanhol, em contrapartida, além da expressão dessas noções aspectuais, pode expressar valor aorístico – fenômeno que não acontece no português contemporâneo, pelo menos;
- ii) ao que tudo indica, no português, o PPC não se diferencia temporalmente do PPS, mas aspectualmente. No espanhol, ambas

as formas podem se diferenciar via Aspecto, como também via Tempo: o PPS expressando passado remoto, e o PPC, passado recente.

Observa-se, então, a diferença nos valores semânticos do perfeito composto no português e no espanhol: fundamentalmente, a possibilidade de essa forma verbal expressar Aspecto Aoristo apenas neste último idioma. Tal conclusão levanta uma questão crucial: saber quais foram as mudanças semânticas do perfeito composto ocorridas no português e no espanhol. Conforme o estudo de Squartini e Bertinetti (2000), essas variedades românicas tomaram rumos diferentes no processo de mudança do PPC, o que não significa afirmar, entretanto, que no português, por exemplo, o perfeito composto venha mantendo a mesma significação ao longo dos anos. Amplio essa discussão nas seções a seguir.

2.2.4.1 Um olhar diacrônico sobre o uso do PPC no espanhol e no português

Analisando o desenvolvimento do sistema verbal das línguas românicas, Castilho (1966, p. 142), afirma que “houve uma época em que as línguas românicas opuseram claramente a perífrase à forma simples do pretérito”. Ao longo do tempo, contudo, apenas as línguas do oeste (o português, por exemplo) mantiveram a distinção; nas demais a perífrase suplantou o pretérito, assumindo seus valores (o francês, por exemplo).

Conforme já discutido, não é tema desta tese a discussão do pretérito perfeito simples. Assim, limito-me a afirmar que, tanto no português quanto no espanhol, essa é uma forma verbal aorística por natureza, representando um evento que começa e termina num ponto anterior ao momento da fala:

(27) Carlos **estudou**.

(28) Carlos *estudió*

No entanto, o perfeito simples também pode expressar continuidade da situação; porém, não de forma independente como o faz o perfeito composto. Vejamos as transformações dos exemplos (27) e (28):

(27') Carlos **estudou** várias vezes esta semana.

(28') *Carlos **estudió** varias veces esta semana.*

(27'') Carlos **estudou** durante todo o dia.

(28'') *Carlos **estudió** durante todo el día.*

A partir do par (27') e (28'), podemos interpretar de forma iterativa a situação expressa pelo verbo *estudar*. Não se pode dizer, contudo, que é o tempo verbal que permite tal interpretação, senão o complemento adverbial “várias vezes/*varias veces*”. Nos pares em (27'') e (28''), a leitura possível é de uma situação durativa, igualmente expressa não pelo tempo verbal, mas por um advérbio: “durante todo o dia/*durante todo el día*”. Logo, o pretérito perfeito simples não exige do pesquisador grandes esforços para interpretá-lo como uma forma verbal aorística. Tal pressuposto é confirmado pela elevada atenção que estudiosos das duas formas do pretérito perfeito do indicativo despense à forma composta.

Conforme apresentei na seção anterior, o português e o espanhol apresentam diferença no emprego do perfeito composto: no primeiro, o PPC expressa Aspecto (iteratividade e duratividade); no segundo, além da expressão de Aspecto, há também a noção de distância temporal (passado recente). Como há várias questões históricas a serem esclarecidas, abro uma seção para esse olhar, analisando o percurso do perfeito composto no espanhol e no português, com base nos estudos de Alarcos Llorach (1984) e Barbosa (2003; 2008), respectivamente.

2.2.4.2 Percurso histórico do PPC no espanhol

Acerca da origem do pretérito perfeito composto, Alarcos Llorach (1984, p. 36) inicia sua discussão diacrônica a partir do questionamento “¿ha tenido siempre el perfecto compuesto la misma significación, la de señalar los hechos acaecidos en el presente ampliado?”. Corroborando as discussões apresentadas anteriormente nesta tese, o autor afirma que, desde o latim clássico, *habeo* aparece combinado com o particípio, o que não significa afirmar a existência de um perfeito composto naquele período.

Conforme Alarcos Llorach (1984, p. 36-37), em Plauto, a construção *habere* + adjetivo aparecia com grande diversidade de emprego, ainda que *habere* aparecesse sempre com seu significado pleno: indicando um estado, uma duração presente ou posse. O autor acrescenta que, no lugar do adjetivo, podia-se usar um particípio

adjetivado, e, não perdendo sua força verbal, “*sucede que habere con el participio adjetivado indicará el estado como resultado de la acción del verbo*”. Logo adiante, Alarcos atenta para a significação da construção *habere* + participio adjetivado diferente da que se tem hoje em diversas línguas românicas “...*mientras habere conserva la significación independiente de ‘mantener’, ‘poseer’, la construcción con participio no es un perfecto, sino un presente.*” Em outras palavras, *habere* (como verbo pleno) + participio adjetivado não representava, ainda, a forma composta do pretérito perfeito, a qual foi se gramaticalizando até assumir contextos antes previstos para o perfeito simples, conforme acrescenta Alarcos Llorach (1984, p. 37) “*cuanto más ceda la significación independiente de habere tanto más pesará el concepto de actividad existente en el participio y la significación total de la expresión se acercará más y más a la del perfecto simple.*”

No latim clássico, entretanto, é possível encontrar usos com uma significação bem próxima ao perfeito composto atual, sendo bastante produtiva em César e Cícero: *deliberatum habeo, nec scriptum habeo, cur in adversariis scriptum habebas?* Segundo Alarcos, a partir do século I d.C., essa perífrase desaparece quase por completo da literatura, reaparecendo no século VI com participios diferentes. Entre esse período, as construções que sobrevivem – e que podem ter sido a base para a construção gramaticalizada⁴¹ em muitas línguas românicas – são *cognitum habeo* (conheço) e *compertum habeo* (sei).

Segundo esse autor, no latim da Espanha, a perífrase era menos frequente – fato verificado no escasso uso pretérito nos primeiros escritos castelhanos, e na conservação do significado independente de *haber* (posse). Logo, seu uso indicava não uma ação passada, mas um estado durativo ou um resultado presente. Alarcos Llorach (1984, p. 39) argumenta que esse fenômeno evidencia um uso da perífrase no castelhano similar ao uso do latim clássico. Exemplos dessa conclusão são apresentados a partir da obra *El cantar de Mío Cid*, a qual representa o castelhano medieval composta ao redor do século XII e XIII.

(29) *Antes de la noche entró su carta, quando ganó a Valençia.*

(30) *Pagado vos he por todo aqueste año.*

⁴¹ Há que notar que Alarcos Llorach não usa esse termo “gramaticalizada”, já que sua atenção é à evolução do latim ao castelhano.

Verifica-se, a partir dessas ocorrências, que a forma com *haber* diferencia-se do perfeito simples, especialmente por esta última apresentar valor de passado (dado em 29), e a primeira manter o valor independente de posse do verbo *haber* (dado em 30). Alarcos Llorach (1984, p. 39) acrescenta que, por necessidades poéticas, as duas formas co-ocorrem em contextos similares, em que ambas as formas expressam passado, e o uso do perfeito composto “*se explica por la necesidad de la rima*”.

- (31) *Vos agora **legastes**, nos **viniemos** anoch, ou vos **dix** la missa, **dióles** bendiciones, la missa **ha cantado**.*

Resumindo as ideias do autor espanhol, no princípio, o perfeito simples indicava qualquer ação pretérita; o perfeito composto, por outro lado, apresentava dois valores: i) “*simple pretérito para la variación del estilo*” e ii) “*expresión del estado (o de la posesión) presente, producido por una acción anterior*”. Segundo Alarcos, esses valores de ambas as formas continuam por longo tempo. No século XIII, por exemplo, encontra-se ainda o perfeito simples expressando ação passada, e a construção *haber* + adjetivo expressando resultado presente:

- (32) *Siempre **esperé** este dia.*
 (33) ***Dixieste** grant basemia.*
 (34) *Sea aquello que Dios **ha establecido**.*
 (35) *La tierra que me manda yo me la **he ganada**.*⁴²

A marca de concordância em gênero e número do particípio evidencia a construção ainda resultativa no castelhano do século XIII. Há que se destacar, contudo, o uso da construção de perfeito composto já nesse período, expressando continuidade ou iteratividade da ação:⁴³

- (36) *Tanto **avemos fecho** que los dios son yrados.*
 (37) *Assaz **he vivido**.*

⁴² Ocorrências presentes na obra *Libro de Alexandre* (apud ALARCOS LLORACH, 1984, p. 40). A obra *Auto de los Reyes Magos* apresenta os mesmos empregos das duas formas do pretérito, segundo o filólogo espanhol.

⁴³ Alarcos Llorach atenta para o fato de a forma composta ser menos frequente do que a forma simples na amostra do século XIII.

No século XIV, a situação é a mesma nas obras literárias analisadas pelo filólogo espanhol: o perfeito simples tem função pretérita, e o perfeito composto expressa ação durativa ou iterativa que se estende ao presente. O autor também detecta casos de construção resultativa. No século XV, o perfeito composto aparece com mais frequência e com o significado de duração ou iteração.

- (38) *Pues vuestra desventura – os **ha puesto** por el suelo (Stúñiga), qué vale la gran osadía – de tantos honores que **has adquirido**? – Qué te aprovecha si fuiste temido? (Diego del Castilho), los grandes señores que tú **has criado**... do son que te dejan estar olvidado? (id.), tal que **ha hecho** en el rebaño – con su hambre mayor daño... - que no el más hambriento lobo – de cuantos **has visto** hogaño (Mingo Revulgo) (ALARCOS LLORACH, 1984, p. 42)*

Alarcos acrescenta que, ao final do século XV, na obra *La Celestina*, o perfeito composto aparece designando ações pontuais no “presente ampliado”, ou seja, pouco a pouco o PPC passa a concorrer com o perfeito simples para expressar pontualidade.

- (39) *Oh bienaventuradas orejas mías, que indignamente tan gran palabra **havéis oído**!
Desde ayer no la **he visto**...
Espantada me tienes con lo que **has hablado**.
Vieja te **has parado**. (ALARCOS LLORACH, 1984, p. 43)*

A partir do século XVI, observa-se que a forma composta vai deixando de expressar o resultado presente de uma ação anterior, e passa a expressar uma ação pontual que antecede imediatamente o presente gramatical, além de continuar expressando uma ação que se repete até o presente (ALARCOS LLORACH, 1984, p. 43-44).

- (40) *Allá verás cuán poco mal **ha hecho** – la muerte en la memoria y clara fama – de los famosos hombres que **ha deshecho**. (Garcilaso, Elegía I)*
- (41) *Dios te **ha hecho** merced en topar conmigo; alguna buena oración rezaste hoy. (Lazarillo III)*

- (42) *Perdóname, Señor, la multitud de defectos que **he hecho** en este santo lugar, ... y la poca reverencia y devoción con que **he estado** aquí delante de Tu Majestad divina (Fr. J. de Sigüenza, II).*

Desde o século XVII, o emprego da forma simples no lugar da composta deve-se a um “*arcaísmo afectado, a latinismo o a necesidades poéticas*”, cf. Alarcos Llorach (1984, p. 44-45):

- (43) *En nuestros días **vimos** y **comunicamos** y **oímos** al invencible y valeroso Caballero Don Belianis de Grecia. (Quijote)*
- (44) *Hoy **perdí**, cielos, la esperanza que tenía. (Calderón, El príncipe Constante)*
- (45) *Pero ya que sobre esta ciudad **caímos** y es plaza fuerte a lo que se descubre...hasta ahora sólo **supiste** malgastar tus cualidades. (Benavente, Los intereses creados)⁴⁴*

Alarcos finaliza sua análise histórica, ilustrando a evolução da perífrase *he cantado*, cujos estágios tem certa similaridade àqueles propostos por Harris (1982):

- i) Expressa duração presente do resultado de uma ação passada (*pagado vos he*).
- ii) Expressa ação durativa ou iterativa, que produz um estado presente (*tanto avemos hecho*).
- iii) Expressa uma ação momentânea imediatamente anterior ao presente gramatical (*tan gran palabra haveis oído*).
- iv) Expressa uma ação momentânea não imediatamente anterior, mas sentida no presente, ou seja, produzida no “presente ampliado” (*según después me ha dicho*).

Alarcos Llorach (1984, p. 46) chama a atenção para a atual manutenção das quatro significações fundamentais do perfeito

⁴⁴ Obra moderna de ambiente arcaizante.

composto, ainda que a primeira seja raramente encontrada “*y va cediendo ante la nueva perífrasis con ‘tener’*”. Sobre a vitalidade do perfeito composto no espanhol moderno, o autor analisa a possibilidade de essa forma verbal substituir o perfeito simples – como vem ocorrendo em outras línguas românicas (especialmente o francês) –, concluindo que “*los dos perfectos se mantienen vivos y bien diferenciados en español moderno*”, não havendo indícios da possibilidade de desaparecimento da forma simples “*ante el aumento del terreno expresivo de la forma compuesta.*” (ALARCOS LLORACH, 1984, p. 49).

2.2.4.3 Percurso histórico do PPC no português

Similar às primeiras ocorrências da perífrase espanhola *haber* + particípio, no português arcaico, encontrava-se a construção *ter* + particípio na função de predicativo do objeto:

- (46) Que veção os Mouros se **temos** nós os cavallos **comestos**.
- (47) Se a divida **he** já **pagada**.
- (48) Sustentaremos a honra que **temos ganhada**. (SAID ALI, 1964, p. 147-154)

Conforme já mencionado, a marca de concordância presente no particípio evidencia uma construção resultativa, não se tratando ainda de um tempo verbal composto. Analisando os verbos *ter* e *haver* em textos da segunda metade do século XIV⁴⁵, Mattos e Silva (1989) verifica cinco ocorrências da construção *haver* + particípio, e trinta e quatro da construção *ter* + particípio. Em ambas as situações, o particípio apresentava sempre um traço transitivo, concordando em gênero e número com o complemento direto. Como se vê, no século XIV, *ter* e *haver* aparecem como variantes na estrutura frasal que indicava posse, predominando, já naquele período, o verbo *ter* – resultado também verificado numa amostra do século XV⁴⁶. É a partir do século XV que se difunde o tempo verbal composto, ou seja, quando desaparece a

⁴⁵ Quatro livros dos diálogos de São Gregório.

⁴⁶ Lenda do Rei Rodrigo (1410-1420), Crônica de D. Pedro de Fernão Lopes (terceira década do século XV) e Imitação de Cristo (1468-1477).

concordância do particípio com o complemento direto (MATTOS E SILVA, 1995).

Analisando a estrutura *ter/haver* + particípio (com ou sem concordância) em textos não-literários do século XIII, Cardoso e Pereira (2003) constataam cinco ocorrências de tempo composto: duas construções sem concordância entre o particípio e o complemento direto (49 e 50) e três construções com particípios intransitivos (51-53):

- (49) Se alguu d(e)mandar outro en iuyzo e o damandador lhy **teu(er) forçado** algu~a cousa, ben se pod(e) deffender de lly no~ responder.
- (50) e deploys esto fez ome a maneyra de sa corte e como ((a si)) **auya posto** cabeça e começo, pose ao home a cabeça encima do corpo e neella posse razo~.
- (51) E plus li **a custado** uosa ajuda.
- (52) ou se o achar cu~ as molh(er) leua~doa p(er) força p(er)a iazer cu~ elha ou **aia iazudo** cu~ elha.
- (53) se ouu(er) a molh(er) fillos doutro marido e casar cu~ alguu ome~, ((e)) qual quer delles ((ante que)) **aya partido** cu~ se(us) fillos se fez(er) algu~a gaança co~ a parte dos fillos, quer seya mouil quer reygamento, o padraστο ou a madraστα aya a meyadade das gaanças

Observa-se que, no século XIII, *ter* e *haver* eram variantes na construção de tempo composto.⁴⁷ Com base em uma abordagem semântica, contudo, Cardoso e Pereira (2003) verificam a preferência pelo verbo *ter* nas construções resultativas:

- (54) das armas e dout(ra)s dezimas q(eu) eu **tenio apartadas** em tesouros per meu reino.

⁴⁷ Cardoso e Pereira (2003) questionam a oposição entre tempo composto e construção resultativa com base apenas em aspectos morfossintáticos (concordância do particípio, por exemplo), e analisam tal oposição a partir de uma abordagem semântica, com base em contrastes aspectuais e temporais (perfectividade/imperfectividade e simultaneidade/anterioridade).

A ocorrência em (54) chama a atenção das autoras para o fato de que o valor predominante do verbo *ter* ser o de duratividade. Ainda que a interpretação desse dado possa ser de um sujeito sintático que possui o objeto num estado particular, outros exemplos sugerem que o verbo *ter* pode denotar aspecto de duração sem obrigatoriamente implicar a interpretação de posse. No dado em (55), por exemplo, a interpretação mais apropriada seria: “X entregou a carta” e, como resultado, “a carta está entregue”, ao invés de “X possui a carta num estado particular” (CARDOSO; PEREIRA, 2003, p. 170).

(55) E se **teendo** a carta **entrega** morrer.

As autoras verificaram a preferência do verbo *haver* nas construções de tempos compostos (ver dados de 50 a 53), encontrando apenas duas ocorrências do verbo *ter* nessa construção com valor aspectual perfectivo. No que diz respeito ao perfeito composto, Cardoso e Pereira encontraram também ocorrências em que o auxiliar aparece no presente do indicativo, ou seja, essa forma verbal já estava presente em textos do português do século XIII (ver dado apresentado em 51).

O dado em (56) seria expresso no português atual pelo perfeito simples; no espanhol, todavia, seria possível tanto o emprego do perfeito simples quanto do composto. Essa observação sinaliza que, no século XIII, o perfeito composto português poderia ter o valor que tem hoje em outras línguas românicas. Barbosa (2008, p. 151) apresenta dados de Squartini (1998) que sustenta a possibilidade de a perífrase *ter* + participípio já ter expressado valor de Aoristo no português – o que acontece atualmente no espanhol com a perífrase *haber* + participípio.

(56) Estamdo em Bragaa Vaasco Lourenço... depois que perdo
Neyua como **teendes ouuido** (Fernão Lopes, Crónica del Rei
Dom Joham I, C. séc. XV)

Analisando diferentes gêneros textuais do português brasileiro (PB) do século XVI ao XX, e comparando o português europeu (PE) e o português brasileiro do século XX, Barbosa (2008) apresenta-nos conclusões significativas acerca do emprego das formas simples e composta do pretérito perfeito nessas variedades. Primeiramente, a autora constata a baixa rentabilidade do perfeito composto tanto no português europeu (PE) quanto no português brasileiro (PB) do século XX (10% e 5% de frequência, respectivamente). Quanto aos valores

aspectuais, as duas variedades também se aproximam, conforme ilustra a tabela abaixo:

Tabela 4 – Valores aspectuais do perfeito composto nas variedades do português (BARBOSA, 2008, p. 200)

VALORES	VARIEDADES DO PORTUGUÊS	
	PE	PB
Iteração	57%	60%
Duração	43%	40%
Perfectivo	-	-
Total	100%	100%

Pode-se verificar que, em ambas as variedades do português do século XX, o perfeito composto tende a expressar iteratividade, seguido de duratividade; e, diferente do que ocorre no espanhol, essa forma verbal não apresenta valor perfectivo. Lembrando que estou assumindo a Iteração e a Duração como subvariedades do Aspecto Anterior, e nomeando o Aspecto Perfectivo como Aoristo – definições cujo uso será justificado na seção 5.2.2 adiante.

A variável telicidade verbal também foi controlada nessa investigação, evidenciando que o perfeito composto no PE e no PB tende a aparecer com verbos atéticos, com 62% e 60% de frequência, respectivamente.⁴⁸

Na análise diacrônica do pretérito perfeito no português brasileiro, Barbosa (2008, p. 217) constatou baixa frequência da forma composta no século XX em relação ao século XVI (declínio de 25% a 11% de ocorrência). Um fenômeno que merece destaque é a mudança em relação ao valor aspectual do perfeito composto no português brasileiro ao longo dos anos, ilustrado na tabela a seguir:

⁴⁸ No estudo sincrônico do pretérito perfeito nessas variedades, Barbosa controlou ainda as variáveis: grau de formalidade, tipos de verbos e presença ou ausência de adjunto adverbial, cujos resultados não serão discutidos nesta tese.

Tabela 5 – Valores aspectuais do perfeito composto no português brasileiro (BARBOSA, 2008, p. 220)

SÉCULOS	VALORES			TOTAL
	PERFECTIVO	ITERATIVO	DURATIVO	
XVI	51%	42%	7%	100%
XVII	33%	65%	2%	100%
XVIII	23%	68%	9%	100%
XIX	5%	67%	28%	100%
XX	-	60%	40%	100%

Conforme evidencia a amostra de Barbosa (2008), o perfeito composto do PB, que atualmente expressa Aspecto Anterior (durativo e iterativo), já expressou do século XVI ao século XIX perfectividade, havendo um declínio desse uso ao longo dos séculos: de 51% de frequência no século XVI para 5% no século XIX. Em contrapartida, os valores iterativo e durativo apresentam um aumento de uso do século XVI ao século XX. Ainda que os resultados não apontem um aumento gradativo, o valor iterativo passa de uma frequência de 42% para 60% de uso, e o durativo, de 7% a 40%, mostrando que, desde o século XVII, o valor predominante do PPC parece ser o Iterativo. Seguem algumas ocorrências do uso perfectivo da forma composta apresentadas por Barbosa (2008, p. 221):

- (57) Eu **tenho mandado** o Tome de Souza daquy desta capitania hum pilloto que he sobrinho de Pero de Campo.
- (58) Eu as que poderei a V. Ex^a minhas são de que **tenho chegado** a esta Capital no dia 31 de outubro.

Segundo a autora, no português atual, a forma composta nessas ocorrências seriam substituídas pela forma simples:

- (57') Eu **mandei** o Tome de Souza daquy desta capitania hum pilloto que he sobrinho de Pero de Campo.
- (58') Eu as que poderei a V. Ex^a minhas são de que **cheguei** a esta Capital no dia 31 de outubro.

O que chama a atenção nessas ocorrências do português brasileiro, especialmente de pesquisadores do sistema verbal castelhano, é essa inversão de valores do PPC ao longo dos anos. Conforme já

discutido em seções anteriores, a expressão de Aspecto Aoristo (ou perfectividade, cf. definição que se assuma) representa a última etapa da gramaticalização do perfeito composto, conforme propõem Harris (1982) e Alarcos Llorach (1984). Os estudos mencionados nesta tese levam a crer que a língua espanhola vem seguindo essa direção, diferente do que parece ter ocorrido com o português brasileiro. Segundo os resultados de Barbosa (2008), podemos inferir que o valor aorístico fez parte da história do perfeito composto no PB, mais precisamente no período compreendido entre os séculos XVI e XIX.⁴⁹ Pouco a pouco, entretanto, as noções de iteração e duração passam a ser mais frequentes, ou seja, o PPC passa de Aoristo para Anterior (de Perfectivo para Perfecto). Na seção a seguir, discorro sobre essa diferença na trajetória do PPC português e espanhol.

2.2.4.4 Breve comparativo do percurso histórico do PPC no português e no espanhol

Conforme antecipado na seção anterior, indícios apontam a possibilidade de o pretérito perfeito composto ter seguido caminhos distintos em línguas românicas como o português e o espanhol. Barbosa (2008) constatou que o atual PPC português, cujo valor é durativo ou iterativo, já desempenhou, historicamente nesse idioma, a função aorística. Essa trajetória opõe-se a de outras línguas românicas, como o espanhol, no qual o caminho da mudança é inverso, de acordo com a ilustração que proponho no quadro a seguir:

PPC PORTUGUÊS	PPC ESPANHOL
<p><Aoristo>-----<Anterior> Perfectivo Perfecto</p>	<p><Anterior>-----<Aoristo> Perfecto Perfectivo</p>

Quadro 5 – Evolução semântica do PPC no português e no espanhol

Em suma, o que se verifica no português atual é uma oposição aspectual entre o perfeito simples e o perfeito composto, consolidada, segundo Barbosa (2008, p. 245), apenas no século XX, uma vez que “no período compreendido entre os séculos XVI e XIX podemos encontrar ocorrências do PPC com valor semelhante ao de outras línguas

⁴⁹ Ressaltando que o valor aorístico é expresso pelo perfeito simples desde o século XVI, cf. amostra de Barbosa (2008).

românicas, como o francês, e ao nosso PPS: exclusivamente perfectivo.” O que se verifica no uso castelhano do PPS e do PPC, em contrapartida, é uma oposição aspectual, como também temporal, conforme análise de Alarcos Llorach, que identifica os seguintes estágios: resultado > duração ou iteração > ante-presente > presente ampliado.

Também é importante ressaltar a diferença na frequência de uso dessas formas verbais no português e no espanhol. Verificamos que Barbosa (2003) constatou o predomínio do perfeito simples nos períodos dos séculos XIX e XX, apresentando um declínio ainda maior do perfeito composto neste último período: o percentual de 80% de uso do PPC no século XIX cai para 20% no século XX⁵⁰ – resultado que não coincide com o de outras línguas românicas (francês e italiano, por exemplo), nas quais a forma mais produtiva é a composta e não a simples (CAMUS BERGARECHE, 2008; BENVENISTE, 1995 [1959]; FIORIN, 1995; WEINRICH, 1964; entre outros). No espanhol, em contrapartida, o uso dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto é atualmente vivo: “*en el castellano moderno, los dos pretéritos son empleados en la lengua corriente, y el sentimiento lingüístico español impide sustituir el uno por el otro.*” (ALARCOS LLORACH, 1984, p. 13).

Após essa revisão bibliográfica a respeito das mudanças de ordem sintática e semântico-pragmática da construção perifrástica latina *habere* + objeto modificado + particípio flexionado até o atual pretérito perfeito composto românico, na qual enfatizei o percurso histórico do PPC português e espanhol, volto, no capítulo III adiante, a atenção a investigações que tratam do meu objeto de estudo: o PPC espanhol. Ressalto que a discussão bibliográfica proposta no capítulo seguinte servirá de parâmetro para a análise dos dados presentes no *corpus* analisado, de forma a categorizá-los de acordo com os valores expostos a partir de Harris (1982), fundamentalmente.

⁵⁰ Barbosa (2003) atribui esse aumento no uso do pretérito perfeito simples no século XX em relação ao século XIX (de 40% a 60%) às restrições de ordem semântico discursivas impostas ao perfeito composto, ou seja, o PPS pode ocorrer em contextos interditados ao PPC, por exemplo, contextos onde há delimitação de período: *O consumo **tem crescido em 2001**/O consumo **creceu em 2001**; *Ele **tem falado uma única vez**/Ele falou **uma única vez**. Cabe destacar que o exemplo “O consumo tem crescido em 2001” seria gramatical no caso de haver coincidência temporal entre o momento da enunciação e o momento da situação; nesse caso, o ano de 2001.

CAPÍTULO III

ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DO PPS E DO PPC NA LÍNGUA ESPANHOLA

A partir da leitura de diferentes estudos sobre as duas formas do pretérito perfeito castelhanas, pude constatar que a mera comparação de frequências do PPS e do PPC e a comparação entre norma e uso podem trazer interpretações equivocadas sobre o percurso da mudança entre essas formas verbais. Concluí também que a ausência de um maior refinamento das variáveis acaba por obscurecer distinções relevantes no uso dessas formas verbais. Sob essa perspectiva, Howe e Schwenter (2003) defendem, por exemplo, que parâmetros funcionais devem ser tomados em consideração para determinar a distribuição do perfeito composto nas diferentes variedades castelhanas.

Parte das discussões teóricas responsáveis por essas reflexões é apresentada neste capítulo, por meio do qual, objetivo apresentar resultados de pesquisas que, sob diferentes enfoques teórico-metodológicos, trazem contribuições para a análise do objeto de estudo desta tese.

3.1 PPS e PPC em contextos hodierno e pré-hodierno

Conforme já mencionado, a norma gramatical relaciona o uso da formas simples e composta do pretérito perfeito do indicativo com a distância temporal da situação. Assim, em construções como “*Ayer comí una manzana*” e “*Hoy he comido una manzana*”, verifica-se as associações “*ayer*/PPS” e “*hoy*/PPC”. Em Oliveira (2007), constato, no entanto, frequência elevada da forma PPS com modificadores do tipo “*hoy*” – contexto temporal conhecido como hodierno. Chamaram atenção também naquela pesquisa as duas ocorrências do PPC com modificadores do tipo “*ayer*” – contexto pré-hodierno.

O primeiro fenômeno – a presença do PPS em contexto hodierno (*Hoy comí*, por exemplo) – é previsto pelo padrão normativo, e frequentemente discutido em estudos sobre essas formas verbais, os quais costumam afirmar que, nas variedades americanas do espanhol, bem como nas regiões de Astúrias, parte de León e Galícia, esse é o uso prototípico. Por outro lado, a gramaticalidade do segundo fenômeno

(*Ayer he comido*, por exemplo) é discutível, já que gramáticos como Alarcos Llorach (1984), García de Diego (1914) e Gili Gaya (1993) estabelecem o uso do PPS em contextos pré-hodiernos. A despeito desses estudiosos, Oliveira (2007), Kempas (2006), Schwenter (1994), Serrano (1994), entre outros, constataam o uso do PPC nesse mesmo contexto. O que essas e outras investigações têm verificado é um possível avanço do pretérito perfeito composto a contextos prototípicos do pretérito perfeito simples.⁵¹ Discorro nesta seção sobre pesquisas interessadas neste último fenômeno.

Diferentes trabalhos discutem a possibilidade de o uso do PPS e do PPC no espanhol peninsular estar caminhando em direção ao trajeto da gramaticalização seguido pelo francês e pelo italiano do norte (HARRIS, 1982; KEMPAS, 2006; SCHWENTER, 1994; SCHWENTER; TORRES CACOULLOS, 2008; SERRANO, 1994; SQUARTINI; BERTINETTO, 2000). Schwenter e Torres Cacoullós (2008) observam que o *Present Perfect/PPC*⁵² no espanhol peninsular tem sido a forma *default* na expressão de passado perfectivo, embora não rejeite os usos prototípicos dessa forma verbal.⁵³

Squartini e Bertinetti (2000, p. 404) vão em direção a essa observação, apontando a tendência de um processo gradual de “aoristização” (*aoristization*) do *Compound Past/PPC* nas línguas românicas. O resultado desse processo conhecido como “*aoristic drift*” é a passagem de uma função semântica de *Perfect* para um passado perfectivo perifrástico⁵⁴, o qual podemos verificar especialmente na modalidade falada do francês, em que a forma composta (*passé composé*) suplantou completamente a forma simples (*passé simple*).

Embora a discussão sobre o paradigma da gramaticalização na análise do PPC esteja reservada ao capítulo IV desta tese, introduzo o tema a fim de apresentar os estudos dedicados ao processo diacrônico dessa forma verbal na língua espanhola, os quais têm constatado a mudança Anterior > Aoristo não apenas no espanhol peninsular como em algumas variedades da América do Sul.

⁵¹ Encontramos a discussão sobre os usos de PPS e PPC e sua distribuição geográfica no universo hispânico nos seguintes trabalhos: Andión Herrero (2003; 2004); Alarcos Llorach (1994); Gili Gaya (1993); Gutiérrez Araus (1997; 2005); Lapesa (1981); Zamora Vicente (1967); entre outros.

⁵² Devido às diferentes nomenclaturas utilizadas pelos pesquisadores para as formas pretéritas, sigo, quando necessário, a definição original do(s) autor(es), precedendo uma barra e a definição adotada nesta tese.

⁵³ Os usos prototípicos do *Present Perfect/PPC* são: perfeito de resultado, perfeito experiencial, perfeito continuativo e perfeito de passado recente, os quais são discutidos adiante.

⁵⁴ De Anterior para Aoristo, conforme posicionamento assumido nesta tese.

Lapesa (1981, p. 590) argumenta que, na região nordeste da Argentina e em parte da Bolívia, emprega-se o perfeito composto em contextos favoráveis ao perfeito simples, acompanhando, por exemplo, advérbios do tipo “*anteayer*”. Em direção a esse argumento, Donni de Mirande (1992, p. 655-670) afirma que, no nordeste da Argentina, o PPC é a forma verbal preferida, comparado ao PPS – fenômeno que se estende à Bolívia e ao Peru.

Kempas (2006) analisa o uso do *Pretérito Perfecto*/PPC e do *Pretérito Indefinido*/PPS em diferentes contextos temporais a partir de testes de atitudes, aplicados a estudantes de universidades espanholas e da universidade argentina de Santiago del Estero. Analisando sentenças como “*Esta tarde he comprado/compré la pintura*” (contexto hodierno), o autor constatou que 90% dos informantes de Zaragoza, 88,9% de Madri e 63,2% de Andaluzia (Espanha) assinalaram a opção com o PPC – resultado que se aproxima dos dados de Santiago del Estero (Argentina), onde 75% dos informantes também optaram por essa forma verbal. A amostra de León (Espanha), como esperado, evidenciou a preferência pelo PPS no contexto hodierno (57,3%).

No contexto de passado imediato⁵⁵, a preferência pelo perfeito composto é acentuada nos dados de León (56%), Zaragoza (98,6%) Madri (98,2%) e Andaluzia (89,5). Em Santiago del Estero, a preferência por PPC nesse contexto decaiu levemente em relação ao contexto hodierno (66%).

Acerca do contexto pré-hodierno, as repostas dos informantes apontam aceitação muito baixa do PPC nas regiões espanholas de León, Zaragoza, Madri e Andaluzia. Chama a atenção o fato de a aceitação do PPC pré-hodierno ser maior na província argentina de Santiago del Estero, comparado às regiões peninsulares. A tabela a seguir ilustra as repostas dos informantes referentes à pergunta: “*¿Con qué frecuencia usa ud. la construcción ‘Ayer he ido a ver a mi abuela’?*”

Tabela 6 – PP⁵⁶ + “Ayer” (Resultados de Kempas (2006, p. 158))

	León	Zaragoza	Madri	Andaluzia	Santiago del Estero
La mayoría de las veces	4%		1,9%		66,7%
A veces	20%		1,9%	21,1%	22,9%
Nunca	76%	100%	96,3%	78,9%	10,4%

⁵⁵ O “passado imediato” é apresentado como imediatamente anterior ao momento da fala; contextos como: “*¿Qué has dicho?*” “*¿Qué ha sido eso?*”.

⁵⁶ PPC, na minha definição.

Chama a atenção o fato de os leoneses admitirem o uso do PPC pré-hodierno. Como se observa na tabela 6, 4% dos informantes aceitam esse emprego “na maioria das vezes”, e 20% aceitam “às vezes”. Os informantes de Zaragoza nunca admitem tal uso. Na amostra de Madri, 1,9% dos informantes aceitam o PPC pré-hodierno “na maioria das vezes”, e 1,9%, “às vezes”. Em Andaluzia nenhum informante afirma usar a construção “PPC + *ayer*” na “maioria das vezes”, mas 21% admitem o uso dessa construção “às vezes”. A esse respeito vale lembrar que, conforme os resultados apresentados imediatamente anteriores à tabela 6, os leoneses foram os que apresentaram menor aplicação do PPC nos contextos hodierno e de passado imediato, comparado aos informantes das demais regiões da Espanha.

Os resultados da amostra de Serrano (1994), composta de informantes madrilenhos pertencentes a diferentes grupos geracionais e socioculturais, não coincidem com os de Kempas (2006) no que diz respeito aos dados peninsulares. Dentre as 174 ocorrências das formas pretéritas no contexto “*el día de ayer*”, Serrano (1994, p. 50-51) constatou que 70% correspondiam ao perfeito composto, e 30%, ao perfeito simples. Os dados de Schwenter (1994) ficam entre os dois resultados. A partir de um teste aplicado a indivíduos de Alicante (Espanha), Schwenter (1994, p. 88) verificou que a frequência do PPS supera a frequência do PPC em contextos como “*El año pasado he suspendido/suspendí dos exámenes*”: 28% dos informantes elegeram o perfeito composto, e 72%, o perfeito simples.

Ao analisar as respostas à pergunta “¿Con qué frecuencia usa ud. la construcción ‘*La semana pasada he comprado un abrigo*’?”, Kempas (2006) constata a maior aceitação do Pretérito Perfecto/PPC + adv. *la semana pasada* por parte dos informantes de Santiago del Estero, comparado às regiões da Espanha. A tabela a seguir possibilita-nos concluir que “*los informantes santiagueños opinan que en un caso como el anterior [PP+ayer] prevalece el PP en su idiolecto*” (KEMPAS, 2006, p. 159).

Tabela 7 – PP + “*La semana pasada*” (Resultados de Kempas (2006, p. 159))

	León	Zaragoza	Madri	Andaluzia	Santiago del Estero
La mayoría de las veces	3%	1,4%			61,7%
A veces	13,6%		5,7%	22,2%	27,7%
Nunca	83,3%	98,6%	94,3%	77,8%	10,6%

Os resultados das tabelas 6 e 7 são razoavelmente próximos. Observa-se que a absoluta rejeição dos informantes de León e de Andaluzia em relação à construção “PPC + *la semana pasada*” é menor, do que dos informantes de Zaragoza e Madri: 77,8% dos andaluzes, 83,3% dos leoneses, 94,3% dos madrilenhos e 98,6% dos zaragoneses afirmaram “nunca” usar a construção “PPC + *la semana pasada*”.

Destaca-se o fato de os informantes madrilenhos apresentarem alto índice de rejeição a esse tipo de construção, o que não corresponde aos dados de Serrano (1994) e à ocorrência apresentada em (8) no capítulo I desta tese (“*Más de 100 personas han muerto ahogadas en el Golfo de Aden la semana pasada... Algunos han fallecido...*”). Ressalto que, embora apareçam apenas dois dados desse tipo, a amostra que considerei corresponde à língua escrita, conduzindo-nos a inferir que o uso do PPC + advérbio pré-hodierno (*la semana pasada*) possa ser ainda mais recorrente na língua falada.

Também a partir de teste de julgamento de sentença, Howe (2006 *apud* HOWE; SCHWENTER, 2008, p. 102) constata que a preferência pelas formas verbais *Preterit*/PPS e *Perfect*/PPC altera nas variedades de Madri e Valença (Espanha), e de Cusco (Peru), conforme os contextos linguísticos apresentados na tabela abaixo:

Tabela 8 – Distribuição total de *Perfect*/*Preterit* em três variedades do espanhol (HOWE, 2006 *apud* HOWE e SCHWENTER, 2008, p. 102)

Grupo de fatores	Madri	Valencia	Cusco
Co-ocorrência com advérbios do tipo “ <i>hoy</i> ”	<i>Perfect</i> Preferência	<i>Perfect</i> Preferência	<i>Preterit</i> Preferência
Co-ocorrência com advérbios do tipo anterior a “ <i>hoy</i> ”	<i>Preterit</i> Preferência	<i>Preterit</i> Preferência	<i>Preterit</i> Preferência
Interrogativas	<i>Perfect</i> Preferência	<i>Perfect</i> Preferência	<i>Preterit</i> Preferência
Advérbio “ <i>ya</i> ”	<i>Perfect</i> Preferência	<i>Perfect</i> Preferência	<i>Preterit</i> Preferência
Narrativas relacionadas com “ <i>hoy</i> ”	<i>Preterit</i> Preferência	<i>Perfect</i> Preferência	<i>Preterit</i> Preferência

Atendo-se apenas às variedades de Madri e Cusco, observa-se que, de fato, a similaridade no total de frequência não implica similaridade em uso funcional. Enquanto em todos os contextos analisados a variedade de Cusco favorece a forma *Preterit*/PPS, a variedade de Madri favorece o emprego dessa forma verbal apenas nos contextos “co-ocorrência com advérbios do tipo anterior a ‘*hoy*’” e “narrativas relacionadas com ‘*hoy*’”, empregando o *Perfect*/PPC nos demais contextos: “co-ocorrência com advérbios do tipo ‘*hoy*’”; “interrogativas” e “advérbio ‘*ya*’”.

Em direção ao uso do PPC pré-hodierno – conforme pesquisa de Serrano (1994), bem como a ocorrência que illustrei em (8) –, Howe e Schwenter (2008) mencionam, ainda, a frequência de estudos citando o uso perfectivo do PPC em variedades andinas, argumentando que esse aumento de uso é influenciado pelo contato com línguas indígenas (Quechua, especificamente). Sem entrar no mérito dessa questão – relação entre espanhol e Quechua –, os autores apresentam dois dados que evidenciam a proximidade da variedade andina ao espanhol peninsular no que diz respeito ao uso de PP pré-hodierno:

- (59) *Bueno, yo he vivido y he nacido en Lima, pero ya estoy en Cusco hace siete años.*⁵⁷ (HOWE, 2006 *apud* HOWE; SCHWENTER, 2008, p. 101)
- (60) *Bueno, desde ahí, esto ha sido en el setenta y dos, hasta la fecha sigo en esto y espero terminar este año.*⁵⁸ (CARAVEDO, 1989, p. 114 *apud* HOWE; SCHWENTER, 2008, p. 101)

Constatando a similaridade na frequência de uso do PPC numa amostra peruana em relação a uma amostra peninsular, os autores selecionam alguns grupos de fatores a fim de confirmar que essa proximidade diz respeito à frequência, mas não à funcionalidade. Os grupos de fatores selecionados são: referência temporal (controlada, basicamente, através dos tipos de situações temporais *hodiernal* (*hoy*), *hesternal* (*ayer*), *prehesternal* (*antes de ayer*); presença de advérbios temporais e tipos de advérbios (quais tipos de advérbios co-ocorrem com *Preterit* ou *Perfect*: durativo, passado definido, de frequência, etc.); presença de “*ya*”; polaridade (afirmativo vs. negativo); tipo de sentença

⁵⁷ Dado de Cusco.

⁵⁸ Dado de Lima.

(temporal, matriz, relativa, interrogativa, etc.); transitividade (tipo de objeto: animado/inanimado, pronominal animado/inanimado, etc.); número do objeto (singular/plural); e aspecto lexical (durativo, télico, estativo, etc.). A hipótese dos autores de que o uso do PPC em Lima representará um nível intermediário entre as variedades peninsular e mexicana é comprovada na tabela a seguir:

Tabela 9 – Distribuição total de *Preterit/Perfect* em três dialetos espanhóis

	MADRI	LIMA	MÉXICO
<i>Preterit</i> (PPS)	46,4% (827)	73,6% (1470)	85,2% (1903)
<i>Perfect</i> (PPC)	53,6% (956)	26,4% (526)	14,8% (331)
Total	1783	1996	2234

Comparando os resultados da tabela 9 com aqueles representados na tabela 1 desta tese, verifica-se certa semelhança no que diz respeito à distribuição das formas verbais nos países analisados. Assim como na amostra de Oliveira (2007), a maior frequência de *Perfect/PPC* acontece em Madri, seguida por Lima e, por último, pela capital mexicana – considerando apenas os dados dessas três capitais.

Após breve relato sobre o uso das duas formas do pretérito perfeito do indicativo em contextos hodierno e pré-hodierno, sob o enfoque, especialmente, da teoria da gramaticalização, vale examinarmos pesquisas que partem de diferentes abordagens teórico-metodológicas na análise desse objeto de estudo. A ideia é evidenciar a complexidade do tema e os diversos olhares sobre a variação de uso entre o PPS e o PPC na língua castelhana, no sentido de escolher parâmetros de análise para o presente estudo. Por essa razão, pesquisei investigações que testam hipóteses contrárias às minhas, como por exemplo, a tese de Menegotto, tratada a seguir.

3.2 PPS e PPC à luz do Programa Minimalista

Propondo um modelo de análise da variação linguística no marco do Programa Minimalista, Menegotto (2003a; 2003b) analisa o uso do pretérito perfeito do indicativo em duas variedades: o espanhol rioplatense e o castelhano⁵⁹. Segundo a autora, as diferenças observáveis no uso do perfeito simples e do perfeito composto é a manifestação de diferenças paramétricas entre ambas as variedades, “*particularmente*

⁵⁹ Respectivamente, espanhol da região do Rio da Prata (representado pela Argentina) e espanhol peninsular estándar da região de Castilha, cf. Menegotto (2003, p. 48)

asociadas a la manifestación léxica de dos rasgos formales diferentes: el rasgo T1 (pasado) y el T2 (anterior).” O que permite afirmar que “*la existencia de variación interlingüística es una consecuencia de propiedades formales de la gramática universal.*” (MENEGOTTO, 2003a, p. 48). Em sua tese, a autora tenta comprovar a existência de traços formais distintos nas entradas léxicas do auxiliar *haber*:

Espanhol castelhano: *haber* manifesta o traço T1 (*pasado*), que gramaticaliza a relação entre o momento da fala (H) e o ponto de referência (R1);

Espanhol rioplatense: *haber* manifesta o traço T2 (*anterior*), que gramaticaliza a relação entre o momento do evento (E) e a referência (R2).

Devido à diferença nos traços de *haber*, ainda que a gramática de alguns hispano-falantes aceitem construções como:

- (61) *Ayer los alumnos llegaron tarde pero esta mañana han llegado a tiempo.*
- (62) *Ayer los alumnos han llegado tarde.*
- (63) *Esta mañana los alumnos llegaron tarde.*

muitos falantes peninsulares rejeitariam (ou soar-lhes-iam estranhos) os exemplos 62 e 63 – típicos de outras variedades (MENEGOTTO, 2003a, p. 64). Aplicando um teste com falantes argentinos e espanhóis⁶⁰ acerca da gramaticalidade de orações com o PPS e o PPC com marcadores temporais de passado, a autora identifica a seguinte situação:

Espanhóis	Argentinos
a. <i>Ayer ganaron el partido.</i>	a. <i>Ayer ganaron el partido.</i>
b. <i>*Ayer han ganado el partido.</i>	b. <i>Ayer han ganado el partido.</i>

⁶⁰ O teste consiste na seleção de resposta escrita, aplicado a estudantes do curso de Letras e de especialização em Espanhol como língua estrangeira da *Universidad Nacional de Mar del Plata* (Buenos Aires) e da *Universidad Antonio de Nebrija* (Madri). O cômputo das porcentagens é considerado sobre um universo de oito falantes madrilhenos e vinte rioplatenses (MENEGOTTO, 2003, p. 105-105).

Enquanto os argentinos tendem a aceitar a gramaticalidade de ambas as formas do pretérito perfeito com modificadores de passado, os espanhóis tendem a rejeitar a forma composta nesse contexto. Esse resultado se dá devido ao fato de, em ambas as variedades, o perfeito composto manifestar o traço T2 marcado, ou seja, todos os falantes interpretam orações com o PPC como orações que se referem a um evento anterior à referência – um evento já passado. Entretanto, para a variedade castelhana – única que manifesta o traço T1 –, o perfeito composto é incompatível com advérbios relacionados com o passado (**Ha ido al cine ayer*), já que, nessa variedade, a interpretação de uma oração com o PPC conduz a duas referências: “*la anterioridad del evento respecto de una referencia, y la simultaneidad (o cercanía) de otra referencia con el momento de habla (Esta noche Juan ha ido al cine antes de cenar)*” (MENEGOTTO, 2003a, p. 113). Em suma, na variedade castelhana, o perfeito composto sempre indica a anterioridade em relação ao momento da fala, uma vez que o traço T1, que gramaticaliza essa relação, está sempre presente. No espanhol rioplatense, por outro lado, as mesmas orações expressam apenas a relação de anterioridade do evento em relação à referência, sem que esta seja obrigatoriamente o momento da fala; “*el momento del habla no está gramaticalizado en el español rioplatense, lo que permite, por un lado, la combinación del pretérito perfecto compuesto con cualquier marcador temporal de pasado.*” (MENEGOTTO, 2003a, p. 113).

Em direção a seu estudo anterior, Menegotto (2003b, p. 3) sustenta que os exemplos abaixo são agramaticais na variedade peninsular, embora sejam possíveis no espanhol rioplatense:

- (64) *He leído el Quijote más de una vez cuando era chico.*
- (65) *Ayer hemos descubierto la solución al problema.*
- (66) *La semana pasada han publicado mucha información sobre ese tema.*

Segundo a autora, no espanhol peninsular, há uma incompatibilidade temporal entre o antepresente (o que estou chamando de PPC) e os marcadores temporais de pretérito (**He leído... cuando era chico*; **Ayer hemos descubierto*; “*La semana pasada han publicado*); incompatibilidade não verificada na variedade rioplatense (cf. MENEGOTTO, 2003b, p. 3).

Sobre essa questão, vale ressaltar que a ocorrência do jornal espanhol já mencionada em (8) nega a conclusão apontada por Menegotto (2003a; 2003b) referente à agramaticalidade de orações com o perfeito composto acompanhado de modificadores temporais de pretérito. Vimos naquele dado o uso de *han muerto* em uma oração cujo modificador era exatamente igual ao exemplo em (66): *la semana pasada*. É importante destacar que tal ocorrência aparece na língua escrita, mais precisamente em um texto jornalístico, no qual a probabilidade de uso de orações “agramaticais” é muito menor quando comparado à língua falada.

A hipótese, então, é que orações como as exemplificadas por Menegotto (2003b, p. 3), tendo já sido incorporadas na língua escrita, sejam ainda mais frequentes na língua oral. Na tentativa de confirmar essa conjectura, apresento dados que encontro em amostras da língua falada na região de Madri.

(67) *yo es que **he ido** el otro día por allí y:- y lo vi/ pero vamos de todas maneras también/ cuando he ido en el tren ahí he visto obras...* (PRESEEA/Alc/H32S).⁶¹

(68) *...es ya la costumbre mientras desayuno/ ver un poco lo que **ha pasado** el día anterior* (PRESEEA/Alc/H40S).

(69) *Vamos a hablar muchísimo de lo que **ha pasado** en España el 11 de septiembre, de lo que ha pasado después en Afganistán.* (CNN/Espanha – entrevista com Javier Valenzuela. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=YTebiRH6dE4>)

As ocorrências de 67 a 69 contradizem a agramaticalidade do perfeito composto com modificadores temporais pré-hodiernos no espanhol peninsular, mencionada por Menegotto (2003a; 2003b). A constatação do uso de PPC + complemento pré-hodierno em dados reais, representando diferentes níveis de linguagem – menos formal, como uma entrevista sociolinguística (dados 67 e 68), e mais formal, como uma entrevista jornalística (dado 69) – coloca sob suspeita afirmações

⁶¹ Os dados em (67) e (68) pertencem à amostra da cidade de Alcalá de Henares (Espanha) que faz parte do Projeto PRESEEA – trabalho que visa à criação de um *corpus* da língua espanhola falada que atenda à diversidade sociolinguística das comunidades de fala hispano-falantes. As siglas “H” e “M” representam o sexo do informante (*hombre* e *mujer*), precedendo sua idade e o nível de escolaridade (“S” de superior).

que partem de avaliações subjetivas sobre a aceitabilidade de certas construções.

Sustentando essa afirmação, vale citar as respostas dadas por três filólogos espanhóis a respeito da interpretação da sentença: *El equipo X ha ganado la semana pasada*, discutidas por Menegotto (2003a, p. 65-66)

Falante 1: a respeito de “*El equipo X ha ganado la semana pasada*”, a ação não está terminada, pressupondo-se que “*han perdido esta semana, o perdieron la anterior, o van a perder, etc.*”

Falante 2: “*El equipo X ha ganado la semana pasada*” não é agramatical, ainda que “*El equipo X ganó la semana pasada*” tenha o mesmo valor.

Falante 3: “*Mi español rechaza, con toda claridad, la segunda de las secuencias*”, isto é “*El equipo X ha ganado la semana pasada*”. Entretanto, acrescenta o falante, “*creo que es posible oír en Madrid actualmente (en realidad, desde hace ya unos cuantos años) expresiones de ese tipo.*”

As diferentes avaliações apontadas por “*tres hablantes diferentes, los tres pertenecientes a la misma comunidad lingüística (Madrid) (...) los tres altamente alfabetizados y especialistas en filología hispánica*”⁶² (MENEGOTTO, 2003a, p. 65) apontam, a meu ver, uma fragilidade na análise linguística com base em avaliações subjetivas: nem todos os falantes da variedade peninsular admitem a agramaticalidade de *ha ganado la semana pasada*. Somadas às ocorrências ilustradas de 67 a 69, as avaliações dadas pelos três falantes acima mencionados confirmam que o espanhol da região de Castilha aceita o uso de PPC com complementos adverbiais pré-hodiernos – diferente do que conclui o trabalho de Menegotto.

⁶² Os três filólogos são: Guillermo Rojo, Consuelo Tovar e José Luis Aranguez Otero. Como curiosidade, ressalto que a discussão feita por Menegotto tomando como referência três linguistas é questionável, pois especialistas em linguagem não são parâmetros apropriados para a análise sobre a aceitabilidade de estruturas. Além desse fator, um dos linguistas questionados é residente há anos em outra região que não a castelhana. Refiro-me a Guillermo Rojo, professor da Universidade de Compostela desde 1970. Esses fatores podem ter contaminado os resultados de alguma maneira.

Um ponto ignorado por estudiosos da perífrase castelhana *haber* + participípio, mas discutido por Menegotto (2003b), diz respeito à relevância do traço [+/- passado] também no modo subjuntivo. Com base em avaliações de linguistas e professores argentinos e espanhóis, Menegotto (2003b) constatou a aceitabilidade da expressão *ojalá* com qualquer forma do subjuntivo (*Ojalá que ganen/ganaran/hayan ganado/hubieran ganado el partido*). A presença de marcadores temporais, contudo, interferiu na avaliação dos participantes, conforme ilustra o quadro a seguir:

Espanhóis	Argentinos
a. <i>Ojalá que ganaran anoche.</i>	a. * <i>Ojalá que ganaran anoche.</i>
b. * <i>Ojalá que hayan ganado anoche.</i>	b. <i>Ojalá que hayan ganado anoche.</i>

Pode-se verificar que, na variedade peninsular, a agramaticalidade em (b) decorre da incompatibilidade da forma composta com o traço [+passado], igualmente ao que acontece com o pretérito perfeito do indicativo. Na variedade argentina, por outro lado, o imperfeito do subjuntivo é incompatível com o marcador temporal de pretérito.

A partir desses exemplos, Menegotto (2003b, p. 4) afirma que vários exemplos citados pela *Gramática descriptiva de la lengua española* (BOSQUE; DEMONTE, 1999) “*son para nosotros inaceptables*”⁶³, a aceitabilidade só seria possível através da substituição do imperfeito do subjuntivo pelo perfeito do mesmo modo, por exemplo:

(70) *Quizá viniese ayer*⁶⁴ → *Quizá haya venido ayer.*

Sob a perspectiva gerativista, a autora apresenta uma interessante conclusão sobre o fato de os falantes rioplatenses aceitarem as construções *han ganado ayer* e *hayan ganado ayer*, diferente do que ocorre com os falantes peninsulares (segundo a autora).

⁶³ O “*nosotros*” faz referência aos falantes rioplatenses.

⁶⁴ Ridruejo (1999, p. 3209-3251 *apud* MENEGOTTO, 2003b, p. 4).

*Los datos a los que los niños [rioplatenses] están expuestos no permiten activar el rasgo de proximidad en el auxiliar **haber**, al menos en el antepresente, que es una forma poco frecuente en esta variedad. Es decir que las formas de **haber** auxiliar que escucha [o hablante rioplatense] son las del pluscuamperfecto, las del subjuntivo (**haya visto**), las del futuro (**habrá visto**) y las del condicional (**habría visto**). Nosotros sostenemos que el niño activa el rasgo +pasado en el auxiliar **haber**. Es decir, básicamente, que todos los tiempos con **haber** en nuestra variedad con +pasados. De ahí que el hablante interprete – erróneamente de acuerdo con la norma peninsular – que el antepresente es un pasado absoluto (MENEGOTTO, 2003b, p. 5).*

Parece pertinente a discussão que a autora apresenta em relação à aceitabilidade de construções como “*Ayer han ganado*” com o traço [+passado] do auxiliar *haber* na variedade rioplatense. São recorrentes, nessa variedade, as formas verbais compostas *había visto* e *habrá visto*, que apresentam o traço [+ passado], em relação às formas “*vi*” e “*verê*”, por exemplo. Desse modo, como argumenta Menegotto, é possível que o falante dessa variedade interprete “erróneamente” o PPC como um passado absoluto.

Fundamentada em pressupostos teórico-metodológicos diferentes das pesquisas de Oliveira (2007), Serrano (1994) e Howe e Schwenter (1994), Menegotto (2003a; 2003b) chega a interessantes conclusões, que diferem, entretanto, dos resultados do trabalho daqueles autores. Verificamos que, na amostra de Oliveira (2007), havia duas ocorrências do PPC com advérbios relacionados com o passado nos dados de Madri, mas nenhuma ocorrência na amostra rioplatense. No que diz respeito à variedade madrilenha, os resultados de Serrano (1994) são ainda mais discrepantes, já que o uso de PPC + adv. “*el día de ayer*” correspondia a 70% das ocorrências do pretérito. Com uma frequência menos acentuada, os resultados apresentados por Schwenter (1994) evidenciam a gramaticalidade de PPC em situações pretéritas: 28% dos informantes de Alicante elegeram essa forma verbal no contexto linguístico “*el año pasado*”. Os resultados de Kempas (2006) – obtidos também via avaliação de falantes nativos do espanhol de diferentes regiões – são os que mais se aproximam das conclusões a que chega Menegotto (2003a; 2003b). Conforme mencionado, Kempas constata maior aceitação do

PPC pré-hodierno em uma região da Argentina do que em regiões peninsulares.⁶⁵

3.3 A análise do PPS e do PPC sob o prisma pragmático-discursivo

Também investigando a variedade rioplatense, Bermúdez (2005) critica a tradicional interpretação apontada por diversos pesquisadores dos tempos verbais como dêiticos temporais.⁶⁶ No trabalho em questão, Bermúdez propõe uma descrição do significado das formas verbais como marcadores evidenciais/modais, concentrando-se especialmente no pretérito perfeito composto.

Segundo Henderson (2003 *apud* BERMÚDEZ, 2005), ao contrário do que se costuma afirmar, o perfeito composto é uma forma absolutamente viva na fala rioplatense, apresentando a significação resultativa (dado em 71) ou aspectual complexa – definição dada por Henderson na qual se incluem os usos iterativos (dado em 72) e durativo (dado em 73):

- (71) *Y también tenemos con nosotros a Delfina Muschiatti, que, bueno, nos ha, no es reciente esta edición, pero nos **ha maravillado** con su traducción de Pasolini.* (PPC resultativo).
- (72) *Y entonces en cada reunión, cada uno de los señores explica qué es lo que **ha hecho** en su empresa y se **ha mandado** personal a grupos a cursos externos.* (PPC iterativo “aspectual complejo”).
- (73) *Bueno, llegué a Jordania, ese pueblo árabe que **ha sufrido** tanto por cierto; me impresionó.* (PPC durativo “aspectual complejo”).

No contexto resultativo, que representa um “evento ocurrido y concluido en un punto indefinido y anterior al momento de la

⁶⁵ Cabe destacar que as áreas selecionadas por esses pesquisadores coincidem apenas no que diz respeito ao país (Argentina) – enquanto Menegotto analisa dados rioplatenses, Kempas analisa dados de Santiago del Estero.

⁶⁶ Nas citações sobre o trabalho de Bermúdez (2005) nesta tese, aparece apenas o ano, pois o artigo disponível no site http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0071-17132005000100012&script=sci_arttext não apresenta as páginas numeradas.

enunciación, que cambia el estado actual de las cosas”⁶⁷ (HENDERSON, 2003 *apud* BERMÚDEZ, 2005), o espanhol rioplatense apresenta uma variação entre as formas simples e composta do pretérito perfeito, sendo a primeira a forma predominante nessa variedade. Para Henderson, a escolha pelo perfeito simples ou composto, nesse contexto, é determinada pelo grau de formalidade da situação comunicativa: quanto maior o grau de formalidade, maior a probabilidade de emprego da forma composta.

Para evidenciar a complexidade da análise do perfeito composto espanhol, Bermúdez cita ainda os trabalhos de García Negroni (1999) e Henderson (2005). Para García Negroni, a concorrência entre as duas formas do pretérito perfeito se traslada ao plano do discurso: o uso do perfeito composto indicará um maior grau de adesão do falante frente ao que está sendo dito, e do perfeito simples, por consequência, um maior distanciamento. Em trabalho posterior, Henderson (2005 *apud* BERMÚDEZ, 2005) refina a categorização do PPC, argumentando que, na variedade rioplatense, essa forma verbal apresenta um uso aspectual de diferentes valores: “*aspectual complejo*” (iterativo e durativo) e “*constatación de (no) hechos*” (indicando matizes de formalidade ou de emotividade/surpresa).

Passando à análise dos tempos verbais como marcadores modais/evidenciais, Bermúdez (2005) sustenta que o significado básico do perfeito simples é aspectual e não temporal: “*apresenta un evento como concluido o cerrado a la influencia exterior, o dicho de otra forma, presenta un evento desde una perspectiva externa.*” Sob esse prisma, é possível explicar o uso do PPS para referir-se a eventos passados, presentes ou futuros.⁶⁸

- (74) *Ayer me fui al cine.* (passado)
- (75) *Bueno, yo me fui.*⁶⁹ (presente)
- (76) *No, no llames a las 5 porque a esa hora ya me fui.* (futuro)

⁶⁷ Pode-se observar que o PPC de resultado discutido por Bermúdez (2005) é diferente da perífrase resultativa “*Tengo leídas las cartas*”, presente no espanhol contemporâneo, cuja marca de concordância entre participípio e complemento direto evidencia tratar-se de uma construção perifrástica e não um tempo composto.

⁶⁸ Interessante notar que autores como Alarcos Llorach (2001, p. 166) atribuem ao PPC e ao PPS as perspectivas presente e passado, respectivamente – conforme quadro 4 que apresentei anteriormente. Parece ser inovadora a atribuição a PPS de perspectiva futura.

⁶⁹ Uso cotidiano do pretérito perfeito simples para referir-se a eventos coincidentes com o momento da enunciação; também possível no português “Fui!”, no sentido de “Estou indo!”.

Nos exemplos em (75) e (76), o falante não pretende se referir a eventos passados, senão apresentar o evento como algo fechado à influência externa, inevitável, concluído. Sob essa perspectiva, o uso de *fui* de 74 a 76 são coincidentes na apresentação de eventos fechados à influência externa; contudo, não apresentam coincidência temporal, o que “*permite concluir que el significado básico del morfema es el aspectual y no el temporal, y que la deixis temporal más frecuente es una simple consecuencia de su significado aspectual.*” (BERMÚDEZ, 2005).

Bermúdez defende que é possível descrever o significado dos tempos verbais limitando-se às noções de Modalidade, Aspecto e Evidencialidade⁷⁰, ou seja, sem fazer referência à dêixis temporal. Como vimos nessa inovadora proposta do autor, a explicação do pretérito perfeito simples ocorre via Aspecto. Acerca da Modalidade, a discussão parte dos seguintes exemplos:

(77) *Yo ordeno y ustedes pasan la aspiradora.*

(78) *Los internos tendrán derecho a efectuar peticiones a las autoridades.*

(79) *— ¡Me olvidé de traer los libros!
— Te fuiste ya mismo a buscarlos a tu casa.*

Os três exemplos anteriores, segundo Bermúdez, apresentam significado modal deôntico, uma autoridade implícita: do próprio falante em (77) e (79) e do código carcerário em (78). Em (77), o uso deôntico do presente do indicativo pode ser interpretado como um pedido ou uma proposta. O uso do futuro em (78) apresenta a modalidade deôntica na expressão de uma norma, um dever. O pretérito perfeito simples em (79), por sua vez, expressa uma ordem absolutamente livre de desacato.⁷¹

⁷⁰ Com base na conclusão a que chega Sweetser (1982) de que os usos epistêmicos dos verbos modais representam extensões metafóricas do significado nuclear, ou seja, que a modalidade epistêmica pode ser considerada uma forma mais elaborada, mais abstrata e mais subjetiva da modalidade deôntica, Bermúdez (2005) propõe que o Aspecto é uma extensão metafórica da Evidencialidade: “*la distancia entre la fuente de información y el hablante (evidencialidad) se convierte en la perspectiva que toma el hablante frente a lo expresado (aspecto).*”

⁷¹ Em Oliveira (2008a), discuto a atuação da modalidade epistêmica no uso do PPS e do PPC. Discorro sobre os resultados dessa pesquisa na seção 5.3 adiante.

Atendo-se à forma mais amplamente discutida por pesquisadores do sistema verbal – o perfeito composto –, Bermúdez reconhece quatro valores dessa forma verbal no espanhol rioplatense: evidencial, resultativo, admirativo e iterativo.

O primeiro valor, evidencial – mencionado originariamente por Bermúdez – é ilustrado nas seguintes ocorrências:

(80) *—Ahí en la esquina hay muchos policías. Algo **ha pasado**.*

(81) *A: El otro día un muchacho sicoanalista me decía que sí, que todas las pacientes se enamoran del analista.*

*B: Eso es porque **ha mallevado** el tratamiento; de mí no se enamora, aparte de que yo soy un pobre viejo, de mí no se enamora nadie... de esa manera.*

Os usos de *ha pasado* e *ha mallevado* expressam o valor evidencial do perfeito composto, o qual poderia ser parafraseado como “*de acuerdo con/a partir de la evidencia disponible, concluyo que...*”. Referente à situação em (80): a partir da presença inusual da polícia, concluo que aconteceu algo. No caso da situação em (81): a partir da declaração do “*muchacho sicoanalista*”, concluo que esse cometeu algum erro no tratamento. Para Bermúdez, o valor evidencial é a base dos demais valores, sobre os quais discorro à continuação.

O valor admirativo⁷² não é, segundo Bermúdez, completamente distante do significado evidencial: “*si convenimos que el significado básico del PPC es ‘a partir de la evidencia disponible afirmo/concluyo X’, no es raro que la evidencia encontrada y la conclusión/afirmación consecuente puedan ser contrarias a las expectativas.*” Vejamos um exemplo do perfeito composto com valor admirativo.

(82) *P: Hablemos ahora con el doctor Marcos Aguinis, médico psiquiatra y escritor. ¡Buenas tardes doctor Aguinis! ¿Cómo está usted?*

A: Buenas tardes, Pinky. Muy bien, gracias.

*P: ¡Así que **ha rechazado** un homenaje en el honorable Senado de la Nación!*

⁷² A meu ver, valor bastante próximo ao que Gutiérrez Araus (1997, p. 25) chama de “*pasado enfatizador*”, tratado em páginas adiante nesta tese.

A escolha pelo perfeito composto em detrimento do perfeito simples justifica-se, conforme Bermúdez, pelo matiz de surpresa que envolve o enunciado: o falante constata um acontecimento que não coincide com as expectativas.

Acerca do valor resultativo, Bermúdez (2005) atenta para sua proximidade semântica em relação ao valor evidencial. Segundo o autor, ambos os significados podem ser descritos da mesma forma: “*a partir de la evidencia a la que tengo alcance, afirmo/concluyo que X*”. A diferença reside no fato de, nos casos resultativos, a evidência ser direta, mais ligada à relação causa/efeito.

(83) *Es un momento más oportuno la hacienda **ha bajado** y a uno le conviene comprar.*

Podemos interpretar o dado em (83) como “segundo a evidência a que tenho acesso, os preços estavam mais altos, o que me permite dizer que os preços foram reduzidos.” Em outras palavras, o valor resultativo aparece mais ressaltado do que o evidencial, sendo este último mais circunstancial. Trata-se na verdade, de uma mera diferença de grau entre ambos os valores: “*en todos los casos el hablante expresa una referencia a la evidencia disponible, aunque la evidencia sea de diferente tipo, más o menos circunstancial, más o menos conocida...*” (BERMÚDEZ, 2005).

O perfeito composto iterativo é, segundo Bermúdez, aparentemente mais difícil de ser associado ao significado básico: o evidencial.

(84) *Y algunas veces que **he tenido** que hacer así, por ejemplo, en mi profesión cada vez que me **he puesto** a resolver un pleito muy difícil, en el que necesito estudiar mucho, **he superado** le diría bastante bien, la prueba. **He podido** resolver el pleito y **he podido** estudiar y entregarle todas las horas que hacía falta al estudio de ese caso concreto.*

Ao verificar a evidência de um evento, tanto é possível não encontrar evidência alguma⁷³, quanto encontrar mais de uma ocorrência, como é o caso da repetição de eventos verificada nas formas *he tenido*, *he puesto*, *he superado* e *he podido*. Dessa forma, defende o autor, o

⁷³ O que se pode notar, segundo Bermúdez, na alta frequência do perfeito composto em contextos de negação.

significado iterativo do perfeito composto não só é compatível com o valor básico, como também uma consequência direta do significado evidencial.⁷⁴ Como se pode verificar, a relação entre o significado iterativo e o significado evidencial é só “aparentemente” mais difícil de ser associada.

Embora muitos pesquisadores partam das categorias Tempo, Aspecto e Modalidade no estudo da unidade linguística verbal – tema discutido no capítulo 5 desta tese –, a proposta de Bermúdez é delinear um modelo para a descrição dos tempos verbais lançando mão das noções de Modalidade, Aspecto e Evidencialidade. A meu ver, as discussões do autor caminham em direção a uma análise de caráter pragmático-discursivo, colocando em evidência que as escolhas gramaticais são frequentemente motivadas pelo objetivo discursivo do enunciador (BENVENISTE, 1995; GARCÍA NEGRONI, 1999; GUTIÉRREZ ARAUS, 1997; MATTE BON, 1995; OLIVEIRA; SILVA, 2009; WEINRICH, 1964).

Analisando as duas formas do pretérito perfeito do indicativo castelhano, Gutiérrez Araus (1997) atribui a escolha pelo PPS ou pelo PPC também a fatores pragmáticos. Segundo a autora, quando o falante quer dar maior força emotiva a uma ação passada que constitui o “ponto culminante” de uma sucessão de eventos, expressa-a no pretérito perfeito composto:

- (85) *Inesperadamente **apareció** un hombre frente a la casa, se **acercó** a la puerta, **llamó** al timbre y, al abrir Isabel, ¿sabes lo que le **ha dicho**?* (GUTIÉRREZ ARAUS, 1997, p. 25).

García Negroni (1999) também reconhece a possibilidade de o uso do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto apresentar valores particulares captados no discurso. Segundo a autora, a escolha por uma das formas verbais constitui uma estratégia discursiva do emissor, com o objetivo, por exemplo, de modalizar. Exemplificando: as duas formas do pretérito perfeito marcam diferentes graus de adesão – quando o emissor utiliza o perfeito composto, ele pretende evidenciar um maior envolvimento diante do fato que é

⁷⁴ A partir dessa discussão, Bermúdez (2005) chama a atenção para a possibilidade de se dizer que o Aspecto é uma extensão metafórica da evidencialidade: “*el aspecto (en este caso la perspectiva iterativa) es una forma más abstracta, más subjetiva, de la evidencialidad, del mismo modo que la modalidad epistêmica es una forma más abstracta, más subjetiva, de modalidad.*”

expresso, ou melhor, sua intenção é, na verdade, estimular a aceitação do receptor.

Nessa direção, parecem pertinentes a relação que Benveniste (1995 [1959]) e Weinrich (1964) propõem entre tempos verbais e mundos (planos) discursivos. Ao investigar o sistema verbal do francês, Benveniste (1995) mostra que a organização dos tempos verbais depende de princípios complexos. Nessa perspectiva, o autor separa dois sistemas distintos (porém, complementares), que se manifestam em dois planos de enunciação: o *plano da história* e o *plano do discurso*. Segundo Benveniste, a enunciação histórica contempla três tempos: o aoristo (*passé simple* do francês), o imperfeito, o condicional e o mais-que-perfeito. Nesse plano, o historiador jamais dirá *eu, tu, aqui e agora*, já que ele não se inclui nos acontecimentos narrados. Por outro lado, o plano discursivo constitui-se, basicamente, de todos os gêneros que evidenciam a fala de um locutor para um receptor, ou seja, “toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro” (BENVENISTE, 1995, p. 267). Os três tempos verbais do plano do discurso são: presente, futuro e perfeito – compreendido, este último, como *passé composé*.

Análogo a Benveniste, Weinrich (1964) mostra que as formas temporais do francês não desempenham propriamente a função de localização temporal. Elas servem, sobretudo, para situar o leitor ou o ouvinte no processo comunicacional. O presente, o perfeito composto e o futuro do presente (verbos do grupo I) mostram que o emissor está comentando os fatos; o perfeito simples, o imperfeito, o mais-que-perfeito e o futuro do pretérito (verbos do grupo II), por outro lado, indicam que o emissor os está narrando. Com base nesse pressuposto, Weinrich divide dois sistemas temporais: o do mundo comentado e o do mundo narrado, respectivamente.

Vale ressaltar que ambos os autores reconhecem a possibilidade de intercalação de planos, ou seja, é possível que, no meio de uma narrativa, apareça um discurso: o julgamento do narrador ou a de um personagem, por exemplo. Essa intercalação de mundos é o que Weinrich trata como metáfora temporal: a ocorrência de um tempo verbal em um contexto estranho, ou seja, um tempo verbal do mundo narrado em um contexto onde predominam formas verbais do mundo comentado (e vice-versa). Segundo Weinrich (1964, p. 167), cada metáfora tem seu significado: verbos do grupo II (mundo narrado) no grupo I (mundo comentado), por exemplo, conduzem a certo relaxamento, denotando menos compromisso de quem enuncia; verbos

do grupo I no grupo II, por sua vez, denotam maior tensão e compromisso do enunciador.

Fundamentando-me nessas perspectivas discursivas, em Oliveira (2008b), analiso o uso do PPS e do PPC nos gêneros notícia e artigo de opinião – gêneros da esfera jornalística que se enquadram em categorias distintas: o primeiro representa o jornalismo informativo/narrativo; o segundo, o jornalismo opinativo. Constatado, no gênero notícia, a alta frequência dos pretéritos perfeito simples, imperfeito e mais-que-perfeito, visto que são formas verbais que afastam o enunciador do acontecimento, conforme Benveniste (1995) e Weinrich (1964). Por outro lado, conforme a hipótese inicial, o gênero artigo de opinião apresentou um movimento oposto, ou seja, ao contrário da notícia, o autor do artigo assume, com maior frequência, um posicionamento ativo diante de seu discurso, pois “é parte integrante dele”. Logo, observa-se que o presente, o perfeito composto e o futuro são os tempos verbais predominantes no gênero considerado (sobretudo o primeiro tempo verbal).

Interessada nos “usos metafóricos” das duas formas do pretérito perfeito do indicativo – o PPC, verbo do comentar, na notícia; e o PPS, verbo do narrar, no artigo de opinião –, no trabalho mencionado, discorro sobre algumas funções discursivas dessas formas verbais nos contextos em questão. O uso metafórico do PPC no mundo do narrar é discutido a partir das cinco ocorrências dessa forma verbal numa notícia em que predominava o PPS. Vale ressaltar que quatro desses dados aparecem no primeiro parágrafo da notícia (dado em 86), e uma, no parágrafo final, em um discurso indireto (dado em 87).

(86) “*Un avión de pasajeros indonesio con 140 personas a bordo se **ha incendiado** cuando aterrizaba en el aeropuerto de Yogyakarta, en la isla de Java. Decenas de personas **han muerto** en el accidente. Aunque las cifras **han variado** según el Gobierno y la aerolínea Garuda Airlines, **ha rebajado** a 22 el número de muertos.*”

(87) “*El presidente de Indonesia, Susilo Bambang Yudhoyono, **ha ordenado** una investigación completa de las causas del suceso, incluida la posibilidad de sabotaje.*”⁷⁵

⁷⁵ Notícia publicada em periódico espanhol. In: Oliveira (2008b, p. 2853).

Considerando que a forma verbal predominante na notícia é o pretérito perfeito simples, torna-se interessante a sequência de verbos no perfeito composto na introdução da notícia. O exemplo em (86) precede o seguinte parágrafo:

- (88) “*El portavoz de la compañía, Pujobroto, **dijo** que los equipos de rescate **encontraron** en el avión 21 cadáveres y otra persona **murió** de las graves heridas que **sufrió** una vez fuera del aparato. En total, 112 pasajeros y seis tripulantes, de las 140 personas que **viajaban** en el Boeing 734-400 siniestrado, **salieron** con vida del aparato en llamas, que al final **quedó** calcinado. La mayoría de los supervivientes **sufrió** heridas de diversa gravedad...*”

O dado em (88) evidencia que o emissor, para seguir narrando o acontecimento, seleciona os verbos do mundo narrado (destacados no fragmento), conforme previsto pelas teorias de Benveniste e Weinrich. O emprego de *han incendiado*, *han muerto*, *han variado* e *han rebajado* – formas do mundo comentado – na introdução da notícia é justificado pela intenção do enunciador em chamar a atenção do leitor para a atualidade do acontecimento. Conforme Oliveira (2008b, p. 2854), no dado em (86), é possível que o emissor tenha empregado o PPC para alcançar três objetivos: i) denotar a atualidade do acontecimento; ii) demonstrar maior comprometimento diante de seu discurso; iii) chamar o leitor para uma atitude responsiva. Lembrando que a metáfora do grupo I (mundo comentado) para o grupo II (mundo narrado) evidencia uma tentativa de envolver os interlocutores no discurso, demonstrando maior tensão de quem se pronuncia. O outro único emprego do perfeito composto, num contexto em que predominam tempos verbais do mundo narrado, é o verbo *dicendi* “*ha ordenado*” destacado em (87). O emprego do perfeito composto (*ha ordenado*) mostra que o emissor sai do plano da história e entra para o plano do discurso, pois essa é uma forma do mundo comentado. É possível que o emissor apresente um verbo *dicendi* na forma composta a fim de dar ênfase à voz do outro, aproximando-a do momento da enunciação.

O uso metafórico do PPS no mundo do comentar é discutido a partir da ocorrência em (89).

- (89) “*Es irritante leer que la Academia ha compensado al fin a Martin Scorsese. Es como decir que le han dado un Oscar Honorífico, lo cual sería merecido para quien **dio** vida a*

*Toro Salvaje o para quien lidera esa misión pedagógica de enseñar a los futuros cineastas el viejo cine, tarea heroica en un país en el que se ignora que el cine **fue** alguna vez en blanco y negro (...) A su vez, Clint Eastwood **concedió** el Oscar Honorífico a otro viejo maestro, Morricone (...) Casi juvenil parecía a su lado otra nominada, Helen Mirren, que lleva el éxito con la naturalidad de quien **entregó** su juventud al arte de la interpretación y no a las ceremonias, igual que la extraordinaria Judy Dench, que **brilló** por su ausencia y sobre la que se **hizo** el chiste más grosero, "no ha venido porque se está operando el pecho". Incomprensible que la única vez que Ellen DeGeneres tratara de ser sarcástica fuera para hacer una broma de mal gusto sobre una dama entrada en años. En algún momento, la presentadora **dijo** que sin negros, homosexuales y judíos no habría oscars..."⁷⁶*

Antes de passar para a análise do PPS num gênero opinativo, em Oliveira (2008b, p. 2855), chamo a atenção para o uso pré-hodierno do PPC (*han dado*) no artigo analisado, considerando que o evento (a entrega do Oscar) ocorreu dois dias antes de o artigo ser publicado (dia 26/02/07). O exemplo talvez seja um indício de que o plano da enunciação seja fator relevante na escolha por uma das formas verbais. Isso quer dizer que, no emprego do perfeito simples e do perfeito composto, a relação temporal do evento em relação ao momento da enunciação seja menos determinante do que a orientação discursiva que assume o falante (narração ou discurso).

Verifica-se, ainda, que o enunciado em (89) inicia com tempos verbais do plano do discurso (*es, ha compensado e han dado*). Em seguida, entretanto, aparecem sete ocorrências do PPS – forma verbal do plano da história: *dio, fue, concedió, entregó, brilló, hizo e dijo*. Chama a atenção o fato de os eventos “Clint Eastwood **concedió** el Oscar Honorífico a otro viejo maestro”; “la extraordinaria Judy Dench, que **brilló** por su ausencia y sobre la que se **hizo** el chiste más grosero” (representados pelo perfeito simples) estarem situados no mesmo plano temporal de “**ha compensado** al fin a Martin Scorsese... le **han dado** un Oscar Honorífico” (eventos apresentados na forma composta). Esse fenômeno pode ser uma evidência de que a marca temporal não é fator determinante na escolha por uma forma verbal ou outra. A característica

⁷⁶ Artigo de opinião publicado em periódico espanhol. In: Oliveira (2008b, p. 2855).

opinativa do artigo é evidenciada já nas primeiras linhas do texto, isto é, o articulista introduz o artigo se posicionando criticamente através do uso da expressão *es irritante* e da forma verbal composta do pretérito perfeito (*han dado*). É importante verificar ainda que a expressão *al fin*, acompanhada do evento *ha compensado* confirma o discurso opinativo do emissor. Resta compreender o emprego de *entregó su vida* e do verbo *dijo*. O primeiro é uma breve narrativa que o articulista traz sobre a vida da atriz Hellen Mirren. Observa-se que, mesmo sendo uma narração, a opinião do emissor é metaforicamente evidenciada “*entregó su vida al arte de la interpretación*”. Admitindo que o PPS é, por definição, o verbo do narrar, não expressando a opinião do emissor, é possível que *dijo* – verbo *dicendi* presente no exemplo (89) – represente afastamento da opinião do emissor em relação ao discurso (OLIVEIRA, 2008b, p. 2855-2856).

Este capítulo, no qual apresento análises sobre o PPS e o PPC em diferentes territórios hispânicos e sob diferentes enfoques teórico-metodológicos, põe em evidência a complexidade do objeto de estudo desta tese. As conclusões ora concordantes ora discrepantes constatadas nas distintas abordagens mencionadas – cujo objetivo consiste em definir a função dessas formas verbais na língua em uso – mostram-me a relevância em procurar novas respostas apoiada na consideração de diferentes categorias.

CAPÍTULO IV

FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO E GRAMATICALIZAÇÃO

As discussões anteriores, que põem em destaque a variação no uso das formas do pretérito perfeito nas línguas românicas e sua mudança desde a forma original perifrástica do latim, sinalizam a perspectiva de língua que assumo nesta investigação: a língua como um fenômeno social e mutável. Nessa perspectiva, esta tese fundamenta-se nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico, cujo modelo de análise é assentado no discurso.

A esse respeito, é necessário mencionar que o reconhecimento de que a língua é um fenômeno social – por essa razão, a mudança é fator intrínseco – não se origina na corrente funcionalista (GIVÓN, 1995; 2001a, 2001b; HOPPER, 1996; TRAUGOTT, 2003, BYBEE; PERKINS e PAGLIUCA, 1994)⁷⁷, tampouco na contemporânea Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1972; 1978; 1994; 2001). Na verdade, essas correntes teóricas – que, apesar de se aproximarem por admitirem o caráter funcional e heterogêneo da língua, divergem-se quanto a encaminhamentos teórico-metodológicos⁷⁸ – estão assentadas em pressupostos anteriores.

⁷⁷ Vertente norte-americana.

⁷⁸ Back (2008, p. 61-62) aponta as convergências entre ambas as teorias a partir dos seguintes aspectos: a) foco na língua em uso; b) o fenômeno da mudança recebe lugar de destaque; c) o olhar sobre a frequência de uso é fator relevante na análise; d) no estudo da mudança os dados sincrônicos e diacrônicos se complementam; e) crença no princípio do uniformitarismo, prevendo que as forças que agem sobre a variação e a mudança são, em princípio, as mesmas que atuaram em épocas anteriores e f) reconhecimento da relação entre fenômenos linguísticos e sociedade. Em seguida, a autora apresenta os aspectos divergentes: a) na Teoria da Variação e Mudança (definida pela autora também como sociolinguística variacionista), a mudança é vista como decorrente da variação; no Funcionalismo Linguístico, a variação decorre da mudança; b) a primeira controla grupo de fatores discretos que atuam de forma independente, “buscando generalizações a partir de um número mínimo possível de fatores”; a última “prima pela noção de *continuum*, de modo que os grupos de fatores costumam se mostrar complexos e escalares”; c) “enquanto a sociolinguística variacionista toma como básica a noção de estrutura ao postular a ‘regra variável’ e seus condicionamentos, operando com a noção de regras abstratas, o funcionalismo se pauta na primazia da função.” Algumas investigações buscam respostas para seus objetos de estudo em ambas as correntes teóricas (BACK, 2008; COAN, 2003; FREITAG, 2007; GÓRSKI *et al.*, 2003; GÓRSKI; TAVARES, 2006; GÓRSKI, 2008; TAFNER, 2004; TAVARES, 2003; entre outros).

A concepção da linguagem como um fato eminentemente social, considerando inaceitável um estudo da variação que desconsidere as condições externas nela envolvida – concepção presente em Meillet (1965 [1912], p. 230), por exemplo – parece abrir caminho às teorias acima mencionadas, surgidas décadas mais tarde.

Embora tenha buscado na Teoria da Variação e Mudança respostas para meu objeto de estudo⁷⁹, tendo esta participado como construto teórico de outras investigações sobre o mesmo tema⁸⁰, é nos pressupostos funcionalistas, especialmente em sua abordagem sobre a gramaticalização (BYBEE, 2003; GIVÓN, 1995; 2001b; HEINE, 1993; 2003; HEINE *et al.*, 1991; HOPPER, 1987; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; MOURA NEVES, 1997; 2002), que as análises desta tese estão fundamentadas.

Antes de me ater à discussão sobre o paradigma da gramaticalização, vale apresentar os pressupostos do Funcionalismo Linguístico norte-americano que justificam a escolha por essa fundamentação teórica.

- a) A linguagem é uma atividade sócio-cultural.
- b) A estrutura está a serviço da função cognitiva e comunicativa.
- c) A estrutura é maleável, motivada, e não-arbitrária.
- d) Mudança e variação estão sempre presentes.
- e) O sentido é dependente do contexto.
- f) Gramáticas são emergentes. (GIVÓN, 1995, p. 9)

Conforme já mencionado, o Funcionalismo Linguístico concebe a linguagem como um instrumento de interação social, ou seja, a análise a partir dessa abordagem tenta ir além do aspecto formal da língua, buscando motivações discursivas para o uso de determinadas estruturas. Segundo essa abordagem, as estruturas desempenham um papel no discurso, já que são pressionadas por funções. Em outras palavras, a gramática não é arbitrária – pressuposto que coloca em evidência o

⁷⁹ No trabalho “A noção de regra variável na morfossintaxe: um estudo sobre as formas verbais espanholas ‘*dejó*’ e ‘*ha dejado*’” (OLIVEIRA, 2009), discuto a possibilidade de estender a noção de regra variável para além do plano fonético-fonológico – o que vai em direção às conclusões de Labov (1978). A esse respeito, vale a pena ler o diálogo que esse artigo de Labov propõe com o trabalho de Lavandera (1978).

⁸⁰ Ver Santos (2008; 2009); Santos; Reich (2008), sobre o PPC espanhol, e Barbosa (2008), sobre o PPC português, por exemplo.

princípio da iconicidade: se uma forma surge na língua é para desempenhar uma função (GIVÓN, 2001b, p. 34-37).

É importante acrescentar, entretanto, que a iconicidade entre forma e função não pressupõe uma relação biunívoca, cuja fórmula seria de um para um, isto é, para cada forma, uma função. A mobilidade da língua prevê a existência de uma forma para diferentes funções e vice-versa. O objeto de estudo desta tese corrobora essa afirmação: verificamos que a forma PPC desempenha no discurso diferentes funções – Continuidade, Relevância presente e Aoristo, por exemplo. Do mesmo modo, a função “Relevância presente” pode, na língua espanhola, ser expressa pelas formas PPS e PPC. O princípio da iconicidade deve ser entendido, então, como o uso das formas funcionalmente motivadas.

O que se pode observar a partir desses postulados é que, para a abordagem Funcional, gramática e discurso estão intimamente relacionados – a gramática está a serviço da comunicação e é moldada a partir do discurso. Melhor explicitando: no Funcionalismo, não há uma gramática ideal e homogênea (preceito da linguística formal); há, na verdade, uma gramática que emerge e muda conforme as alterações nos parâmetros gramaticais, comunicativos e cognitivos (GIVÓN, 1995, p. 6-9).⁸¹

Nas palavras de Givón (2001b, p. 27), Hopper (1987) apresenta uma visão ainda mais radical. Para este autor, não há nada de determinístico na gramática das línguas, sendo esta constituída em tempo real, na negociação da fala. Em outros termos: assume-se como “gramática emergente” o movimento contínuo da estrutura “*a view of structure as always provisional, always negotiable*”, uma constante gramaticalização. Logo, diferente de Chomsky (1961) – para quem as regras da gramática são 100% rígidas (GIVÓN, 2001b, p. 27-28) –, para Hopper, a gramática é 100% dependente do contexto discursivo. Dessa forma, para Givón (2001b), que assume que a gramática emerge no discurso, admitindo, porém, a completa gramaticalização de certas estruturas, ambos os autores estão parcialmente corretos.

Sem entrar na discussão do nível de dependência da gramática em relação ao discurso, nesta tese, adoto também a perspectiva de gramática emergente, reconhecendo que as estruturas linguísticas são maleáveis e, por essa razão, impassíveis de uma definição apriorística. Desse modo,

⁸¹ Ainda sob essa perspectiva linguística, Moura Neves (2002, p. 163) aduz que a base das reflexões da gramática funcional é explicar os fenômenos linguísticos “em referência a como a língua é usada, isto é, a como se obtém a comunicação com essa língua.”

sendo dependentes da situação comunicativa, as estruturas não são fruto de regras estabelecidas, senão um conjunto de estratégias a serviço da comunicação entre falantes concretos.

Esse conceito de gramática permite, a meu ver, uma explicação mais satisfatória no que diz respeito à variação entre as duas formas do pretérito perfeito do indicativo na língua espanhola. Conforme argumento no decorrer desta tese, a definição apriorística, com base na sentença, não dá conta de explicar as diferentes funções especialmente do pretérito perfeito composto. Logo, esta pesquisa insere-se na abordagem Funcionalista pelo fato de ir além da estrutura da língua, buscando explicações de ordem funcional e discursiva para o uso do PPC. Ressalto que o recorte teórico dessa abordagem recai, especialmente, sobre o paradigma da gramaticalização – fenômeno que nos ajuda a compreender a evolução e o uso de diferentes estruturas linguísticas, sobre o qual discorro a seguir.

4.1 O paradigma da gramaticalização

Dentre algumas críticas apontadas à “teoria” da gramaticalização, Heine (2003) menciona o que dizem Neymeyer (1998) e Campbell (2001) sobre o fato de a gramaticalização não constituir uma teoria. Heine (2003, p. 584) respondendo a essas críticas, argumenta que a questão de ser ou não uma teoria não é preocupação de muitos estudiosos da gramaticalização, uma vez que o objetivo é descrever como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem através do tempo e do espaço. Evitando participar da discussão sobre os postulados apontados para o fenômeno da gramaticalização constituírem ou não uma teoria⁸², nesta tese, adoto o termo “paradigma da gramaticalização”, do qual lanço mão na explicação sobre a mudança e a variação⁸³ do PPC castelhano.

O termo gramaticalização aparece em Meillet (1965 [1912], p. 130), referindo-se à “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”. Exemplificando: o verbo "*avoir*" (ter) - é um item lexical autônomo em frases como "*j'ai 30 ans*" (eu tenho 30 anos), "*Nous avons une voiture*" (nós temos um carro), mas, em frases como

⁸² Para Bybee *et al.* (1994), a gramaticalização é uma teoria; para Hopper e Traugott (1993) é um modelo.

⁸³ Diferente da perspectiva da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), para a qual a variação precede a mudança, sob a perspectiva da gramaticalização, esta precede aquela: “a variação é uma consequência necessária da gradualidade da mudança linguística” (LICHTENBERK (1991, p. 37)

"*j'ai étudié la leçon*" (eu estudei a lição) "*Nous avons visité Camboriú cette semaine*" (nós visitamos Camboriú esta semana), o mesmo verbo aparece como um elemento gramatical: o verbo auxiliar do tempo verbal composto "*passé composé*".

Embora o termo tenha aparecido em Meillet (1965 [1912]), não cabe a esse autor a originalidade da discussão sobre gramaticalização. Heine (2003) lembra que a noção atual da "teoria da gramaticalização" precede o século XX. Nos trabalhos de Horne Tooke (1786; 1805; 1857 *apud* HEINE, 2003, p. 576), por exemplo, a língua é tida como concreta em seu estágio original, e os fenômenos abstratos derivam de fenômenos concretos. Essa perspectiva da gramaticalização como uma mudança do mais concreto ao mais abstrato pode ser percebida em estudos atuais sobre o fenômeno. Para Heine *et al.* (1991, p. 2), por exemplo, percebe-se a gramaticalização quando uma estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical. Pode-se verificar, então, que a forma como Meillet (1965 [1912]) concebe a gramaticalização passa por uma reformulação nos estudos funcionais da última década do século XX.

Gramaticalização (MEILLET, 1965 [1912])	Reformulação
[item lexical] > [item gramatical]	[construção lexical] > [construção gramatical] ou [construção gramatical] > [construção + gramatical]

Quadro 6 – Reformulação do conceito de gramaticalização

Lichtenberk (1991, p. 38) assume a gramaticalização como um processo de mudança que apresenta certas consequências para a gramática de uma língua. Em direção a esse posicionamento, para Hopper e Traugott (1993, p. 15), a gramaticalização é um processo por meio do qual itens e construções lexicais, em certo contexto linguístico, desempenham funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções. Bybee (2003, p. 602) defende que a gramaticalização ocorre no contexto de uma construção particular, ou seja, é a construção com um determinado item lexical que se torna gramaticalizada – reformulação apresentada no quadro 6.

No que diz respeito à gramaticalização do pretérito perfeito composto, verifica-se a mudança de construção lexical a construção gramatical, conforme ilustra o quadro 7 – representando o momento mais incipiente da mudança:

[construção lexical] > [construção gramatical]	
[habere]	>
↓	↓
Verbo pleno (posse)	Verbo auxiliar

Quadro 7 – Gramaticalização de *habere*: de construção lexical a construção gramatical

E, uma vez gramaticalizada a função de verbo auxiliar – conforme ilustra o quadro anterior –, novas funções continuam a surgir, conforme representação do quadro 8:

<i>habere</i> > sintagma resultativo > Aspecto > Tempo		
[<i>habere</i> + part. variável] > [<i>habere</i> + part. invariável] > [<i>habere</i> + part. invariável]		
↓	↓	↓
Sintagma resultativo	Aspecto	Tempo

Quadro 8 – Gramaticalização de *habere*: surgimento de novas funções

Conforme discussão do capítulo II, o surgimento da forma composta do pretérito perfeito nas línguas românicas decorre da evolução de uma construção lexical para uma construção gramatical – no caso do espanhol, o verbo pleno derivado de *habere* gramaticaliza-se como auxiliar de formas verbais compostas. Uma vez gramaticalizado, o PPC continua adquirindo novas funções gramaticais: Sintagma resultativo > Aspecto > Tempo.

Nesse processo de mudança, a frequência desempenha papel fundamental, já que não representa apenas o resultado da gramaticalização, como também é o primeiro fator que contribui para esse processo (BYBEE, 2003, p. 602). Construções emergem no discurso a todo o momento, e a repetição dessas construções leva à rotinização. No caso do PPC, por exemplo, tudo leva a crer que, em Madri – região em que ele é mais frequente (conforme amostra de Oliveira (2007)) –, a gramaticalização de Aspecto para Tempo já está rotinizada, conduzindo ao adiantamento para o estágio IV da evolução: PPC Aoristo.

No percurso da gramaticalização, também merece destaque a atuação de processos considerados primordiais para qualquer mudança linguística: extensão metafórica, extensão metonímica, reanálise e analogia.

Para alguns linguistas, a mudança semântica envolvida na gramaticalização é fortemente motivada por processos metafóricos (SWEETSER, 1990; HEINE *et al.* 1991, por exemplo). Trata-se da extensão de um determinado termo linguístico para um novo conceito,

ou seja, processo por meio do qual dois conceitos diferentes são metafóricamente iguados. A metáfora no processo de gramaticalização envolve a abstratização de significados, ou seja, a transferência conceitual de domínios mais concretos para domínios mais abstratos. Heine (2003, p. 586) ilustra essa abstratização de significados através do deslocamento de domínio por que passam muitos processos de gramaticalização:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Segundo Heine (2003, p. 586-587), essa transferência pode ser descrita como um processo metafórico por envolver a passagem crescente de um domínio a outro. A título de exemplificação, em muitas línguas naturais, pode-se constatar a transferência da conceitualização humana para uma noção espacial: a parte concreta do corpo “costas” passou a um uso mais abstrato, funcionando como locativo “falar pelas costas”, por exemplo. A transição da ação verbal “ir” para a expressão de futuro – “Vou ao cinema” / “Vou passar de ano” – também é um exemplo de extensão metafórica, já que, igualmente, envolve a transferência de um domínio a outro (HEINE, 2003; HEINE *et al.* 1991).

Sob essa percepção, pode-se dizer que a perífrase resultativa latina, discutida no capítulo anterior, é um exemplo de extensão metafórica: a passagem do significado concreto de “posse” do verbo *habere* para um significado abstrato de “resultado”. Melhor explicitando: conforme discuti em capítulo anterior, o verbo pleno *habere* indicava posse no latim clássico, passando, no latim vulgar, a expressar estados presentes resultantes do passado a partir da construção *habere* + objeto modificado + particípio flexionado (*habeo epistulam scriptam*, por exemplo). Verifica-se, nesse processo, uma expansão metafórica, já que envolve a passagem crescente de um domínio a outro.

A extensão metonímica é outro processo cognitivo discutido por pesquisadores no estudo da gramaticalização. Fundamentados em Taylor (1989), Heine *et al.* (1991, p. 61) conceitualizam a metonímia como uma figura de linguagem na qual o nome de uma entidade é usado no lugar de outro, de alguma forma relacionados. Em direção a essa definição, Tavares (2003, p. 65) aduz que “a metonímia envolve a especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto, mesmo que na forma de inferência”. Percebe-se, dessa forma,

que a transferência metonímica – altamente dependente do contexto (HEINE, 2003, p. 587) – decorre de implicaturas conversacionais, a partir das quais o interlocutor tenta interpretar algo que não foi expresso pelo falante.⁸⁴ Nesse caso, a frequência tem papel fundamental, uma vez que o aumento na frequência de uma mesma inferência, a partir de determinada forma gramatical, leva a uma inferência ritualizada, compondo o conjunto de significações tipicamente exibidas pela construção.

Kempas (2006, p. 84) argumenta que é difícil encontrar um exemplo sobre a manifestação da metonímia na gramaticalização do PPC. Defendo, contudo, que há uma possibilidade de a passagem do PPC hodierno a pré-hodierno decorrer do aumento da frequência de uma mesma inferência. Para melhor explicitar, cito uma explicação recorrente nos estudos sobre o uso do PPC, que, sob uma perspectiva pragmática, afirma que “*un mismo hecho, como la muerte de un ser querido, puede proyectarse psicológicamente como cercano, como perteneciente a la realidad vital del momento de la enunciación*” (GUTIÉRREZ ARAUS, 2005, P. 46). Desse modo, por meio de implicaturas conversacionais, o interlocutor tende a interpretar enunciados como “*Mi hermana **ha muerto** hace diez años*” como uma situação relacionada com o momento da fala – o que justifica o uso do PPC num contexto previsto para o uso do PPS (contexto pré-hodierno). O aumento na frequência dessa inferência pode estar conduzindo à ritualização do PPC pré-hodierno.

Relacionadas aos mecanismos cognitivos da metáfora e da metonímia, estão a analogia e a reanálise, respectivamente (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 44). A reanálise representa a evolução de novas estruturas a partir de outras já existentes, funcionando no eixo sintagmático. Esse rearranjo de fórmulas linguísticas pode ser percebido na evolução do verbo *habere* latino para a forma verbal composta românica. Conforme já discutido na seção 2.2.1, *habere* expressava originariamente a noção de posse – noção mantida no latim, bem como em línguas românicas como o francês e o italiano. Ainda no latim, essa forma sofre um aumento no campo semântico: sem perder seu significado original, passa a desempenhar nova função gramatical – expressão resultativa, quando acompanhada de predicados télicos. Como

⁸⁴ A noção de implicatura conversacional nesta tese está fundamentada em Grice (1982): raciocínios inferenciais conectados com o discurso. Segundo Grice (1982, p. 86), essas implicaturas são acionadas quando uma das máximas do Princípio da Cooperação não é respeitada explicitamente – se o falante viola uma máxima, sem motivo para não estar sendo cooperativo, a intenção é que seu interlocutor perceba a implicatura no que não foi expresso.

se pode observar, a reanálise não implica mudanças morfológicas, trata-se, senão, de um processo semântico.

A analogia, por outro lado, representa a generalização de uma nova estrutura a um maior número de contextos, envolvendo, dessa forma, mudanças paradigmáticas. A analogia torna mais evidentes as mudanças não observáveis no processo de reanálise. Hopper e Traugott (1993) exemplificam esses mecanismos através do desenvolvimento de *be going to*:

Estágio 1	<i>be</i> PROG	<i>Going</i> V. direcional	[<i>to visit Bill.</i>] [oração de finalidade]
Estágio 2	[<i>be going to</i>] FUTURO (por reanálise)	<i>visit Bill.</i> V. atividade	
Estágio 3	[<i>be going to</i>] FUTURO (por analogia)	<i>like Bill.</i> V. em geral	

Quadro 9 – Etapas da gramaticalização de *be going to* como marca de futuro (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 61)

O quadro em (9) evidencia que, no desenvolvimento da estrutura inglesa *be going to* de sintagma direcional a expressão de futuro, o estágio inicial apresenta o progressivo (*be*), com o verbo direcional (*going*) e uma oração de finalidade (*to visit Bill*). A partir de uma reanálise, o estágio 2 apresenta o auxiliar de futuro (*be going to*) mais um verbo de atividade. O terceiro estágio apresenta a extensão, via analogia, a todos os tipos de verbos, inclusive os estativos.

A seguir, proponho uma ilustração sobre o processo de gramaticalização de meu objeto de estudo, apontando as mudanças ocorridas via reanálise e analogia no percurso: *habere* verbo pleno > construção perifrástica resultativa > forma verbal composta:

Estágio 1	<i>habere</i> POSSE Construção resultativa	[<i>epistulam scriptam</i>] Complemento direto + part. variável (v. télico)
Estágio 2	<i>haber</i> V. AUXILIAR (Forma verbal composta) (por reanálise)	[<i>escrito la carta</i>] Part. invariável (v. télico)
Estágio 3	<i>haber</i> V. AUXILIAR (Forma verbal composta) (por analogia)	[<i>cantado</i>] Part. invariável (v. télico e atélico)

Quadro 10 – Etapas da gramaticalização de *haber* + *participio* como forma verbal composta

Como se pode observar, o estágio 2 – ilustrado no quadro anterior – representa a reanálise da construção resultativa *habere* + complemento direto + *participio* variável, convertendo-se a uma construção de forma verbal composta *haber* + *participio* invariável (com verbos télicos). O estágio 3 representa a generalização de uso, via analogia, em que a construção se estende a todos os tipos de verbos (télicos e atélicos). Essa generalização da estrutura a um maior número de contextos confirma a contribuição da analogia para o aumento da frequência, já que, quanto maior o número de contexto de inserção, maior a possibilidade de a forma ocorrer.⁸⁵

Além dos processos de mudança, os princípios da gramaticalização estabelecidos por Lehmann (2002 [1982]) e Hopper (1991) também têm sido úteis em investigações sobre mudanças linguísticas via gramaticalização. Lehmann (2002 [1982]) propõe seis princípios que visam aferir o grau de autonomia de formas; ressaltando que quanto menor o grau de autonomia de um item maior é sua gramaticalidade:

⇒Paradigmatização (*paradigmatization*): tendência de formas gramaticalizadas integrarem-se a paradigmas.

⁸⁵ Esse pressuposto justifica o aumento da frequência do PPC em Madri, comparado às demais capitais hispânicas, uma vez que, conforme estudos mencionados nas seções 2.2.3 e 3.1, na Espanha, o uso do PPC avança para contextos hodierno e pré-hodierno.

⇒Obrigatoriedade (*obligatorification*): tendência de formas opcionais tornarem-se mais obrigatórias.

⇒Condensação (*condensation*): encurtamento da forma.

⇒Coalescência (*coalescence*): união da forma a outro item.

⇒Fixação (*fixation*): a ordem linear da forma se torna mais fixa.

Segundo Hopper (1991, p. 21), os princípios de Lehmann são verificáveis em casos mais avançados da gramaticalização, quando o estágio da morfologização já foi alcançado. Aqui vale abrir um parêntese para apresentar o *cline* de mudança seguido por uma forma em gramaticalização, segundo Hopper e Traugott (1993, p. 103):

[item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional]

Considerando que a gramaticalização é sempre um processo gradual, que pode ser concluído (conforme ilustra a escala acima), bem como ser interrompido em um determinado ponto – conforme Hopper e Traugott (1993, p. 95) –, são necessários princípios que possibilitem analisá-la em seu estágio mais incipiente, no qual fusão de radical + afixo ainda não ocorreu. Dessa forma, Hopper (1991, p. 22) propõe cinco princípios que evidenciam o caráter gradual da gramaticalização, são eles: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização, sobre os quais discorro à continuação.

- Estratificação: em um domínio funcional amplo, novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas. Esse fenômeno decorre do fato de que, ao surgirem novas formas funcionais, as antigas não são imediatamente descartadas.

É possível verificar o princípio da estratificação na competição entre o PPS e o PPC no domínio funcional Aspecto. No capítulo V adiante, veremos que, na função de Aspecto Aoristo, antes ocupada pelo pretérito perfeito simples, emerge o pretérito perfeito composto. Tudo leva a crer que, em algumas variedades do espanhol atual, ambas as formas coexistam nessa função.

- Divergência: quando uma forma lexical é gramaticalizada, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais comuns.

Apesar da gramaticalização do *habere* latino de verbo pleno, na expressão de posse, para verbo auxiliar das formas compostas, esse item permanece como elemento autônomo na língua espanhola, na qual continua sofrendo mudanças: “*hay gente acá*” (expressão de existência), “*hay que estudiar más*” (modalidade deôntica), “*Juan ha de llegar temprano*” (expressão de futuridade), por exemplo.

- Especialização: dentro de um domínio funcional complexo, uma variedade de formas com nuances semânticas diferentes pode ser possível num estágio; quando ocorre a gramaticalização, há um estreitamento dessa variedade de escolha de formas.

Essa redução do número de formas em determinada função, prevista pelo princípio da especialização, é também percebida no processo de gramaticalização do PPC. Conforme a análise do capítulo II desta tese, na função de Aspecto Anterior, o PPC parece ter se especializado em muitas línguas românicas (português, espanhol e romeno, por exemplo). Na função de Aspecto Aoristo, houve também uma especialização dessa forma verbal em algumas variedades latinas: o francês e o italiano do norte, por exemplo.

- Persistência: a gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte para a forma gramaticalizada.

O princípio da persistência pode ser verificado no momento mais incipiente da gramaticalização da atual forma composta do pretérito perfeito. No capítulo II, argumentei que o verbo *habere* na construção frasal *habere* + objeto modificado + particípio flexionado mantinha, de certa forma, traços de seu significado original de posse – o que corresponderia à atual construção castelhana “*Tengo hechos ya los deberes*” – apresentada no exemplo em (15). Em outras palavras, quando surge a perífrase resultativa, da qual deriva o PPC românico, mantém-se o traço semântico original de *habere*.

- Descategorização: a forma em gramaticalização tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos característicos de categorias plenas (nome e verbo), assumindo atributos característicos de categorias secundárias (adjetivos, participípios, posições etc.)

Na análise da gramaticalização do PPC românico, discutida no capítulo II, argumentei, a partir de Said Ali (1964), Câmara Junior (1956) e Alarcos Llorach (1984), que a gramaticalização de construção resultativa à forma verbal composta constitui-se justamente quando alguns traços morfológicos e sintáticos se perdem⁸⁶, tais como: i) a construção deixa de ser constituída apenas por verbos télicos, estendendo-se a outros tipos de predicados; ii) torna-se obrigatória a coincidência entre o sujeito do verbo flexionado e do verbo no participípio passado; iii) o participípio passado torna-se parte do verbo, perdendo a marca de concordância de gênero e número e iv) a ordem verbo flexionado e participípio torna-se cada vez mais fixa, apresentando limitações rigorosas em relação ao tipo de constituinte sintático a aparecer entre os dois verbos.

A perfeita aplicação dos cinco princípios previstos por Hopper (1991), que prevêem a gramaticalização como um processo gradual e lento, evidencia que, apesar de o PPC ser resultado da mudança verbo > marcador de Aspecto > marcador de Tempo, o completamento do processo não é reconhecido. A dessemantização do verbo pleno para uma função gramatical é o início da gramaticalização *Verb-to-TAM* – de verbo pleno a marcador de Tempo, Aspecto e Modalidade (HEINE, 1993, p. 66-67). É possível que a função gramatical desenvolvida a partir da gramaticalização *construção lexical > construção gramatical* passe a desempenhar funções gramaticais mais abstratas – o que confirma a gramaticalização como um processo contínuo. A título de exemplificação, o desenvolvimento unidirecional previsto para a função resultativa deve seguir o seguinte trajeto:⁸⁷

⁸⁶ Na verdade, perdem-se alguns traços, adquirindo outros.

⁸⁷ Conforme Hopper e Traugott (1993, p. 207), a unidirecionalidade é concebida como um processo linear e irreversível, cujas mudanças passam por uma crescente abstração. Itens lexicais originam itens gramaticais, ou itens gramaticais originam itens mais gramaticais e nunca o contrário.

Completive/resultative > perfect > perfective > past > irrealis
(HEINE, 1993, p. 68)

Sob as definições que adoto nesta tese:

Resultativo > Anterior > Aoristo (hodierno) > Aoristo (pré-hodierno) > *irrealis*

As discussões apresentadas neste capítulo evidenciam a relevância em se estudar a mudança do pretérito perfeito composto do indicativo na língua espanhola a partir do paradigma da gramaticalização. Verificamos que o PPC espanhol – bem como de outras línguas românicas – é resultado da gramaticalização da perífrase resultativa latina, que surge a partir do verbo pleno *habere*. Outro aspecto que confirma a gramaticalização da forma verbal derivada de *habere* é mencionado por Heine (1993, p. 60). Segundo o autor, um dos indícios da mudança de item lexical para função gramatical – ou seja, de verbo pleno a verbo auxiliar – é a possibilidade de esse item gramaticalizado combinar-se com um verbo da mesma etimologia. Evidência desse fenômeno é verificada no *Present Perfect* inglês: “*Ana has had a baby*” e no pretérito perfeito composto do português “Tenho tido muitos compromissos”.

No “*Corpus de notícias mundiais no panorama hispânico*”, a ser analisado no capítulo VII, não constatei nenhum dado do PPC espanhol construído com o verbo *haber* (auxiliar) + *haber* (particípio). Contudo, é uma construção possível tanto na língua falada quanto na língua escrita, conforme ilustram as ocorrências a seguir:

- (90) (...) *Porque yo cuando llegué era precisamente el boom de la- de la inmigración/ hacia Alcalá/// entonces más o menos la cosa se ha estabilizado ahí/ no **ha habido** luego ninguna: nueva oleada de inmigración ni nada (...)*
(PRESEEA/Alc/H28S)
- (91) *De la Vega asegura que “no **ha habido** ningún pago” por la liberación de la cooperante* (Espanha – www.elmundo.es – 10/03/2010)

Para finalizar esse item, vale sintetizar as discussões que corroboram o pressuposto da gramaticalização do pretérito perfeito composto:

⇒ O surgimento do PPC românico decorre da evolução de uma construção lexical para uma construção gramatical – no caso do espanhol, o verbo pleno derivado de *habere* gramaticaliza-se como auxiliar de formas verbais compostas.

⇒ Uma vez gramaticalizado, o PPC continua adquirindo novas funções gramaticais: Sintagma resultativo > Aspecto > Tempo.

⇒ A frequência do PPC desempenha papel fundamental na aquisição de novas funções. Em regiões onde essa forma é mais frequente, a gramaticalização de Aspecto para Tempo já está rotinizada, avançando para um uso aorístico do PPC.

⇒ No percurso da gramaticalização do PPC, observa-se a atuação de quatro processos comumente envolvidos nesse tipo de mudança, a saber:

i) **Expansão metafórica:** a perífrase resultativa constitui-se a partir da passagem do significado concreto de “posse” do verbo *habere* para um significado abstrato de “resultado”.

ii) **Expansão metonímica:** é possível que a passagem do PPC hodierno a pré-hodierno decorra do aumento da frequência de uma mesma inferência: a relação da situação com o momento da fala conversacionalmente implicada.

iii) **Reanálise:** na evolução do verbo *habere* latino para a forma verbal composta românica houve um rearranjo de fórmulas linguísticas.

iv) **Analogia:** o uso de *habere* como auxiliar generaliza-se a um maior número de contextos, passando a acompanhar todos os tipos de predicados (télicos e atélicos).

⇒ A aplicação dos cinco princípios de Hopper (1991) evidencia que o PPC românico passa por um processo gradual de gramaticalização:

i) A competição entre o PPS e o PPC nos domínios funcionais Tempo e Aspecto evidencia o princípio da **estratificação**.

ii) O fato de a forma lexical derivada de *habere* permanecer autônoma na língua espanhola, além de gramaticalizar-se na função de auxiliar, corrobora o princípio da **divergência**.

iii) A redução do número de formas em determinada função, prevista pelo princípio da **especialização**, é percebida no processo de gramaticalização do PPC: na função de Aspecto Anterior, o PPC parece ter se especializado em algumas línguas românicas (português, espanhol e romeno, por exemplo); na função de Aspecto Aoristo, essa forma especializou-se em línguas como o francês e o italiano do norte.

iv) O princípio da **persistência** é verificado no momento mais incipiente da gramaticalização do PPC, no qual, o verbo *habere* na construção frasal resultativa mantém, de certa forma, traços de seu significado original de posse.

v) A gramaticalização do PPC constitui-se a partir da perda de alguns traços morfológicos e sintáticos de sua forma de origem – a construção resultativa –, o que confirma o princípio da **descategorização**.

⇒ Quanto ao percurso: Resultativo > Anterior > Aoristo > *irrealis*, vale retomar aqui os estágios em que se encontram as línguas românicas quanto ao uso da forma que surge para desempenhar a função resultativa: o PPC.

PPC Resultativo: Harris (1982) afirma que algumas variedades do italiano meridional, como o siciliano e o calabrês, são exemplos típicos de baixo grau de gramaticalização. Para Squaritini e Bertinetto (2000), entretanto, nenhuma língua românica exhibe esse valor. Camus Bergareche (2008), corroborando esta última afirmação, lembra que, nessas variedades, o PPC pode constituir-se de verbos tólicos e atélicos – o que nega a

hipótese de Harris, já que a construção estritamente resultativa só é possível com verbos télicos. Embora se possa admitir que nenhuma língua românica apresente o PPC estritamente resultativo – devido às mudanças morfossintáticas e semânticas sofridas da perífrase resultativa à forma verbal composta –, o PPC espanhol pode facilmente expressar resultado na construção com verbos télicos. Entretanto, é importante ressaltar que não se trata do primeiro estágio da evolução do PPC, dadas as mudanças estruturais já ocorridas. Trata-se, senão, de um resultado que é relevante para o momento presente. A seguir, ilustro duas ocorrências que indicam esse valor.

(92) (...) *no recuerdo los datos de este último año pasado/ pero me parece que **ha superado** las veinte mil personas (...)* (PRESEEA/Alc/H39S)

(93) (...) ***he hecho** unos pequeños arreglos (...)* (PRESEEA/Alc/M30S)

Obviamente, que traços como marca de concordância em gênero e número entre particípio e complemento direto e significado de posse do verbo *haber* – prototípicos da construção resultativa latina – não se mantêm no PPC que indicam resultado. Contudo, as formas *ha superado* e *he hecho*, em (92) e (93), denotam um estado presente referido como resultado de alguma situação passada.⁸⁸

PPC Anterior: estou interpretando como Anterior situações iniciadas no passado, mas com alguma relação com o presente da enunciação. Inserem-se nessa função: o PPC de Continuidade (durativo e iterativo) e o PPC de Relevância presente, o qual, conforme análise dos dados apresentada no capítulo VII a seguir, recobre diferentes contextos, a saber: contexto de resultado, de experiência e de passado recente. Lembrando o que já foi mencionado, o PPC de Continuidade e o de Relevância presente

⁸⁸ *Perfect of result*, na definição de Comrie (1981, p. 56). Os tipos de *Perfect* aparecem descritos na seção sobre Aspecto, inserida no próximo capítulo desta tese. Na análise dos dados, apresentada no capítulo VII adiante, considero o resultado permanente um dos contextos em que a Relevância presente (estágio III da evolução do PPC) é marcada.

representam, respectivamente, o segundo e o terceiro estágio da evolução do PPC românico, descrita por Harris (1982). O PPC Anterior está presente em línguas como o português, o galego, o espanhol de algumas regiões americanas (Buenos Aires, Colômbia, México e Porto Rico , por exemplo), o espanhol das Ilhas Canárias, o catalão e o occitano (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000). Ressaltando que o espanhol europeu parece avançar em direção ao estágio IV.

PPC Aoristo: nessa etapa, o pretérito perfeito composto do indicativo recobre situações antes exclusivas ao emprego do pretérito perfeito simples: indicando passado perfectivo. Nesse estágio da evolução, encontram-se: o italiano estándar, o francês, o romeno estándar, algumas variedades italianas setentrionais e as línguas reto-românicas. Nessas variedades, o PPC pode ser usado em qualquer contexto aorístico, sendo, em alguns casos, a única forma existente (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000).

Na síntese das discussões que finalizam este capítulo, bem como nos estudos sincrônicos e diacrônicos mencionados nos capítulos anteriores, nada é mencionado sobre a possibilidade de o PPC românico estar se direcionando para a função de *irrealis*. No capítulo V adiante – no qual discuto as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade –, sinalizo, a partir da análise desta última categoria, a possível atuação da modalidade epistêmica na variação PPS/PPC.

CAPÍTULO V

AS CATEGORIAS TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE

Estudos sobre a unidade linguística verbal costumam partir fundamentalmente de três categorias: Tempo, Aspecto e Modalidade, as quais constituem o domínio funcional TAM (GIVÓN, 2001a). Reconhecendo, contudo, a complexidade na análise de determinados tempos verbais a partir dessas três categorias, alguns investigadores recorrem a outras noções que tragam luz a seus estudos. Coan (1997; 2003), por exemplo, ao estudar a função de “anterioridade a um tempo passado”, propõe o domínio funcional TAMR⁸⁹, concluindo que a Referência é uma categoria fundamental na análise de tempos verbais como o pretérito mais-que-perfeito do indicativo no português do Brasil.

De forma a contextualizar o objeto de estudo na discussão de Tempo, Aspecto e Modalidade, menciono algumas investigações sobre as formas verbais do pretérito perfeito do indicativo a partir dessas três categorias. Ressalto que, embora o domínio funcional TAM esteja no centro da discussão aqui proposta, veremos que a complexa oposição entre o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto muitas vezes exige do pesquisador um olhar para outras categorias de caráter pragmático/discursivo, às quais esta investigação recorre quando necessário.

5.1 Categoria Tempo

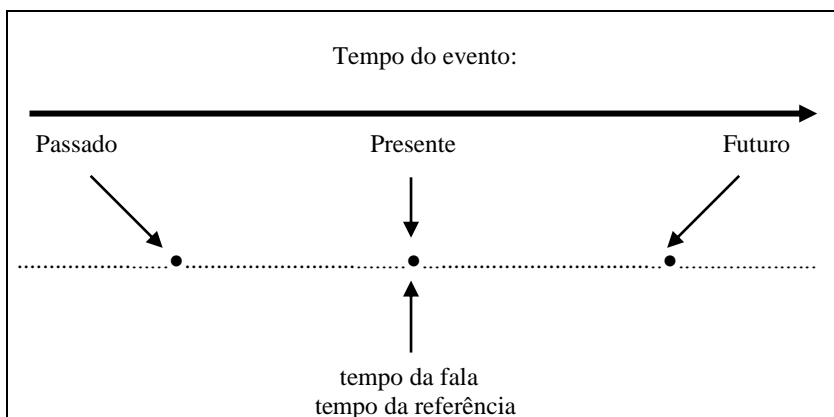
Diversos autores atentam para as complexidades da categoria Tempo (JESPERSEN, 1982 [1924]; BENVENISTE, 1995 [1959]; DUCROT; TODOROV, 1972; MOLHO, 1975; COMRIE, 1985; FLEISCHMAN, 1982; entre outros). Segundo Jespersen (1982 [1924], p. 305) e Fleischman (1982, p. 8), uma das complexidades advém do aspecto polissêmico dessa palavra. Em línguas como o português e o espanhol, por exemplo, emprega-se a mesma palavra para expressar: tempo cronológico “Em tempos passados, era casado” / “*En tiempos*

⁸⁹ A consideração do domínio funcional TAMR (COAN, 1997; 2003) está presente em diversas investigações do sistema verbal do português brasileiro, realizadas através do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, tais como: Domingos (2004), Freitag (2007), Back *et. al.* (2006) e Back (2008).

pasados era casado” e tempo gramatical “O tempo pretérito mais-que-perfeito é anterior ao pretérito perfeito” / “*El tiempo pluscuamperfecto es anterior al pretérito perfecto*”.

Esse fenômeno não ocorre no inglês – língua em que o tempo cronológico e o tempo gramatical são definidos como *time* e *tense*, respectivamente. É devido a essa polissemia – bem como a polissemia das palavras aspecto e modalidade que utilizo a inicial maiúscula sempre que estiver me referindo às categorias de análise.

Ao analisarem o Tempo, pesquisas da unidade linguística verbal costumam convergir na divisão tripartida entre passado, presente e futuro, considerando a relação entre dois pontos: tempo de referência e tempo da fala. Segundo Givón (2001a), por exemplo, o tempo da fala é a referência temporal *default* (não-marcada), a partir da qual, os tempos absolutos estão ancorados, conforme mostra o quadro a seguir:



Quadro 11 – Tempo e referência temporal

Segundo Givón (2001a, p. 286), esse diagrama distingue os três principais tempos verbais:

- a) Passado: um evento (ou estado) que precede o tempo da fala.
- b) Futuro: um evento (ou estado) que é posterior ao tempo da fala.

- c) Presente: um evento (ou estado) que é simultâneo ao tempo da fala.

Givón acrescenta nessa divisão um quarto tempo verbal, o habitual, de difícil categorização entre as categorias Tempo e Aspecto.

- d) Habitual: um evento (ou estado) que ocorre sempre ou repetidamente, ou cujo tempo não está especificado.⁹⁰

Encontramos essa primeira divisão (passado, presente e futuro), com base nas indicações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, em diversos estudos linguísticos sobre o sistema verbal (BELLO, 1979 [1810]; REICHENBACH, 1960 [1947]; LYONS, 1977; FLEISCHMAN, 1982; COMRIE, 1985; COSTA, 1990; ROJO; VEIGA, 1999; CORÔA, 2005; entre outros). Para esses autores, os tempos absolutos se localizam a partir de um ponto de referência situado no momento da fala, isto é, na análise do passado, presente e futuro, é necessária a consideração de dois pontos: momento do evento/estado e momento da fala. Entretanto, como o número de tempos verbais não se restringe a três formas, é preciso uma análise mais complexa. Por esse motivo, diversos pesquisadores discutem a necessidade de considerar um terceiro ponto na análise dos tempos verbais; uma referência diferente da referência *default*:

i) Givón (2001a, p. 286) assevera que uma língua pode tomar a mesma divisão dos tempos (presente, passado e futuro) e apoiá-las a um ponto de referência temporal que pode ser anterior (passado) ou posterior (futuro) ao momento da fala. Logo, além dos tempos absolutos (citados acima), o sistema verbal apresenta também os chamados tempos relativos.

ii) Fleischman (1982, p. 10) afirma que o falante pode situar temporalmente um evento a partir do momento da fala, ou a partir de outra referência que pode ser anterior, simultânea ou posterior ao momento da fala. Essa relação direta ou indireta do evento em relação ao ponto da enunciação é o que diferencia, respectivamente, os tempos absolutos dos tempos relativos.

⁹⁰ A partir dessa definição de Givón, defendo que o Habitual apresenta noção aspectual (durativa e iterativa).

iii) Comrie (1985, p. 36) lembra que o uso tradicional do termo *tempo absoluto* pode ser enganador dada a impossibilidade de uma referência absoluta do tempo. Segundo o autor, a localização de uma situação no tempo é sempre relativa a algum outro ponto já estabelecido. Em geral, esse ponto “já estabelecido” é o presente da fala – ponto de referência que desempenha papel relevante na definição do sistema temporal das línguas naturais. Comrie opta por continuar usando o termo tradicional; lembra, contudo, que *tempo absoluto* deve ser interpretado como tempos verbais que tomam como centro dêitico o momento presente. Também para esse autor, há, além dos tempos absolutos, os chamados tempos relativos, cuja localização temporal não parte necessariamente do momento presente, mas de algum outro ponto dado pelo contexto.

Com essas menções, pretendo mostrar que muitos pesquisadores, ao discutirem o sistema temporal, de imediato lançam mão de três pontos: o ponto onde se localiza a situação, o ponto onde se localiza o momento da fala e o ponto onde se localiza a referência – este último pode ou não coincidir com o ponto da fala (quando se trata de tempos absolutos e tempos relativos, respectivamente). Sob essa perspectiva, o posicionamento assumido nesta tese é que o ponto de referência representa um parâmetro intrínseco à categoria Tempo. A partir desse posicionamento metodológico, recusa-se a necessidade de acrescentar uma quarta categoria ao domínio funcional TAM, que Givón propõe.

Em suma, com base nas citações acima, podemos afirmar que os tempos verbais absolutos (passado, presente e futuro) localizam-se, respectivamente, em um ponto anterior, simultâneo ou posterior em relação a um centro dêitico. Além de localizar uma situação a partir de um ponto de referência já estabelecido (ponto da fala), essas três possibilidades temporais podem servir como referência a outra situação expressa pelos tempos relativos. Nessa abordagem, Rojo e Veiga (1999, p. 2877-2878) lembram que as formas complexas – que estou chamando de tempos relativos – não procedem de um aumento das três possibilidades inicialmente estabelecidas, senão de um encadeamento teoricamente ilimitado, conforme mostra o quadro 12 a seguir:

(ideia expressa pelo vetor **0-V**); nesse caso, a referência passada é expressa pela situação *comunicaron*.

Exemplifico também essa relação da situação com o ponto zero ou com outro ponto de referência a partir do objeto de estudo desta investigação. Na teoria de Rojo e Veiga, o que estou chamando de PPS é definido como *pretérito perfecto* – forma absoluta, e, como tal, é localizada a partir do ponto zero (momento da fala). O *pretérito perfecto*, segundo os autores, representa uma situação que se localiza em um plano anterior a sua referência (o ponto zero). Logo, a fórmula do PPS é:

(0-V) *canté* anterioridade da situação (-V)
em relação ao ponto zero.

Por outro lado, o *antepresente* – nomenclatura que os autores atribuem ao que estou chamando de pretérito perfeito composto – é uma forma complexa, que se localiza, diretamente, a partir de outro acontecimento, e, indiretamente, em relação ao ponto zero. Com base na teoria dos autores, podemos afirmar que o *antepresente* representa uma situação que é anterior a um ponto de referência que é simultâneo ao ponto zero. Assim, a fórmula do PPC é:

(0oV)-V *he cantado* anterioridade da situação (-V)
em relação a uma referência
que é simultânea ao ponto zero.

Observamos, nesta última fórmula, que o presente simples (OoV) se converte em uma referência que define o valor temporal do perfeito composto (antepresente). Dessa forma, argumento que, ao tratar da oposição entre os dois pretéritos, é necessário lançar mão, logo de início, do parâmetro ponto de referência; de outra maneira, não conseguiríamos diferenciar o PPS do PPC, uma vez que ambos estão localizados num plano anterior ao momento de fala. Vale destacar, ainda, que, sem a consideração do ponto de referência, não apenas a oposição entre o PPS e o PPC estaria comprometida, como também a oposição entre todas as formas pretéritas. Quero dizer que os tempos pretérito perfeito simples, pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito e pretérito imperfeito estão situados num plano anterior ao momento da fala; porém é inegável a diferença entre esses tempos verbais. O que os diferencia, então, é a consideração da referência –

intrínseca ao Tempo. Proponho um quadro de análise desses quatro tempos verbais com base no estudo de Rojo e Veiga (1999).

Formas pretéritas	Definição proposta por Rojo e Veiga (1999)	Fórmula	Valor
<i>Perfecto simple</i>	<i>Pretérito (canté)</i>	O–V	Situação anterior ao ponto zero.
<i>Perfecto compuesto</i>	<i>Ante-presente (he cantado)</i>	(OoV)–V	Situação anterior a uma referência que é simultânea ao ponto zero.
<i>Pluscuamperfecto</i>	<i>Ante-co-pretérito (había cantado)</i>	(O–V)–V	Situação anterior a uma referência que é anterior ao ponto zero.
<i>Imperfecto</i>	<i>Co-pretérito (cantaba)</i>	(O–V)oV	Situação simultânea a uma referência que é anterior ao ponto zero

Quadro 13 – Valor temporal das formas pretéritas (modo indicativo)

Vale ressaltar que a teoria de Rojo e Veiga (1999) está fundamentada, em parte, na análise “ideológica” de Bello (1979 [1810]). Ao analisar o sistema verbal castelhano, Bello também propõe a divisão entre: tempos absolutos – formas simples que apresentam um único valor temporal –, e tempos complexos – formas verbais definidas a partir das simples correspondentes. Para as formas simples, Bello estabelece as seguintes fórmulas: (A), (C) e (P), que correspondem, respectivamente, à anterioridade, à coexistência e à posterioridade do atributo em relação ao ato da palavra (BELLO, 1979 [1810], p. 428 § 69). Observa-se, então, que ao tratar das formas simples, o autor leva em consideração dois parâmetros: a ação (ou atributo) e o momento da fala.

Bello também assume que as formas complexas não apresentam relação direta com o momento da fala. Na análise temporal das formas complexas, Bello afirma que as definições presente, pretérito e futuro passam a ser precedidas pelas partículas *co*, *ante*, *post*, que expressam a relação do atributo com outro ponto, que não é o da fala. O quadro

abaixo representa as fórmulas idealizadas por Bello para cada uma das cinco formas verbais simples e compostas⁹¹:

FORMAS SIMPLES				
<i>Amo</i>	presente	C, coexistência
<i>Amé</i>	pretérito	A, anterioridade
<i>Amaré</i> ⁹²	futuro	P, posterioridade
<i>Amaba</i> ⁹³	co-pretérito	CA, copretérito
<i>Amaría</i>	pós-pretérito	PA, pospretérito
FORMAS COMPOSTAS				
<i>He amado</i>	ante-presente	AC
<i>Hube amado</i>	ante-pretérito	AA
<i>Habré amado</i>	ante-futuro	AP
<i>Había amado</i>	ante-co-pretérito	ACA
<i>Habría amado</i>	ante-post-pretérito	APA

Quadro 14 – Valores dos tempos verbais do indicativo em castelhano (BELLO, 1979 [1810], p. 428 § 69-70)

O quadro 14 mostra a nomenclatura proposta por Bello para os dez tempos verbais do indicativo e suas respectivas fórmulas. Sem querer entrar em detalhes sobre o significado de cada forma verbal, vale chamar atenção apenas para o fato de as formas “complexas” serem definidas a partir das formas simples correspondentes: (AC) *he amado* – significa anterioridade à coexistência;⁹⁴ (AA) *hube amado* – anterioridade a uma “coisa” passada; (AP) *habré amado* – anterioridade a uma “coisa” futura; (ACA) *había amado* – atributo anterior a outra “coisa” que tem relação de anterioridade ao momento da fala, mas com um intervalo indefinido entre as duas coisas; (APA) *habría amado* – anterioridade do atributo a uma “coisa” que se apresenta como futura em relação ao momento da enunciação.

A leitura dos estudos de Bello (1979 [1810]; 1984) permite-nos observar a dificuldade do autor em analisar os tempos verbais a partir de dois parâmetros: momento do atributo e momento da fala. Ao tratar das formas complexas, Bello não consegue fugir de um terceiro ponto e

⁹¹ Segundo Bello (1984, p. 202) cada denominação e sua respectiva fórmula evidencia o significado temporal de cada forma verbal.

⁹² Até aqui, estão os três tempos absolutos.

⁹³ Daqui em diante, estão os sete tempos relativos.

⁹⁴ A respeito dessa relação entre o PPC e o momento presente, Barros (1998, p. 18) argumenta que Beauzée (*Grammaire générale*, 1767) é o primeiro a introduzir essa forma verbal como um pretérito na época presente – modo como Andrés Bello também o compreende.

passa a estabelecer as relações temporais a partir de uma “coisa” que não é nem o momento do atributo, nem o momento da fala:

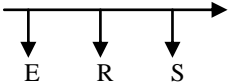
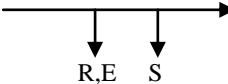
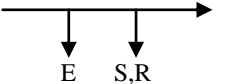

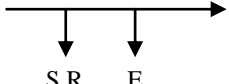
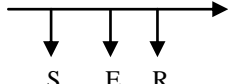
*El antepretérito (hube cantado) significa que el atributo es inmediatamente anterior a otra cosa que tiene relación de anterioridad con el momento en que hablo (...) El antefuturo (habré cantado) significa que el atributo es anterior a una cosa que respecto del momento en que se habla es futura.*⁹⁵ (BELLO, 1984, p. 203-205)

A partir do acima exposto, podemos dizer que Bello assume, explicitamente, dois pontos para o estudo dos tempos verbais castelhanos. Um terceiro ponto, porém, aparece implícito em sua análise; e, não sabendo como chamá-lo, usa a palavra “coisa”. Essa “coisa” inerente ao tempo é o que estou chamando de ponto de referência, com base, fundamentalmente na teoria de Reichenbach (1960 [1947]), sobre a qual discorro a seguir.

Os estudos sobre Tempo e Ponto de referência costumam ter como inspiração a análise do sistema verbal do inglês proposta por Reichenbach (BARROS; OLIVEIRA, 2007; COAN, 1997; 2003; CORÔA, 2005; ILARI, 1997; OLIVEIRA, 2007, entre outros). Reichenbach (1960 [1947], p. 289-290) argumenta que, mesmo na distinção dos tempos que parecem se referir a apenas dois pontos (presente, passado e futuro), é necessário estabelecer três pontos: *point of the event* (E), *point of speech* (S) e *point of reference* (R), os quais permitem a análise temporal das formas verbais.⁹⁶ Como essa discussão não se afasta muito das anteriores, apresento o quadro proposto por Reichenbach que ilustra o significado dos tempos verbais do inglês:

⁹⁵ Grifos meus.

⁹⁶ Segundo o autor, a dificuldade que a gramática tem em explicar os significados dos diferentes tempos verbais decorre do não reconhecimento dos três pontos na estrutura temporal.

<i>Past Perfect</i>	<i>Simple Past</i>	<i>Present Perfect</i>
<p><i>I had seen John</i></p>  <p style="text-align: center;">(E - R - S)</p> <p>Anterioridade do evento em relação a uma referência anterior ao momento da fala.</p>	<p><i>I saw John (yesterday)</i></p>  <p style="text-align: center;">(R, E - S)</p> <p>Evento e referência coincidem num ponto anterior ao momento da fala.</p>	<p><i>I have seen John</i></p>  <p style="text-align: center;">(E - S,R)</p> <p>Anterioridade do evento em relação a dois pontos coincidentes (ponto da fala e da referência)</p>
<i>Present</i>	<i>Simple Future</i>	<i>Future Perfect</i>
<p><i>I see John</i></p>  <p style="text-align: center;">(S, R, E)</p> <p>Simultaneidade do evento em relação ao momento da fala e da referência.</p>	<p><i>I shall see John</i></p>  <p style="text-align: center;">(S,R - E)</p> <p>Posterioridade do evento em relação a dois pontos coincidentes (ponto da fala e da referência)</p>	<p><i>I shall have seen John</i></p>  <p style="text-align: center;">(S - E - R)</p> <p>Posterioridade do evento em relação ao momento da fala; anterioridade do evento em relação a uma referência futura.</p>

Quadro 15 – Representação do sistema verbal inglês (REICHENBACH, 1960 [1947])⁹⁷

Podemos observar que, mesmo na análise das formas simples (absolutas), Reichenbach propõe uma segunda referência além daquela convencionalmente estabelecida que é o momento da fala. No presente, por exemplo, o momento do evento coincide com o momento da fala e com uma referência que pode ser identificada através de itens lexicais (*now, always, everyday, etc.*) ou através do contexto. No pretérito perfeito simples, evento (*saw*) e referência (*yesterday, last month, last night, etc.*) coincidem em um ponto anterior ao momento da fala. No futuro simples, o evento (*see*) é posterior a dois pontos coincidentes: o

⁹⁷ Na leitura das fórmulas apresentadas entre parênteses, devemos interpretar a vírgula como coincidência entre os pontos, e o hífen como anterioridade do(s) ponto(s) à esquerda, conforme a explicação dada abaixo de cada gráfico.

momento da fala e da referência. Tendo em vista a análise dessas três formas absolutas, a questão crucial é saber por que no presente e no futuro simples, o ponto da fala e da referência (S, R, respectivamente) são coincidentes na linha temporal, e, no passado simples – forma também absoluta – não há coincidência entre esses dois pontos, conforme a análise de Reichenbach, ilustrada nas fórmulas a seguir.

(S,R, E)	<i>present</i>
(S,R – E)	<i>simple future</i>
(R,E – S)	<i>simple past</i>

A resposta a essa pergunta representa a chave para compreender a diferença entre os pretéritos perfeito simples e perfeito composto (*simple past* e *present perfect*, respectivamente).

O quadro 15 mostra-nos que, no *simple past*, a referência na qual está apoiado o evento (*saw*) está situada num plano anterior ao momento da enunciação (*yesterday*). Dessa forma, no perfeito simples, dois pontos coincidem no plano temporal passado: o ponto do evento e o ponto da referência. No *present perfect*, o ponto do evento também está localizado num plano temporal passado, porém sua referência está situada no plano da enunciação, ou seja, “*I have seen*” representa um acontecimento que é anterior a uma referência que coincide com o ponto da fala. Com isso, pretendo afirmar que não conseguiríamos perceber a diferença entre o perfeito simples e o composto caso a análise situasse o ponto da referência no mesmo ponto da fala; como ocorre com as outras formas tidas como absolutas (presente e futuro simples).⁹⁸

É interessante notar que, ao analisar as formas verbais do português com base na teoria reichenbachiana, Corôa (2005, p. 49-53)

⁹⁸ Para Comrie (1981), a presença do ponto de referência nem sempre é necessária; na definição do pretérito, presente e futuro, por exemplo, o ponto de referência é semanticamente irrelevante. García Fernández (2001, p. 36) apresenta um quadro que sintetiza a diferença na estrutura temporal desses três tempos verbais a partir da proposta de Reichenbach e Comrie:

	Reichenbach (1960 [1947])	Comrie (1981)
Pretérito	E,R–H	E–H
Presente	H,R,E	H,E
Futuro	H–R,E	H–E

Defendendo o que propõe Comrie, colocaríamos em xeque a oposição entre o perfeito simples e o perfeito composto, uma vez que é justamente a localização da referência que diferencia esses tempos verbais: no primeiro, a referência localiza-se num ponto anterior ao momento da fala; no segundo, referência e momento da fala são simultâneos.

afirma que, no pretérito perfeito simples, o momento da referência coincide com o momento da fala, e o momento do evento é anterior a esses dois pontos. No pretérito imperfeito, por outro lado, o momento do evento e o momento da referência coincidem em um ponto anterior ao momento da fala. Logo, um dos aspectos que diferencia esses tempos verbais é o momento da referência – assim como ocorre na oposição entre as duas formas do pretérito perfeito do espanhol.

Na análise de Corôa, a oposição entre “Carlinhos **trabalhou** no IBC” e “Carlinhos **trabalhava** no IBC” reside no fato de que, na primeira, “trabalhou” é anterior a uma referência que está ligada ao momento da enunciação:

Carlinhos **trabalhou** no IBC.



(ME–MR,MF)

Na segunda, por outro lado, “trabalhava” é simultâneo a uma referência passada, isto é, no imperfeito, referência e evento são anteriores ao plano da enunciação, como mostra a fórmula apresentada pela autora:

Carlinhos **trabalhava** no IBC.



(ME,MR–MF)

Para Corôa (2005), o pretérito perfeito simples recebe categorização relativa ao *Present Perfect* inglês, e o pretérito imperfeito corresponde ao *Simple Past*. Essa autora não considera as formas compostas do indicativo como parte do sistema verbal do português brasileiro. Por essa razão, seu trabalho não observa formas como “tenho andado”, “tinha andado”, “terei andado” e “teria andado”, considerando,

talvez, como perífrases ou locuções espúrias ao sistema temporal. O estudo de Corôa limita-se a “ando”, “andei”, “andava”, “andaria” e “andarei” como as cinco formas do indicativo no português brasileiro. Ampliando a discussão de Corôa (2005), Barbosa (2008, p. 95) argumenta que os pretéritos perfeito simples e perfeito composto do português devem receber a mesma definição temporal: ME–MR,MF; as diferenças “devem ser buscadas em outros traços semânticos ou pragmáticos”.

Como se pode observar, a oposição temporal que proponho para o perfeito simples e o perfeito composto do espanhol aproxima-se da oposição do *simple past* e do *present perfect* do inglês, mas não da oposição do perfeito simples e o perfeito composto do português, considerando os estudos aqui mencionados. Tanto no espanhol quanto no inglês, o perfeito simples expressa coincidência temporal entre o momento do evento e o momento da referência, estando ambos situados num ponto anterior ao momento da fala (E,R–S); o perfeito composto, por outro lado, indica que a referência coincide com o momento da fala, e o momento do evento é anterior a ambos (E–R,S). Como vimos, estudos sobre os tempos verbais do português atribuem essa mesma interpretação aos pretéritos imperfeito e perfeito do indicativo, respectivamente.

Retomando a análise das duas formas verbais do pretérito perfeito do indicativo castelhanas, proponho um quadro que sintetiza a oposição temporal entre o PPS e o PPC a partir dos estudos de Bello, Rojo e Veiga e Reichenbach:

	PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES (<i>Canté</i>)	PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO (<i>He cantado</i>)
Bello (1979 [1810])	(A) – <i>Pretério</i>	(AC) – <i>Antepresente</i>
Rojo e Veiga (1999)	(O-V) – <i>Pretérito</i>	(OoV)-V – <i>Antepresente</i>
Reichenbach (1960 [1947])	(E,R – S) – <i>Simple Past</i>	(E – R,S) – <i>Present Perfect</i>

Quadro 16 – Valor temporal do PPS e do PPC a partir de Bello, Rojo e Veiga e Reichenbach

Esbocei anteriormente o valor temporal dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto castelhanos com base nas discussões de Bello (1979 [1810]), Rojo e Veiga (1999) e Reichenbach (1960 [1947]), de forma a evidenciar que, para diferentes pesquisadores, as duas formas do pretérito perfeito do indicativo contrastam-se via perspectiva temporal.

Alarcos Llorach (1984, p. 20), por exemplo, afirma que a distinção entre o PPS e o PPC é “puramente temporal”. A partir dos exemplos “*leí un libro*” e “*he leído un libro*”, o autor afirma que a única diferença entre os dois pretéritos é a distância temporal evidenciada pela escolha das formas verbais: o emprego da forma simples (*leí*) indica que o evento apresenta maior afastamento temporal em relação ao momento da enunciação, e o emprego da forma composta (*he leído*) indica um passado próximo. Observa-se, portanto, que Alarcos Llorach diferencia os dois pretéritos via categoria Tempo, apenas.

Contrárias a essa tendência, ao tentarem opor o PPS e o PPC a partir da noção temporal, Barros e Oliveira (2007) constatam que a categoria Tempo não é determinante na escolha por uma forma ou outra, já que eventos ocorridos num mesmo espaço temporal, a depender da variedade, podem ser expressos tanto pelo PPS quanto pelo PPC, conforme ilustram os dados a seguir:

(95) *Juan Pablo II fue dado de alta...* (Ocorrência extraída da notícia de um jornal argentino, publicada no dia 13/03/2005)

(96) *Juan Pablo II ha sido dado de alta...* (Ocorrência extraída da notícia de um jornal espanhol, publicada no dia 13/03/2005)⁹⁹

Analisando o uso dessas formas verbais a partir de Bello (1979 [1810]) e Reichenbach (1960 [1947]), Barros e Oliveira (2007) concluem que, apesar de trazerem relevantes contribuições para a interpretação dos tempos verbais castelhanos, as teorias de Bello e Reichenbach, fundamentadas especialmente na perspectiva temporal, não chegam a dar conta das especificidades de uso do PPS e do PPC. Tais dados comprovam que as duas formas coexistem no contexto do espanhol atual, tendo esta última diferentes valores semânticos. Por essa razão, esta tese pretende explorar as peculiaridades do uso do PPC a depender de seus significados e de sua distribuição regional no universo hispânico.

5.2 Categoria Aspecto

Diversos linguistas interessados na unidade linguística verbal têm convergido ao considerarem a importância da noção aspectual na análise de seu objeto de estudo. Travaglia (1994b) adverte para o fato de essa

⁹⁹ Ambas as ocorrências são discutidas por Barros e Oliveira (2007, p. 150).

consideração estar ausente de muitos estudos do sistema verbal. Gramáticas tradicionais e manuais didáticos, por exemplo, costumam abrir seções para discutir Tempo e Modo verbais, o que não acontece com o Aspecto. O fato de línguas como o português e o espanhol não apresentarem marcas morfológicas características da categoria Aspecto, aparecendo esta amalgamada às formas categoriais de Tempo e Modo, talvez seja a explicação de o Aspecto nem sempre ser tratado como uma categoria gramatical, conforme lembram Lyons (1979, p. 333) e Câmara Júnior (1970, p. 98). No estudo sobre os valores do pretérito perfeito do indicativo castelhano, a consideração sobre a categoria Aspecto, que, como veremos, apresenta estreita relação com a categoria Tempo, torna-se imprescindível – o que justifica a discussão ampliada dessa categoria no presente capítulo.

Antes de passar às reflexões sobre a influência da categoria Aspecto na interpretação dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto em espanhol, apresento a forma como essa categoria vem sendo abordada em diversos estudos linguísticos.

Segundo Holt (1943 *apud* COMRIE, 1981, p. 3), a categoria Aspecto representa as diferentes formas de ver a constituição temporal interna de uma situação. Dessa forma, podemos observar que a linha que separa as categorias Tempo e Aspecto é relativamente tênue, uma vez que ambas as categorias estão relacionadas ao *time*: “Aspecto e Tempo são ambas categorias temporais no sentido que têm por base referencial o tempo físico” (COSTA, 1990, p. 19).

Comrie (1981, p. 5) lembra que, embora ambas as categorias se relacionem ao *time*, tal relação apresenta diferentes caminhos. O Tempo, conforme discussão da seção anterior, é uma categoria dêitica que localiza os acontecimentos a partir do presente da enunciação; o Aspecto, por sua vez, não está relacionado com o tempo da situação, senão com a constituição temporal interna do acontecimento. As duas categorias distinguem-se, então, sob o ponto de vista semântico. As noções semânticas do âmbito do Aspecto são: duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim; as do Tempo, como vimos, são: presente, passado e futuro e suas subdivisões, conforme Costa (1990, p. 19).

Elena de Miguel, bem como outros pesquisadores que se dedicam a analisar Tempo e Aspecto, apresenta um distinção semelhante entre as categorias em questão: o Tempo “*localiza el evento verbal en un tiempo externo, orientándolo bien en relación con el momento de habla, bien en relación con el tiempo en que tiene lugar otro evento*”; o Aspecto “*se ocupa del tiempo como una propiedad inherente o interna del propio*

evento: muestra el evento tal y como este se desarrolla o distribuye en el tiempo, sin hacer referencia al momento del habla.” (DE MIGUEL, 1999, p. 2989).

Sob essa perspectiva, podemos estabelecer a diferença entre as categorias Tempo e Aspecto: na primeira, o tempo é externo à situação; no segundo, o tempo é interno à situação. Vejamos um exemplo em que duas formas verbais distintas apresentam coincidência temporal, mas não aspectual, conforme Comrie (1981, p. 3):

(97) “*John was reading when I entered.*”¹⁰⁰

As duas formas verbais destacadas no exemplo em (97) situam os acontecimentos no mesmo plano temporal: passado. Há, no entanto, uma diferença aspectual entre as duas situações. Segundo Comrie, o primeiro verbo (*was reading*) ilustra um fundo conversacional (*background*) para o evento expresso pelo segundo verbo (*entered*). O segundo verbo, expresso no *Simple Past*, representa uma situação completada (neste caso, “minha entrada”). É interessante notar que a forma imperfectiva (*was reading*) evidencia a constituição temporal interna do evento, isto é, sua duração (começo, meio e fim). O uso da forma perfectiva (*entered*), por outro lado, mostra que só interessa destacar a totalidade do evento e não sua duração.

Para finalizar esta etapa, que se propõe apenas a definir o Aspecto, apresento alguns pontos comuns nas conceituações dessa categoria apresentados por Travaglia (1994b, p. 41):

- 1) Aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna.
- 2) Aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si.
- 3) Aspecto envolve tempo.

Arroladas essas principais conceituações, emerge o interesse em averiguar os Aspectos discutidos na literatura. Considerando a amplitude do tema, na seção a seguir, proponho uma análise do sistema aspectual castelhano, passando, em seguida, para uma discussão mais

¹⁰⁰ Grifos meus.

ampla dos Aspectos mais relevantes na análise do pretérito perfeito composto: Imperfectivo, Perfectivo/Aoristo e Perfeito/Anterior.¹⁰¹

5.2.1 O sistema aspectual castelhano

Na análise sobre o Aspecto, García Fernández (2000) abre uma seção para discutir as variedades aspectuais da língua espanhola, cujas possibilidades apresento no quadro a seguir, acompanhadas de seus valores semânticos e formas de conjugação:

Variedades aspectuais	Valor semântico	Formas de conjugação ¹⁰²
<i>Imperfecto</i>	Apresenta uma fase interna da situação.	Presente e Pretérito Imperfeito
<i>Perfectivo (ou Aoristo):</i>	Apresenta a situação completa.	Pretérito perfeito simples
<i>Perfecto</i>	Apresenta o resultado da situação.	Formas compostas com <i>haber</i>
<i>Prospectivo</i>	Apresenta uma parte do período que precede a situação.	Perífrase <i>Ir a + infinitivo</i> (em certos casos)
<i>Neutral</i>	Variedade que se pode interpretar como Imperfecto ou como Aoristo.	Futuro simples e condicional simples

Quadro 17 – Sistema aspectual castelhano (cf. GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 55-56)

Conforme García Fernández, cada uma dessas variedades aspectuais apresenta diferentes realizações. O *Imperfecto*¹⁰³, por exemplo, pode manifestar-se como Progressivo, Habitual e Contínuo. A subvariedade aspectual Progressivo focaliza um único ponto:

(98) *A las cinco Juan escribía una carta, pero no sé si la terminó.*

(99) *A las cinco Juan estaba escribiendo una carta, pero no sé si la terminó.*

O Aspecto *Imperfecto* Progressivo é expresso nos exemplos em (98) e (99) através da forma verbal conjugada no pretérito imperfeito e na perífrase *estar + gerúndio*. O *Imperfecto* Habitual¹⁰⁴ aparece em

¹⁰¹ Para um aprofundamento nas noções aspectuais do português, ver Castilho (2003), Corôa (2005), Costa (1990) e Travaglia (1994b); nas noções aspectuais das línguas em geral, ver Comrie (1981).

¹⁰² Formas mais representativas, conforme o autor.

predicados que indicam situações cuja repetição é interpretada como uma propriedade caracterizadora do sujeito.

(100) *Por las mañanas siempre tomaba té.*

O Contínuo é a subvariedade que focaliza um período, conforme ilustrado em (101). Segundo García Fernández (2000, p. 56), trata-se de um tipo de Aspecto que aparece com predicados estativos¹⁰⁵, como em (102):

(101) *Durante la reunión me miraba con insistencia.*

(102) *Era rubio y tenía ojos azules.*

Como se pode observar, a diferença entre o Progressivo e o Contínuo é bastante discreta. Em ambos, a situação focaliza certo momento: um momento curto (*pontual*), no caso do progressivo (*a las cinco*, por exemplo); um momento longo (*período*), no caso do contínuo (*durante la reunión*, por exemplo).

O Ingressivo e o Terminativo são as subvariedades do Aspecto Aoristo. A leitura do primeiro aparece quando um complemento adverbial indica um ponto que marca o início da situação:

(103) *A las tres Juan tocó la polca.*

Em (103), o complemento “*a las tres*” indica o momento em que o sujeito começa a tocar e não o momento em que termina. Conforme García Fernández (2000, p. 57), se o complemento adverbial indica um intervalo de tempo e não um ponto, é possível a leitura de Aspecto Terminativo, mas não Ingressivo.

(104) *En 1968 la Caballé cantó Lucrezia Borgia.*

O modificador temporal “*en 1968*” não indica o momento em que Caballé começa a cantar a ópera, senão um intervalo de tempo no qual a atividade se situa (Aspecto *Perfectivo* Terminativo). García Fernández

¹⁰³ Neste capítulo, mantenho a nomenclatura do autor.

¹⁰⁴ Conforme vimos na seção anterior, para Givón (2001a) o Habitual é Tempo.

¹⁰⁵ Segundo García Fernández (2000, p. 56), em condições normais, os predicados estativos não admitem a leitura progressiva, tampouco a habitual: **Estaba siendo rubio.* / **Siempre era rubio.*

(2000, p. 57) lembra que a leitura padrão do *Perfectivo* é a terminativa, “*puesto que la ingresiva tiene grandes limitaciones de tipo pragmático*”. A leitura ingressiva só é consentida em atividades e realizações que transcorrem em espaços de tempo breves, como é o caso do exemplo em (105), mas não em (106):

- (105) *A las cinco leyó el telegrama.*
 (106) *#A las cinco leyó Madame Bovary.*¹⁰⁶

A análise do Aspecto *Perfecto* castelhano aproxima-se da discussão de Comrie (1981), que detalho mais adiante nesta tese: as variedades mais significativas são o Resultativo, o Experiencial e o Continuativo. A oposição entre os dois primeiros – que não é tão óbvia, como atesta Comrie (1981) – é apresentada por García Fernández (2000, p. 57) através dos seguintes exemplos:

- (107) *Juan ya ha llegado.* (Resultativo)
 (108) *Juan ya ha llegado a las tres de la mañana.* (Experiencial)

O exemplo em (107) expressa um único evento (*llegar*), cujo resultado permanece no ato da enunciação: Juan está aqui. Em (108), por outro lado, não é necessário que Juan esteja aqui agora; afirma-se simplesmente que Juan, em alguma ocasião do passado (talvez em várias), chegou às três, ou seja, já passou por essa “experiência”.

O Continuativo, terceiro valor do *Perfecto*, indica ações que se prolongam ou se repetem¹⁰⁷, aparecendo também em predicados negados, conforme ilustram, respectivamente, os exemplos abaixo:

- (109) *He vivido lo suficiente en este país como para saber cómo funcionan las cosas.* (Ação que se prolonga)
 (110) *Hasta ahora me ha dicho siempre la verdad.* (Ação que se repete)
 (111) *No he comido todavía.* (Predicado negado)

¹⁰⁶ Com base nesses exemplos, confirmamos Câmara Júnior (1970), Castilho (2003), Costa (1990), Cunha (1972), Said Dali (1964), Travaglia (1994b), entre outros autores, sobre o fato de a leitura aspectual ir além do morfema flexional do verbo – discussão ampliada no decorrer das próximas seções.

¹⁰⁷ Valores que trato como Continuativo durativo e Continuativo iterativo, respectivamente.

García Fernández (2000, p. 58) chama atenção para a proximidade entre o Aspecto *Perfecto* Continuativo e o *Imperfecto*: “*lo que caracteriza al Perfecto continuativo es que las situaciones son prolongables, es decir, no se afirma nada sobre el final de las mismas, tal y como ocurre con el Imperfecto*”¹⁰⁸.

A respeito do *Prospectivo*, García Fernández menciona que esse Aspecto não apresenta nenhuma subvariedade, e acrescenta que a existência do *Prospectivo* no espanhol é discutível. Por essa razão, não menciona uma forma de conjugação que o represente, a despeito do que faz com os demais valores aspectuais. Num capítulo posterior, contudo, o autor abre uma seção para tratar da perífrase *ir + infinitivo* como uma possível representante do Aspecto *Prospectivo* castelhano. Nessa análise, García Fernández (2000) relaciona os Aspectos *Prospectivo* e *Perfecto*: este último põe em relação um estado de coisas com um evento anterior; o primeiro põe em relação um estado de coisas com um evento posterior. Em seu modelo aspectual, Klein (1992 *apud* GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 228) prevê a existência do *Prospectivo*, e em sua análise também fica clara essa relação entre o *Prospectivo* e o *Perfecto*:

<p><i>Prospectivo (va a pintar)</i></p> <p>-----+++++[++++]+++++</p>
<p><i>Perfecto (ha pintado)</i></p> <p>+++++[++++]++++-----</p>

Quadro 18 – Representação dos Aspectos *Prospectivo* e *Perfecto*

Fundamentado no modelo de Klein, García Fernández (2000, p. 48-49, 228) representa o Tempo da Situação com o sinal “-“, o tempo anterior ou procedente ao Tempo da Situação com “+“ e o Tempo do Foco com o colchetes “[]”. Logo, a partir do quadro acima, podemos definir o *Prospectivo* como uma variedade aspectual em que o Tempo do Foco é completamente posterior ao Tempo da Situação, e o *Perfecto*

¹⁰⁸ O que Bertinetto (1991 *apud* GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 58) trata como casos de “*hibridismo aspectual*”. Na seção 5.2.3 a seguir, discuto essa proximidade aspectual entre *Perfecto* e *Imperfecto* através da metáfora da lente da câmera.

como uma variedade aspectual em que Tempo do Foco é completamente anterior ao Tempo da Situação.

Analisando os valores da construção *Go-futures*, a representação de Fleischman (1982, p. 19) para o *Prospective Present*¹⁰⁹ vai ao encontro da discussão de García Fernández, evidenciando a relação do evento futuro (E) com uma referência que é simultânea ao presente da fala (S)R:



Em direção aos argumentos sobre a ligação entre o *Prospectivo* e o *Perfecto* com o momento da enunciação, tomo como base o modelo reichenbachiano e a representação de Fleischman acima para ilustrar o *Perfecto*, a partir do qual, conforme antes mencionado, o evento passado (E) apresenta relação a uma referência que é simultânea ao presente da fala R(S):



García Fernández lembra que o sistema de Reichenbach permite a distinção entre dois futuros: um futuro e um pós-presente – da mesma forma que, a partir de Reichenbach, propus a distinção entre dois passados: um pretérito e um ante-presente, conforme representado no quadro a seguir:

Formas de futuro		Formas de passado	
Futuro H-R,E	Pós-presente H,R-E	Pretérito E,R-H	Ante-presente E-R,H
<i>Lo acabaré.</i>	<i>Voy a acabarlo.</i>	<i>Lo acabé.</i>	<i>Lo he acabado.</i>

Quadro 19 – Paralelo temporal entre as formas de futuro e de passado¹¹⁰

¹⁰⁹ Fleischman (1982, p. 18-19) apresenta três significados atribuídos por Binnick (1971) à construção *Go-futures* (*I am/was going* do inglês, *Voy/iba a cantar* do espanhol, por exemplo): *Immediate* ou *Proximal Futurity*, *Inceptive Present* e *Intentionality* ou *Intentive Present*. A esses três, a autora acrescenta quatro significados: *Imminence*, *Ultérieur*, *Present Relevance* e *Prospection* ou *Prospective Present*. Fleischman (1982, p. 119) aponta que os termos *Prospective Present* (Aspecto *Prospectivo* na análise de García Fernández) e *Present Relevance* são frequentemente intercambiáveis, embora seus significados coincidam apenas parcialmente.

¹¹⁰ Fundamentado em Reichenbach (1960 [1947]) e García Fernández (2000).

Ainda que a discussão aqui pareça seguir para uma perspectiva mais temporal/referencial do que aspectual, o trabalho de García Fernández traz importantes reflexões a respeito da gramaticalização de uma das formas verbais que constituem meu objeto de estudo: o perfeito composto – o que justifica a extensa análise da perífrase *ir + infinitivo*, cujo valor aspectual *Prospectivo* ainda será discutido. Antes, contudo, vale prosseguir com a reflexão sobre a gramaticalização de ambas as construções: *ir + infinitivo* e *haber + participio*.

Como vimos em discussões anteriores, a distância temporal entre o pretérito e o ante-presente (o que venho chamando de perfeito simples e perfeito composto, respectivamente) é clara se levarmos em conta o que observam algumas teorias sobre a influência dos complementos temporais. García Fernández (2001), por exemplo, conclui que complementos adverbiais que englobam o momento da enunciação se combinam com o perfeito composto, e os que não englobam, com o perfeito simples. Trazendo essa consideração para a oposição futuro/pós-presente, poderíamos supôr que os complementos adverbiais candidatos a combinar com o futuro seriam aqueles que excluíssem o momento da fala (“*el año que viene*”, por exemplo), e os que combinariam com o pós-presente seriam os que contemplassem esse momento (tal como “*esta semana*”). García Fernández (2000, p. 228-229) argumenta que a conclusão é válida para os tempos do pretérito, mas não para os do futuro:

- (112) a. *Mi hermana se casará el año que viene.*
 b. *Mi hermana se va a casar el año que viene.*

- (113) a. *Te devolveré el coche esta semana.*
 b. *Voy a devolvete el coche esta semana.*¹¹¹

García Fernández (2000, p. 229) aduz que complementos do tipo “*el año que viene*” podem se combinar tanto com o futuro como com o pós-presente; paralelo ao que acontece com complementos do tipo “*esta*

¹¹¹ Verificamos no capítulo I que essa relação entre as formas verbais com os complementos temporais que contemplam ou não o momento da fala também é possível no caso do emprego de formas pretéritas. A partir de ocorrências na língua em uso, apresentadas no decorrer desta tese, infere-se a possibilidade de dados como: *Mi hermana se casó el año pasado / Mi hermana se ha casado el año pasado* e *Te devolví el coche esta semana / Te he devuelto el coche esta semana.*

semana” – ainda que o caso ilustrado em (113a) seja “menos natural”, segundo o autor.¹¹²

Com base nessa conclusão, o autor conjectura a existência de uma etapa intermediária na evolução de Perfecto Resultativo a Pretérito Aoristo: entre as etapas III e IV proposta por Harris (1982), há uma que “*podemos denominar Antepresente y en la que la antigua forma resultativa expresa acciones pasadas dentro de períodos que incluyen el momento de la enunciación*” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 230). Os exemplos em (112) e (113) sinalizam que esta etapa não se deu no espanhol no que diz respeito à evolução Prospectivo ⇒ Futuro, já que o uso de *ir a + infinitivo* não está limitado a períodos que incluem o momento da fala.

Uma observação interessante a respeito da gramaticalização das perífrases *habeo + participío* e *ir a + infinitivo* é também apontada por Fleischman (1983 *apud* GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 228). Segundo a autora, essas perífrases românicas, bem como as formas inglesas *have + participío* e *be going to + infinitivo*, apresentam uma evolução paralela: de formas aspectuais (*Perfecto* e *Prospectivo*, respectivamente) a formas temporais (pretérito e futuro, respectivamente).

Voltando à análise sobre o Aspecto *Prospectivo*, verificamos no início desta seção que, embora reconheça a possibilidade de a perífrase *ir a + infinitivo* expressar tal Aspecto, García Fernández põe em dúvida sua existência na língua espanhola. O autor constata inicialmente dois valores de *ir a + infinitivo*: valor temporal de futuro e marca de discurso indireto.¹¹³ Baseando-se na análise de Fleischman (1983), contudo, García Fernández admite a necessidade de postular a existência do *Prospectivo*. A partir do exemplo francês “*Il avait l'apparence d'un homme qui va mourir*”, Fleischman adverte que, com a substituição de “*va mourir*” por “*mourra*”, a oração perde o sentido, pois no caso “*va mourir*” há relação entre um estado de coisas e um evento posterior: “*el futuro es inadecuado porque tarde o temprano todo el mundo va a morir*” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 236). A tradução mostra que no espanhol a situação é a mesma, uma vez que não é possível manter o mesmo significado substituindo a perífrase pelo futuro e pelo presente, conforme ilustra o autor:

¹¹² A possível artificialidade decorre, suponho, da baixa ocorrência do futuro simples no espanhol falado, especialmente num contexto de proximidade temporal evidenciada pelo complemento adverbial “esta semana”.

¹¹³ Não me ateno a este último valor a fim de não adiar ainda mais a análise do Aspecto *Prospectivo*.

- (114) a. *Tenía el aspecto de un hombre que va a morir.*
 b. #*Tenía el aspecto de un hombre que morirá.*
 c. #*Tenía el aspecto de un hombre que muere.*

Analisando outros exemplos, García Fernández constata a presença do Aspecto *Prospectivo* na língua espanhola, e corrobora a hipótese de Fleischman (1983) de que a perífrase *ir a + infinitivo* “*ha experimentado un proceso de gramaticalización que podemos representar así: ASPECTO → TIEMPO*”, conservando, porém, “*su primitivo valor de Prospectivo, como las formas compuestas con haber conservan su valor de Perfecto*” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 237).

A respeito do *Neutral*, García Fernández (2000, p. 237) limita-se a dizer que essa forma aspectual pode ter a interpretação do *Imperfecto* ou do *Perfectivo*, correspondendo às formas simples de futuro: *cantaré* (futuro) e *cantaría* (condicional). Por essa razão, o autor adverte que o *Neutral* apresentará as subvariedades próprias do *Imperfecto* (Habitual, Progressivo e Continuativo) e do *Perfectivo* (Terminativo e Ingressivo).

Tendo apresentado o sistema aspectual castelhano a partir da análise de García Fernández (2000), passo à discussão dos Aspectos discutidos na literatura sobre as formas do pretérito perfeito: Imperfectivo, Perfectivo e Perfecto. Antes, porém, vale mencionar alguns fatores que justificam a substituição, de agora em diante, de Perfectivo para Aoristo e de Perfecto para Anterior.

5.2.2 Perfecto/Anterior e Perfectivo/Aoristo: atualizando as definições

Comrie (1981) dedica um capítulo de seu trabalho *Aspect* para discutir o Perfecto (*perfect*) em diversas línguas naturais. Segundo o autor, o fato de o Perfecto nada nos dizer a respeito de sua constituição temporal interna é o que o diferencia dos demais Aspectos. Com base nos exemplos a seguir, Comrie (1981, p. 52) aduz que a função do Perfecto é indicar a relevância presente de uma situação passada.

(115) *I have lost my penknife.*

(116) *I lost my penknife.*

Para Comrie, com o uso do *Perfect* “*have lost*” há uma implicatura de que “meu canivete continua perdido”. Essa relevância

presente não é mantida com o uso do *non-Perfect* “*lost*”. Também sob a definição de Aspecto Perfecto, García Fernández (2000, p. 55) põe em evidência o resultado presente da situação.

Sem aprofundar a discussão do(s) significado(s) do Perfecto – a qual será desenvolvida adiante –, cito essa noção básica do Aspecto em questão a fim de justificar o uso de outro termo adotado por diversos pesquisadores (DAHL, 1985; SCHWENTER, 1994; SERRANO, 1994): o Anterior.

Em direção aos argumentos de Kempas (2006, p. 32), o uso do termo “Perfecto” pode comprometer a interpretação aspectual esperada em (115) (*have lost*), já que esse termo – derivado da forma latina “*perfectum*” – significa, originalmente, “acabado”, contradizendo a perspectiva temporal aberta do Aspecto em questão. Um segundo argumento a favor da definição “Anterior” em detrimento da definição “Perfecto”, apresentado por Kempas, diz respeito à combinação da noção aspectual com a nomenclatura da forma verbal. A leitura de enunciados cuja situação persiste no momento da fala, como “*He estudiado mucho últimamente*” como *Pretérito Perfecto Anterior* soa melhor que *Pretérito Perfecto Perfecto*. Da mesma forma, em situações em que o perfeito composto indica situações acabadas, como em “*Hoy he comido una manzana*”, a substituição do termo *Pretérito Perfecto Perfectivo* por *Pretérito Perfecto Aoristo* torna mais clara a noção aspectual da situação. Em outras palavras, a fim de se evitar possíveis confusões no que diz respeito à leitura aspectual, é dada preferência, nesta tese, às definições Anterior e Aoristo em detrimento daquelas utilizadas por García Fernández (2000): Perfecto e Perfectivo, respectivamente.

5.2.3 Os Aspectos Anterior, Aoristo e Imperfectivo na análise do PPS e do PPC

Na análise das formas simples e composta do pretérito perfeito castelhano, é essencial a consideração da categoria Aspecto, uma vez que, como vimos, apenas a categoria Tempo não dá conta de opor essas duas formas verbais. Nesta seção, amplio a discussão dos Aspectos Anterior, Aoristo e Imperfectivo – respectivamente, *Perfecto*, *Perfectivo* e *Imperfecto*, na definição de García Fernández (2000) – por serem os mais frequentemente discutidos na literatura sobre os pretéritos perfeito simples e perfeito composto.

O Aspecto Anterior é comumente compreendido como uma situação que iniciou no passado, mas apresenta alguma relação com o

presente da enunciação (ANDERSON, 1982; BYBEE *et al.*, 1991; COMRIE, 1981; DAHL, 1985; SCHWENTER, 1994). Essa conexão, tradicionalmente conhecida como “relevância atual”, costuma ser o ponto de partida de diversos autores para a definição semântica do pretérito perfeito composto castelhano, cujo uso pressupõe o interesse do falante em denotar a relevância da situação para o momento presente.

O Aspecto Aoristo, por outro lado, expressa um limite temporal, colocando a situação num plano temporal passado sem relação com o presente da enunciação. Nessa perspectiva, o Aoristo contrasta com o Imperfectivo, já que este último Aspecto é definido justamente a partir da falta de limite interno da situação. Em outras palavras, enquanto o Imperfectivo caracteriza-se por explicitar a constituição temporal interna da situação, o Aoristo nada diz a esse respeito (SCHWENTER, 1994, p. 74). Logo, podemos assim sintetizar a diferença entre Anterior, Aoristo e Imperfecto:

Anterior: denota situações ocorridas no passado, mas que guardam relação com o presente da enunciação.

(117) “*Los médicos han optado por mantener al Pontífice en su residencia y no trasladarlo al Policlínico Gemelli de Roma...*” (LILR-01-04-2005)¹¹⁴.

Aoristo: denota situações ocorridas no passado, sem relação com o presente da enunciação.

(118) “*Finalmente Pérez Roque lamentó la falta de credibilidad de la CDH*” (HAGR-07-03-2005)

Imperfectivo: põe em evidência a constituição temporal interna de uma situação também ocorrida no passado.

(119) “*El huracán Rita perdía fuerza ayer, pero de todos modos avanzaba hacia la costa de Texas y Luisiana con vientos de 200 kilómetros por hora...*” (LPEM-22-10-2005)

A partir dessas ocorrências, poderíamos conjecturar que as formas verbais prototípicas dos Aspectos Anterior, Aoristo e Imperfectivo

¹¹⁴ A forma como os dados presentes na amostra são referenciados daqui em diante é explicado na seção 6.1 adiante.

seriam, respectivamente, o pretérito perfeito composto, o pretérito perfeito simples o pretérito imperfeito do indicativo.

A divisão, contudo, não é tão simples, já que a noção aspectual não é expressa exclusivamente pela flexão verbal. A duratividade denotada pelo Aspecto Imperfectivo, por exemplo, não implica necessariamente o emprego de formas do imperfeito. Comrie (1981, p. 41) lembra que a duratividade presente na situação “*I stood there for an hour*” não implica necessariamente imperfectividade. Em dados da língua em uso, é possível encontrar ocorrências dessa natureza:

(120) “*Una mujer austríaca **vivió** durante casi 24 años como rehén de su padre.*” (BACL-28 -04-2008)

Como se pode observar, apesar da expressão de duratividade na situação apresentada em (120) – devido ao modificador temporal “*casi 24 años*” –, o Aspecto não é Imperfectivo, já que não põe em evidência a constituição temporal interna da situação.

Nessa direção, o emprego do pretérito perfeito composto nem sempre indicará Aspecto Anterior, como verificamos na ocorrência ilustrada em (67) reproduzida em (121):

(121) “*yo es que **he ido el otro día** por allí y:- y lo vi/ pero vamos de todas maneras también/ cuando he ido en el tren ahí he visto obras...*” (PRESEEA/Alc/H32S)

A ocorrência em (121) evidencia uma situação ocorrida no passado (*el otro día*) sem relação com o presente da enunciação, ou seja, um uso do PPC Aoristo e não prototipicamente Anterior. Essa consideração permite-nos observar que, embora o pretérito perfeito composto receba em sua definição o termo “perfeito”, a noção aspectual expressa dependerá de outros fatores semânticos e pragmáticos envolvidos na situação. Em outras palavras, a nomenclatura desse tempo verbal pode levar a equívocos, sugerindo, por exemplo, que o perfeito composto, como forma “perfectiva”, remete sempre a acontecimentos pontuais, como nos leva a crer Alarcos Llorach (1984, p. 20):

No hay, pues, que buscar el origen de la diferenciación de sentido del perfecto simple y del compuesto en el aspecto o en la significación de la acción verbal, puesto que ambos ‘tiempos’, al tener el mismo valor aspectual perfectivo, producen el mismo resultado aspectual con una misma acción.

Na seção anterior, verificamos que, para Alarcos Llorach (1984), a diferença entre “*leí un libro*” e “*he leído un libro*” se dá via Tempo: o primeiro enunciado expressa maior afastamento temporal em relação ao momento da enunciação, comparado ao segundo que indica um passado próximo. Em oposição a essa perspectiva, argumento que *he leído*, além de expressar proximidade temporal, pode, conforme o contexto, ser interpretado como um evento durativo:

(122) *En los últimos años, he leído un libro que me ha ayudado mucho.*

O exemplo que criei em (122) serve para corroborar a afirmação acima: o uso da forma composta pode ser justificada não apenas pela consideração do Tempo, mas também pela consideração do Aspecto – nesse caso, a aspectualidade durativa que o falante pretende evidenciar. Essa discussão vai em direção à teoria de Comrie citada anteriormente, pois evidencia a possibilidade de uma situação durativa ser expressa por uma forma chamada pela terminologia oficial de *pretérito perfecto*.

Constata-se, então, que a nomenclatura perfeito/imperfeito pode ser uma armadilha na análise dos tempos verbais. Discutindo o *Perfect* – o que passei a chamar de Anterior –, Comrie (1981, p. 53) lembra que é importante não se deixar enganar pelo rótulo “perfeito” dado pela gramática. Em muitas línguas românicas, segundo o autor, o passado composto pode apresentar tanto o significado *perfect* como *nonperfect*. A seguir, a fim de prosseguir a discussão, apresento alguns exemplos das diferentes aspectualidades do pretérito perfeito composto, especialmente.

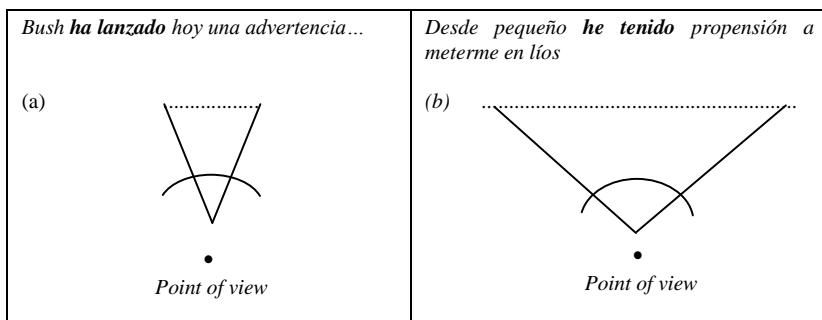
(123) “*El presidente de EE UU, George W. Bush, ha lanzado hoy una nueva advertencia a Irán.*” (MAEP-09-01-2008)

(124) “*Desde pequeño he tenido propensión – sea de modo optativo o voluntario, pero siempre fatal – a meterme en líos.*” (MAEL-16-11-2007).

Conforme já mencionado, as ocorrências acima têm em destaque uma forma verbal perfectiva por convenção (pretérito perfeito composto). A questão é: *ha lanzado* e *he tenido* expressam a mesma aspectualidade? Respondo a esse questionamento, lançando mão da metáfora da lente da câmera, que vem sendo útil para diversos estudiosos oporem perfectividade vs. imperfectividade (FLEISCHMAN, 1995; GIVÓN, 2001a, por exemplo). Tratando da oposição aspectual no castelhano, Lunn (1985 *apud* FLEISCHMAN, 1995, p. 521) afirma que:

when a speaker's perspective on a time span permits a situation to be viewed in its entirety and in focus, the speaker will refer to it in the preterit [=perfective past]. When a speaker's perspective precludes such focus, the situation will be referred to in the imperfect [=imperfect past].

Como podemos observar, a oposição proposta pela autora remete aos pretéritos perfeito e imperfeito do espanhol: *Juan cantó* vs. *Juan cantaba*, por exemplo. Voltando às ocorrências em (123) e (124), reconhecemos que o pretérito perfeito composto pode ser subdividido em dois usos aspectuais distintos: de um lado, o PPC representando uma situação captada completamente pelo foco (*ha lanzado hoy una nueva advertencia...*); de outro, o PPC representando um evento que não pode ser visto inteiramente pelo foco (*desde pequeño he tenido propensión...*). As figuras (a) e (b) ilustram, respectivamente, a distinção que acabo de propor:¹¹⁵



¹¹⁵ Ilustração a partir da metáfora da lente da câmera apresentada por Givón (2001a, p. 289) ao discutir o domínio funcional Aspecto.

A figura em (a) mostra que a lente da câmera é capaz de captar a totalidade do ato de lançar uma advertência ao Iran: uso do PPC para expressar uma situação concluída no passado. Em (b), no entanto, a lente da câmera não consegue contemplar toda a extensão da situação, isto é, não se sabe exatamente em que momento o emissor começa a ter propensão para se meter em confusões nem em que momento termina (se é que termina). Logo, o uso do PPC, neste caso, expressa uma situação não concluída no passado. Vale lembrar que há também no português uma forma perfectiva com esse valor aspectual: “Tenho estudado” é convencionalmente denominado como pretérito perfeito composto, e seu valor aspectual é de duração e iteração (PAIVA BOLÉO, 1936; ILARI, 2001; BARBOSA, 2008).

Destaco que a metáfora da lente da câmera vem sendo usada para opor as formas perfectivas (pretérito perfeito e mais-que-perfeito, por exemplo) e imperfectivas (pretérito imperfeito, condicional, presente e futuro do presente). Nesta pesquisa, pretendo mostrar que, embora o pretérito perfeito composto esteja situado no quadro das formas perfectivas, conforme o contexto geográfico em que se insere, essa forma verbal expressa diferentes Aspectos: Aoristo e Anterior – como subvariedade deste último, aparecem o durativo e o iterativo, que, a partir da metáfora da lente da câmera, podem ser visualizados como noções imperfectivas.

Voltando aos exemplos acima, vale lembrar que a interpretação aspectual das ocorrências (123) e (124) não é dada ao acaso; a presença dos complementos adverbiais “*hoy*” e “*desde pequeño*” possibilitam a leitura pontual e durativa de *ha lanzado* e *he tenido*, respectivamente. Agregado a esse fator, o valor semântico dos verbos em questão ajudam-nos a reconhecer a aspectualidade expressa nos enunciados. Apresento o quadro proposto por Costa (1990, p. 14) com os traços semânticos dos tipos de verbos e, em seguida, prossigo a discussão.

Tipos	Traços				Exemplos
	Durativo	Dinâmico	Permanente	Agente	
Acontecimentos	–	+	–	–	Cair
Atos (ações)	–	+	–	+	Quebrar
Processos	+	+	+–	–	Crescer
Atividades	+	+	+–	+	Ler
Estados	+	–	+–	–	Continuar

Quadro 20 – Traços semânticos e tipos de verbos (COSTA, 1990, p. 14)

Seguindo o quadro proposto por Costa, podemos afirmar que “*lanzar*” é um ato (ação), cujos traços semânticos são: [– durativo], [+ dinâmico], [– permanente] e [+ agente]; e “*tener*” é um estado, cujas propriedades são: [+ durativo], [– dinâmico], [+– permanente] e [– agente]. Segundo Costa, dentre esses quatro traços, o que melhor retrata a constituição interna da situação é o [+– durativo]. Como se pode observar, a propriedade semântica dos verbos *lanzar* e *tener* ajuda-nos a identificar o traços [– durativo] e [+ durativo] das situações em (123) e (124), respectivamente. Dessa forma, admite-se que, na análise aspectual das formas PPS e PPC, é imprescindível levar em conta pelo menos três dos elementos linguísticos que Travaglia (1994b) considera em seu estudo sobre a categoria Aspecto: o semantema dos verbos, os seus complementos e os adjuntos adverbiais.

Com base na discussão desta seção, a necessidade de tratar da categoria Aspecto se dá especialmente pelas especificidades do pretérito perfeito composto, reconhecida por diversos autores: Comrie (1981), Givón (2001a), Gutiérrez Araus (1997), por exemplo.

Reconhecendo a complexidade da questão, Comrie (1981, p. 56-65) propõe *types of perfect* a partir de exemplos de diversas línguas (inglês, português, espanhol, francês, entre outras).¹¹⁶ Sintetizo alguns significados do *perfect* apontados pelo autor e, à direita dos exemplos, arrisco um paralelo com o espanhol:

¹¹⁶ Sob perspectiva semelhante, Schwenter (1994, p. 74) analisa os tipos de Anterior no inglês: *Anterior of Result, Experiential, Hot News* ou *Recent Past, Anterior Continuing e Current Relevance*.

Perfeito resultativo (*perfect of result*) – um estado presente é referido como resultado de alguma situação passada. Conforme Comrie (1981, p. 56), essa é a mais clara manifestação da relevância atual de uma situação passada.

(a) *John has arrived / John ha llegado*

Implica-se que João chegou e o resultado é que ele ainda está aqui (resultativo).

Perfeito experiencial (*experiential perfect*) – uma dada situação ocorreu pelo menos uma vez no passado.

(b) *Bill has been to America / Bill ha estado en América.*

(b') *Bill has gone to America / Bill ha ido a América.*

O exemplo em (b) e (b') marcam a diferença entre o perfectivo experiencial (b) e o resultativo (b'). A distinção está entre *be* e *go* (*estar* e *ir*). *Bill has been to América* implica que, pelo menos uma vez (possivelmente mais) Bill, de fato, foi a América (*experiential perfect*). *Bill has gone to América*, por outro lado, implica que Bill está agora em América (*perfect of result*).

Perfeito como passado recente (*Perfect of recent past*) – representa a relevância de uma situação passada com o presente. O autor lembra que, neste caso, enquanto o espanhol admite uma especificação do tempo por um modificador temporal (do tipo *this morning*), o inglês exclui essa possibilidade.

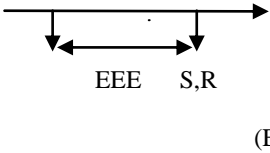
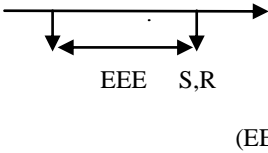
(c) **I've been to the dentist this morning. / He ido al dentista esta mañana.*

He ido denota um evento que ocorreu num passado próximo ao momento da fala.

O último significado apresentado no quadro acima confirma a discussão da seção 5.1 sobre a oposição temporal entre o PPS (passado remoto) do PPC (passado próximo). Como se pode observar, Comrie discute como Aspecto o que discuti como Tempo. Vale mencionar ainda que ao tratar das complexidades do *Perfect*, Givón (2001a, p. 297) opõe o *Past* e o *Perfect* como [+ anterior] e [- anterior], respectivamente, e essa oposição aparece, também, na discussão sobre Aspecto. Dessa forma, confirmo a afirmação apresentada na introdução deste tópico: a linha que separa as categorias Tempo e Aspecto não é óbvia.

Ainda no âmbito do valor durativo do perfeito composto, contemplo nesta seção a sequência da teoria reichenbachiana para

mostrar que Reichenbach também prevê esse valor para o *Present Perfect* do inglês: “*The English present perfect is often used in the sense of the corresponding extended tense, with the additional qualification that the duration of the event reaches up to the point of speech.*” (REICHENBACH, 1960 [1947], p. 292). O adiamento dessa discussão justifica-se pelo fato de Reichenbach estar se reportando ao tempo interno do evento “*duration of the event*”, e, como apontado no início desta seção, o tempo interno à situação corresponde ao que estou tratando como Aspecto. A seguir, apresento uma fórmula possível para esse segundo valor do *Present Perfect*, propondo uma analogia com o perfeito composto do espanhol:

<i>I have studied</i> ¹¹⁷	<i>Yo he estudiado</i>
 <p style="text-align: center;">EEE S,R</p> <p style="text-align: right;">(EEE - S,R)</p>	 <p style="text-align: center;">EEE S,R</p> <p style="text-align: right;">(EEE - S,R)</p>

Quadro 21 – *Present Perfect Extended* / PPC Anterior

O quadro acima evidencia que a forma estendida do perfeito composto representa um evento (E) que inicia no passado e se estende até dois pontos que são coincidentes na linha temporal: ponto da fala (S) e ponto de referência (R). A partir da análise de Reichenbach, atribuo a este uso do perfeito composto a seguinte fórmula: (EEE – S,R), em que a repetição do evento (EEE) é uma tentativa de ilustrar sua duração.

Vale ressaltar que Reichenbach cria o sistema paralelo relativo ao tempo estendido em função do francês, que apresenta o *imparfait*. Em Oliveira (2007, p. 25), argumento que o pretérito imperfeito do espanhol também representa um evento estendido no passado (EEE), ilustrando a diferença entre o pretérito perfeito composto e o pretérito imperfeito do espanhol a partir dos seguintes gráficos:

¹¹⁷ “*I have seen him*” é o exemplo original do autor. Acredito, porém, que a substituição de um verbo [– durativo], como é o caso de “*ver*”, por um [+ durativo], como é o caso de “*estudar*”, torna mais clara a compreensão do *Present Perfect Extended*.

(125) “Ayer (...) los ciudadanos **festejaban** la elección de la primera mujer presidenta de Chile.” (OLIVEIRA, 2007, p. 25)

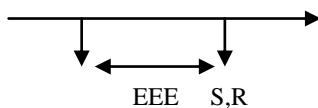


(EEE, R – S)

Quadro 22 – Representação do pretérito imperfeito espanhol

Verifica-se, no quadro acima, que o pretérito imperfeito indica coincidência entre referência e evento: o festejo dos cidadãos chilenos (evento) ocorreu no dia da eleição da presidenta (referência), ou seja, um dia antes de a notícia ser proferida. Dessa forma, no pretérito imperfeito, R e E coincidem em um ponto anterior à enunciação. Esta é, então, a primeira diferença entre o pretérito imperfeito e o PPC Anterior: no primeiro, evento e referência são anteriores ao momento da fala; no segundo, a referência é simultânea ao momento da fala e o evento é anterior a ambos. A segunda diferença entre as duas formas verbais é que, apesar de ambas indicarem duração, no imperfeito, o evento não se estende até o presente da enunciação, diferente do que ocorre com PPC Anterior. Comparemos a representação e a fórmula dos dois pretéritos através dos quadros (22) e (23):

(126) “Un país donde a pesar del bloqueo se **han alcanzado** índices de salud, educación y cultura reconocidos internacionalmente.” (OLIVEIRA, 2007, p. 26)



(EEE – S,R)

Quadro 23 – Representação do PPC Anterior no espanhol

Como se pode observar, o quadro em (22) ilustra um evento estendido no passado sem relação com o presente; o quadro em (23), por outro lado, retrata um evento estendido que inicia no passado e continua no presente.

O PPC Anterior tem recebido diferentes denominações. Gutiérrez Araus (1997, p. 22), por exemplo, define-o como *pasado continuativo-resultativo en el presente* e afirma que esse é um valor do perfeito composto que abarca todo o domínio hispânico. Seus exemplos são:

(127) “*Su padre se **ha desgastado** con tanto trabajo.*”

(128) “*Los escritores, por lo general, **han sido** y son grandes fumadores. Pero es curioso que no hayan escrito libros sobre el vicio del cigarrillo, como sí **han escrito** libros sobre el juego, la droga o el alcohol.*” (J. RAMÓN RYBEIRO: *Cuentos*)¹¹⁸

Segundo Gutiérrez Araus, os verbos destacados acima representam uma ação que pertence ao passado, mas que continua no presente e se apresenta como não terminada, ou seja, “*una acción o estado cuyos efectos o resultados perduran en el momento de la enunciación.*” (GUTIÉRREZ ARAUS, 1997, p. 22) – similar ao *perfeito resultativo* descrito por Comrie (1981).

Diferente da análise de Alarcos Llorach, ao tratar dos valores das formas pretéritas na conjugação castelhana, Gutiérrez Araus nada diz a respeito da oposição entre o PPS e PPC a partir das categorias Tempo e Aspecto. Ao apresentar o valor de PPC como antepresente, fica implícita a noção de Tempo, já que Gutiérrez Araus (1997, p. 23) usa termos como *perspectiva temporal* e *plan actual*. Na nomenclatura *pasado continuativo-resultativo*, porém, reconhecemos as duas noções: Tempo (*pasado*) e Aspecto (*continuativo-resultativo*).

Como vimos, o limite entre as duas categorias pode não ser facilmente percebido, o que leva alguns pesquisadores a tratarem como Tempo certos fenômenos que outros tratariam como Aspecto (e vice-versa). Como vimos, Givón (2001a, p. 286) insere o “Habitual” no quadro dos principais tempos verbais: passado, futuro, presente e habitual. Segundo o autor, o Habitual representa “*an event (or state) that*

¹¹⁸ *Apud* Gutiérrez Araus (1997, p. 22).

either occurs always or repeatedly, or whose event-time is left unspecified"; essa “repetição” do evento e possibilidade de um não-tempo alguns autores tratam como Aspecto – Costa (1990, p. 27) e Travaglia (1994b, p. 21), por exemplo. Vale ressaltar que o próprio Givón reconhece a possibilidade de o Habitual ser tratado como uma subcategoria do Aspecto Imperfectivo.

O acima exposto mostra-nos, então, a necessidade de não limitar a categoria Aspecto a uma análise bipartida perfectivo *vs.* imperfectivo. A literatura tem nos mostrado que a aspectualidade pode ser determinada pela morfologia verbal, pelos advérbios temporais, por características intrínsecas ao verbo, pelos complementos verbais e por outros fatores textuais e extralinguísticos. A seguir, passo a discutir elementos que farão parte da análise aspectual das ocorrências do pretérito perfeito composto na amostra.

5.2.4 Elementos que atualizam Aspecto

Tendo discutido a definição e os tipos de Aspecto, especialmente no que diz respeito à língua castelhana, emerge o questionamento: quais elementos influem na expressão do Aspecto? Estudos sobre essa categoria apresentam diversos elementos linguísticos (morfológicos e lexicais) que influem na expressão aspectual, a saber: o semantema do verbo (tipos de verbo), a flexão verbal, os adjuntos adverbiais, os complementos verbais, as perífrases verbais, alguns afixos derivacionais, a repetição do verbo e o tipo de oração (SAID ALI, 1964; CASTILHO, 1966; CÂMARA JÚNIOR, 1970; CUNHA, 1972; COSTA, 1990; TRAVAGLIA, 1994b; entre outros). Nas seções que seguem, discorro brevemente a respeito dos elementos que participarão da análise aspectual do pretérito perfeito composto: os tipos de verbo, os complementos adverbiais e os complementos verbais.

5.2.4.1 Os tipos de verbo

Tipos de situação, modos de ação, aspecto inerente, aspecto lexical, acionalidade do verbo, *aktionsart* (entre outras) são diferentes definições que frequentemente são tratadas em estudos da categoria Aspecto.¹¹⁹ Pesquisadores interessados na categoria Aspecto costumam

¹¹⁹ Termos presentes em estudos aspectuais e semânticos (COMRIE, 1981; CASTILHO, 1967; COSTA, 1990; TRAVAGLIA 1994b; ILARI, 1997; BERTINETTO; DELFITTO, 2000; OLIVEIRA, 2001; CHIERCHIA, 2003; CORÔA, 2005)

partir do trabalho de Vendler (1967), o qual propõe, originalmente, a tipologia sobre Aspecto inerentemente lexical. A partir dos traços (+/-) contínuo e (+/-) finalizado, Vendler desdobra as classes aspectuais em quatro grupos de verbos:

Estado: designa situações que não possibilitam a divisão em fases, pois ocorrem em todos os instantes de um período de tempo interno. Exemplos desse tipo de situação não-dinâmica são: *ser feliz e acreditar*.

Atividade: situações que independem de um término, sendo verdadeiras mesmo quando interrompidas. Exemplos de verbos de atividade são: *correr e empurrar um carrinho*.

Achievement: situações que envolvem instantes de tempo únicos e definidos. Exemplos desse tipo de situação pontual são: *alcançar o topo da montanha, vencer a corrida*.

Accomplishment¹²⁰: situações que também envolvem instantes de tempo únicos e definidos, diferenciando-se do *achievement* por apresentar uma duração temporal interna maior. Exemplos de verbos *accomplishment* são: *desenhar um círculo, correr 1 Km*.

Travaglia (1994b, p. 61) também reconhece a importância em se considerar os tipos de verbo no estudo sobre o Aspecto, e considera três razões para fazê-lo: a) uma mesma flexão temporal ou perífrase combinadas a tipos de situação distintos pode resultar na expressão de diferentes Aspectos; b) as propriedades semânticas dos diferentes tipos de verbo interagem com as oposições aspectuais, limitando certas combinações e c) a consideração pelos tipos de verbos auxiliam na interpretação do Aspecto em casos mais complexos. O autor analisa os tipos de verbos a partir dos pares de traços: télico/atélico, dinâmico/estático e situação narrada/situação referencial.

O verbo télico indica uma situação cuja existência depende de um ponto culminante, ou seja que caminhe para um ponto final, por

¹²⁰ Travaglia (1994b, p. 66) questiona os termos *accomplishment* e *achievement* – também apresentados por Lyons (1977) – argumentando que essa terminologia é desnecessária, e que é mais claro defini-los como “processo télico” para *accomplishment*, e “evento télico” para *achievement*.

exemplo: morrer, nascer, explodir, engolir, entre outros. O verbo atélico indica uma situação que dura independentemente de um ponto final, por exemplo: caminhar, ler, estudar, entre outros. Vejamos a diferença discutida por Travaglia (1994b, p. 62):

(129) João fez uma cadeira.

(130) João leu.

Em (129), há uma situação télica, pois pressupõe um ponto final. Caso a situação fosse interrompida antes de “se chegar ao término necessário”, a sentença em questão seria falsa. A situação atélica em (130) não depende de um ponto final: a sentença será verdadeira independente de João ter lido uma obra inteira ou ter parado na primeira frase. Com base nesse pressuposto, poderíamos conjecturar que os verbos “fazer” e “ler” são télico e atélico, respectivamente. Travaglia lembra, no entanto, que tal conjectura seria falsa, dado que um verbo pode facilmente mudar de classe. “Ler”, em (130), foi apresentado como atélico; em determinadas situações, porém, o mesmo verbo pode ser apresentado como télico: “João leu um livro” – a realização da situação depende de um ponto final.

Além da relação da telicidade com situações acabadas e não-acabadas, há a relação com a duratividade verbal: verbos télicos indicam, normalmente, situações pontuais, e atélicos, situações durativas (TRAVAGLIA, 1994b). Travaglia alerta para a não generalização da regra, pois situações durativas podem ser télicas: “cantar uma música”, “ler uma lição”, por exemplo. Logo, para o autor, todo verbo télico indica situação pontual, e normalmente verbos atélicos indicam situações durativas, não excluindo a possibilidade de verbos télicos também o fazer.

Travaglia também discute os tipos de situação “dinâmica”, cujas fases são diferentes; e “estática”, cujas fases são idênticas.¹²¹ O autor lembra que situações estáticas podem indicar mudanças (como é o caso do verbo “saber”), embora não sejam obrigatórias, como ocorre nas situações dinâmicas. Segundo Travaglia, as situações dinâmicas podem ser subdivididas em processos (situações dinâmicas durativas) e eventos (situações dinâmicas pontuais). As situações estáticas, segundo o autor, são como processos, já que também perduram no tempo. No entanto,

¹²¹ O termo “fase” é usado por Travaglia (1994b, p. 65) para indicar uma situação em qualquer ponto de seu desenvolvimento.

nas situações estáticas, as fases são homogêneas, “uniformes durante o período de sua existência” (TRAVAGLIA, 1994b, p. 66).

Sem entrar na discussão de Travaglia sobre os tipos de situação, apresento o segundo par de oposição tratado pelo autor: situação referencial e situação narrada. A diferenciação de ambas as partes dos exemplos que seguem:

(131) O vaso **está quebrado**.

(132) A cozinha **está por limpar**.

(133) O conferencista **começou a falar**.

(134) Carla **continuou caminhando** pelo bosque, embora todos já tivessem voltado para casa.

Segundo Travaglia (1994b, p. 71-72), a situação referencial é um estado resultante da realização anterior da situação narrada (cf. exemplo 131), ou um estado anterior à realização da situação narrada (cf. exemplo 132); a realização da situação referencial implica o início ou o término de uma situação narrada (cf. exemplo 133), ou implica o prosseguimento desta última (cf. exemplo 134).

O olhar sobre esses trabalhos justifica-se pela necessidade em se considerar as diferenças semânticas dos predicados verbais na análise do Aspecto. Conjeturo que a consideração do tipo de situação expresso pelo verbo será relevante para a definição do valor do pretérito perfeito composto do indicativo em diferentes variedades da língua castelhana.

O estudo apresentado por Costa (1990), no qual me fundamento na análise dos dados presentes na amostra, apresenta uma ampliação na tipologia dos predicados verbais apresentada por Vendler (1967), tratado pela autora como “tipos de entidades de segunda ordem”. Conforme vimos no quadro (20), a autora apresenta os tipos de verbo: acontecimentos, atos/ações, processos, atividades e estados, considerando os traços [+/- durativo], [+/- dinâmico], [+/- permanente] e [+/- agente]. Segundo a análise de Costa (1990), os estados se aproximam dos outros tipos de verbos nos traços [+ durativo], [+/- permanente] e [- agente], mas se distanciam de todos os outros no traço [- dinâmico]. Outro ponto a destacar é que o mesmo traço que distingue os acontecimentos dos atos distingue os processos das atividades: o traço [+/- agente]. Enquanto os atos e as atividades são [+ agente], os acontecimentos e os processos são [- agente]. Por essa razão, Costa

(1990, p. 15) distingue três blocos de tipos de verbo: acontecimentos/atos; processos/atividades e estados.

É preciso acrescentar que, segundo Costa (1990, p. 23), os traços [+/- agente] e [+/- dinâmico] não atualizam a categoria Aspecto, já que sua presença ou ausência nada diz a respeito da constituição temporal interna da situação¹²². Infere-se, então, que para Costa apenas os traços [+/- durativo], [+/- permanente] implicam a atualização da categoria, embora, na seção analisada, a autora nada mencione a respeito deste último traço, afirmando que “entre as características das entidades de segunda ordem, há o traço [+/- durativo] que informa sobre a natureza aspectual do lexema”. Acredito que a consideração dos traços [+/- durativo] e [+/- permanente] será relevante na análise do Aspecto do PPC castelhano.

Um ponto a se questionar na discussão de Costa diz respeito ao reconhecimento da atualização da categoria Aspecto apenas nos processos, atividades e estados. Para a autora, por portarem o traço [-durativo], os acontecimentos e os atos não atualizam essa categoria. Não estou de total acordo com essa afirmação, pois acredito que situações como “João caiu” e “João quebrou o vaso” atualizam o Aspecto Perfectivo.

Acredito que as discussões aventadas nesta seção tenham sido suficientes para mostrar que estudar o Aspecto implica considerar a semântica do verbo analisado, bem como outros elementos que auxiliem o pesquisador a encontrar respostas para dados mais complexos, nos quais o olhar sobre a flexão verbal não é suficiente.¹²³

5.2.4.2 Complementos adverbiais

A relação entre Aspecto e complementos verbais e adverbiais tem sido posta em destaque em diversos estudos linguísticos (FREITAG, 2007; GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, TRAVAGLIA, 1994b; WACHOWICZ; 2003, entre outros). Inspirados em Verkuyl (1993), esse autores argumentam que a leitura aspectual é possibilitada por meio da interação da situação com outros marcadores aspectuais, como: o aspecto inerente do verbo, os complementos verbais e os modificadores adverbiais.

¹²² Costa (1990) chama de “fato” o que estou chamando de “situação”.

¹²³ Perspectiva que vai em direção a Comrie (1981), Travaglia (1994a), Ilari (1997), Tafner (2004), Freitag (2007), Rodrigues (2009), entre outros. Acrescentando que Corôa (2005) analisa de forma independente Aspecto e *Aktionsart*, tratando-os como fenômenos distintos.

Na seção anterior, propus a consideração da aspectualidade interna no estudo da categoria Aspecto; nesta, argumento a favor de um estudo no nível da aspectualidade externa, no qual se manifestam os complementos adverbiais e verbais.

A respeito dos complementos adverbiais, Travaglia (1994b, p. 272) observa três funções desses elementos numa estrutura: i) evitar ambiguidades, ii) marcar o aspecto por si ou em combinação com outro elemento, e iii) reforçar um aspecto expresso por outro elemento, tornando-o mais presente.¹²⁴ Vejamos se, com base no objeto de estudo desta tese, é possível identificar as funções arroladas por Travaglia.

(135) *Juan ha hecho sus deberes (todos los días).*

Na ausência do complemento adverbial “*todos los días*”, o exemplo em (135) denotaria uma situação ambígua, a partir da qual seria possível tanto uma leitura experiencial quanto iterativa. A presença de “*todos los días*”, por outro lado, resolve a ambiguidade, permitindo apenas esta última leitura: PPC de Continuidade (iterativo).

O complemento adverbial de duração “*siempre*” marca por si duratividade e iteratividade, que nesta tese assumo como subvariedades do Aspecto Anterior.¹²⁵ Dessa forma, no exemplo em (136) o complemento adverbial “*siempre*” cumpre a segunda função listada por Travaglia: marcar o Aspecto por si ou em combinação com outro elemento.

(136) *Juan (siempre) hizo sus deberes.*

Em (137), a presença de um verbo de estado (*vivir*) atua na leitura aspectual durativa. Assim, a presença de um advérbio de duração, como “*desde que nació*”, vem reforçar o Aspecto expresso pela situação estativa.

(137) *Juan ha vivido acá (desde que nació).*

Dessa forma, os exemplos de (135) a (137) confirmam as três funções dos complementos adverbiais propostas por Travaglia. O autor

¹²⁴ Em direção a esse argumento, García Fernández (2000, p. 77) afirma que os complementos adverbiais de Aspecto – nomenclatura adotada pelo autor – “*modifican, determinan o hacen aparecer un cierto valor aspectual*”.

¹²⁵ “*Siempre*” é um complemento adverbial de duração para García Fernández, e um adjunto adverbial de frequência para Travaglia. Discuto essas definições a seguir nesta tese.

argumenta que esses complementos atuam na expressão dos seguintes Aspectos: iterativo, habitual¹²⁶, durativo, inceptivo, terminativo e acabado.

Os complementos adverbiais que atuam na expressão desses Aspectos são, normalmente, os de tempo ou frequência. Travaglia (1994b, p. 273) atenta para um caso que foge a essa colocação: em “João tem ficado calado nas reuniões” o advérbio de lugar “nas reuniões” resolve a ambiguidade de “João tem ficado calado” – da possibilidade das leituras durativa e iterativa, passa-se a uma clara leitura iterativa. Logo, o advérbio de lugar “é facilmente convertível em um adjunto adverbial de tempo”.

Tomo algumas das discussões de Travaglia a partir de exemplos do português, e tento projetá-las ao espanhol. Segundo o autor, o advérbio “já” parece sempre reforçar o perfectivo e o acabado quando acompanhado de formas que expressam esses Aspectos – observação verificável tanto no português como no espanhol.

(138) Ana já comeu a maçã.

(138') *Ana ya comió la manzana.*

É comum, conforme lembra o autor, frases com “já” denotar experienciamento. Lembrando que esse é um dos valores do Aspecto Anterior – ou um dos *types of perfect*, discutido por Comrie (1981).

(139) Ana já escreveu um livro.

(139') *Ana ya ha escrito un libro.*

Pode-se observar a partir do par em (139) que, enquanto o português seleciona o pretérito perfeito simples para a expressão de experienciamento, o espanhol pode selecionar o pretérito perfeito

¹²⁶ É interessante verificar que Travaglia (1994b) ora trata o “habitual” como Aspecto – “o habitual é o **aspecto** que apresenta a situação como tendo duração descontínua ilimitada” (p. 92 [grifo meu]) –, ora como um significado que se liga à noção aspectual de duração – “a habitualidade existe quando temos a iteração, que surge da duração descontínua ilimitada. A noção aspectual é essa duração” (p. 56). Travaglia discute o habitual a partir da divisão: a) iteração simples cuja duração é descontínua e limitada “Antônio tem ido à missa aos domingos”, e b) iteração habitual cuja duração é também descontínua, mas ilimitada “Antônio vai à missa aos domingos”. Enquanto o primeiro exemplo expressa um limite às repetições, no segundo, esse limite não ocorre (TRAVAGLIA, 1994b, p. 49-50). Tentando uma simplificação metodológica, julgo desnecessário (nesta tese) considerar se a iteração é limitada ou ilimitada. Trato o iterativo e o durativo como subvariedades da Continuidade – relacionada ao Aspecto Anterior do PPC.

composto. Talvez também seja possível, no espanhol, o emprego do PPS na expressão desse valor (*Ana ya escribió un libro*). No português, por outro lado, a substituição da forma simples pela composta acompanhada do complemento “já” seria no mínimo estranha. Em “Ana já tem escrito um livro”, talvez seja possível a leitura resultativa – “Ana já tem um livro escrito” –, mas não experiencial.

Dadas essas considerações, verifica-se a relevância em se considerar os complementos adverbiais na leitura aspectual das situações. Vale agora discutir os tipos de complementos adverbiais (CA) relacionados ao Aspecto.

Para García Fernández (2000, p. 78), tais complementos distribuem-se em quatro grupos: CA de duração, CA de localização, CA de fase, CA de frequência. Para cada tipo de complemento, o autor abre uma seção discutindo as noções aspectuais, bem como as possibilidades e restrições sintáticas e semânticas quando combinados a determinados predicados verbais. Por agora, analiso os aspectos mais relevantes dos pressupostos de García Fernández, retomando esse ponto no momento de análise dos dados.

Os complementos adverbiais de duração medem o tempo que duram as situações verbais, podendo ser divididos em dois grupos:

- a) Quantitativos: *en, durante* e *para* seguidos de um sintagma nominal quantificado.
- b) Delimitativos: *desde, desde...hasta, hasta, de...a, de ahora en adelante, a partir de, entre*.

Os complementos adverbiais quantitativos indicam a duração da situação, desde seu início até seu final. No caso de “*Juan ha subido la escalera en tres minutos*”, por exemplo, “*en tres minutos*” marca o tempo que dura a situação. García Fernández (2000, p. 78-94) argumenta que os CA durativos-quantitativos introduzidos por *en* e *durante* se combinam com predicados de características distintas. Enquanto os complementos introduzidos por *en* combinam-se com predicados télicos, os introduzidos por *durante* combinam-se com os predicados atélicos. Na classificação de Vendler, os primeiros acompanham verbos *accomplishment* e *achievement*¹²⁷; os segundos verbos de estado e de atividade. Sob essa perspectiva, pode-se

¹²⁷ García Fernández (2000, p. 82) traduz, respectivamente, como *realización* e *logro*.

determinar a telicidade verbal com base nesses dois tipos de complementos (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 89):

- (140) a. *Tuvo un orzuelo { *en / durante } dos semanas.* (Estado)
 b. *Nadó { *en / durante } un cuarto de hora.* (Atividade)
 c. *Escribió Madame Bovary { en / *durante } muy poco tiempo.* (Accomplishment)
 d. *Se murió { en / *durante } media hora.* (Achievement)

É importante acrescentar que, nesses casos, o autor está tratando dos CA de duração, advertindo que *en* e *durante* podem introduzir complementos de localização. Observemos os exemplos abaixo:

- (141) a. *Pintó la casa **en dos horas**.*
 b. ***En dos horas** te llamo.*
- (142) a. *Tuve hambre **durante la fiesta**.*
 b. *La estatua se cayó **durante la fiesta**.*

Os complementos adverbiais de duração destacados em (141a) e (142a) medem o tempo em que se desenvolvem as situações de “*pintar la casa*” e “*tener hambre*”, enquanto que os complementos de localização destacados em (141b) e (142b) apenas indicam o período em que aparecem incluídas as situações de “*llamar*” e “*caer la estatua*”.

No que diz respeito à relação aspectual, os complementos introduzidos por *en* e *durante* são compatíveis com pretérito perfeito simples, como forma de Aoristo.

- (143) a. *Ayer Juan tocó la sonata **en veinte minutos**.*
 b. *Aquella tarde María bailó valeses **durante horas**.*

Sob os pressupostos de García Fernández, os complementos introduzidos por *en* e *durante* são incompatíveis com o Aspecto imperfectivo, uma vez que esse Aspecto não permite a visualização de seus pontos inicial e final, como se observa na agramaticalidade em (144a) e (144b). Na leitura habitual, contudo, a combinação com ambos os complementos é possível. Isso porque, em (144c) e (144d), o macroevento – o hábito de “*tocar de pequeño*” e de “*bailar de joven*” – está marcado imperfectivamente; são os microeventos constitutivos do hábito que podem ser medidos pelos complementos adverbiais de duração “*en veinte minutos*” e “*durante horas*”.

- (144) a. **Ayer Juan tocaba la sonata en veinte minutos.*
 b. **Aquella tarde María bailaba valeses durante horas.*
 c. *De pequeño, Juan tocaba la sonata en veinte minutos.*
 d. *De joven, María bailaba valeses todos los días durante horas.*

Examinando o comportamento dos complementos introduzidos por *en* e *durante* com o Aspecto Perfecto – o que estou chamando de Anterior –, García Fernández (2000, p. 94) conclui que, por medirem a distância entre o início e o final da situação, esses tipos de complemento são incompatíveis com o Perfecto de Resultado “*puesto que en este caso lo que se focaliza, lo que el aspecto hace visible, son los resultados de ese evento y no el evento mismo*”, como podemos observar em (145):

- (145) a. **Ya he comido durante media hora.*
 b. **Juan ya ha llegado en diez minutos.*

Devido à combinação com a telicidade verbal, o Perfecto Continuativo não é um Aspecto possível com ambos os complementos: enquanto os CA introduzidos por *durante* são compatíveis com o Perfecto Continuativo, os CA introduzidos por *en* não permitem essa leitura, uma vez que estes acompanham verbos télicos, ou seja, marcam um *telos* (final); aqueles, verbos atélicos.

- (146) a. *He nadado durante media hora.*
 b. **He nadado en media hora.*

Dentre as três leituras possíveis do Aspecto Perfecto – Resultativo, Continuativo e Experiencial – discutidas por García Fernández, apenas esta última é compatível com ambos os complementos. Nos exemplos em (147), o autor argumenta que os CA se aplicam a cada um dos possíveis microeventos que constituem a experiência focalizada (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 87, 94).

- (147) a. *No intentes competir con él; mi primo ya ha subido las escaleras en tres minutos en un montón de ocasiones.*
 b. *No fue difícil adaptarse porque ya habíamos vivido en Francia durante varios meses en más de una ocasión.*

Finalizando a discussão sobre os complementos adverbias de duração quantitativos, García Fernández aponta breves comentários

acerca daqueles introduzidos pela preposição *para*. O autor lembra que, assim como os demais complementos, os CA introduzidos por *para* também podem ser classificados como:

- CA de localização: “*Tu hermano volverá para Semana Santa*”.
- CA de duração: “*Me voy para quince días*”.

Diferente da análise dos CA introduzidos por *en* e *durante*, o autor tece breves comentários acerca dos CA introduzidos por *para*, concentrando-se na discussão de que a preposição *para* quantifica não uma duração efetiva, senão uma duração prevista, conforme verificamos em (148):

- (148) a. *Me fui durante quince días.*
 b. *Me fui para quince días.*

García Fernández (2000, p. 97-98) sustenta seu argumento afirmando que, em exemplos como em (149a), é impossível introduzir o modificador *siempre*, pois negaria a irreversibilidade da situação. Em (149b), por outro lado, a presença de *siempre* é absolutamente possível, “*puesto que lo que se cuantifica es la duración prevista y no la efectiva*”. Os exemplos que seguem ilustram a discussão:

- (149) a. **Me fui durante siempre.*
 b. *Me fui para siempre.*

Discuti até aqui o primeiro grupo dos complementos adverbiais de duração: os CA quantitativos. García Fernández propõe uma longa análise dos CA delimitativos, os quais informam sobre a duração da situação – assim como os anteriores –, como também sobre o momento em que esta começa e/ou termina. Como vimos, os complementos de duração delimitativos são introduzidos por: *desde, desde...hasta, hasta, de...a, de ahora en adelante, a partir de, entre*.

Não é interesse deste capítulo discutir exaustivamente cada um desses complementos. No entanto, algumas menções são relevantes considerando sua contribuição para a leitura aspectual. A análise de García Fernández (2000, p. 99) parte dos complementos introduzidos por *desde*. O autor afirma que esse tipo de CA combina-se com situações não pontuais, ou seja, realizações (*accomplishment*), atividades e estados. A justificativa dessa combinação reside no fato de

que *desde* mede uma situação a partir de seu início até outro ponto determinado na linha temporal – propriedade que não cabe a situações pontuais, como é o caso do verbo *achievement* em (150a).

- (150) a. **El tren de Barcelona llega desde las tres. (Achievement)*
 b. *Carlos toca la sonata desde las tres. (Accomplishment)*
 c. *Los novios bailan desde las tres. (Atividade)*
 d. *Pepito tiene un orzuelo desde entonces. (Estado)*

Contudo, a gramaticalidade com predicados pontuais é possível quando a situação “*se durativiza*” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 100), seja pela repetição de uma mesma situação (como em 151a), seja pela natureza plural do sujeito¹²⁸ (como em 151b):

- (151) a. *Estornuda sin parar desde hace más de media hora.*
 b. *Llegan invitados desde hace varias horas.*

Acerca da construção encabeçada por *desde hace*, o autor aduz que esse tipo de complemento é compatível com o Aspecto Imperfectivo – uma vez que ambos indicam situações não terminadas –, mas incompatível com o Aspecto Perfectivo¹²⁹, conforme verificamos nos exemplos em (152):

- (152) a. *Juan está enfermo desde hace dos años. (Imperfectivo)*
 b. *Cuando lo conocí, Juan estaba enfermo desde hacía dos años. (Imperfectivo)*
 c. **Juan estuvo enfermo desde {hace/hacía} dos años. (Perfectivo)*

Dada a ambiguidade aspectual do pretérito perfeito composto castelhano, que ora pode funcionar como Aoristo ora como Anterior, a consideração desse tipo de complemento como variável de análise ajudará a determinar o Aspecto expresso por essa forma verbal. A presença de um CA introduzido por *desde hace* permite desambiguar

¹²⁸ Nesse ponto, verifica-se que a natureza do sujeito e do objeto pode determinar a leitura aspectual de uma situação, o que me inspira a considerá-las na análise dos dados.

¹²⁹ O comportamento do CA *desde* + sintagma nominal determinado é distinto, podendo combinar-se tanto com o imperfectivo quanto com o perfectivo: “*Está muy contento desde la mudanza*” e “*Estuvo enfermo desde el día de tu boda*”.

ocorrências como “*Juan ha estado enfermo desde hace dos años*”, cuja leitura possível é exclusivamente de Aspecto Anterior (durativo) – bastante próximo ao Aspecto Imperfectivo.

Complementos introduzidos pela preposição *hasta* também exigem que o predicado da oração principal seja durativo (ou que seja interpretado como tal). Logo, esse tipo de CA acompanhará, a princípio, verbos de estado, de atividade e de realizações (*accomplishment*):

(153) a. *Estuvo en Bruselas hasta el final de la guerra.* (Estado)

b. *María caminó sin rumbo hasta las ocho.* (Atividade)

c. *Carlos leyó el periódico hasta la hora de comer.*
(*Accomplishment*)

García Fernández (2000, p. 107) afirma que a preposição *hasta* é incompatível com predicados télicos. Dado que o pretérito perfeito simples, como forma de Aspecto Perfectivo, denota um limite final da situação, em (153c) temos a situação télica “*leer el periódico*”. Contudo, García Fernández aponta uma interessante observação: *leer el periódico*, no exemplo em questão, não necessariamente alcança um *telos*, o que se pode comprovar com a oração “*Carlos leyó el periódico hasta la hora de comer y lo siguió leyendo en cuanto se tomó el café*”. Resulta dessa observação que os verbos de realização (*accomplishment*) são compatíveis com os CA introduzidos por *hasta* “*siempre y cuando se suspenda la telicidad del predicado, es decir, siempre y cuando se interpreten como actividades*”. Da combinação da preposição *hasta* com verbos de realização que não possam ser reinterpretados como de atividade, decorrem sentenças agramaticais como em (154):

(154) a. **He fabricado tu violín hasta esta mañana.*

Outros complementos adverbiais são discutidos por García Fernández, objetivando relacionar os tipos de CA com a noção aspectual. Ao tratar dos complementos adverbiais de localização – aparentemente ligado à categoria Tempo e não Aspecto – o autor discute, por exemplo, o advérbio “*ya*”, que resolve a ambiguidade aspectual do perfeito composto, favorecendo a leitura de Perfecto. Segundo García Fernández (2000, p. 136), o Aspecto Perfecto combinado com o advérbio *ya* sugere a leitura experiencial ou resultativa, mas nunca continuativa. Isso justifica por que no espanhol do México é possível a

combinação do advérbio *ya* com o pretérito perfeito simples “*Ya lo acabé... ¿Ya viste esa película? – Sí, ya la vi...*” (LOPE BLANCH, 1961 *apud* GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 136), uma vez que o perfeito composto nessa variedade expressa sempre Perfecto Continuativo, e, conforme mencionado, o *ya* produz a interpretação de Perfecto Resultativo ou Experiencial. Segundo García Fernández, na variedade peninsular, dir-se-ia “*Ya lo he acabado... ¿Ya has visto esa película? – Sí, ya la he visto...*”

Os advérbios de localização “*recientemente*” e “*últimamente*” também atuam na interpretação aspectual: enquanto *recientemente* é um advérbio de perfectividade, exigindo situações concluídas (como em 155a), *últimamente* é um advérbio de imperfectividade e de Perfectivo Continuativo, combinando-se com situações iterativas ou prolongadas (como em 155b e 155c).

(155) a. *Su padre ha muerto recientemente.* (Perfectivo)

b. *Juan está encantador últimamente.* (Imperfectivo)

c. *Lo he visto mucho últimamente.* (Perfecto Continuativo)

A noção de Aspecto é também amplamente discutida a partir dos complementos *todavía* e *todavía no*, os quais, simplificando a discussão de García Fernández (2000, p. 133-135), por deixarem em aberto o limite da situação, são incompatíveis com a perfectividade, a qual nos permite ver a totalidade da ação.

(156) a. **María todavía no hizo las maletas.*¹³⁰

b. **María todavía hizo las maletas.*

Dessa observação, decorre que a combinação *todavía no* com pretérito perfeito composto implicará sempre a leitura de Anterior e nunca de Aoristo, conforme exemplo em (157), no qual *ha hecho*

¹³⁰ Embora sejam recorrentes dados em que os CA *todavía/todavía no* apareçam acompanhados de formas imperfectivas, como em “*Todavía reina la conmoción en un país cuyo pueblo figuró entre los que más se opuso con multitudinarias manifestaciones a la invasión anglo-estadounidense a Iraq*” (HAGR-11-03-2005), dados como “*Al menos 131 personas resultaron heridas este mediodía cuando – por causas que todavía no fueron establecidas – dos trenes de la ex línea Mitre chocaron...*” (BACL-11-03-2005) negam a agramaticalidade defendida por García Fernández do exemplo em (156a).

expressa o Aspecto Anterior (durativo), dado o fato de a negação durativizar o predicado.

(157) a. *María todavía no ha hecho las maletas.*

García Fernández (2000, p. 134) nega a possibilidade de combinação entre o pretérito perfeito composto e o CA *todavía*, visto que “*en este caso no se puede obtener la interpretación de perfecto continuativo, que está limitada en español a los contextos con durante, con desde y con todavía no...*”. Sendo assim, a agramaticalidade em (158) decorre da leitura de Aspecto Perfectivo, o qual afirma sempre uma transição, e *todavía* “*es incompatible con la aserción de una transición*”.

(158) a. **María todavía ha hecho las maletas.*
b. **Todavía he cenado.*

Embora a discussão sobre os diferentes tipos de complementos adverbiais e sua relação com o Aspecto não termine por aqui, creio que o que foi mencionado nesta etapa da tese seja suficiente para evidenciar a relevância em se considerar o complemento adverbial como variável de análise, refinando-a de forma a definir a função do pretérito perfeito composto na língua castelhana escrita. Volto a essas considerações na análise dos dados apresentada no capítulo 7 adiante nesta tese.

5.2.4.3 Complementos verbais

Na seção anterior ressaltai a importância dos complementos adverbiais na leitura aspectual da estrutura, arrolando alguns argumentos e exemplificações a favor dessa afirmação. Nesta seção, de forma muito mais breve, destaco a relevância em se considerar também os complementos verbais: os argumentos externo e interno – sob os pressupostos da gramática gerativa –, equivalentes a sujeito e objeto – à luz da gramática tradicional.

Adotando a nomenclatura tradicional, a natureza do sujeito e dos objetos é também fator de análise do Aspecto. Castilho (1967 *apud* TRAVAGLIA, 1994b, p. 283-284) menciona que diversos contrastes aspectuais podem ser marcados pelos complementos verbais. Um complemento no plural, por exemplo, tende a conduzir à leitura iterativa de uma situação, conforme verificamos nos exemplos abaixo apresentados pelo autor:

- (159) “Casou-se com um grande costureiro, o mais bonito de todos eles, que desenhava todos os seus vestidos.” (A. Moniz *apud* TRAVAGLIA, 1994b, p. 284)
- (160) “Passou depois por mim o tropel da vida e da morte, assisti a muitos fatos históricos.” (R. Brandão *apud* TRAVAGLIA, 1994b, p. 284)

Sobre essa questão, contestando Castilho, Travaglia (1994b, p. 284) argumenta que, embora seja possível constatar a iteração das situações de “desenhar” e “assistir” nos exemplos acima, a ideia de repetição “é mais logicamente deduzida do que marcada gramaticalmente”. Para este autor, a influência dos complementos na expressão de Aspecto dependerá da possibilidade de esses complementos atuarem na telicidade verbal. “Desenhar um vestido” e “assistir a um fato histórico” são situações que indicam um ponto final, ou seja, são predicados télicos. Respectivamente, em (159) e (160), as situações “desenhava todos os seus vestidos” e “assisti a muitos fatos históricos” são atélicas, pois não marcam um *telos*. Sob essa perspectiva, Travaglia (1994b, p. 284) defende que a modificação do Aspecto vem do fato de o verbo ser télico ou atélico; o complemento, assim, teria apenas uma influência indireta. Lembrando que parece ser consensual na literatura do Aspecto a relação verbos télicos/situações pontuais e verbos atélicos/situações durativas.¹³¹

Influenciando direta ou indiretamente na modificação do Aspecto, conjeturo que os complementos verbais podem contribuir para a leitura aspectual de formas verbais complexas como é o caso do PPC, permitindo: resolver ambiguidades, marcar o Aspecto em combinação com outro elemento ou reforçar o Aspecto expresso por outro elemento – semelhante ao que observa Travaglia (1994b, p. 272) a respeito das funções dos adjuntos adverbiais.

Em direção a esse posicionamento, García Fernández (2000), ao tratar da influência dos complementos adverbiais, encontra nos complementos verbais a definição aspectual da estrutura. Conforme

¹³¹ Travaglia (1994b, p. 63) adverte que, embora seja esta praticamente a regra, essa relação não ocorre sempre. Situações como “ler um livro” e “andar 3 km”, por exemplo, são durativas e télicas. No entanto, de fato não há, segundo o autor, situações pontuais e atélicas.

vimos no exemplo (151b) “*Llegan invitados desde hace varias horas*”, o sujeito plural determina o caráter durativo da situação.¹³²

Essa observação ajuda-nos, especialmente, a analisar o valor do pretérito perfeito composto, que, como vimos, é aspectualmente ambíguo, possibilitando a leitura de Anterior e de Aoristo. Ademais de procurar fatores que permitam resolver essa ambiguidade, ao pesquisador cabe ainda identificar qual valor é expresso pelo Aspecto Anterior em uma sentença. Como vimos, o Anterior pode expressar Continuidade e Relevância presente, por exemplo. Na tarefa de identificar o valor exibido pelo PPC, bem como por outras formas verbais, é necessário considerar a natureza dos complementos verbais. Aventuro-me numa análise dessa ordem:

(161) a. *He oído a varias personas que han ido y todos han salido igual de enfadados de lo mal que han comido ahí... han comido muy mal.* (PRESEEA/A1c/M52S)

b. *He oído a Juan que ha ido y ha salido igual de enfadado de lo mal que ha comido ahí... ha comido muy mal.*

No dado em (161a), o pretérito perfeito composto expressa o Aspecto Anterior de Continuidade (iterativo), indicando que as situações de *oír*, *ir*, *salir* e *comer* ocorrem repetidas vezes. Na substituição dos complementos plurais “*varias personas*” e “*todos*” por um complemento singular (“*Juan*”, por exemplo), a interpretação deixa de ser a iterativa, passando a ser mais natural a leitura experiencial.

Se a substituição de complementos plurais por complementos singulares pode trazer implicações na leitura aspectual, o mesmo é válido em situações inversas. No dado em (162a), a partir da combinação do perfeito composto com um objeto direto singular “*la oportunidad*”, interpretamos a situação “*tener la oportunidad*” como experiencial. A transformação da estrutura através da combinação do PPC com complemento plural (“*varias oportunidades*”) conduziria-nos a interpretar a situação como iterativa (como em 162b).

¹³² Além de atuar na leitura aspectual, o sujeito plural permite a gramaticalidade do exemplo em questão. Conforme García Fernández (2000, p. 100) a presença de um sujeito singular, nesse caso, tornaria a sentença agramatical: “**Llega el invitado desde hace varias horas*”

(162) a. *Entonces bueno pues **he tenido** la oportunidad de ver un poco el funcionamiento de todo ese mundo...*
(PRESEEA/Alc/H32S)

b. *Entonces bueno pues **he tenido** varias oportunidades de ver un poco el funcionamiento de todo ese mundo...*

A passagem de um objeto direto introduzido por pronomes indefinidos (“*alguna*”, por exemplo) para um objeto direto introduzido por um elemento definido (artigo, pronome demonstrativo, numeral, por exemplo) também é capaz de atuar na leitura aspectual. No caso ilustrado em (163), passa-se de uma leitura experiencial (163a) para aorística (163b).

(163) a. *Ahí **hemos vendido** también alguna obra.*
(PRESEEA/Alc/H28S)

b. *Ahí **hemos vendido** también {la / aquella / una} obra.*

Na ocorrência em (164) o número do sujeito torna claro o duplo comportamento do Aspecto Anterior Continuativo: iterativo na combinação da forma verbal com sujeito plural (como em 164a) e durativo na combinação com sujeito singular (como em 164b).

(164) a. *Pues sí me **han gustado** muchos chicos antes que F//...¹³³* (PRESEEA/Alc/M39S)

b. *Pues sí me **ha gustado** Juan antes que F//...*

Sustentando o que afirmei no início desta seção sobre a possibilidade de o complemento verbal reforçar o Aspecto expresso por outro elemento, podemos verificar em (165) que a presença de um objeto direto plural (“*varias comidas*”) reforça o Aspecto Anterior Iterativo de *han enseñado*; leitura já possibilitada pelo sujeito oculto na sentença, referindo-se aos padrões da informante.

¹³³ Dois pontos merecem ser considerados nesse exemplo: i) na estrutura do verbo “gustar” castelhana, o elemento posposto ao verbo desempenha função de sujeito – diferente do português, no qual esse mesmo elemento desempenha função de objeto indireto, e ii) a leitura iterativa é obtida pragmaticamente, ou seja, infere-se que a informante tenha gostado de “*muchos chicos*” em momentos diferentes.

(165) a. *y sí queda muy bien... me **han enseñado** varias comidas de allá (PRESEEA/AlcM23P)*

b. *y sí queda muy bien... me **ha enseñado** Juan una receta de allá.*

A partir dessas explicações, podemos verificar que recorrer à análise dos complementos verbais na leitura aspectual constitui uma possibilidade a mais de resolver o problema da ambiguidade do pretérito perfeito composto. Nos dados de (161) a (165), a interpretação do valor aspectual do PPC é explicada através dos complementos que o acompanham. Acrescento, contudo, que os complementos verbais são um elemento a mais na análise do Aspecto de uma estrutura, e há que atentar sobre a pertinência em examiná-los neste estudo.

5.3 Categorias Modo/Modalidade

A forma verbal que constitui o objeto de estudo desta tese está inserida no quadro dos verbos do Modo indicativo. Logo, na análise semântica do pretérito perfeito composto, seria dispensável, à primeira vista, recorrer à categoria Modo. Godoy e Dias (2003) e Oliveira (2008a), contudo, discutem a atuação da Modalidade na escolha pela forma simples ou composta do pretérito perfeito do indicativo. Dessa forma, antes de passar à análise das autoras, vale compreender melhor as diferenças entre as categorias Modo e Modalidade.

O Modo é uma categoria gramatical expressa em muitas línguas através da desinência verbal. A teoria gramatical espanhola costuma atrelar a categoria Modo à morfologia: a flexão verbal a serviço do ponto de vista subjetivo de quem enuncia, conforme ilustram as seguintes citações:

- i) Vicente Salvá (1830 *apud* CASTRONOVO, 1990, p. 66): modo significa “*la manera con que al hablar consideramos la significación del verbo*”. Para esse autor, há quadro modos verbais: infinitivo, indicativo, subjuntivo e imperativo.
- ii) Real Academia Espanhola (1890 *apud* CASTRONOVO, 1990, p. 70): seguindo o postulado de Nebrija¹³⁴, apresenta

¹³⁴ Antonio de Nebrija é autor da primeira gramática castelhana (1492) registrada oficialmente.

uma perspectiva semântica da categoria modo “*maneras generales de significar la acción del verbo*”, admitindo, também, os quatro modos mencionados acima.

- iii) Lenz (1920 *apud* CASTRONOVO, 1990, p. 75): considera o modo como uma categoria verbal a serviço da atitude subjetiva do falante. Em outras palavras, o modo é representado por um conjunto de morfemas capazes de expressar nosso ponto de vista acerca do proferimento. Para Lenz, há três modos: indicativo, que expressa “*juicios asertorios*” (fatos reais); o subjuntivo, que expressa “*juicios problemáticos*” (fatos possíveis ou duvidosos) e “*juicios apodícticos*” (fatos desejáveis ou necessários); por fim, o imperativo.

Estudos gramaticais costumam aproximar-se da discussão de Lenz, associando o Modo indicativo à Modalidade *realis* e o Modo subjuntivo à Modalidade *irrealis*.¹³⁵ Embora não seja de interesse desta seção problematizar esse tema, veremos que, embora o PPS e o PPC pertençam ao Modo indicativo – Modo da realidade, segundo Lenz (1920) –, outras Modalidades podem ser inferidas em situações expressas por essas formas verbais. Passemos, então, a compreender a categoria Modalidade.

Diferente do que ocorre com o Modo, a caracterização da Modalidade não é facilmente captada, uma vez que não está marcada morfologicamente, tampouco se relaciona exclusivamente ao verbo. Sua interpretação, na verdade, é verificada a partir de um contexto mais amplo. Por essa razão, autores mencionam que a expressão modal costuma ser menos óbvia do que as expressões de tempo, aspecto, número e gênero (BYBEE, 1998; PALMER, 1986, por exemplo)¹³⁶.

A modalidade codifica a atitude do falante frente ao conteúdo veiculado pela proposição. Segundo Givón (2001a, p. 300), essa atitude é dividida em dois tipos de julgamento:

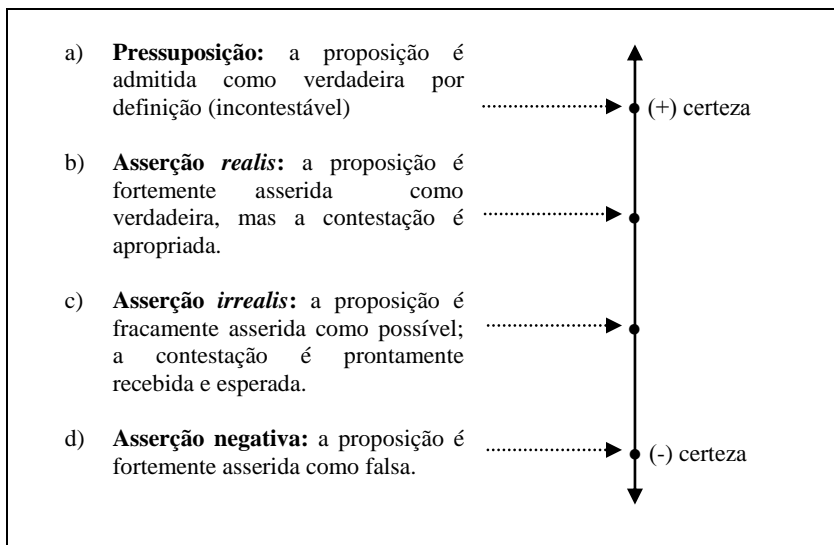
- i) julgamento epistêmico: verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência

¹³⁵ Silva (2005; 2009) discute essa problemática a partir de dados da língua espanhola.

¹³⁶ Para um aprofundamento no estudo sobre a Modalidade, ver Bybee *et al.* (1994); Bybee e Fleischman (1995); Fleischman (1995); Givón (2001a); Palmer (1986); Sweetser (1990); entre outros.

- ii) julgamento avaliativo (deôntico): desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.¹³⁷

Segundo Givón (p. 302), a modalidade epistêmica recobre um gradiente de grau de certeza, o qual ilustro em Oliveira (2008a, p. 14):



Quadro 24 – Gradiente de certeza das modalidades epistêmicas (OLIVEIRA, 2008a, p. 14)

O autor lembra, ainda, que o contraste *realis* e *irrealis* não é entre situações reais e irrealis (conforme postula a tradição lógica), isto é, asserções com ou sem valor de verdade. O foco da oposição muda:

- Cognitivamente: da verdade lógica para a certeza subjetiva.
- Comunicativamente: da semântica orientada para o falante para a pragmática interativa, envolvendo uma negociação social entre os participantes (GIVÓN, 2001a, p. 302).

¹³⁷ Bybee *et al.* (1994) apresentam três tipos de modalidade: orientada para o agente (a exigência, por exemplo), orientada para o falante (o desejo, por exemplo) e a epistêmica. Lembro que as duas primeiras representam uma subdivisão da modalidade deôntica de Givón.

Como se pode observar, a modalidade é uma categoria necessariamente dependente do contexto de interação, não necessariamente relacionada à marcação gramatical. Givón (2001a, p. 302) e Fleischman (1995, p. 522) afirmam que a modalidade é uma categoria altamente previsível e universal, embora exista uma grande quantidade de formas para codificar *realis* e *irrealis* nas línguas naturais.

A partir do estudo de Godoy e Dias (2003), em Oliveira (2008a) analiso a possível oposição modal entre o PPS e o PPC, verificando que o emprego dessas formas verbais pode codificar, em certos contextos, as modalidades *realis* e *irrealis* na língua espanhola.

Godoy e Dias discutem os dois pretéritos a partir de uma perspectiva cognitiva, baseando-se no conceito de *espacio mental* da semântica cognitiva de Fauconnier (1997 *apud* GODOY; DIAS, 2003, p. 54). A hipótese das autoras é que a oposição entre o PPS e o PPC esteja fundamentada na pressuposição do falante, isto é, as duas formas podem apresentar um contraste modal. O exemplo que introduz a análise é:

- (166) *Es muy probable que el freezer ya esté en su casa bajo la forma de un compartimiento separado de su refrigerador o como un modelo individual de gran tamaño. Y también es casi seguro que su esposa ya **ha comprado** algunos de los libros que enseñan a congelar la comida, o quizás inclusive haya seguido un curso especial con el mismo fin.*¹³⁸

Segundo as autoras, o enunciado evidencia um forte grau de incerteza (*irrealis*), que, segundo Mejías-Bikandi (1998 *apud* GODOY; DIAS, 2003, p. 55), é próprio do subjuntivo – modo empregado quando “*el hablante no está seguro sobre la realización de un evento*”. No fragmento acima, *ha comprado* indica um valor modal do PPC, já que demonstra a atitude de incerteza do falante. Esse contexto de dúvida pode ser recuperado através dos recursos léxicos “*es muy probable*” e “*casi seguro*”. Segundo as autoras, é recorrente casos desse tipo, o que as leva a pressupor que esse valor modal do PPC aparecerá em determinados contextos interrogativos:

¹³⁸ Dado da Argentina – país em que o PPC é pouco recorrente (cf. OLIVEIRA, 2007) – presente no *Corpus de la RAE* (GODOY; DIAS, 2003, p. 55).

(167) *¿Como comparas tú el tiempo que tú salías con Jaime, cuando estaban de novios y cómo **han salido** tus hijos?*¹³⁹

O contexto do enunciado mostra que o entrevistador de fato desconhece as características comportamentais dos filhos da interlocutora. Dessa forma, a pergunta “*cumple su papel modal, puesto que indica el desconocimiento del hablante con respecto a algo*” – desconhecimento reforçado com o uso do PPC (GODOY; DIAS, 2003, p. 55). Com base nessa exposição, pressupõe-se que a certeza do falante acerca de seu proferimento favoreceria o uso do PPS (*salieron*).

É importante ressaltar que, conforme as autoras, nem todas interrogativas se relacionam com a atitude modal de incerteza, conforme mostra o exemplo a seguir:

(168) [...] *Por ejemplo, aquí tengo una tarjeta, ¿quién **fue** el primero en decir: Max, tú eres un monstruo? a) la comadrona, b) Máximo Pradera o c) una novia satisfecha.*¹⁴⁰

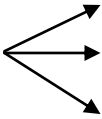
Conforme Godoy e Dias, a pergunta em (168) tem caráter retórico, presente em uma espécie de jogo apresentado em um programa de televisão. Na verdade, a pergunta nada tem a ver com a incerteza do falante. O emissor não possui nenhuma dúvida quanto à autoria da frase, pois já tem a resposta em mãos (como costuma acontecer nesse tipo de jogo). Assim, o grau de certeza do falante o conduz a empregar *fue* (PPS) e não *ha sido* (PPC). As autoras aduzem que a oposição entre PPS e PPC em contextos do tipo exemplificado em (167) e (168) “*nos lleva a suponer que, efectivamente, en determinados contextos la opción por una u otra forma se determina por la presuposición y el conocimiento compartido entre los interlocutores.*” (GODOY; DIAS, 2003, p. 56). Em outras palavras, aspectos cognitivos e comunicativos podem atuar sobre a oposição *realis vs. irrealis* como acontece nas ocorrências acima. Essa conclusão a que chegam as autoras remete a Givón (2001a, p. 302) ao afirmar que o foco da oposição entre *realis* e *irrealis* muda cognitivamente e comunicativamente, conforme mencionei acima.

Interessada nas sentenças interrogativas como contexto favorável para o estudo da oposição modal entre o PPS e o PPC, em Oliveira

¹³⁹ Dado da Bolívia, presente no *Corpus de la RAE* (GODOY; DIAS, 2003, p. 55).

¹⁴⁰ Dado da Espanha, presente no *Corpus de la RAE* (GODOY; DIAS, 2003, p. 55).

(2008a) fundamento-me na discussão de Givón (2001a, p. 312) acerca dos três tipos de sentenças não-declarativas:

1) Manipulativas		Comando:	1.a) <i>Turn off the light!</i>
		Pedido:	1.b) <i>Could you please turn off the light?</i>
		Exortação:	1.c) <i>Let's turn off the light?</i>
2) Perguntas sim/não:			2.a) <i>Did she turn off the light?</i>
3) Perguntas why:			3.a) <i>Who bit the dog?</i>
			3.b) <i>What did the dog bite?</i>
			3.c) <i>Where did she put the book?</i>
			3.d) <i>When did he leave the house?</i>
			3.e) <i>Why did she quit her job?</i>

Para Givón, apenas as sentenças não-declarativas do tipo em (1) e (2) estão sob o escopo do *irrealis*. As manipulativas (*manipulatives*) são associadas ao *irrealis* porque tratam de eventos futuros, ou seja, que ainda não ocorreram. Além disso, atos de fala manipulativos estão relacionados com a modalidade deôntica, que, conforme lembra Givón, é um sub-modo do *irrealis*. As perguntas sim/não (*yes/no question*) estão fortemente associadas ao *irrealis* devido sua baixa certeza epistêmica (GIVÓN, 2001a, p. 312).

O terceiro tipo de ato de fala não-declarativo, por outro lado, apresenta forte associação com a modalidade da pressuposição, que, conforme o quadro 24, é admitida como *realis* (verdade incontestável). Assim, dos exemplos apresentados em (3), pressupõe-se: 3a) *someone bit the dog*; 3b) *the dog chewed something*; 3c) *she put the book somewhere*; 3d) *he left the house sometime*; 3e) *she quit her job for some reason*. Essa é uma teoria que justifica o uso do perfeito simples no exemplo em (168) – “¿quién fue el primero en decir...?” –, já que se trata de uma pergunta *wh*, que por definição está sob o escopo da pressuposição (alguém disse “*Max, tú eres un monstruo*”). Logo, a

modalidade *realis* desse tipo de pergunta pode ter conduzido o falante a empregar o PPS e não o PPC, corroborando a hipótese de Godoy e Dias.

Procurando evidências que sustentassem a oposição modal entre o PPS e o PPC proposta por Godoy e Dias (2003), em Oliveira (2008a), lanço um olhar sobre os diferentes tipos de sentenças interrogativas presentes em uma entrevista do *Corpus* PRESEEA de Alcalá de Henares (Espanha). A hipótese seria que perguntas do tipo sim/não favoreceriam o emprego do PPC – já que estão sob o escopo do *irrealis* –, e perguntas do tipo *wh* favoreceriam o emprego do PPS, pois, conforme mencionado, *wh-questions* estão relacionadas à pressuposição. Vejamos os dados apresentados no referido trabalho:

- (169) a. ¿**Has vivido** siempre en-?// *bueno o sea/ has nacido* en V?
 b. ¿*Cómo es que se **conocieron***?
 c. ¿**Has notado** alguna evolución/ un cambio ...?
 d. ¿Tú crees que se **ha perdido** eso?
 e. ¿**Has salido** al extranjero también así o no?
 f. ¿*No has estado*?
 g. ¿Tú **has expuesto** algo?
 h. ¿**Has pensado** vivir en Alcalá?
 i. ¿Tú la **has vivido**?
 j. ¿*No te decepcionó*?
 (PRESEEA/Alc/H28S *apud* OLIVEIRA, 2008a, p. 17)

A análise proposta parte das ocorrências ilustradas em (169), que apresentam as formas do pretérito perfeito em contexto interrogativos de acordo com a sequência em que aparecem na amostra. Um olhar sobre os dados evidencia que perguntas do tipo sim/não tendem a ser mais recorrentes em entrevistas sociolinguísticas do que perguntas do tipo *wh*: dos dez primeiros dados encontrados, nove são *yes/no questions* e uma *wh-questions* – apenas a pergunta em (b).

Verifica-se nas ocorrências em (169) o predomínio do PPC, estando o PPS ilustrado apenas nos enunciados em (169b) e (169j). Olhando a princípio apenas para os dados do perfeito composto, o resultado parece corroborar a hipótese inicial desta seção de que os dois pretéritos podem se opor via modalidade: as perguntas do tipo sim/não, que, segundo Givón, estão sob o escopo do *irrealis*, favorecem o uso do PPC – conforme verificamos em *has vivido* (169a), *has notado* (169c), *ha perdido* (169d), *has salido* (169e), *has estado* (169f), *has expuesto* (169g), *has pensado* (169h) e *has vivido* (169i).

Nessa mesma direção, a única ocorrência de pergunta *wh* – tipo de sentença não-declarativa que está sob o escopo da pressuposição –

apresenta o PPS (*conocieron*, em 169b), apontando uma evidência favorável à hipótese de Godoy e Dias: o alto grau de certeza do falante favorece o uso do perfeito simples (*conocieron* e não *han conocido*).

Dessa forma, as ocorrências de (169a) a (169i) demonstram que a hipótese PPS/*realis* e PPC/*irrealis* parece se sustentar. Em (169j), porém, temos um contraexemplo: a presença do PPS em uma pergunta do tipo *wh* – contexto *irrealis* por definição. A esse respeito, no trabalho em questão, defendo a necessidade de um olhar mais aprofundado sobre o contexto, o que leva o pesquisador a sair do âmbito da sentença, buscando outras pistas num contexto mais amplo que justifiquem o fenômeno. Argumento nesse trabalho que a resposta ao dado em (169j) pode estar no fato de o plano discursivo e a categoria Tempo sobrepor-se à categoria Modalidade – fato observável no discurso do informante precedente à pergunta do entrevistador:

- (170) *sí sí/ gente muy snob y yo/ pues soy bastante humilde ¿no? a ese nivel/ me **costó** un poco adaptarme al principio pero luego no/ **acabé** la carrera y-/ y **saqué** algo beneficioso// bien/ **tardé** siete años// **fui** a mi ritmo/ tampoco- tampoco **fui** a por ella así ¿no?/ **aprobé** y// todavía no tengo el título por cierto/ tengo que ir a pagarlo/ porque son doce mil pelas// me lo **saqué** hace cuatro ya// y:- y bien/ es una carrera interesante// interesante sí...
(PRESEEA/Alc/H28S apud OLIVEIRA, 2008a, p. 18)*

A ocorrência em (170) é parte da narração do informante acerca de sua formação. Como se pode observar, trata-se de uma narrativa de eventos passados cuja forma verbal predominante é o PPS (destacados no fragmento).¹⁴¹ Após a fala do informante, o entrevistador lança a próxima pergunta empregando a mesma forma verbal, uma vez que o tempo do episódio e o plano discursivo são os mesmos: passado/plano da história. Em outras palavras, o enunciado *¿No te decepcionó?* insere-se numa narração de episódios passados, o que justifica o uso de *decepcionó* e não *has decepcionado*.

¹⁴¹ Ressaltando que, ao proporem a divisão dos tempos verbais em dois planos discursivos (plano da história/plano do discurso e mundo narrado/mundo comentado) Benveniste (1995 [1959]) e Weinrich (1968), respectivamente, inserem o pretérito perfeito simples no plano da história/mundo narrado, e o perfeito composto, no plano do discurso/mundo comentado.

Na sequência da investigação, em Oliveira (2008a) analiso dados presentes no *Corpus* oral e sonoro do espanhol rural (*Coser*)¹⁴², encontrando ocorrências que apontam a relevância em se recorrer à categoria Modalidade na análise do PPS e do PPC: *wh-questions* (pressuposição – *realis*) parecem favorecer o uso do perfeito simples “¿*Qué hicieron para la fiesta?*”; e perguntas do tipo sim/não (*irrealis* por definição, cf. Givón, 2001a) tendem a favorecer o uso do perfeito composto “¿*Y gallinas han tenido?*” – forma verbal que, segundo Godoy & Dias, denota a atitude de incerteza do falante.

A respeito dos dados da língua escrita presentes no “*Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico”, percebi, durante a análise das categorias Tempo e Aspecto, ocorrências que apontavam a possível atuação da Modalidade. Ainda que o foco desta tese recaia sobre o valor aspectual do PPC, vale problematizar a possibilidade de o PPC indicar *irrealis*.

(171) *Horas después de esa nota, ya de madrugada, Radio Vaticana, emisora de la Santa Sede, insertaba en su página en Internet el dato de que Juan Pablo II reacciona bien a la medicación para superar la infección de las vías urinarias y señalaba que las condiciones de salud de Juan Pablo II parece que se **han estabilizado**.* (LILR-01-04-2005)

(172) *Se le preguntó si **han analizado** ya la posibilidad de que se designe a algún sustituto, en caso de que el jefe de gobierno tenga que dejar su cargo, y en este sentido subrayó que hasta ahora no **han abordado** el tema.* (CMCR-02-04-2005)

O dado “*han estabilizado*” exibido na ocorrência em (171) denota claramente a atitude de incerteza do enunciador devido à presença do verbo modal “*parecer*”. Tendo em vista essa conclusão, o emprego do PPC nesse contexto é uma forma encontrada pelo enunciador – a Rádio Vaticana – de não assegurar a estabilização das condições de saúde de João Paulo II. Logo, o uso da forma composta do pretérito perfeito composto reforça a modalidade *irrealis* do verbo modal com o qual aparece acompanhada.

¹⁴² *Corpus* constituído de gravações da língua falada em áreas rurais da Península Ibérica, obtidas com regularidade anual desde 1990 (FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 2005-2009).

O dado em (172) também evidencia um contexto *irrealis* condicionado pela presença da conjunção “*si*”. É possível que o enunciador tenha empregado o PPC a fim de reforçar a dúvida expressa pela conjunção em questão.¹⁴³ Em seguida, nessa mesma ocorrência, aparece o dado “*han abordado*”, situado em um contexto negativo. Retomando o que foi mencionado, a negação representa o menor grau de certeza do falante, a partir da qual, “a proposição é fortemente asserida como falsa” – conforme análise apresentada no quadro 23 anteriormente, em que apresento o gradiente de certeza da modalidade epistêmica. Em direção a essa análise, concluiríamos que o segundo PPC exibido em (172) também é motivado pelo contexto *irrealis* em que se insere. Ressalto que, apesar não ter aplicado uma análise estatística, são recorrentes as situações em que o PPC aparece em contextos negativos.¹⁴⁴

Embora tenha lançado a hipótese da atuação da Modalidade no uso das formas simples e composta do pretérito perfeito do indicativo, testando-a a partir de dados da língua em uso, a ausência de uma análise criteriosa com um tratamento estatístico sobre essa variável leva-me a alertar sobre a necessidade de realizar investigações mais aprofundadas sobre essa questão.

¹⁴³ García Fernández (2000, p. 136) menciona sobre a interpretação resultativa ou experiencial do complemento adverbial “*ya*”. Logo, é possível que o PPC na ocorrência (172) indique aspecto Anterior e não modalidade *irrealis*.

¹⁴⁴ O dado “*han abordado*” em (172) é complexo, uma vez que a explicação pode partir também da categoria Aspecto: é possível que o PPC esteja reforçando a leitura durativa já conduzida pelo complemento adverbial de duração de “*hasta ahora*”. Ressaltando, ainda, que a negação é também um elemento durativizador, segundo García Fernández (2000).

CAPÍTULO VI

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, discorro sobre os procedimentos metodológicos seguidos no desenvolvimento desta tese. Distribuída em diferentes seções, aparece a descrição dos procedimentos metodológicos seguidos nesta investigação, a respeito: i) da etapa de constituição da amostra da língua escrita castelhana, ii) da escolha das variáveis de análise sobre o valor do pretérito perfeito composto na amostra em questão, e iii) da seleção do pacote estatístico utilizado na quantificação dos dados.

6.1 Procedimentos metodológicos na compilação da amostra

Conforme mencionado, nesta tese, analiso as ocorrências do pretérito perfeito composto do indicativo castelhano presentes na amostra que compilei durante a investigação de mestrado: “*Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico”.¹⁴⁵ No momento da elaboração da amostra, o objetivo era selecionar notícias de repercussão mundial, publicadas no mesmo dia em diferentes países hispânicos.

Além desses critérios, a amostra visava a contemplar diferentes zonas dialetais da língua espanhola. Dessa forma, além do espanhol europeu, o *corpus* abarca as cinco zonas dialetais latino-americanas apresentadas abaixo, que, a partir dos estudos de Henríquez Ureña (1921), são aceitas e discutidas por outros pesquisadores (ANDIÓN HERRERO, 2004; MALMBERG, 1974; ZAMORA VICENTE, 1967; entre outros). São elas:

- ⇒ Região 1: sul e sudeste dos Estados Unidos, México e as Repúblicas da América Central.

- ⇒ Região 2: as três grandes Antilhas espanholas (Cuba, Porto Rico, Santo Domingo), a costa da Venezuela e, provavelmente, a parte setentrional da Colômbia.

¹⁴⁵ A amostra considerada na Dissertação de Mestrado contemplava quinze notícias de cada país. A baixa frequência do PPC, contudo, conduziu-me a ampliar a amostra para vinte notícias, coletadas durante o ano de 2005 e início de 2006.

⇒ Região 3: região andina da Venezuela, o interior e a costa ocidental da Colômbia, Equador, Peru, a maior parte da Bolívia e, talvez, o norte do Chile.

⇒ Região 4: a maior parte do Chile.

⇒ Região 5: Argentina, Uruguai, Paraguai e, talvez, parte do sudeste boliviano.

Semelhante à distribuição proposta por Henríquez Ureña, Andión Herrero (2004) propõe as seguintes definições para as cinco grandes regiões dialetais latino-americanas: região do México e América Central, região do Caribe, região andina, região do Chile e região do Rio da Prata. Admito que, apesar das proximidades linguísticas, cada região tem sua idiossincrasia e sua história – conforme atesta Malmberg (1974, p. 129) –, porém lanço mão dessa distribuição na análise da função do PPC nas capitais de países que as representam, devido à necessária limitação dialetológica da América Latina. Desse modo, o *corpus* é constituído de dados de Madri – representando o espanhol peninsular –, bem como das capitais latino-americanas: Cidade do México (região do México e América Central), Havana (região do Caribe), La Paz e Lima (região andina), Santiago do Chile (região do Chile) e Buenos Aires (região do Rio da Prata).

Decididas as regiões de análise, foram selecionados os periódicos virtuais de onde se extraem as notícias de interesse da pesquisa. A princípio, seria contemplado um jornal de cada país. A dificuldade em encontrar um mesmo evento noticiado em data coincidente, contudo, conduziu-me a incorporar dois jornais da Espanha e três do México. No quadro a seguir, apresento os periódicos que compõem a amostra, bem como a etiqueta usada para a representação dos dados analisados:

Capital/código	Endereço eletrônico/código	Representação
Madri (MA)	www.elmundo.es (EM)	MAEM
	www.elpais.es (EP)	MAEP
Cidade do México (CM)	www.cronica.com.mx (CR)	CMCR
	www.diario.com.mx (DI)	CMDI
	www.laopinion.com.mx (LO)	CMLO
Havana (HA)	www.granma.cu (GR)	HAGR
La Paz (LP)	www.elmundo.com.bo (EM)	LPEM
Lima (LI)	www.larepublica.com.pe (LR)	LILR
Santiago do Chile (SC)	www.lun.com.cl (LU)	SCLU
Buenos Aires (BA)	www.clarin.com (CL)	BACL

Quadro 25 – Representação dos periódicos virtuais que compõem o “Corpus de notícias mundiais no panorama hispânico”

Vale destacar que, na codificação dos dados, as etiquetas que representam o contexto geográfico e o jornal virtual precedem a data de publicação da notícia, conforme ilustra a ocorrência a seguir:

(173) *Señala Le Monde que Bergoglio ha denunciado la corrupción de la clase política y la crisis de valores de la sociedad argentina. (BACL-02-04-2005)*

A representação destacada na ocorrência em (173) deve ser lida como: notícia publicada em Buenos Aires, no jornal *Clarín*, na data de 2 de abril de 2005. Especificados os critérios para a compilação da amostra, passo à discussão dos aspectos metodológicos relativos à escolha e à codificação das variáveis de análise do PPC.

6.2 Procedimentos metodológicos na escolha das variáveis e codificação dos dados

Além do contexto geográfico apresentado no quadro 25, a análise da função do PPC no panorama hispânico parte da consideração de outras variáveis: “tipo de verbo”, “número do complemento verbal” (sujeito e objeto direto), “tipo de complemento adverbial” e, com base

nesses traços, “valor do PPC” (Anterior ou Aoristo). A descrição dessas variáveis aparece nas seções a seguir.

6.2.1 Variável tipo de verbo

Conforme discussões anteriores, o pretérito perfeito composto do indicativo desempenha, na língua castelhana, tanto o Aspecto Aoristo como o Anterior, tendo este último algumas subvariedades: Anterior de Resultado, Anterior de Continuidade e Anterior de Relevância presente. Na seção 5.2.4.1, argumentei sobre a relevância em se considerar as diferenças semânticas dos tipos de verbos na análise desses Aspectos, uma vez que traços como [+/- durativo] podem resolver a ambiguidade na leitura do PPC.

Não é de interesse desta seção retomar a análise apresentada na seção 5.2.4.1. No entanto, vale mencionar que os tipos de verbos considerados na análise aspectual do PPC partem do estudo de Costa (1990):

Acontecimento:	[- durativo], [+ dinâmico], [- permanente], [- agente]
Ato:	[- durativo], [+ dinâmico], [- permanente], [+ agente]
Processo:	[+ durativo], [+ dinâmico], [+ permanente], [- agente]
Atividades:	[+ durativo], [+ dinâmico], [+ permanente], [+ agente]
Estados:	[+ durativo], [- dinâmico], [+ permanente], [- agente]

A hipótese seria que verbos com traço [+ durativo], como processo, atividade e estado, favoreceriam a leitura do PPC Anterior; verbos com traço [- durativo], como acontecimento e ato, por outro lado, conduziriam a uma leitura aorística. No entanto, vale antecipar aqui que outras variáveis como “número do sujeito”, “número do objeto” e “tipo de complemento adverbial” atuam na leitura aspectual, e, por esse motivo, a relação *verbo [+ durativo] = PPC Anterior* e *verbo [- durativo] = PPC Aoristo* pode não ser verificável.

O primeiro passo para verificar a aplicabilidade dessas conjecturas é identificar os tipos de verbos (acontecimento, ato, processo, atividade e estado), observando os traços [+/- durativo], [+/- dinâmico], [+/- permanente] e [+/- agente], conforme a proposta de Costa (1990). O quadro a seguir ilustra a forma como são codificadas as ocorrências do PPC no que concerne à variável “tipo de verbo”.

Tipo de verbo	Representação	Exemplo
Acontecimento	aco	<i>ha perdido</i> <aco>
Ato	ato	<i>ha denunciado</i> <ato>
Processo	pro	<i>Há generado</i> <pro>
Atividade	ati	<i>Há practicado</i> <ati>
Estado	est	<i>ha sido</i> <est>

Quadro 26 – Representação da variável “tipo de verbo”

Apesar da contribuição dos traços semânticos na interpretação aspectual do verbo, é preciso reconhecer que outros fatores atuam nessa leitura. Na definição semântica do PPC Anterior e Aoristo, por exemplo, é fundamental a consideração de outros elementos textuais ou extralinguísticos a fim de se resolver a ambiguidade possível em dados como “*ha denunciado*” – verbo [- durativo] cuja leitura pode ser de um PPC de Relevância presente ou de Continuidade (iterativo).

(174) a. *ONU ha denunciado esta mañana la violencia contra civiles.*

b. *ONU ha denunciado a lo largo de este año los casos de violencia contra civiles.*

Como se pode observar, no exemplo em (174a), o traço [- durativo] do verbo classificado como “ato” evidencia a pontualidade da situação “*ha denunciado*”. Contribui para a interpretação de Relevância presente o complemento adverbial de localização “*esta mañana*” – um CA de localização hodierno. Novos elementos acrescentados no exemplo em (174b), por outro lado, conduzem-nos à leitura de um PPC de Continuidade, indicando, por meio da presença do CA de duração “*a lo largo de este año*” e de um objeto direto plural “*los casos de violencia contra civiles*”, a iteratividade do ato de “*denunciar*”. Questões dessa ordem corroboram a necessidade de se lançar mão de outros elementos que auxiliem na leitura aspectual do objeto de estudo desta tese, sobre os quais discorro a seguir.

6.2.2 Variável número dos complementos verbais (sujeito e objeto direto)

Na seção 5.2.4.3, debati sobre a atuação do número dos complementos verbais (singular/plural) na leitura do Aspecto, afirmando

que diversos contrastes aspectuais podem ser marcados por essa variável. Reproduzo aqui parte dos exemplos analisados naquela seção:

(175) a. *Entonces bueno pues **he tenido** la oportunidad de ver un poco el funcionamiento de todo ese mundo...*
(PRESEEA/AlcH/32S)

b. *Entonces bueno pues **he tenido** varias oportunidades de ver un poco el funcionamiento de todo ese mundo...*

Verifica-se, na ocorrência em (175a), que a combinação do PPC com um objeto direto singular leva-nos a interpretar a situação “*tener la oportunidad*” como experiencial. A transformação da estrutura através da combinação do PPC com objeto plural (“*varias oportunidades*”), exemplo em (175b), conduziria à interpretação iterativa. Logo, o número do objeto direto, nesse caso, atua na leitura de um PPC Anterior de experiência e de um PPC Anterior iterativo, respectivamente.

Nos exemplos a seguir, também reproduzidos a partir da análise da seção 5.2.4.3, o número do sujeito torna claro o duplo comportamento do Aspecto Anterior de Continuidade: iterativo na combinação do PPC com sujeito plural – dado em (176a) – e durativo na combinação com sujeito singular – exemplo em (176b).

(176) a. *Pues sí me **han gustado** muchos chicos antes que F//...*
(PRESEEA/Alc/M39S)

b. *Pues sí me **ha gustado** Juan antes que F//...*

Considerando esses fatores, os argumentos verbais também representam variáveis de análise da função do PPC castelhano. Ressalto que na codificação dessa variável, considero dois tipos de argumentos verbais: sujeito e objeto direto. Também há necessidade de determinar as orações com sujeito inexistente e verbos intransitivos. A codificação dessas variáveis é ilustrada no quadro 27 a seguir.

Tipo e número do complemento	Representação	Exemplo
Sujeito singular	ss	<i>El Kremlin ha matado<ss>...</i>
Sujeito plural	sp	<i>Los actos se han cerrado<sp>...</i>
Sujeito inexistente	si	<i>Todavía no han revelado<si>...</i>
Objeto direto singular	os	<i>...ha aprobado<os> una resolución...</i>
Objeto direto plural	op	<i>...han visto<op> a personas ajenas...</i>
Verbo intransitivo	vi	<i>Papa ha regresado<vi> al Vaticano...</i>

Quadro 27 – Representação da variável “número dos complementos verbais”

Além do controle das variáveis “tipo de verbo”, “número do sujeito” e número do objeto direto”, também são analisados e quantificados os tipos de complemento adverbial – variável descrita na próxima seção.

6.2.3 Variável tipo de complemento adverbial

No capítulo IV, dediquei uma seção relativamente extensa para a análise da atuação dos complementos adverbiais na leitura do Aspecto (seção 5.2.4.2). Por essa razão, nesta etapa, apresento apenas um quadro com os tipos de CA etiquetados, exemplificando, em seguida, com ocorrências presentes na amostra.

Tipo complemento adverbial	Representação	Exemplos
CA de duração	dur	<i>en, durante, para</i> seguidos de um sintagma nominal quantitativo (<i>en dos años</i> , por ejemplo), <i>desde, desde...hasta, hasta, de...a, de ahora en delante, a partir de, entre, el más de cuarto de siglo</i> , entre outros.
CA de localização	loc	<i>hoy, ayer, la víspera, ahora, a las tres, esta mañana, este año, en Navidad, en verano, en 2009</i> , entre outros.
CA de fase	fas	<i>ya, todavía, todavía no, ya no</i> , entre outros.
CA de frequência	fre	<i>Siempre, muchas veces, a veces, a menudo, raramente, nunca, jamás, frecuentemente, una (sola vez), en varias oportunidades</i> , entre outros.
Negação	neg	<i>No</i>

Quadro 28 – Representação da variável “tipo complemento adverbial”

Sobre os tipos de complemento adverbial ilustrados no quadro 28, vale explicar a inclusão da “negação” no quadro de CA proposto por García Fernández (2000). Na codificação dos dados, verifiquei alta frequência do pretérito perfeito composto em contextos de negação – contexto durativizador, segundo García Fernández (2000, p. 108). Logo, o fato de a negação durativizar os predicados que modifica me motivou a controlar também essa variável, uma vez que a negação é um elemento a mais na identificação do valor de Anterior durativo do PPC. Ressalto que a negação “*no*” não aparece no quadro de García Fernández (2000). Dessa forma, optei em acrescentar um novo tipo de complemento adverbial, ao invés de inseri-lo no quadro dos CA de frequência, onde aparecem o *nunca* e o *jamás* – a meu ver, igualmente capazes de durativizar o predicado que modifica.¹⁴⁶

A seguir, ilustro a análise das variáveis descritas até aqui a partir de ocorrências etiquetadas na amostra de análise.

- (177) *Chaco S.A. ha actuado*<lp;ati;ss;vi;dur> *con total y absoluta transparencia y dentro del marco de la ley, antes, durante y después de la exportación de hidrocarburos líquidos realizada el pasado 5 de febrero y que corresponde a 126.000 barriles.* (LPEM-02-04-2005)

Na etiqueta que acompanha o dado “*ha actuado*”, lê-se as siglas “lp”, como variedade de La Paz; “ati”, verbo do tipo atividade; “ss”, sujeito singular; “vi” verbo intransitivo; e “dur”, complemento adverbial de duração.

- (178) *Los médicos han practicado*<ma;ato;sp;os;loc> *a última hora de esta tarde una traqueotomía al Papa Juan Pablo II* (MAEP-25-02-2005)

Na etiqueta que acompanha o dado “*han practicado*”, lê-se as siglas “ma”, como variedade de Madri; “ato”, verbo do tipo ato; “sp”, sujeito plural; “os”, objeto direto singular; e “loc”, complemento adverbial de localização.

¹⁴⁶ O fato de interpretar a negação como um complemento que durativiza o predicado é uma metodologia focada na categoria Aspecto. Ressalto que a negação também pode ser um fator de análise da categoria Modalidade, conforme a discussão apresentada na seção 5.3, anteriormente nesta tese.

(179) ...un personaje que desde hace años se dedica a fabricar pequeños artefactos explosivos que deja en objetos de uso común y que ya **ha causado**<ba;ato;ss;op;fas> varios heridos en ciudades del noroeste del país. (BACL-13-03-2005)

Lê-se a etiqueta que acompanha o PPC na ocorrência em (179), como: variedade de Buenos Aires (ba), verbo do tipo ato (ato), sujeito singular (ss), objeto plural (op) e complemento adverbial de fase (fas).

(180) *Aseguró que nunca **ha renunciado***<cm;ato;ss;os;fre> *ni renunciará a su origen...*(CMDI-03-03-2005)

Na etiqueta que acompanha o dado “*ha renunciado*”, lê-se as siglas “cm”, “ato”, “ss”, “os” e “fre” como: variedade da Cidade do México, verbo do tipo ato, sujeito singular, objeto singular e complemento adverbial de frequência, respectivamente. Ressalto que o complemento adverbial *nunca*, bem como *siempre*, *muchas veces*, *frecuentemente*, *a menudo*, *a veces*, *raramente*, *una (sola) vez*, *jamás*, entre outros, é definido, na análise de García Fernández (2000, p. 80), como CA de frequência. Por essa razão, uso a etiqueta <fre>, de frequência, e não <neg>, de negação.

A ocorrência em (181) ilustra um dado inserido num contexto de negação, cuja etiqueta deve ser lida como: variedade de La Paz (lp), verbo do tipo acontecimento (aco), sujeito singular (ss), verbo intransitivo (vi) e complemento de negação (neg).

(181) *Yo soy parlamentario durante muchos años. Esto (refrendación de contratos) no **ha sucedido***<lp;aco;ss;vi;neg>...(LPEM-02-04-2005)

A consideração dessas variáveis ajuda-nos a interpretar a função semântica do pretérito perfeito composto: Anterior de Continuidade, Anterior de Relevância presente ou Aoristo.¹⁴⁷ Identificar o valor do PPC na amostra considerada é uma forma de encontrar pistas sobre a etapa da evolução em que se encontra essa forma verbal na língua escrita de diferentes países hispânicos.

¹⁴⁷ Ressalto que o PPC espanhol avançou no processo de gramaticalização, deixando de exibir o PPC puramente de Resultado (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000; CAMUS BERGARECHE, 2008).

6.2.4 Variável valor do PPC

Analisar a função semântica de um dado linguístico no discurso costuma não ser tarefa fácil, ainda que se leve em conta diferentes variáveis que ajudem a elucidar ocorrências complexas. No caso do objeto de estudo desta tese não é diferente, dada a polissemia do pretérito perfeito composto do indicativo castelhano.

Conforme discutido nos capítulos II e IV, a evolução do PPC segue para uma direção aorística, ou seja, de sua função originária de resultado presente caminha para a função de passado Aoristo. No decorrer do processo de gramaticalização de resultado > Aoristo, outros valores vão surgindo – PPC de Continuidade e de Relevância presente, por exemplo –, representando os quatro estágios da evolução dessa forma verbal, conforme Harris (1982). Sobre essa questão, argumento, nesta tese, que o PPC espanhol é um fenômeno em processo de gramaticalização, que, no decorrer dos anos, vem assumindo novas funções.

Verificar a função do PPC é um dos propósitos desta investigação, já que desse modo é possível corroborar a hipótese de que o PPC castelhano encontra-se em etapas distintas em sua evolução, considerando as diferentes variedades desse idioma. No entanto, como sinalizei na introdução desta seção, classificar o PPC Anterior de Continuidade (antC), Anterior de Relevância presente (antR) e Aoristo (aor)¹⁴⁸ é uma tarefa complexa. Essa é uma das razões que me conduziram a lançar mão das variáveis discutidas anteriormente: “tipo de verbo”, “número do sujeito”, “número do objeto direto” e “tipo de complemento adverbial”. O controle dessas variáveis é uma escolha metodológica que me auxilia na interpretação do valor dos PPC presentes na amostra, conforme ilustram os dados de (177) a (181) repetidos aqui com a etiqueta de sua função:

(177') *Chaco S.A. ha actuado*<lp;ati;ss;vi;dur;antC> *con total y absoluta transparencia y dentro del marco de la ley, antes, durante y después de la exportación de hidrocarburos líquidos realizada el pasado 5 de febrero y que corresponde a 126.000 barriles.* (LPEM-02-04-2005)

¹⁴⁸ As siglas que aparecem entre parênteses são as utilizadas na codificação dessa variável.

(178') *Los médicos **han practicado**<ma;ato;sp;os;loc;antR> a última hora de esta tarde una traqueotomía al Papa Juan Pablo II (MAEP-25-02-2005)*

(179') *...un personaje que desde hace años se dedica a fabricar pequeños artefactos explosivos que deja en objetos de uso común y que ya **ha causado**<ba;ato;ss;op;fas;amb> varios heridos en ciudades del noroeste del país. (BACL-13-03-2005)*

(180') *Aseguró que nunca **ha renunciado**<cm;ato;ss;os;fre;antC> ni renunciará a su origen...(CMDI-03-03-2005)*

(181') *Yo soy parlamentario durante muchos años. Esto (refrendación de contratos) no **ha sucedido**<lp;aco;ss;vi;neg;antC>...(LPEM-02-04-2005)*

Analisando brevemente as ocorrências anteriores, verificamos em (177') dois elementos que favorecem a leitura de PPC Anterior de Continuidade (antC): o verbo de atividade [+ durativo] e a presença de um complemento adverbial de duração “*antes, durante y después de la exportación de hidrocarburos líquidos*”.

No que concerne ao dado em (178'), a interpretação de um PPC Anterior de Relevância presente (antR) é motivada por três aspectos, em especial: o fato de o verbo do tipo ato apresentar o traço [- durativo], a presença de um CA de localização “*a última hora de esta tarde*” (hodierno) e o fato de o objeto ser singular, marcando um ato que tem relevância para o presente, já que se aproxima desse momento temporal¹⁴⁹.

O dado em (179') é um pouco mais complexo, pois, apesar de ser possível reconhecer o Aspecto Anterior do PPC, a codificação evidencia uma ambiguidade (amb) já esperada em fenômenos em gramaticalização. A presença de um objeto plural “*varios heridos*” levamos a interpretar a situação “*ha causado*” como iterativa (Anterior iterativo). Por outro lado, a existência de um complemento adverbial de fase – o “*ya*”, nesse caso, conforme o estudo de García Fernández (2000) – favorece a leitura de Anterior experiencial: em outros momentos, o personagem “*ya ha causado*” outros feridos. Dada a

¹⁴⁹ A presença de um objeto plural (*han practicado varias traqueotomías*, por exemplo) poderia conduzir à leitura de PPC Anterior iterativo.

presença de dados dessa natureza, surge a necessidade de uma codificação que evidencie casos complexos em que a ambiguidade é difícil de ser resolvida.

No caso da ocorrência em (180'), o valor de Anterior de Continuidade (durativo) de “*ha renunciado*” é depreendido por conta da presença do complemento adverbial de frequência “*nunca*”. Conforme García Fernández (2000, p. 137-140), os CA de frequência *siempre* e *nunca* podem receber a interpretação “*durante todo el período*”, o que põe em evidência a propriedade de esse CA durativizar o predicado que modifica, tal como acontece com a negação. Este ponto explica o valor de Anterior de Continuidade (durativo) do PPC na ocorrência em (181'), na qual, a negação modifica o traço [- durativo] de um verbo de acontecimento; como vimos, a negação é capaz de durativizar o predicado.

Creio que as discussões aventadas neste capítulo são suficientes para esclarecer os procedimentos metodológicos relativos à composição da amostra e à análise e codificação das variáveis. Para o tratamento estatístico dos dados, lanço mão do programa computacional SPSS 10.0 FOR WINDOWS®, sobre o qual disorro à continuação.

6.3 A escolha do programa computacional para o tratamento estatístico

O uso de ferramentas estatísticas vem trazendo contribuições significativas em estudos das ciências humanas e sociais, considerando, por exemplo, sua agilidade para apontar a associação entre variáveis. Essa contribuição é reconhecida nesta tese, na qual lanço mão do programa computacional *SPSS 10.0 FOR WINDOWS® (Statistical Package for Social Sciences)* a fim de mensurar a contribuição das variáveis “tipo de verbo”, “número do sujeito”, “número do objeto” e “tipo de complemento adverbial” na análise do “valor do PPC”. Pretendo verificar, por consequência, a associação de cada uma das quatro primeiras variáveis com esta última.

Para o tratamento estatístico das variáveis, utilizo o programa computacional *SPSS 10.0 FOR WINDOWS®*, para o qual elaborei um modelo a ser processado, utilizando as etiquetas pospostas aos dados, conforme o exemplo em (181'): *ha sucedido*<lp;aco;ss;vi;neg;antC>. Lembro tratar-se de 262 ocorrências do pretérito perfeito composto presentes na amostra, assim distribuídas: 25 na amostra de Buenos Aires, 15 na de Santiago do Chile, 31 na de La Paz, 43 na de Lima, 33 na de Havana, 39 na de Cidade do México e 76 na de Madri.

Por meio de ferramentas disponíveis pelo *Software*, é possível processar os dados, obtendo, de forma ágil e confiável, os resultados apresentados em tabelas com percentual de frequência. Ainda que esses resultados nos forneçam pistas relevantes sobre a variação do fenômeno em estudo, a mera análise dos percentuais distribuídos nas células não nos possibilita averiguar a associação das variáveis categorizadas. Para isso, é preciso utilizar alguma medida de associação. O teste de significância qui-quadrado (χ^2), por exemplo – aplicado pelo próprio programa –, possibilita ao pesquisador estimar o grau de significância de seus resultados, constatando a probabilidade de os resultados obtidos serem fruto do acaso. Ainda no tratamento estatístico realizado pelo Programa *SPSS 10.0 FOR WINDOWS®*, a medida de associação *tau* de *Goodman e Kruskal* possibilita ao pesquisador aferir a associação entre as variáveis. No caso das variáveis de análise desta tese, a medida *tau* representa uma forma de averiguar a associação entre o “valor do PPC” com as variáveis “tipo de verbo”, “número do sujeito”, “número do objeto” e “tipo de complemento adverbial.

Os resultados estatísticos obtidos por meio do programa computacional mencionado, bem como as análises caso a caso, são apresentados no capítulo a seguir, a partir do qual objetivo apresentar respostas às hipóteses lançadas no início desta investigação.

CAPÍTULO VII

VALORES DO PPC NO ESPANHOL ESCRITO: ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, analiso os valores do pretérito perfeito composto nas sete capitais hispânicas contempladas na amostra: Buenos Aires, Santiago do Chile, La Paz, Lima, Havana, Cidade do México e Madri.

Os dados presentes no *corpus* são analisados, considerando, conforme mencionado no capítulo VI, as seguintes variáveis: “tipo de verbo”, “número do sujeito”, “número do objeto direto” e “tipo de complemento adverbial”. A partir da apreciação dessas variáveis, codifico as ocorrências do PPC, conforme a leitura gerada pelas informações presentes no entorno verbal do texto ou contextualmente inferidas. A soma desses elementos apresenta importante contribuição para a interpretação do pretérito perfeito composto, permitindo-me identificar, em cada variedade castelhana considerada, os valores dessa forma verbal, que, de acordo com as discussões apresentadas nesta tese, podem ser: Anterior de Continuidade, Anterior de Relevância presente e Aoristo.

Antes de passarmos aos resultados sobre os valores do PPC nas variedades consideradas – objetivo principal desta investigação –, discuto a contribuição de cada uma das variáveis de análise para a interpretação do polissêmico PPC.

7.1 Variáveis de análise

Embora a ordem da codificação dos dados presentes na amostra tenha sido “contexto geográfico”, “tipo de verbo”, “número do sujeito”, “número do objeto”, “tipo de complemento adverbial” e “valor do PPC” – conforme ilustram as etiquetas nas ocorrências de 177’ a 181’ –, a análise das variáveis, nesta seção, segue uma organização distinta, por meio da qual, aparecem em primeiro plano as variáveis que se mostraram estatisticamente significativas.¹⁵⁰ Ressalto que é de interesse nesta etapa da investigação observar a influência das variáveis “tipo de verbo”, “número do sujeito”, “número do objeto” e “tipo de

¹⁵⁰ Destaco que todas as variáveis contribuíram para a análise caso a caso, mesmo aquelas cujos resultados estatísticos não foram significativos.

complemento adverbial” na interpretação do “valor do PPC” – ponto que ficará mais claro nas seções adiante.

7.1.1 Contribuições da variável “tipo de verbo” na análise do valor do PPC

Em momentos anteriores nesta tese, destaquei a relevância em se considerar a semântica do verbo na análise dos Aspectos Aoristo e Anterior do pretérito perfeito composto, já que o traço [+/- durativo], especialmente, pode resolver a ambiguidade na leitura dessa forma verbal.

As ocorrências a seguir ilustram situações em que a consideração dessa variável foi decisiva na interpretação do PPC.

(182) *En estos últimos meses nuestra ciudad **ha sido** el escenario de diferentes accidentes, en los que se **han producido** enfermos con quemaduras. Si bien el ambiente cálido y abundante oxígeno que caracteriza a la ciudad, esparce el fuego de forma más rápida, los medios por los cuales se producen quemaduras **han ido cambiando**.* (LPEM-04-04-2005)

(183) *Enfatizó que en la agenda de las conversaciones bilaterales de alto nivel se **ha abordado** el asunto del aviso del gobierno de Estados Unidos sobre inseguridad en las ciudades fronterizas mexicanas. Remarcó que la postura del Gobierno Mexicano ante ese anuncio **ha sido** de un rechazo y agregó que ese tema también ocupará un espacio en las pláticas con el secretario de Seguridad Interior de ese país.* (CMLO-13-03-2005)

Desconsiderando a presença do complemento adverbial de duração “*en estos últimos meses*”, que não é de interesse nesta etapa de análise, o traço [+ durativo] dos verbos de estado (“*ha sido*”) e processo (“*han producido*” e “*han ido cambiando*”) foi decisivo na leitura de Continuidade durativa das três ocorrências do PPC em (182).

Acerca da ocorrência em (183), vale mencionar que, ao analisar os dados da amostra da variedade mexicana, esperava constatar apenas o PPC com valor de Continuidade, conforme prevê o estudo de García Fernández (2000). Contudo, o traço [- durativo] do ato “*abordar*” não possibilita a interpretação de Continuidade durativa do primeiro PPC no

fragmento em questão. Além disso, não há nenhum elemento que nos possibilite interpretar o dado como um PPC de Continuidade iterativa. “*Ha abordado*” foi interpretado, então, como um PPC de Relevância presente, já que coloca em evidência um contexto experiencial: na agenda das conversações bilaterais de alto nível, o assunto sobre a insegurança em cidades fronteiriças já foi mencionado. O traço [+durativo] do verbo estativo “*ser*” conduziu-me a interpretar a ocorrência seguinte como um PPC de Continuidade. Verifiquei, posteriormente, que o complemento imediatamente posterior ao verbo “*ha sido de un rechazo*” marca a situação como um ato e não um estado – “*ha sido rechazado*”. Logo, o dado em questão foi também interpretado como um PPC de Relevância presente, indicando que a rejeição do governo mexicano é resultado do anúncio de que trata a notícia ilustrada em (183).

Essas apreciações apontam a importância de considerar os traços semânticos dos diferentes tipos de verbos na interpretação aspectual de um tempo verbal. No que diz respeito à análise estatística, a atuação da variável “tipo de verbo” sobre o valor do pretérito perfeito composto mostra-se igualmente relevante, conforme ilustra a tabela a seguir:

Tabela 10 – Atuação da variável “tipo de verbo” no valor do PPC

VALOR DO PPC	TIPO DE VERBO					Total
	Acontecimento [- dur.]	Ato [- dur.]	Atividade [+ dur.]	Processo [+ dur.]	Estado [+ dur.]	
Continuidade	22,2% (12)	36,5% (35)	94,3% (33)	96% (24)	57,7% (30)	51,1% (134)
Relevância presente	75,9% (41)	58,3% (56)	5,7% (2)	0	42,3% (22)	46,2% (121)
Aoristo	0	1% (1)	0	0	0	0,4% (1)
PPC Ambíguo	1,9% (1)	4,2 % (4)	0	4% (1)	0	2,3% (6)
Total	100% (54)	100% (96)	100% (35)	100% (25)	100% (52)	100% (262)

Olhando as linhas da tabela 10, é possível verificar que o pretérito perfeito composto se distribui, especialmente, em dois valores: Continuidade (51,1%) e Relevância presente (46,2%). No que diz respeito às colunas que representam os tipos de verbo, confirmo minha previsão de que os PPC com verbos de traço [+durativo] tenderiam a expressar Continuidade. A coluna dos verbos de atividade, por exemplo, sinaliza um percentual de 94,3% do PPC de Continuidade, 5,7% de

Relevância presente e 0% do PPC aorístico. Acerca do verbo de processo, verifica-se uma elevação no percentual do PPC de Continuidade: 96%, enquanto o PPC de Relevância presente e Aoristo apresentam frequência-zero nessa variável. A distribuição do PPC com verbos de estado nos valores de Continuidade e Relevância presente não é tão desproporcional, ainda que se trate também de verbo durativo. A tabela anterior mostra-nos que o PPC de Continuidade com verbos estativos apresenta frequência superior em relação aos demais valores: 57,7%; porém, é bastante frequente o PPC de Relevância presente com esse tipo de verbo: 42,3%. Acrescentando que não há nenhuma ocorrência do PPC Aoristo com verbos estativos. Como se pode observar, os verbos durativos da minha amostra contribuem para a interpretação de Continuidade do PPC. Nessa direção, a tabela 10 aponta-nos a tendência de verbos com traço [- durativo] favorecerem a interpretação de Relevância presente. Verbos do tipo acontecimento, por exemplo, apresentam um percentual de 22,2% do PPC de estágio II – Continuidade – e 75,9% de estágio III – Relevância presente. Verbos do tipo ato apresentam também percentual elevado do PPC de Relevância presente, comparado ao percentual do PPC de Continuidade: 58,3% e 36,5%, respectivamente. A única ocorrência do PPC Aoristo, como era previsto, é representada por um verbo do tipo ato, cujo traço é [-durativo].¹⁵¹

Nesta seção, importa analisar os dados claramente interpretados. Por essa razão, limito-me a mencionar que as ocorrências do PPC ambíguo distribuem-se nas colunas dos verbos de acontecimento (1,9%), ato (4,2%) e processo (4%).¹⁵²

Considerando as discussões anteriores, é viável testar a significância dos resultados apresentados na tabela 10, uma vez que a simples observação da frequência não nos fornece respostas definitivas – ainda que nos apontem pistas relevantes. Para tanto, lanço mão de um dos testes mais utilizados em pesquisas sociais – o qui-quadrado (χ^2) – a fim de testar as hipóteses lançadas abaixo:

- Hipótese nula (H_0): não existe associação entre as variáveis “valor do PPC” e “tipo de verbo” na população em estudo.

¹⁵¹ Reservo a discussão da única ocorrência do PPC Aoristo para a seção 7.2.4, na qual analiso os resultados da variedade em que se insere o dado: variedade de Lima.

¹⁵² Os casos ambíguos serão discutidos nas seções em 7.2, nas quais analiso ocorrências presentes nas sete variedades hispânicas.

- Hipótese alternativa (H_1): existe associação entre as variáveis “valor do PPC” e “tipo de verbo” na população em estudo.¹⁵³

A aplicação do teste, realizado pelo próprio programa *SPSS 10.0 FOR WINDOWS*®, apresenta-nos o seguinte resultado.¹⁵⁴

**Tabela 11 – Resultados do teste χ^2
Distribuição dos valores do PPC por tipo de verbo**

	Valor	Grau de liberdade (df)	Significância (p)
qui-quadrado χ^2	72,929	4	$p < 0,0001$

Conforme Barbetta (1994, p. 228), em pesquisas sociais, é usual arbitrar um nível de significância (p) igual a 0,05. Segundo esse autor, quando os dados observados geram um χ^2 grande, e, conseqüentemente um p pequeno, o teste aceita H_1 , rejeitando H_0 . Analisando a tabela 11 acima, verificamos um χ^2 relativamente alto, pois, com um grau de liberdade (df) igual a 4, o mínimo esperado para o χ^2 seria 9,49, e o valor obtido na análise foi de 72,929. O valor da significância (p) apresentada na tabela 11 evidencia que a probabilidade de a associação entre as variáveis ser devido ao acaso é menor do que uma em mil ($p < 0,0001$). Logo, por meio desse p consideravelmente baixo, o teste rejeita a (H_0) e aceita (H_1): existe associação entre as variáveis “valor do PPC” e “tipo de verbo”.

Ainda no tratamento estatístico, o resultado da medida *tau* de *Goodman and Kruskal*,¹⁵⁵ rodado também através do Programa SPSS, confirma a hipótese da associação entre as variáveis “tipo de verbo” e “valor do PPC”.

¹⁵³ Conforme Barbetta (1994), a hipótese nula ou de trabalho (H_0) deve ser, basicamente, uma negação daquilo que o pesquisador quer provar. Quando os dados mostram que essa hipótese é falsa, aceita-se a alternativa (H_1), que geralmente reflete o que se quer provar.

¹⁵⁴ Para que o teste apresente o resultado sem grandes dificuldades e de forma mais confiável, recomenda-se que a tabela não apresente muitas células-zero – o que não é o caso da tabela 10. Dessa forma, ao rodar o teste, cujo resultado é apresentado na tabela 11, considere os cinco tipos de verbo e apenas os PPC majoritários: Continuidade e Relevância presente. A partir dessa escolha metodológica – adotada na aplicação dos testes de significância apresentados neste capítulo –, obtive uma tabela 5X2, na qual aparece apenas uma célula-zero: verbo de processo com valor de Relevância presente. É importante ressaltar que, mesmo a partir da tabela 10, os testes processados pelo Programa SPSS mostraram significância.

¹⁵⁵ Para um maior detalhamento sobre medidas de associação, ver Walsh (1990).

**Tabela 12 – Resultados do teste *tau* de Goodman and Kruskal
Distribuição dos valores do PPC por tipo de verbo**

	Valor	Significância (<i>p</i>)
<i>Tau</i> Goodman and Kruskal	= 0,286	$p < 0,0001$

O resultado apresentado na tabela 12 acima evidencia certa associação entre as variáveis, com valor moderado (*tau* = 0,286). Isso quer dizer que, tendo definido o tipo de verbo, a chance de se definir o valor do PPC aumenta em 28%. Como se pode observar no valor da significância (*p*), a probabilidade de essa associação ser uma consequência do acaso é menor do que uma em mil ($p < 0,0001$).

Apresentados os resultados estatísticos referentes à associação entre as variáveis “tipo de verbo” e “valor do PPC”, proponho uma síntese sobre o estágio da evolução dessa forma verbal: na soma total da amostra, observa-se que o PPC encontra-se entre os estágios II e III no processo de gramaticalização, sinalizando um avanço para o estágio IV, já que na tabela 10 aparecem: 134 ocorrências do PPC de Continuidade (51,1%), 121 do PPC de Relevância presente (46,2%) e 1 do PPC Aoristo (0,4%).¹⁵⁶

A título de exemplificação, finalizo esta seção com algumas ocorrências em que aparecem os cinco tipos de verbos apresentados na tabela 10 acima:

Verbo do tipo “acontecimento”:

(184) *La muerte de Calipari ha vuelto a poner sobre el tapete el cuestionamiento a la permanencia de los cerca de tres mil militares que el primer ministro Silvio Berlusconi mantiene desplegados en el Estado árabe.* (HAGR-07-03-2005)

Verbo do tipo “ato”:

(185) *Desde la óptica del Gobierno argentino el caso está encaminado a una resolución, con la presunta partida de Baseotto a otras funciones —según versiones, a un puesto en el Vaticano— y el nombramiento de un reemplazante en su lugar, ya que el Gobierno como parte de su conciliación con la Iglesia ha archivado su idea de disolver la capellanía castrense.* (BACL-04-04-2005)

¹⁵⁶ Na seção 7.2 adiante, veremos como se distribuem esses valores nas capitais consideradas.

Verbo do tipo “atividade”:

(186) *En medio de condiciones adversas, con el cariño de mi familia y dedicación personal, **he luchado** por salir adelante.* (CMDI-03-03-2005)

Verbo do tipo “processo”:

(187) *Dicha muralla sobresalía dos metros por encima de la corriente normal pero ahora está a casi cinco, es decir, en esta parte el Cazonas **ha decrecido** tres metros de lo que habitualmente presenta en temporadas de calor intenso.* (CMLO-04-05-2005)

Verbo do tipo “estado”:

(188) *Sin romper su estilo populista, Abdalá Bucaram aseguró que "Ecuador necesita otra clase de hacer política", pues opinó que en su país **ha muerto** la democracia, la justicia, la libertad.* (LILA-04-04-2005)

Após essa breve consideração sobre a associação entre as variáveis “tipo de verbo” e “valor do PPC”, passo à análise sobre outra variável que se mostrou estatisticamente significativa na interpretação do pretérito perfeito composto: o “tipo de complemento adverbial”.

7.1.2 Contribuições da variável “tipo de complemento adverbial” na análise do valor do PPC

A variável “tipo de complemento adverbial” foi a primeira a ser levada em conta no meu trajeto de investigação do pretérito perfeito do indicativo. Conforme a discussão apresentada no capítulo I desta tese, no meu trabalho de Mestrado, analisei a variação entre as formas simples e composta do pretérito perfeito a partir do contexto temporal em que se inseriam, considerando, sobretudo, os complementos adverbiais de localização: CA relacionados com o presente da enunciação (“*hoy*”, por exemplo) e CA que não contemplam o momento da enunciação (“*ayer*”, por exemplo).

No estudo sobre o valor aspectual do PPC, verifico a relevância em se analisar outros tipos de complementos adverbiais. Dessa forma, com base no estudo de García Fernández (2000), passo a considerar os CA de duração, frequência, fase e negação, além dos CA de localização.

A seguir, apresento algumas ocorrências do PPC cuja interpretação foi possibilitada, também, pela presença do complemento adverbial.

Complemento adverbial de localização:

(189) *EE UU y Rusia están de acuerdo en que Irán y Corea del Norte no tengan armas nucleares. Así lo **han afirmado** esta tarde los presidentes ruso, Vladímir Putin, y estadounidense, George W. Bush, tras reunirse en Bratislava, la capital eslovaca, en la última etapa de la visita de Bush a Europa.* (MAEP-25-02-2005)

O ato “*han afirmado*”, verbo com traço [– durativo], não possibilita a leitura durativa do PPC em questão. Também não há elementos que favoreça a leitura iterativa. Dessa forma, está descartada a interpretação de um PPC de Continuidade na ocorrência em (189). A presença do complemento adverbial de localização “*esta tarde*”, que coloca a situação em um contexto temporal próximo ao momento da enunciação, somada à pontualidade do verbo, leva-nos a interpretar o dado “*han informado*” como um PPC de Relevância presente marcada pela proximidade temporal.

Complemento adverbial de duração:

(190) *Indicó que se cree que los autores de tales acciones son combatientes del derrocado régimen fundamentalista Talibán y de la red Al Qaeda, cuyos ataques se **han multiplicado** desde que terminó el invierno.* (CMCR-02-04-2005)

Segundo García Fernández (2000, p. 99), os complementos adverbiais introduzidos por “*desde*” combinam-se com situações não-pontuais, já que esse tipo de CA mede uma situação a partir de seu início até outro ponto localizado na linha temporal, ou seja, põe em evidência sua duração. A combinação do verbo do tipo processo “*han multiplicado*”, com o CA de duração “*desde que terminó el invierno*” e o sujeito plural “*cuyos ataques*” conduz à interpretação de Continuidade (durativa) do PPC em (190). Nessa perspectiva, verifica-se a relevância em se considerar a soma das variáveis na análise aspectual do PPC. Um ponto a destacar é que a leitura de Continuidade durativa do dado em (190) foi facilitada, de certa forma, pela soma de elementos durativizadores: verbo de processo (*han multiplicado*) + sujeito plural

(*cuyos ataques*) + CA de duração (*desde que terminó*). Em ocorrências cujas variáveis semânticas e sintáticas possibilitam diferentes interpretações, a leitura torna-se complexa. É o caso, por exemplo, da ocorrência ilustrada em (179'), classificada como ambígua devido à presença de um CA que favorece a leitura experiencial (*ya ha causado*), e a existência de um objeto plural que possibilita a leitura iterativa (*ya ha causado varios heridos*).

Após essa observação sobre a necessidade de se considerar a soma de diferentes variáveis na interpretação do PPC, passo à sequência das exemplificações dos complementos adverbiais controlados.

Complemento adverbial de frequência:

- (191) *Un especialista en la Santa Sede de gran prestigio, como Sandro Magister de la revista L'Espresso, **ha insistido en varias oportunidades** que el arzobispo de Buenos Aires reúne una serie de virtudes y prestigio que lo hacen un "gran candidato" a la sucesión de Juan Pablo II.* (BACL-02-04-2005)

García Fernández (2000, p. 80) argumenta que os complementos adverbiais de frequência sinalizam quantas vezes o evento ocorre. Dessa forma, a presença do CA de frequência “*en varias oportunidades*” conduz-nos a interpretar o dado “*ha insistido*” como um ato que ocorre repetidas vezes, ou seja, trata-se de um PPC de Continuidade (iterativa).

Complemento adverbial de fase/negação:

- (192) *En este sentido, destacó que debe haber un cambio absoluto y evitar que pase lo que sucedió en 2000 que se pensó que había un cambio "y dónde está el cambio en la política económica, **ya lo hemos dicho**, es la misma política económica y son los mismos".* (CMCR-02-04-2005)
- (193) *El pontífice, de 84 años, había recibido el “Santo Viático” (que es la comunión reservada a los enfermos graves) a las 19.17 horas de ayer (13.17 hora de Chile) en su habitación en el Vaticano, pues por decisión propia **no ha sido** trasladado a un hospital porque, para compartir con sus más cercanos, no quería vivir sus últimos minutos de vida en un centro asistencial.* (SCLU-01-04-2005)

Complementos adverbiais de fase como o “*ya*” marcam, segundo García Fernández (2000, p. 131-133), fases sucessivas no desenvolvimento de uma situação. Dessa forma, uma frase como “*Juan ya tiene coche*” pressupõe uma fase anterior ao momento da enunciação, na qual Juan ainda não o tinha. A discussão de García Fernández gira em torno de exemplos em que aparece o presente do indicativo. Numa construção com o pretérito perfeito composto, como é o caso de “*ya lo hemos dicho*”, “*ya he visto a esta película*”, “*ya he trabajado acá*”, o CA “*ya*” parece favorecer a leitura experiencial: em alguma ocasião essas situações já foram vivenciadas. Sob essa perspectiva, a ocorrência “*hemos dicho*” em (192) é interpretada como um PPC de Relevância presente marcada pelo contexto experiencial, pois não há nenhum outro elemento que comprometa a leitura experiencial gerada pelo complemento “*ya*”.

Em direção ao estudo de García Fernández (2000), o dado “*no ha sido trasladado*”, apresentado em (193), pode ser interpretado como um PPC de Continuidade durativa, uma vez que a negação tem a propriedade de durativizar o predicado que modifica.

Constatada a contribuição da variável “tipo de complemento adverbial” na leitura aspectual do pretérito perfeito composto, passemos à análise quantitativa a fim de verificar a influência dessa variável no valor do PPC.

Tabela 13 – Atuação da variável “tipo de complemento adverbial” no valor do PPC

VALOR DO PPC	TIPO DE VERBO					
	Localização	Duração	Frequência	Fase/negação ¹⁵⁷	SCA	Total
Continuidade	22,2% (8)	100% (31)	100% (10)	82,6% (19)	40,7% (66)	51,1% (134)
Relevância presente	69,4% (25)	0	0	13% (3)	57,4% (93)	46,2% (121)
Aoristo	2,8% (1)	0	0	0	0	0,4% (1)
PPC Ambíguo	5,6% (2)	0	0	4,4% (1)	1,9% (3)	2,3% (6)
Total	100% (36)	100% (31)	100% (10)	100% (23)	100% (162)	100% (262)

¹⁵⁷ Na quantificação dos dados, os complementos adverbiais de fase e negação foram acoplados.

A tabela 13 aponta a relevância em se considerar o complemento adverbial na análise do valor do pretérito perfeito composto. Observa-se que contextos com complementos adverbiais que exprimem duração, como: CA de duração, CA de frequência e CA de fase/negação, tendem a favorecer a leitura de Continuidade do PPC. Em 100% das ocorrências em que aparece o CA de duração, o valor expresso pelo PPC é de Continuidade: durativa, como em (190), ou iterativa, como em (194).

(194) *El prelado argentino está en todas las listas de "papables" y en estos días lo **han mencionado** también diarios de gran prestigio como El País, España y La Repubblica, de Italia.* (BACL-04-04-2005)

Antes de prosseguir com a análise da tabela 13, vale abrir um parêntese para comparar a diferente interpretação dos verbos *dicendi* da ocorrência em (189) e (194). O dado “*han afirmado esta tarde*”, presente em (189), foi interpretado como um PPC de Relevância presente, marcada pela proximidade temporal da situação, já que nenhum elemento conduz à leitura de Continuidade. O contexto em que se insere a ocorrência “*han mencionado*”, em (194), por outro lado, possibilita a leitura iterativa da situação – conforme discussão mais detalhada apresentada adiante a partir da ocorrência em (198).

Voltando à análise da tabela 13, também na totalidade de ocorrências dos CA de frequência, a leitura foi de PPC de Continuidade: iterativa, como em (191), ou durativa como em (195):

(195) (...) *aquella calificación **ha sido** frecuentemente el producto de cierto enfoque unidimensional.* (BACL-02-04-2005)

Complementos adverbiais de fase/negação parecem favorecer a leitura de Continuidade, aparecendo um percentual de 82,6% dessa combinação. Ressalto que, na maioria das vezes, o valor de Continuidade é motivado pela presença da negação, como em (193). O PPC de Continuidade acompanhado do CA de fase apareceu em apenas uma ocorrência, na qual aparece também a negação – capaz de durativizar o predicado. O dado em questão foi apresentado em (172) – na ocasião em que discutia a influência da Modalidade epistêmica –, e aparece parcialmente reproduzido em (196):

(196) (...) *en este sentido subrayó que hasta ahora no han **abordado** el tema.* (CMCR-02-04-2005)

Nas outras ocorrências em que apareceram complementos adverbiais de fase, a leitura do PPC foi de Relevância presente, como em (192). Destacando que, conforme resultados apresentados na tabela 13, 13% das ocorrências do CA de fase aparecem combinados com o valor de Relevância presente.

Acerca dos complementos adverbiais de localização, que estão relacionados com o momento da situação e não com a sua duração, observa-se na tabela acima que o percentual do PPC de Continuidade é menor (22,2%) comparado ao PPC de Relevância presente (69,4%). Em (189), illustrei a combinação do CA de localização com um PPC de Relevância presente; em (197) a seguir, ilustro a combinação desse tipo de CA com um PPC de Continuidade, cuja interpretação foi possível devido ao traço [+ durativo] do processo “*ha empezado a apoderarse*”:

(197) *Son los primeros síntomas de un clima de inseguridad que **ha empezado** a apoderarse del país tras el asesinato del ex primer ministro Rafik Hariri y la dimisión del Gobierno de Omar Karamé.* (MAEP-03-03-2005)

O único PPC Aoristo da amostra aparece acompanhado com um CA de localização, conforme verificaremos na ocorrência em (224). No que diz respeito aos contextos sem complementos adverbiais (SCA), constata-se 40,7% de frequência do PPC de Continuidade, 57,4% do PPC de Relevância presente e 1,9% de casos ambíguos. Também foram codificados 5,6% de PPC ambíguos acompanhados de CA de localização e 4,4% de CA de fase/negação.

Considerando que a variável “tipo de complemento adverbial” também se mostrou relevante no estudo sobre o valor do pretérito perfeito composto, é viável testar a significância da associação entre ambas as variáveis: “tipo de complemento adverbial” e “valor do PPC”. Mais uma vez, lanço mão do teste qui-quadrado (χ^2) para testar as hipóteses lançadas abaixo:

- Hipótese nula (H_0): o valor do pretérito perfeito composto não está relacionado à variável “tipo de complemento adverbial”.
- Hipótese alternativa (H_1): há associação entre as variáveis “valor do PPC” e “tipo de complemento adverbial”.

A aplicação do teste apresenta-nos o seguinte resultado:

**Tabela 14 – Resultados do teste χ^2
Distribuição dos valores do PPC por tipo de complemento adverbial**

	Valor	Grau de liberdade (df)	Significância (p)
qui-quadrado χ^2	65,486	4	$p < 0,0001$

Observando a tabela 14 acima, verificamos o valor relativamente alto do χ^2 (65,486), quando o mínimo esperado seria de 9,49. Consequentemente, o teste resultou um p muito pequeno, indicando que a probabilidade de esse efeito ser devido ao acaso é menor do que uma em mil ($p < 0,0001$). Portanto o teste rejeita a (H_0) e aceita (H_1): há associação entre as variáveis “valor do PPC” e “tipo de complemento adverbial” na população em estudo.

Seguindo o tratamento estatístico aplicado nas variáveis discutidas na seção 7.1.1, o resultado da medida *tau* confirma a hipótese da associação entre as variáveis “tipo de complemento adverbial” e “valor do PPC”.

**Tabela 15 – Resultados do teste *tau* de Goodman and Kruskal
Distribuição dos valores do PPC por tipo de complemento adverbial**

	Valor	Significância (p)
<i>Tau</i> <i>Goodman and Kruskal</i>	= 0,257	$p < 0,0001$

O resultado apresentado na tabela 15 demonstra certa associação entre as variáveis, com valor moderado ($tau = 0,257$). Isso quer dizer que, tendo definido o tipo de complemento adverbial, a chance de se definir o valor do PPC aumenta para aproximadamente 26%. Como se pode observar no valor da significância (p), a probabilidade de essa associação ser uma consequência do acaso é menor do que uma em mil ($p < 0,0001$).

Atestada a associação entre as variáveis semânticas “tipo de verbo” e “tipo de complemento adverbial” com a variável “valor do PPC”, passo a discutir a contribuição das variáveis sintáticas “número do sujeito” e “número do objeto”, já antecipando que estas não se mostraram estatisticamente significativas na interpretação do pretérito perfeito composto.

7.1.3 Contribuições da variável “número do sujeito” na análise do valor do PPC

Na análise dos dados, constatei a relevância em se observar a variável “número do sujeito” na interpretação semântica do pretérito perfeito composto espanhol, mais especificamente, na leitura aspectual que essa forma apresenta. Vejamos algumas ocorrências em que a interpretação do PPC foi favorecida pela consideração dessa variável:

(198) *El prelado argentino está en todas las listas de "papables" y en estos días lo **han mencionado** también diarios de gran prestigio como El País, España y La Repubblica, de Italia.*
(BACL-04-04-2005)

(199) *La capilla ardiente se abrirá mañana a las 17.00 hora local (11 a.m hora boliviana) en la Basílica de San Pedro, según **ha informado** el portavoz vaticano, Joaquín Navarro Valls.*
(LPEM-04-04-2005)

A forma “*han mencionado*” presente na ocorrência em (198) foi interpretada como um PPC de Continuidade (iterativa), devido, especialmente, à presença do sujeito plural “*diarios de gran prestigio*”. A ocorrência em questão, na qual o pretérito perfeito composto aparece acompanhado de um sujeito plural, possibilita a leitura de que “durante esses dias, a possibilidade de o próximo Papa ser um argentino é um fato que vem sendo noticiado por periódicos de grande prestígio”. Acrescentando que a presença do complemento adverbial “*en estos días*” reforça a leitura de uma situação que se repete.

O verbo “*ha informado*” destacado em (199) pertence ao mesmo campo semântico do verbo “*han mencionado*” discutido na ocorrência anterior. No entanto, o valor de “*ha informado*” é de um PPC de Relevância presente indicando experiência, diferente do valor de Continuidade de “*han mencionado*”. No caso em (199), a leitura iterativa do ato de informar só seria possível se houvesse um complemento adverbial de frequência, como: *algunas veces, varias veces, durante la semana*, entre outros. Na ausência de um CA de frequência, a presença de um sujeito singular condiciona a leitura de que o fato já foi informado pelo portavoz vaticano em alguma situação, ou seja, leitura de um PPC de Relevância presente marcada pelo contexto experiencial.

No que diz respeito à análise quantitativa, vejamos os resultados sobre a influência da variável “número do sujeito” na interpretação do pretérito perfeito composto.

Tabela 16 – Atuação da variável “número do sujeito” no valor do PPC

VALOR DO PPC	Tipo de sujeito			Total
	Sujeito singular	Sujeito plural	Sujeito indeterminado	
Continuidade	51,7% (76)	48,8% (42)	55,2% (16)	51,1% (134)
Relevância presente	46,9% (69)	45,3% (39)	44,8% (13)	46,2% (121)
Aoristo	0	1,2% (1)	0	0,4% (1)
PPC Ambíguo	1,4% (2)	4,7% (4)	0	2,3% (06)
Total	100% (147)	100% (86)	100% (29)	100% (262)

Observa-se na tabela 16 que, sob uma perspectiva quantitativa, a variável “número do sujeito” não se mostrou tão relevante, uma vez que a frequência de sujeito singular é muito próxima nos valores do PPC de Continuidade (51,7%) e de Relevância presente (46,9%). A mesma situação é observada quanto ao sujeito plural: 48,8% de frequência do PPC de Continuidade e 45,3% do PPC de Relevância presente. Em relação ao sujeito indeterminado, não temos novidade, já que a distribuição nos valores de Continuidade e Relevância presente também se aproxima: 55,2% e 44,8%, respectivamente. A única ocorrência do PPC Aoristo aparece acompanhado do sujeito plural; e os casos ambíguos ocorrem com sujeito singular e plural, mas não indeterminado.

Aplicando o teste qui-quadrado, constata-se alta probabilidade de a associação entre as variáveis “número do sujeito” e “valor do PPC” ser devido ao acaso, já que o resultado é um χ^2 bastante baixo (0,097) – o mínimo esperado seria 9,49 –, e, por consequência, um p relativamente alto ($p = 0,953$). Em outras palavras, a probabilidade de esse resultado ser aleatório é maior que novecentas em mil. Nessa direção, o resultado da medida τ evidencia contribuição zero (= 0,000) dessa variável na interpretação do valor do PPC – considerando os testes estatísticos.

Apenas como caráter ilustrativo, finalizo esta seção apresentando ocorrências em que o PPC aparece acompanhado pelos sujeitos considerados.

Sujeito singular:

(200) *Febres Cordero (1984-88) ha sido uno de los principales adversarios políticos de Bucaram, pese a que en determinadas ocasiones también se alió con el líder populista.* (LILA-05-04-2005)

Sujeito plural:

(201) *Los ministros de Medio Ambiente de la UE han llegado a un acuerdo para proponer que los países desarrollados reduzcan sus emisiones de gases de efecto invernadero "del orden del 15-30% en 2020 y del 60-80% en 2050".* (MAEM-11-03-2005)

Sujeito indeterminado:

(202) *Se le preguntó si han analizado ya la posibilidad de que se designe a algún sustituto, en caso de que el jefe de gobierno tenga que dejar su cargo, y en este sentido subrayó que hasta ahora no han abordado el tema.* (CMCR-02-04-2005)¹⁵⁸

Na seção a seguir, analiso as contribuições da variável “número do objeto direto” na interpretação do fenômeno de estudo desta tese.

7.1.4 Contribuições da variável “número do objeto direto” na análise do valor do PPC

Ao traçar o objetivo principal desta tese estava ciente da complexidade do estudo, visto que definir o valor do polissêmico PPC não é tarefa fácil. Para auxiliar esse trabalho, lanço mão também da variável “número do objeto direto”, que, em determinadas ocasiões, trouxe contribuições para a interpretação do pretérito perfeito composto, conforme ilustro a seguir.

¹⁵⁸ Ocorrência já apresentada em (172), ao discutir a atuação da categoria Modalidade.

- (203) *"Nos parece incorrecto que de manera sorpresiva se den estos reportes y sobre todo se refieran a situaciones internas, independientemente de los hechos, que por otra parte, **hemos encontrado errores significativos** en esos reportes, cosa que también se la vamos expresar al gobierno de Estados Unidos."* (CMLO-13-03-2005)
- (204) *Pentágono **ha hecho** público un informe que exculpa a los altos mandos militares de EEUU de los abusos a prisioneros detectados en Irak, Afganistán y Guantánamo.* (MAEM-11-03-2005)

No discurso direto apresentado em (203), o enunciador mexicano emite sua opinião a respeito de reportagens sobre a insegurança nas cidades mexicanas fronteiriças. A construção “*hemos encontrado errores significativos en estos reportes*” possibilita a leitura iterativa da situação, considerando, não apenas a presença do objeto direto plural (“*errores significativos*”), como também o sujeito e adjunto adverbial plurais (“*nosotros*” – oculto na sentença – e “*en estos reportes*”, respectivamente).

O dado em (204) foi interpretado como um PPC de Relevância presente, marcada pelo resultado da situação, devido especialmente à semântica de “*hacer público*”. Ressalto que a presença de um objeto direto singular também contribui para a interpretação sugerida. Em exemplos como “*Pentágono ha hecho público los crímenes realizados en EEUU*”, o perfeito composto acompanhado do objeto direto plural poderia, além de indicar uma situação resultativa – “os crimes foram trazidos a público” –, gerar a interpretação de uma situação iterativa, ou seja, a leitura seria de um PPC ambíguo: entre a leitura de Relevância presente e Continuidade.

Tendo exemplificado a contribuição da variável “número do objeto direto” na análise caso a caso, vejamos seu comportamento no estudo quantitativo.

**Tabela 17 – Atuação da variável “número do objeto direto”
no valor do PPC**

VALOR DO PPC	Tipo de Objeto			Total
	Objeto singular	Objeto plural	Verbo intransitivo	
Continuidade	43% (55)	62,8% (32)	56,6% (47)	51,1% (134)
Relevância presente	55,5% (71)	33,3% (17)	39,8% (33)	46,2% (121)
Aoristo	0	0	1,2% (1)	0,4% (1)
PPC Ambíguo	1,5% (2)	3,9% (2)	2,4% (2)	2,3% (6)
Total	100% (128)	100% (51)	100% (83)	100% (262)

A análise da tabela 16 mostrou-nos que o valor do pretérito perfeito composto não está relacionado à variável “número do sujeito”. Considerando a distribuição do valor do PPC nas colunas referentes ao objeto singular e ao verbo intransitivo na tabela 17, poderíamos afirmar que tampouco há relação entre o PPC e a segunda variável sintática controlada: “número do objeto direto”. Conforme se verifica na tabela 17, a frequência do PPC de Continuidade e de Relevância presente é relativamente próxima quando acompanhados de objeto singular: 43% e 55,5%, respectivamente. Situação semelhante ocorre em construções com verbos intransitivos: 56,6% de frequência do PPC indicando Continuidade, e 39,8%, indicando Relevância presente. Parece haver, no entanto, uma tendência de construções com objeto direto plural favorecerem a leitura de Continuidade, já que o percentual de frequência desse valor em relação ao de Relevância presente é consideravelmente superior: 62,8% e 33,3%, respectivamente. Em relação ao valor Aoristo, verifica-se que a única ocorrência aparece na coluna dos verbos intransitivos. Os casos ambíguos apareceram nas três colunas, com uma média de 2,6%, considerando os três tipos de construções.

Na aplicação do teste χ^2 , constato que a probabilidade de a associação entre as variáveis “número do objeto” e “valor do PPC” ser devido ao acaso é de 15 em 1000, considerando o resultado da significância ($p = 0,015$). No que diz respeito à associação do valor do PPC com a variável “número do objeto”, o resultado da medida *tau* demonstra que a contribuição desta variável na interpretação do pretérito perfeito composto é de apenas 0,33%.

Para finalizar esta seção, apresento dados que ilustram a consideração da variável “número do objeto direto”:

Objeto direto singular:

(205) *El religioso islámico **ha negado** siempre cualquier relación con terroristas, incluso mantiene que **YI** es una invención de EEUU en su lucha contra los musulmanes.* (MAEM-11-03-2005)

Objeto direto plural:

(206) *Precisó que el productor debería recibir un precio mayor a los 140 dólares por tonelada, dado que el sector **ha tenido** problemas de riadas y de plagas.* (LPEM-02-04-2005)

Verbo intransitivo:

(207) *Una de las zonas más afectadas **ha sido** el distrito número 9 de la ciudad, próximo al barrio francés.* (SCLU-24-09-2005)

Nas seções seguintes, passo a discutir o objetivo principal desta tese: averiguar o estágio da gramaticalização em que se encontra o PPC nas variedades hispânicas consideradas.

7.2 Valores do PPC no *Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico

7.2.1 Valores do PPC na amostra de Buenos Aires

Interessada na variação entre o PPS e o PPC em sete capitais hispano-falantes, constatei, na investigação de Mestrado, a preferência da variedade de Buenos Aires pela forma simples do pretérito perfeito do indicativo. Conforme verificamos na tabela 1, a capital portenha apresenta um percentual de 4,7% de frequência do PPC num total de 235 dados do pretérito perfeito. Logo, seria incorreto afirmar que, nessa variedade, o PPC está em completo desuso – ainda que seja evidente a preferência pelo PPS.

Considerando a afirmação anterior, interessa-me verificar qual valor (ou quais valores) a forma composta do pretérito perfeito desempenha na língua escrita de Buenos Aires, averiguando, desse modo, o estágio de evolução em que se encontra essa forma verbal. Os resultados dessa etapa da análise aparecem na tabela 18 a seguir:

Tabela 18 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Buenos Aires

Valor do PPC¹⁵⁹	Número e percentual de frequência
PPC de Resultado (Estágio I)	0
PPC de Continuidade (Estágio II)	12 48%
PPC de Relevância presente¹⁶⁰ (Estágio III)	10 40%
PPC Aoristo (Estágio IV)	0
PPC ambíguo	3 12%
Total	25 100%

Como se pode observar, a amostra de Buenos Aires aponta uma preferência pelo uso do PPC com valor de Continuidade (48%), seguido do PPC com valor de Relevância presente (40%). Logo, os dados da língua escrita apontam que o PPC portenho encontra-se entre os estágios II e III da gramaticalização. A esse respeito, é importante repetir o que já foi mencionado no capítulo II desta tese: o terceiro estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto é um dos mais significativos, pois é a partir desse ponto que essa forma verbal passa a cobrir situações puramente perfectivas, segundo Squartini e Bertinnetto (2000). Conforme dados da amostra portenha, a Relevância presente aparece marcada por contextos experienciais e por contextos que indicam resultado persistente de uma situação passada.

Antes que passemos a algumas exemplificações, chamo a atenção para o percentual de 12% de casos em que o PPC foi classificado como ambíguo; e, como era de se esperar, nessa variedade castelhana, o

¹⁵⁹ A ordem da frequência dos valores do PPC nos países de análise será apresentada na ordem da evolução dessa forma verbal, conforme o estudo de Harris (1982): Resultado, Continuidade, Relevância presente e Aoristo; a frequência de casos “ambíguos” aparecerá na última linha das tabelas. Ressalto, ainda, que o PPC de Resultado – estágio I do processo de gramaticalização – aparecerá nas tabelas apenas para ilustrar a sequência da evolução, pois, conforme já sinalizado nesta tese, o PPC espanhol avançou no processo de gramaticalização e não exhibe valor estritamente resultativo (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000; CAMUS BERGARECHE, 2008).

¹⁶⁰ No PPC de “Relevância presente”, inserem-se os valores: experiencial, notícias recentes e resultados persistentes de uma situação passada, conforme discussão apresentada na seção 2.2.3, a partir do trabalho de Squartini e Bertinnetto (2000).

pretérito perfeito composto parece não ter alcançado o último estágio da gramaticalização, isto é, não houve nenhuma ocorrência do PPC aorístico.

A seguir, apresento ocorrências que exemplificam cada um desses resultados.

PPC de Continuidade (durativo):

(208) *Las conclusiones, si son intelectualmente honestas, no deberían llegar de forma sencilla y rápida. La figura de Juan Pablo II como símbolo —y este es uno de los pontífices que más **ha prestado** valor a lo simbólico— es difícil de escrutar...* (BACL-04-04-2005)

PPC de Continuidade (iterativo):

(209) *Medios italianos e internacionales **han explicado** en estos días que el prestigio indudable del cardenal Bergoglio en la Santa Sede se inició con su actuación en el Sínodo de 2001, donde hubo "admiración por su trabajo calificado de excelente", comentó ayer a Clarín un vaticanista.* (BACL-04-04-2005)

Conforme discussões apresentadas nesta tese, o valor de Continuidade apresenta duas subvariedades: duração e iteração. No dado em (208), ainda que não haja um complemento adverbial de duração explícito, trata-se de um verbo de atividade, que, segundo Costa (1990), carrega o traço [+ durativo]. Além disso, o contexto possibilita interpretar que a situação se insere num tempo durativo, algo como “*en los últimos años*”, “*a lo largo de los años*”, “*en toda su vida*”, entre outros. Na ocorrência em (209), a classificação do pretérito perfeito composto como uma situação iterativa foi conduzida por três fatores: a presença de um CA de duração “*en estos días*”; a presença de um sujeito plural “*medios italianos e internacionales*”; e, na decisão entre uma subvariedade ou outra do PPC de Continuidade, a consideração do tipo de verbo foi decisiva, já que se trata de um verbo do tipo ato – logo, seu traço [– durativo] impede classificá-lo como um verbo de duração.¹⁶¹

¹⁶¹ Vale destacar que a notícia trata das recorrentes menções apresentadas pela imprensa a respeito da possibilidade de Bergoglio ser o substituto do Papa João Paulo II.

Passo à exemplificação do PPC de Relevância presente, marcada nessa amostra, conforme mencionado, em contextos experienciais e em situações que indicam resultados persistentes.

PPC de Relevância presente (resultado):

(210) *El mundo ha perdido un campeón de la libertad.* (BACL-02-04-2005)

A ocorrência ilustrada em (210) faz parte de uma notícia que trata da morte do Papa João Paulo II, mostrando o resultado presente de um acontecimento passado. Ressaltando que praticamente toda a notícia sobre essa situação é transmitida no pretérito perfeito simples, em Buenos Aires.

PPC de Relevância presente (experencial):

(211) *Este Papa ha sido amargamente responsabilizado de trabajar en asociación estrecha de propósitos con Ronald Reagan en los años 80 para producir lo que sucedió a comienzos de la década siguiente: el colapso del llamado “socialismo real” que se encarnaba en la Univón Soviética...* (BACL-02-04-2005)

Num primeiro olhar, o dado apresentado em (211) foi interpretado como uma situação durativa, devido, especialmente, à presença do verbo “*ser*” – um verbo de estado que carrega o traço [+ durativo]. Uma análise mais refinada, porém, mostra a relevância em se analisar a semântica do verbo “*responsabilizar*”, visto que o verbo “*ser*”, nesse caso, é simplesmente um auxiliar da voz passiva. Sob minha análise, o verbo principal da construção passiva “*ha sido responsabilizado*” é classificado como um acontecimento que ocorreu ao menos uma vez no passado (possivelmente mais) – logo, trata-se de um PPC de Relevância presente (experencial).

Considerando as diferentes funções do pretérito perfeito composto e as tênues distinções que carregam entre si, estavam previstos casos complexos na classificação de sua função – casos em que essa forma verbal foi classificada como ambígua. Dado o fato de a amostra de Buenos Aires não apresentar o PPC Aoristo, a ambiguidade aparece apenas nas funções de Anterior, isto é, situações em que essa forma verbal poderia ser interpretada com valores de Continuidade ou de Relevância presente. Vejamos os dados:

(212) *Los agentes han registrado sus domicilios, en Pordenone y Belluno (noroeste) y han encontrado material con el que se podrían fabricar explosivos de escasa potencia...*
(BACL-13-03-2005)

As formas “*han registrado*” e “*han encontrado*”, presentes na ocorrência (212), foram classificadas como ambíguas, uma vez que é possível tanto a leitura iterativa – as situações aconteceram mais de uma vez – quanto a leitura de resultado persistente – os domicílios estão registrados e os materiais já foram encontrados. Em outras palavras, a ambiguidade situa-se na dificuldade em decidir entre o PPC de Continuidade e o de Relevância presente.

A complexidade em interpretar algumas ocorrências do pretérito perfeito composto, em que os significados de diferentes estágios se sobrepõem, evidencia que, no processo de gramaticalização, as formas não saltam subitamente de um domínio funcional a outro, mas se desenvolvem lenta e gradualmente, envolvendo estágios de alternância do tipo $A > A/B > B$ (HOPPER, 1998, p. 154). Em outras palavras, a gramaticalização do PPC – como de qualquer construção linguística – não é abrupta e repentina; entre a passagem do estágio II ao estágio III, há um estágio intermediário II/III, em que os usos se sobrepõem.

Sintetizando esta seção, a análise aqui apresentada evidencia que o pretérito perfeito composto na amostra de Buenos Aires apresenta fundamentalmente dois valores: Anterior de Continuidade e Anterior de Relevância Presente; encontrando-se, dessa forma, entre os segundo e o terceiro estágio do processo de gramaticalização. Esse desenrolar lento e gradual é evidenciado por meio de ocorrências em que os valores de estágio II e III aparecem sobrepostos.

A seguir, comparo os resultados da amostra de Buenos Aires com as demais capitais hispano-americanas.

7.2.2 Valores do PPC na amostra de Santiago do Chile

A tabela 1 apresentada no primeiro capítulo desta tese evidencia um percentual de 7,7% de frequência do PPC em Santiago do Chile, num total de 182 casos do pretérito perfeito. Esse fator comprova a permanência dessa forma verbal na língua escrita atual da capital chilena. A partir da análise dos resultados apresentados na tabela 19 a seguir, podemos verificar quais valores o PPC apresenta na amostra da capital chilena.

Tabela 19 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Santiago do Chile

Valor do PPC	Número e percentual de frequência
PPC de Resultado (Estágio I)	0
PPC de Continuidade (Estágio II)	9 60%
PPC de Relevância presente (Estágio III)	6 40%
PPC Aoristo (Estágio IV)	0
PPC ambíguo	0
Total	15 100%

Os resultados apresentados na tabela 19 estão relativamente próximos dos resultados referentes à amostra de Buenos Aires. Como se pode verificar, a amostra da capital chilena evidencia maior frequência do PPC com valor de Continuidade (60%) comparado ao de Relevância presente (40%), ou seja, nos dados de Santiago do Chile, o pretérito perfeito composto encontra-se nos segundo e terceiro estágios da evolução dessa forma verbal. Igualmente ao que ocorre na capital portenha, o PPC aorístico não foi verificado na amostra de Santiago do Chile; e, como se pode verificar na tabela 16, não houve casos de PPC ambíguos. Verifiquemos algumas ocorrências:

PPC de Continuidade (durativo):

(213) *Evo Morales, quien informó a este diario que hoy emitiría un comunicado oficial sobre la dimisión de Mesa, documento que se encontraba preparando junto a sus asesores esta madrugada, adelantó que “este anuncio de renuncia es un chantaje, porque no **ha renunciado** irrevocablemente.* (SCLU-04-03-2005)

PPC de Continuidade (iterativo):

(214) *Los tailandeses que vienen por aquí dicen que por las noches ven fantasmas y se escuchan voces, yo les creo porque llevo aquí diez años y me **han ocurrido** cosas iguales muchas veces”, comentó.* (SCLU-07-03-2005)

Acerca do PPC de Continuidade na amostra de Santiago do Chile, constata-se tanto o uso da continuidade durativa quanto da iterativa. A leitura durativa da ocorrência em (213) é motivada pela presença da negação “*no ha renunciado*”, uma vez que, em direção ao estudo de García Fernández (2000, p. 108), assumo que a negação durativiza o predicado que modifica. Vale acrescentar que esse posicionamento também é assumido em virtude da frequência relativamente alta do PPC em contextos negativos. No dado em (214), a leitura iterativa é conduzida especialmente pela presença do complemento adverbial de frequência “*muchas veces*”; além desse fator, a iteração do acontecimento é marcada na própria construção com sujeito plural “*me han ocurrido cosas iguales*”.

Analisemos, agora, o PPC de Relevância presente, que, na amostra da capital chilena, aparece marcada em contextos experienciais ou em situações que indicam resultados persistentes – similar ao que ocorre na amostra portenha.

PPC de Relevância presente (resultado):

(215) *Precisamente varias docenas de manzanas de esta zona, conocida en inglés como "Ninth Ward", han quedado bajo nueve metros de agua. Sin embargo, todos los residentes de aquí fueron evacuados.* (SCLU-22-10-2005)

PPC de Relevância presente (experiencial):

(216) *Wilma ha azotado con especial fuerza al idílico balneario de Cancún.* (SCLU-22-10-2005)

Os fragmentos ilustrados em (215) e em (216) compõem a mesma notícia: a passagem do furacão Wilma no Caribe mexicano – narrada, predominantemente, no pretérito perfeito simples ainda que o fato tenha acontecido no mesmo dia de sua divulgação. Em (215), o dado “*han quedado*” é classificado como um verbo de estado que evidencia o resultado persistente de uma situação passada, isto é, o estado em que se encontram os quarteirões após a passagem do furacão Wilma. A leitura mais apropriada para o dado “*ha azotado*”, em (216), parece ser a experiencial, uma vez que a notícia apresenta as regiões que experienciaram a situação tratada, ou seja, a passagem do furacão. Ressalto que, a princípio, pensei na interpretação de resultado persistente. Contudo, diferente da ocorrência anterior, não se trata de

apresentar um resultado, senão, mais apropriadamente, uma “experiência”.

Na ausência de dados que evidenciem o estágio IV da gramaticalização do PPC (Aoristo), bem como de casos ambíguos, passemos aos dados da terceira capital hispano-americana analisada: La Paz.

7.2.3 Valores do PPC na amostra de La Paz

Donni de Mirande (1992, p. 655-670) e Lapesa (1981, p. 590) argumentam sobre a possibilidade de emprego do perfeito composto em contextos favoráveis ao perfeito simples na variedade boliviana. Contudo, no que diz respeito à minha amostra dessa variedade, verificamos que o percentual de frequência do PPC não se distingue significativamente das demais regiões, aparecendo sob um percentual de 6,6% de frequência do total de ocorrências do pretérito perfeito presentes no *Corpus de notícias mundiais no panorama hipânico*. A partir dos resultados apresentados na tabela 20 adiante, discuto o valor que o PPC apresenta na amostra que constitui da variedade de La Paz.

Tabela 20 – Valor do PPC nas notícias publicadas em La Paz

Valor do PPC	Número e percentual de frequência
PPC de Resultado (Estágio I)	0
PPC de Continuidade (Estágio II)	21 67,7%
PPC de Relevância presente (Estágio III)	10 32,3%
PPC Aoristo (Estágio IV)	0
PPC ambíguo	0
Total	31 100%

Apesar de estudos sinalizarem que o PPC andino avança para o estágio IV de sua evolução, a partir da análise da tabela 20, não constato grandes diferenças no valor do PPC na capital boliviana, comparado às outras capitais já analisadas neste capítulo. Observa-se nos dados de La Paz o predomínio do PPC de Continuidade (67,7%), sobre o PPC de

Relevância presente (32,3%). Na amostra analisada, não há ocorrências do PPC Aoristo, tampouco de casos de interpretação ambígua. A seguir, apresento algumas ocorrências.

PPC de Continuidade (durativo e iterativo):

(217) *Durante más de tres horas y media, desde aproximadamente las 12.30 de la mañana de ayer, esta sala **ha acogido** la primera etapa de los ritos de las exequias papales, retransmitidas por primera vez por televisión, donde **han podido** verse las primeras imágenes del Pontífice fallecido. En la Sala **han rendido** tributo a Juan Pablo II muchos cardenales (...)* (LPEM-04-04-2005)

O fragmento em (217) faz parte de uma notícia que trata da missa de despedida do Papa João Paulo II, a qual é narrada, predominantemente, no pretérito perfeito simples. A presença do complemento adverbial de duração “*durante más de tres horas y media, desde aproximadamente las 12.30 de la mañana de ayer*” durativiza a situação “*ha acogido*” – verbo do tipo ato, que, analisado por si só, apresenta o traço [– durativo]. A segunda situação, “*han podido verse*”, é igualmente classificada como um PPC de duração, considerando sua relação com o complemento adverbial mencionado, bem como o traço [+ durativo] da perífrase modal “poder ver”. O último dado presente nesse fragmento também pode ser interpretado como um PPC de Continuidade. Porém, a construção com o sujeito plural “*muchos cardenales*” favorece a leitura iterativa: a rendição de tributos é uma situação que se repete desde aproximadamente às 12h30min da manhã do dia anterior da notícia.

Na sequência desse fragmento, aparece uma ocorrência do PPC que ilustra o estágio III da evolução dessa forma verbal na amostra de La Paz.

PPC de Relevância presente (resultado):

(218) *En la Sala han rendido tributo a Juan Pablo II muchos cardenales, mientras que el resto de los purpurados electores **han sido** ya avisados para que lleguen al Vaticano para participar en el cónclave, que tendrá su primera reunión hoy.* (LPEM-04-04-2005)

Segundo García Fernández (2000, p. 136) “*ya*” é um complemento adverbial de fase, que possibilita a leitura de Aspecto Aoristo ou de Anterior de experiência ou resultado, mas nunca de continuidade. Na ocorrência em (218), o CA “*ya*” conduz à interpretação resultativa do PPC na passiva “*han sido avisados*”: o resto dos purpurados eleitores já estavam avisados da reunião que aconteceria no dia da notícia.

PPC de Relevância presente (experencial):

(219) *Destacó que en Brasil, autoridades del Ministerio de Agricultura de dicho país han emitido una cifra inferior a la estimada por analistas internacionales, reajutando la producción a 53 millones de toneladas de soya, llegando así a una pérdida del 16 por ciento de la producción estimada a principio de la campaña.* (LPEM-02-04-2005)

A notícia representada no fragmento em (219) trata das tendências da produção de soja no mercado mundial, relatando, especialmente no pretérito perfeito simples, as projeções mencionadas pelo presidente da Associação de Produtores de Oleaginosas e Trigo (Anapo), Carlos Rojas. A ausência de um complemento adverbial de localização (de tempo) impossibilita a classificação de “*han emitido*” como um PPC Aoristo. Destaca-se, ainda, que esse valor previsto para o perfeito composto não aparece na amostra total de La Paz. A construção com objeto direto singular “*una cifra inferior a la estimada por analistas internacionales*” também descarta a leitura iterativa; e a soma de um verbo do tipo ato [– durativo] com a ausência de um CA de duração rejeita a leitura durativa. Dessa forma, a interpretação viável para o dado “*han emitido*” é de um PPC de experiência: ao menos uma vez, autoridades do Ministério da Agricultura do Brasil emitiram uma cifra de produção de soja inferior à estimada por analistas internacionais.

A análise deste último dado põe em evidência a necessidade de lançar mão de diferentes variáveis na interpretação do polissêmico pretérito perfeito composto castelhano.

Em seguida, passo à averiguação dos dados presentes na amostra de outra capital de países andinos: Lima.

7.2.4 Valores do PPC na amostra de Lima

Conforme resultados obtidos na investigação de Mestrado, verifiquei um aumento no percentual de frequência do PPC na capital

peruana comparado à capital boliviana – ambas pertencentes à região andina. Na tabela 1, observa-se um percentual de 12,6% de frequência do PPC sob um total de 270 ocorrências do pretérito perfeito do indicativo.

Considerando que a frequência desempenha papel relevante no avanço da gramaticalização de um fenômeno linguístico, a hipótese é que os dados de Lima apontem um adiantamento na evolução do pretérito perfeito composto. Fato que confirmaria os estudos de Donni de Mirande (1992) e Howe e Schwenter (2008), por exemplo, citados no capítulo III desta tese.

Por meio dos resultados apresentados na tabela 21 a seguir, vejamos se a hipótese do adiantamento do processo de gramaticalização do PPC de Lima se confirma.

Tabela 21 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Lima

Valor do PPC	Número e percentual de frequência
PPC de Resultado (Estágio I)	0
PPC de Continuidade (Estágio II)	19 44,2%
PPC de Relevância presente (Estágio III)	22 51,2%
PPC Aoristo (Estágio IV)	1 2,3%
PPC ambíguo	1 2,3%
Total	43 100%

Com base na revisão bibliográfica apresentada nos capítulos II e III desta tese, estava previsto que o pretérito perfeito composto apresentaria comportamento distinto nos dados da capital peruana. Vimos, na seção 3.1, por exemplo, ocorrências em que o PPC aparece em contextos previstos para o emprego do PPS: “*he vivido y he nacido hace siete años*” (ocorrência 59) e “*ha sido en el sesenta y dos*” (ocorrência 60).

No que diz respeito aos resultados apresentados na tabela 21 acima, em comparação com os resultados das outras capitais americanas analisadas até aqui, temos duas novidades: o aumento da frequência do

PPC de estágio III (51,2%) em relação ao estágio II (44,2%), bem como a presença de um PPC de estágio IV, representando um percentual de 2,3% do total de frequência dessa forma verbal. Tais resultados parecem sinalizar um avanço no processo de gramaticalização do pretérito perfeito composto peruano em relação a outras variedades americanas. Passemos às exemplificações.

PPC de Continuidade (durativo):

(220) *La tensión aumentaba en la madrugada en torno al Vaticano y algunas fuentes señalaban que el Papa había recibido incluso la extremaunción, aunque no **ha sido confirmado** ni desmentido oficialmente.* (LILR-01-04-2005)

PPC de Continuidade (iterativo):

(221) *"Espero que los casos dramáticos (de negligencia médica) que **hemos visto** en los últimos días hagan tomar conciencia a los que votaron en contra para que el Pleno la apruebe en esta legislatura", expresó Amprimo.* (LILR-04-04-2005)

O valor durativo da situação “*ha sido confirmado*”, em (220), é favorecido pela presença do advérbio de negação “*no*”. Em (221), a leitura iterativa é motivada por três razões: 1) “*ver*” é uma atividade praticada por diferentes sujeitos (sujeito plural “*nosotros*”), 2) há um objeto direto plural (“*casos dramáticos*”) e 3) há um complemento adverbial de frequência (“*en los últimos días*”), que confirma a iteração de “*ver casos dramáticos de negligência médica*”.

Em relação ao PPC de Relevância presente, destaco as ocorrências a seguir:

PPC de Relevância presente (resultado):

(222) *George Felos, abogado de Michael, aseguró que Schiavo falleció en paz y con dignidad, tal como quería su esposo. "Nuestro principal objetivo era que Terry muriera en paz y con dignidad y lo **hemos logrado**", señaló el letrado en una conferencia de prensa.* (LILR-01-04-2005)

PPC de Relevância presente (experiência):

(223) *El funcionario precisó que estas son dos de las instrucciones que **ha recibido** del mandatario Alejandro Toledo en lo que se refiere a su administración.* (LILR-01-04-2005)

Em (222), a semântica do verbo “*lograr*” – um acontecimento que prevê um ponto final (verbo télico) – conduz à leitura de um PPC que indica o resultado permanente de uma situação passada.¹⁶² A situação “*recibir instrucciones*”, em (223), é compreendida como uma experiência que o funcionário vivenciou ao menos uma vez, mais precisamente, “duas vezes”. Logo, a leitura possível, neste caso, é de um PPC experiencial.

Conforme vimos na tabela 21, na amostra de Lima, aparece a única ocorrência do PPC Aoristo, apresentada a seguir:

PPC Aoristo:

(224) *“El lunes en la noche **hemos entrado** a una reunión con los dirigentes de los algodoneros que terminó en la madrugada del martes y **hemos firmado** un acta de acuerdo.* (LILR-03-03-2005)

Chama a atenção o emprego claramente aorístico de “*hemos entrado*”, cuja interpretação é possibilitada devido à presença de um complemento adverbial de localização que situa o evento em um passado não relacionado com o presente da enunciação “*el lunes en la noche*”. “Entrar em uma reunião” não é uma situação que possa ser interpretada como um resultado permanente de uma situação passada, já que, além de não ser permanente, não indica resultado. O contexto também não possibilita a leitura experiencial, tampouco a de Continuidade (durativa ou iterativa). A pontualidade do verbo, somada à presença de um CA que indica tempo passado, conduz-me a interpretar o dado como um PPC Aoristo – último estágio da gramaticalização do PPC, conforme o estudo de Harris (1982).

Quanto ao PPC “*hemos firmado*” presente na mesma ocorrência, optei em classificá-lo como ambíguo – única situação em que há sobreposição de valores na amostra de Lima –, pois o uso do perfeito

¹⁶² Não descarto a possibilidade de o uso do PPC neste caso ter sido influenciado pela tradução, uma vez que o enunciado parte de um falante do inglês, língua na qual se empregaria o *Present Perfect*.

composto, neste caso, pode estar indicando o valor aorístico, devido à presença do CA “*el lunes en la noche*”, como o resultado permanente de uma situação passada (a ata está firmada). Em outras palavras, “*hemos firmado*” pode ser um PPC Aoristo ou um PPC de Relevância presente, indicando resultado.

Vejamos os resultados da capital de Cuba.

7.2.5 Valores do PPC na amostra de Havana

Observamos na tabela 1 que, dentre as 199 ocorrências do pretérito perfeito do indicativo presentes da amostra de Havana, 8% correspondem ao pretérito perfeito composto.

Considerando a proximidade desse percentual em relação às demais capitais hispano-americanas apresentadas até aqui, a hipótese é que o valor do PPC da capital cubana aparecerá entre os estágios II e III do processo de gramaticalização. Vejamos o que aponta o estudo estatístico:

Tabela 22 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Havana

Valor do PPC	Número e percentual de frequência
PPC de Resultado (Estágio I)	0
PPC de Continuidade (Estágio II)	23 69,7%
PPC de Relevância presente (Estágio III)	10 30,3%
PPC Aoristo (Estágio IV)	0
PPC ambíguo	0
Total	33 100%

A análise da tabela 22 aponta-nos uma aproximação quanto aos valores do pretérito perfeito composto na língua escrita de quatro capitais hispano-falantes: Buenos Aires, Santiago do Chile, La Paz e Havana, visto que, em todas essas variedades, há um predomínio do PPC de estágio II, ou seja, indicando Continuidade. Em Havana, o PPC de estágio III (Relevância presente) aparece com um percentual inferior comparado ao de estágio II (Continuidade) – 30,3% e 69,7%,

respectivamente. Conforme ilustra a tabela, não há ocorrências do PPC Aoristo, sugerindo que essa forma verbal ainda não alcançou o estágio IV na variedade da capital cubana. Além da ausência do valor aorístico, também não houve ocorrências com sobreposição de valores do PPC. Em outras palavras, não há dados ambíguos.

A seguir, apresento algumas exemplificações.

PPC de Continuidade (durativo):

(225) *El Gobierno de Estados Unidos, agregan, no tiene autoridad moral para erigirse en juez de los derechos humanos en Cuba, donde no **ha existido** un solo caso de desaparición, tortura o ejecución extrajudicial. Un país, señalan, donde a pesar del bloqueo se **han alcanzado** índices de salud, educación y cultura reconocidos internacionalmente...* (HAGR-14-03-2005)

PPC de Continuidade (iterativo):

(226) *El especialista señaló que a pesar de que esta especie no se distingue por agredir a seres humanos, es conocido que **han atacado** a personas al confundir el agitación del agua de manera errónea con el de los peces* (HAGR-01-04-2005)

Acerca dos valores de Continuidade do PPC de Havana, a expressão de duração na ocorrência em (225) é marcada, primeiramente, pelo valor semântico das situações. No primeiro caso, “*ha existido*” carrega o traço [+ durativo], já que se trata de um verbo de estado. Além desse fator, o contexto negativo reforça o Aspecto durativo do PPC em questão. A situação “*han alcanzado*” também porta o traço [+ durativo], pois indica um processo por meio do qual Cuba continua alcançando índices de saúde, educação e cultura reconhecidos internacionalmente.

O fragmento em (226) faz parte de uma notícia que trata sobre o ataque de tubarões nas praias da Flórida – fato recorrente que obrigou as autoridades, naquele momento, a fecharem algumas praias. Como se pode observar, o entorno textual, ou melhor, o tipo de situação descrita, possibilita a leitura iterativa de “*han atacado*”. A construção sintática também desempenha papel importante na interpretação do PPC. Nesse caso, o sujeito plural “*los tiburones*” – implícito no enunciado – e o objeto plural “*personas*” favorecem a leitura iterativa: vários tubarões, em diferentes momentos, atacaram (vinham atacando) pessoas nas praias da Flórida.

Dada a exemplificação do PPC de Continuidade no espanhol de Havana, passo aos exemplos do PPC de Relevância presente.

PPC de Relevância presente (resultado):

(227) *Los cuatro sujetos, de amplia trayectoria terrorista que **ha dejado** víctimas en varios países, fueron condenados el 20 de abril del 2004, a penas de siete años de cárcel por delitos contra la seguridad colectiva.* (HAGR-01-04-2005)

PPC de Relevância presente (experiência):

(228) *Entre los que intervinieron se encontraba Frank Calzón, ciudadano estadounidense de origen cubano a quien La Habana **ha acusado** por sus nexos con la Agencia Central de Inteligencia y de recibir fondos del Gobierno estadounidense para sus actos contra la mayor de las Antillas.* (HAGR-04-04-2005)

A Relevância presente na amostra de Havana é marcada apenas em contexto de resultado ou de experiência. O PPC em (227) põe em evidência o acontecimento “deixar vítimas” como resultado de atos passados – nesse caso, ataques terroristas. Em (228), aparece um PPC de valor experiencial, uma vez que o cidadão norte-americano Frank Calzón experienciou, pelo menos uma vez, a acusação de Havana.

Conforme já mencionado, na amostra da capital cubana, não há ocorrências de PPC Aoristo tampouco de casos ambíguos. Dessa forma, à continuação, passo à análise dos dados da capital mexicana.

7.2.6 Valores do PPC na amostra de Cidade do México

Fundamentada nos estudos de Squartini e Bertinetti (2000), Lope Blanch (1983) e Spitzová e Bayerová (1987), afirmo, na seção 2.2.3 desta tese, que o valor do PPC mexicano aproxima-se do valor do PPC português, indicando, em ambas as variedades, situações durativas e iterativas.

Na tabela 23 abaixo, verificamos que os resultados obtidos no “*Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico” vão em direção a esses estudos, já que é predominante o PPC com valor de Continuidade.

Tabela 23 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Cidade do México

Valor do PPC	Número e percentual de frequência
PPC de Resultado (Estágio I)	0
PPC de Continuidade (Estágio II)	33 84,6%
PPC de Relevância presente (Estágio III)	6 15,4%
PPC Aoristo (Estágio IV)	0
PPC ambíguo	0
Total	39 100%

Em relação aos resultados das demais variedades hispano-americanas analisadas, os resultados da amostra da Cidade do México apontam novidades: a frequência de PPC de Relevância presente é bastante inferior em relação à de Continuidade. O percentual de 84,6% do PPC de estágio II (Continuidade) contra 15,4% do PPC de estágio III (Relevância presente) sinaliza que a variedade da capital mexicana caminha em passos lentos no que diz respeito à gramaticalização do pretérito perfeito composto.

Tal conclusão vai em direção aos estudos mencionados na introdução desta seção, porém não coincide com o posicionamento assumido por García Fernández (2000, p. 136), pois este afirma que “*en México el pretérito perfecto compuesto expresa siempre Perfecto continuativo.*” Ainda que o PPC de Continuidade seja o valor predominante na amostra da capital mexicana, observamos na tabela 23 acima 15,4% de frequência do PPC de Relevância presente – percentual que não pode ser ignorado.

Antes que passemos às exemplificações, vale problematizar a questão discutida por García Fernández (2000, p. 136) a respeito da combinação do pretérito perfeito com o advérbio “*ya*”. Partindo da citação de Lope Blanch (1961) sobre o fato de construções com o “*ya*”, no espanhol do México, aparecer “*siempre en pretérito absoluto: ¡Al fin! ¡Ya lo acabé!*”, García Fernández argumenta que esse fenômeno decorre da impossibilidade de o PPC mexicano expressar resultado ou experiência – leituras geradas pelo advérbio em questão. No *corpus*, porém, constatei uma ocorrência que não confirma a conclusão a que

chega Lope Blanch, a qual já foi apresentada em (192), e que, por conveniência, é apresentada em (229) a seguir:

Advérbio “ya” + PPC no espanhol do México:

(229) *En este sentido, destacó que debe haber un cambio absoluto y evitar que pase lo que sucedió en 2000 que se pensó que había un cambio "y dónde está el cambio en la política económica, ya lo **hemos dicho**, es la misma política económica y son los mismos".* (CMCR-02-04-2005)

Como se pode observar, a forma “*hemos dicho*”, presente na ocorrência 229, representa um discurso oral inserido na notícia fragmentada acima. Numa breve pesquisa, verifiquei que o discurso em questão foi emitido por um falante mexicano: André Manuel López Obrador – chefe de governo do Distrito Federal do México –, que, na ocasião, perdia sua imunidade jurídica. Dito de outra forma, trata-se de um dado apresentado por um falante nativo do espanhol do México – mais especificamente da variedade de Macuspana, município do estado mexicano de Tabasco. A ocorrência em (229) contradiz, então, que o “*ya*”, no espanhol do México, “*siempre*” acompanha o “*pretérito absoluto*” – tratado nesta tese como pretérito perfeito simples. Cabe lembrar aqui que “*hemos dicho*” foi interpretado – conforme sua primeira menção em (192) – como um PPC de Relevância presente, marcada pelo contexto experiencial.

Passemos às exemplificações dos resultados apresentados na tabela 23 acima.

PPC de Continuidade (durativo):

(230) *A 19 días de que oficialmente entre la primavera y a 4 meses de que los estragos del verano aparezcan, inexplicablemente el río Cazonas **ha descendido** notablemente su nivel al grado de que en algunas secciones es posible atravesarlo a pie y con el agua apenas por encima de las rodillas.* (CMLO-05-05-2005)

PPC de Continuidade (iterativo):

(231) *Asimismo, al Vaticano **han llegado** las voces de todo el mundo en favor de un restablecimiento, mientras en el exterior de San Pedro unidades móviles de radio y televisión hacen guardia a la espera de novedades.* (CMDI-01-04-2005)

Na ocorrência em (230), a leitura durativa do PPC é gerada pela existência do traço [+ durativo] do verbo do tipo processo “*ha descendido*”. A Continuidade do PPC em (231) é marcada na iteração da situação de “*llegar*” – interpretação suscitada pela presença de um sujeito plural “*las voces de todo el mundo*”. Considerando a baixa frequência do PPC de Relevância presente na amostra da capital mexicana, discuto a seguir quatro ocorrências do PPC de estágio III.¹⁶³

PPC de Relevância presente (resultado):

(232) “*Con el voto a favor del desafuero se **ha asestado** un golpe a la República, a la transición democrática del país y a la izquierda mexicana*”, estableció. (CMCR-02-04-2005)

PPC de Relevância presente (experiência):

(233) “*Queremos avanzar bien en este tema, hay una propuesta de trabajadores temporales que **ha planteado** el Presidente Bush, y dijo le parecía puede ser un primer paso*”, subrayó (...)” *Enfatizó que en la agenda de las conversaciones bilaterales de alto nivel se **ha abordado** el asunto del aviso del gobierno de Estados Unidos sobre inseguridad en las ciudades fronterizas mexicanas.*

PPC de Relevância presente (resultado):

(234) *Remarcó que la postura del Gobierno Mexicano ante ese anuncio **ha sido** de un rechazo y agregó que ese tema también ocupará un espacio en las pláticas con el secretario de Seguridad Interior de ese país.* (CMLO-13-03-2005)

A forma “*ha asestado*” presente no fragmento em (232) é a única ocorrência do PPC na notícia que discute o veredito sobre a perda de imunidade jurídica (“*desafuero*”) de André Manuel López Obrador, chefe de governo do Distrito Federal do México. O fragmento em (232) representa a fala de um mexicano,¹⁶⁴ na qual manifesta sua opinião contrária a respeito do veredito mencionado. O uso do pretérito perfeito composto na ocorrência em questão sugere a intenção do enunciador em

¹⁶³ Destaco que a ocorrência apresentada em (229) também foi interpretada na amostra como um PPC de Relevância presente, marcada pelo contexto experiencial.

¹⁶⁴ Leoney Godoy Rangel, dirigente nacional do *Partido de la Revolución Democrática* (PRD).

evidenciar o resultado presente da decisão judicial contra o político esquerdista, ou seja, segundo o enunciador, a decisão resulta em um golpe à democracia no país.

Similar à ocorrência anterior, o fragmento em (233) também faz parte do discurso oral de um mexicano – nesse caso, Santiago Creel Miranda. O primeiro dado representa o discurso direto no qual o enunciador emprega a forma “*ha planteado*” mostrando que a proposta de trabalhadores temporais foi mencionada em alguma ocasião pelo Presidente Bush. Em seguida, aparece o discurso indireto no qual o autor da notícia parece manter o emprego do pretérito perfeito composto.¹⁶⁵ Neste caso, o emprego do PPC também sugere a leitura experiencial: em alguma situação nas conversações bilaterais, “*se ha abordado*” o assunto do aviso do governo norte-americano sobre a insegurança das cidades fronteiriças mexicanas.

Em seguida, o dado presente em (234),¹⁶⁶ “*ha sido de un rechazo*”, foi interpretado como um PPC de Relevância presente, indicando que a rejeição do governo mexicano é resultado do anúncio de que trata a notícia – conforme mencionei anteriormente sobre esse mesmo dado apresentado em (183).

O fato de as ocorrências do PPC de Relevância presente aparecerem em dados que representam também a língua falada – conforme ilustram as ocorrências em (232) e (233) – pode ser indício de que, nessa modalidade, o uso do PPC já avança para ao estágio III da gramaticalização. Em outras palavras, é possível que o pretérito perfeito composto mexicano não apresente valor exclusivamente de Continuidade – ao contrário do que afirma García Fernández (2000, p. 136). Ressalto, porém, a necessidade em se testar a hipótese por meio de investigações mais aprofundadas sobre a modalidade oral da língua.

Apresentadas as discussões referentes às amostras hispano-americanas, passo à análise da amostra peninsular, mais especificamente de Madri.

7.2.7 Valores do PPC na amostra de Madri

Em outras ocasiões nesta tese, apresentei estudos que discutem o avanço do PPC madrilenho no processo de gramaticalização, comparado ao percurso do PPC de algumas variedades hispano-

¹⁶⁵ Pressuponho que o pretérito perfeito composto tenha relação com a fala do enunciador, pois o fato noticiado aparece em pretérito perfeito simples.

¹⁶⁶ Os fragmentos em (233) e (234) fazem parte da mesma notícia.

americanas. Mencionei, por exemplo, que, em contextos de passado próximo (“*Esta tarde he comprado/compré la pintura*”) e de passado imediato (“*¿Qué has dicho/dijiste?*”), falantes de Madri privilegiam o emprego da forma composta (KEMPAS, 2006). Acerca do passado pré-hodierno, Serrano (1994) constata a preferência de falantes madrilenhos pela forma composta também em contextos como “*el día de ayer*”. Em direção a esses resultados, Howe e Schwenter (2008) verificam a preferência pelo perfeito composto em Madri, comparado às capitais de Lima e Cidade do México – resultado a que cheguei em minha investigação de Mestrado, conforme mostra a tabela 1.

Considerando o aumento da frequência do pretérito perfeito composto na amostra de Madri, a hipótese é que essa forma verbal encontra-se, de fato, num estágio avançado de sua evolução, comparando às outras variedades analisadas. Vejamos se a hipótese se confirma, analisando a tabela 24 a seguir.

Tabela 24 – Valor do PPC nas notícias publicadas em Madri

Valor do PPC	Número e percentual de frequência
PPC de Resultado (Estágio I)	0
PPC de Continuidade (Estágio II)	17 22,4%
PPC de Relevância presente (Estágio III)	57 75%
PPC Aoristo (Estágio IV)	0
PPC ambíguo	2 2,6%
Total	76 100%

A partir da análise dos resultados apresentados na tabela 24, podemos verificar que o pretérito perfeito composto de Relevância presente é bastante recorrente na língua escrita de Madri, o que significa afirmar que avanço do PPC para o estágio III está mais adiantado nessa variedade, comparado às variedades hispano-americanas. Em ordem decrescente de percentual de frequência, enquanto a amostra madrilenha apresenta um percentual de 75% do PPC de Relevância presente, Lima apresenta um percentual de 51,2%; Santiago do Chile, 40%; Buenos Aires, 40%; La Paz, 32,3%; Havana 30,3% e Cidade do México, apenas 15,4%. Como é previsto em fenômenos em processo de

gramaticalização, o surgimento de novas funções não implica necessariamente o desaparecimento da função anterior. Por essa razão, não causam estranheza os 22,4% de frequência do PPC de Continuidade – estágio que precede o de Relevância presente.

Ainda que a literatura linguística sobre o objeto de estudo desta tese costume destacar o avanço da gramaticalização do PPC peninsular para o contexto aorístico – conforme discussões apresentadas nos capítulos II e III –, a amostra considerada não contempla nenhum PPC tipicamente Aoristo.¹⁶⁷ E, como se observa na tabela 24, em 2,6% dos dados, houve sobreposição de valores do pretérito perfeito composto, o que dificultou a identificação do valor dessa forma verbal.

Passemos às exemplificações.

PPC de Continuidade (durativo):

(235) *La explosión, posiblemente de gas natural aunque este extremo no **ha podido** ser confirmado todavía, se produjo en la séptima planta del edificio, que tiene ocho, y provocó que parte del piso superior e inferior se desplomasen y que el tejado saltase por los aires, con lo que numerosos cascotes y escombros cayeron sobre las calles adyacentes.* (MAEL-09-03-2005)

PPC de Continuidade (iterativo):

(236) *Efectivamente, las autoridades estadounidenses **han manifestado** en numerosas ocasiones su oposición a tratar con los secuestradores iraquíes y, mucho menos, a pagar un rescate.* (MAEL-07-03-2005)

Na ocorrência em (235), o pretérito perfeito composto é definido como uma situação durativa, já que se trata de um verbo estativo com traço [+ durativo]. Além desse fator, a forma “*ha podido*” aparece acompanhada do complemento adverbial “*todavía no*”, que também apresenta a noção aspectual de duração. A leitura de Continuidade iterativa na ocorrência posterior é favorecida, especialmente, pela presença do CA de frequência “*en numerosas veces*”. Ressaltando que a construção com o sujeito plural “*las autoridades estadounidenses*” reforça a iteração do ato de manifestar expresso pela forma “*han manifestado*” em (236).

¹⁶⁷ Problematizo essa questão na seção 7.3, adiante nesta tese.

Analiso a seguir o valor de maior frequência na amostra madrilenha: PPC de Relevância presente.

PPC de Relevância presente (experiência):

(237) *En cambio, los italianos supervivientes **han negado** que circulaban rápido y que se les hubieran hecho señales.* (MAEL-08-03-2005)

PPC de Relevância presente (resultado):

(238) *Dos hermanos de 11 y 14 años **han fallecido** en Jerez de la Frontera (Cádiz) a consecuencia de un incendio producido, según las primeras hipótesis de los Bomberos, por un brasero eléctrico que tenían debajo de una mesa de camilla en el salón de la vivienda familiar.* (MAEL-07-03-2005)

O fragmento ilustrado em (237) faz parte de uma notícia que trata da acusação aos militares norte-americanos do assassinato da jornalista italiana Giuliana Sgrena. O fato é apresentado predominantemente no pretérito perfeito simples. Ao mencionar sobre a manifestação dos italianos sobreviventes que acompanhavam a jornalista sobre o que estavam sendo acusados, o emissor emprega o pretérito perfeito composto com valor experiencial, denotando que, em alguma ocasião, os sobreviventes já haviam negado a acusação de estarem circulando em alta velocidade, não parando ao sinal dos militares norte-americanos.

Antes de passar para a explicação da leitura realizada no dado em (238), abro um parêntese para discutir a alta recorrência do PPC com verbos estativos do tipo “*morrir*”, “*fallecer*”, “*perder la vida*” na amostra de Madri, conforme ilustram também os dados a seguir:

(239) *Al menos 20 niños y profesores de una escuela china **han perdido** la vida al derrumbarse el edificio tras producirse una explosión en un almacén de explosivos guardados por el dueño de una mina próxima al lugar.* (MAEP-03-03-2005)

(240) *Al menos once personas **han muerto** al estrellarse en Guerrero un helicóptero de la Procuraduría General de México, que realizaba tareas de erradicación de cultivos ilegales de droga, informó la fiscalía.* (MAEM-09-03-2005)

Na análise e quantificação dos dados, verifiquei que o uso do PPC na apresentação de situações de morte era uma forma de o enunciador evidenciar o resultado permanente de situações passadas: o incêndio na casa da família apresentado na notícia da qual extraí o dado em (238), a explosão mencionada no fragmento em (239) e a explosão do helicóptero citada em (240). A esse respeito é importante discutir por que considere a Relevância presente marcada pelo resultado e não pelo fato de se tratar de notícia recente, já que se trata de situações que ocorreram no mesmo dia em que a notícia foi publicada.

Conforme vimos no estudo sobre a evolução do pretérito perfeito composto, apresentado no capítulo II, o estágio III, cujo valor é de Relevância presente, pode ser verificado em: contextos inclusivos, notícias recentes, contextos experienciais, contextos que indicam anterioridade a uma referência e resultados persistentes de situações passadas. Dessa forma, a Relevância presente nas ocorrências de 238 a 240 poderia ser identificada tanto por se tratar de um resultado presente como por se tratar de uma notícia recente. O fato de o restante da notícia aparecer predominantemente narrado no pretérito perfeito simples foi o que me conduziu à interpretação de resultado permanente. Como exemplificação, apresento a sequência da notícia fragmentada em (238).

- (241) *Dos hermanos de 11 y 14 años han fallecido en Jerez de la Frontera (Cádiz) a consecuencia de un incendio producido, según las primeras hipótesis de los Bomberos, por un brasero eléctrico que tenían debajo de una mesa de camilla en el salón de la vivienda familiar. Según **informaron** fuentes de la Policía Local de Jerez de la Frontera, los Bomberos **recibieron** la señal de alarma a las 19:41 hora de esta tarde pero cuando **llegaron** al domicilio, ubicado en la Calle Sucre, número 17, sólo **encontraron** con vida a la madre de ambos menores, Laura P.T. de 44 años, que **resultó** con heridas graves en el sesenta por ciento de su cuerpo por quemaduras. A la madre la **encontraron** tirada en el suelo del salón de la planta baja del unifamiliar que ocupaban y, al parecer, la reanimación cardiopulmonar a la que le **sometieron** los agentes de la Policía Local y los Bomberos ha podido salvarle la vida. (MAEL-07-03-2005)*

Melhor explicitando, todas as situações que aparecem em negrito na ocorrência em (241) estão relacionadas com o presente da enunciação, igualmente ao que acontece com a forma “*han fallecido*”,

isto é, todas estão relacionadas com o complemento adverbial de localização “*esta tarde*”. Essa constatação impede-nos de afirmar que a Relevância presente de “*han fallecido*” é marcada pelo fato de se tratar de uma notícia recente. Ao empregar o PPC “*han fallecido*” e, logo a seguir, “*ha podido salvarle*”, sublinhado em (241), o enunciador parece querer pôr em evidência o resultado permanente das situações. Essa observação oferece também uma explicação viável para o dado problematizado em (8) reproduzido aqui em (242):

(242) “*Más de 100 personas **han muerto** ahogadas en el Golfo de Aden la semana pasada cuando intentaban alcanzar Yemen de forma ilegal a borde de embarcaciones organizadas por traficantes desde Somália (...) Algunos **han fallecido** tras pisar tierra yemení, a consecuencia de los malos tratos recibidos de manos de los traficantes.*” (MAEM-11-03-2005)

Influenciada pela literatura sobre o avanço do pretérito perfeito composto para contextos de passado pré-hodierno especialmente na variedade de Madri, bem como pela presença do complemento adverbial “*la semana pasada*”, interpretei, a princípio, as ocorrências “*han muerto*” e “*han fallecido*” como um PPC Aoristo, concluindo que o estágio IV dessa forma verbal está presente na amostra madrilenha. Nesta análise mais refinada, considerando aspectos semântico-pragmáticos para além da estrutura em que se encontra o dado, concluo que a leitura mais aceitável não é exatamente de um PPC aorístico, uma vez que outras situações aparecem expressas sob a forma simples do pretérito perfeito do indicativo. Como se pode verificar, há uma linha tênue entre o valor de Relevância presente e o valor de Aoristo, confirmando a evolução contínua do PPC.¹⁶⁸ Conjeturo que a expansão do PPC para contextos aorísticos decorra do aumento da frequência de usos como os ilustrados em (239), (240) e (242).

Passo à análise dos dados ambíguos presentes na amostra de Madri.

¹⁶⁸ Essa é uma discussão de que volto a tratar na seção 7.3.

PPC ambíguo:

(243) *Los médicos han practicado a última hora de esta tarde una traqueotomía al Papa Juan Pablo II. La operación, que **ha durado** media hora, contaba con el consentimiento del Pontífice, según ha informado el portavoz del Vaticano, Joaquín Navarro Valls.* (MAEP-25-02-2005)

(244) *Además, los supervivientes de estos trayectos **han informado** a ACNUR que unas 1.500 personas están aún esperando para ser conducidas hasta Yemen por los traficantes desde Bossaso en los próximos días.* (MAEM-11-03-2005)

Sendo de interesse aqui discutir a ambiguidade do PPC, o foco da análise no que diz respeito à ocorrência em (243) não recai sobre o primeiro e o terceiro PPC (*han practicado* e *ha informado*), cuja leitura é de um PPC de Relevância presente devido à presença do CA “*a última hora de esta tarde*” – retomo esse dado na seção 7.3 a seguir. Classifiquei “*ha durado*” como um dado ambíguo devido justamente à presença desse complemento adverbial. Melhor esclarecendo, o emprego da forma “*ha durado*” pode ser justificada pelo fato de se tratar de uma situação relacionada com o momento da enunciação ou pelo fato de se tratar de um verbo de processo que carrega o traço [+ durativo]. Logo, optei por não definir o valor do dado em questão, que pode tanto ser um PPC de Relevância presente (notícia recente) como um PPC de Continuidade (durativo).

Quanto à ambiguidade do PPC em (244), a dúvida recai sobre a leitura: i) iterativa, devido à presença de um sujeito plural: ACNUR foi informada sobre o acontecimento por vários sobreviventes, possivelmente em diferentes ocasiões, ou ii) experiencial: em alguma situação ACNUR já foi informada pelos sobreviventes sobre o acontecimento de que trata a notícia. Assim, “*han informado*” pode ser interpretado como um PPC de Continuidade (iterativo) ou um PPC de Relevância presente (experiência) – evidenciando a sobreposição de valores prevista em fenômenos em processo de gramaticalização.

A seguir, discorro sobre a complexidade do estágio IV da evolução do PPC, reconhecida por outros investigadores – Squartini e Bertinetti (2000) e García Fernández (2000), por exemplo.

7.3 A polissemia do PPC de Relevância presente: um *continuum* do estágio III ao IV?

Conforme sinalizei, o valor de Relevância presente pode recobrir diferentes noções: experiencial, resultativa e atualidade da situação, por exemplo. Considerar esse fator é de fundamental importância na análise do PPC, já que ajuda a evitar uma interpretação equivocada. A título de exemplificação, cito a ocorrência apresentada em (8), que, a princípio, interpretei como um PPC Aoristo, constatando, posteriormente, tratar-se de um PPC de Relevância presente marcada pelo caráter resultativo da situação “*han muerto la semana pasada*”.

Esse estágio da evolução do PPC é, segundo Squartini e Bertinetto (2000), um dos mais significativos, já que a partir daí passa a cobrir situações puramente perfectivas. O que se quer dizer é que, desse estágio em diante, o pretérito perfeito composto passa a desempenhar funções antes previstas para o pretérito perfeito simples – fenômeno que se constata no francês e no italiano do norte, especialmente.

Entrando no problema explicitado no título desta seção, na análise dos dados, constatei que o PPC de Relevância presente é um estágio alcançado por todas as variedades analisadas. Ainda que a amostra de Cidade do México tenha apresentado um baixo percentual de PPC com esse valor (15,4%), a Relevância presente marcada em contexto experiencial e em contexto que indica resultado permanente de uma situação passada são verificáveis nessa variedade, conforme ilustram as ocorrências de 232 a 234. Nessa direção, os resultados das demais capitais apontam que a Relevância presente é marcada, exclusivamente, nestes dois contextos: experiencial e resultado – exceto em Madri.

É justamente a exceção de Madri que me chama a atenção. Observei que apenas nesta variedade a Relevância presente é verificada também em contextos que indicam a proximidade da situação, evidenciada pela presença de complementos adverbiais do tipo “*hoy*”, conforme ilustram as ocorrências a seguir:

PPC de Relevância presente (marcada por advérbios de tempo que expressam passado recente):

(245) *El pleno extraordinario que se ha celebrado hoy en el Parlamento catalán para abordar los derrumbes ocasionados por las obras del metro en el barrio barcelonés del Carmel ha derivado en un agrio cruce de acusaciones entre el presidente de la Generalitat, Pasqual*

*Maragall, y el líder de CiU, Artur Mas. (...) El primero **ha acusado** al anterior Gobierno convergente de cobrar "un 3% de comisión" en la adjudicación de obras. La respuesta inmediata de Mas **ha venido** en forma de amenaza, la de romper las negociaciones sobre el Estatut. (MAEP-24-02-2005)*

(246) *Los médicos **han practicado** a última hora de esta tarde una traqueotomía al Papa Juan Pablo II. La operación, que ha durado media hora, contaba con el consentimiento del Pontífice, según **ha informado** el portavoz del Vaticano, Joaquín Navarro Valls. (MAEP-25-02-2005)*

(247) *Antes de las palabras que se le **han escuchado** este domingo, el Pontífice ya habló en privado con el cardenal Ratzinger y en una grabación en la que, en italiano, se le oía decir 'va bien'. Con voz ronca, pero clara y tras bendecir varias veces a los presentes desde la ventana después del rezo del ángelus, Juan Pablo II **ha dicho** "Queridos hermanos y hermanas, gracias por vuestra visita. Viva Wadowice. Saludo a los Legionarios de Cristo. Buen domingo y buena semana". (MAEM-13-03-2005)*

(248) *EE UU y Rusia están de acuerdo en que Irán y Corea del Norte no tengan armas nucleares. Así lo **han afirmado** esta tarde los presidentes ruso, Vladímir Putin, y estadounidense, George W. Bush, tras reunirse en Bratislava, la capital eslovaca, en la última etapa de la visita de Bush a Europa. (MAEP-25-02-2005)*

As situações apresentadas na notícia fragmentada em (245) aparecem, praticamente, sob a forma do pretérito perfeito composto. Na ocorrência em questão, destaquei os dados que, para a realização da análise quantitativa, foram codificados como PPC de Relevância presente. Na análise caso a caso, verifiquei que a presença do complemento adverbial relacionado com o presente era o fator motivador da interpretação apontada, ou seja, a presença do CA "hoy" conduz à interpretação de um PPC de Relevância presente em "ha celebrado", "ha acusado" e "ha venido" – situações relacionadas com o complemento adverbial mencionado. Na mesma ocorrência, aparece outro PPC, dessa vez não destacado: "ha derivado", cuja leitura é de um

PPC que põe em evidência o resultado presente de uma situação passada, isto é, outra subvariedade da Relevância presente.

Em (246), a Relevância presente dos dados “*han practicado*” e “*ha informado*” é marcada pela presença do CA “*a última hora de esta tarde*”. Lembrando que o dado não destacado “*ha durado*” foi codificado na amostra com um caso ambíguo, conforme discussão proposta a partir da ocorrência em (243).

Em (247), constata-se a Relevância presente de “*han escuchado*” e “*ha dicho*” devido a sua relação com o contexto temporal “*este domingo*”; e, por fim, na ocorrência em (248), a Relevância presente do dado “*han informado*” é marcada pela presença do CA “*esta tarde*”.

Embora as amostras de La Paz e Lima apresentem dados que parecem apontar um PPC de Relevância presente marcada pela atualidade da situação, constatei que a explicação dada às ocorrências de 245 a 248 não era a mais apropriada para as ocorrências a seguir:

(249) *El presidente de la Asociación de Productores de Oleaginosas y Trigo (Anapo), Carlos Rojas (...) precisó que los ajustes en la producción mundial en los últimos 45 días han generado un incremento de los precios internacionales cercanos al 22 por ciento con respecto del segundo semestre de 2004 y enero de 2005.* (LPEM-02-04-2005)

(250) *La noticia del empeoramiento en el estado de salud del Papa **ha movlizado** a varios centenares de católicos que en las primeras horas de este primero de abril se han congregado en la Plaza de San Pedro para rezar en señal de solidaridad y cercanía espiritual* (LILR-01-04-2005)

Interessada na influência do contexto temporal no uso das formas simples e composta do pretérito perfeito composto – conforme discussão apresentada no primeiro capítulo desta tese –, justifiquei o emprego do PPC nos dados em (249) e (250) devido à presença de complementos adverbiais que relacionam as situações com o presente da enunciação, nesses casos, os CA “*en los últimos 45 días*” e “*en las primeras horas de este domingo*”, respectivamente. Sob uma análise mais criteriosa, a partir da qual vou além do contexto temporal e passo a considerar as variáveis “tipo de verbo”, “número do sujeito”, “número do objeto

direto” e “tipo de complemento adverbial”, constato que a interpretação de ante-presente¹⁶⁹ não é a mais apropriada nos dados em questão. A respeito da ocorrência em (249), a constatação do verbo do tipo processo “*han generado*”, cujo traço de duração é positivo, leva-nos a interpretar o complemento “*en los últimos 45 días*” como um CA de duração e não de localização¹⁷⁰. A mesma revisão acontece na ocorrência em (250), também analisada no trabalho de Mestrado como um uso do PPC que se justifica pela atualidade da situação. No estudo aqui proposto, a forma “*ha movilizado*” é interpretada como o resultado presente de uma situação passada – nesse caso, a notícia sobre a piora no estado de saúde do Papa. Na sequência, o dado “*han congregado*” é interpretado como um PPC de Continuidade (durativo) devido à presença de um CA de duração “*en las primeras horas de este domingo*” e de um objeto plural “*a varios centenares de católicos*”. Logo, a leitura realizada nesta investigação dos dados “*han generado*”, “*ha movilizado*” e “*han congregado*” é, respectivamente, de: PPC de Continuidade (durativo), PPC de Relevância presente (indicando resultado) e PPC de Continuidade (durativo).

Considerando essas questões, as análises realizadas apontam que apenas a amostra de Madri apresenta dados em que a Relevância presente do PPC é marcada pela presença de advérbios relacionados com o presente. Seguindo as conclusões a que chegam investigações sobre o avanço da gramaticalização do PPC no espanhol peninsular já mencionadas nesta tese, pode-se pensar que esse valor encontrado apenas na variedade de Madri é um encaminhamento mais avançado do PPC em direção ao estágio IV, no qual se converte a uma forma completamente aorística. Ressaltando que esse estágio de alternância do tipo $A > AB$ é previsto devido ao caráter lento e gradual do processo de gramaticalização, conforme mencionei anteriormente a partir de Hopper (1998).¹⁷¹

¹⁶⁹ A terminologia de ante-presente é utilizada para ser referir ao uso do PPC em contextos relacionados com o presente da enunciação, geralmente acompanhados de complementos adverbiais como “*hoy*”, “*esta mañana*”, “*en los últimos días*”, entre outros.

¹⁷⁰ A partir dos exemplos (141 e (142), discuti, na seção 5.2.4.2, a possibilidade de *en* e *durante* introduzirem tanto complementos de localização como de duração.

¹⁷¹ Na seção 3.1 anteriormente nesta tese, propus que essa passagem do PPC hodierno (relacionado ao “*hoy*”) para o PPC pré-hodierno (não relacionado com o “*hoy*”) ocorre via extensão metonímica, que decorre, por sua vez, de implicaturas conversacionais. O aumento da frequência da inferência de que a situação está psicologicamente próxima do presente da enunciação quando apresentada no pretérito perfeito composto possibilita que essa inferência se ritualize de modo a não coibir o avanço dessa forma verbal para qualquer contexto passado – hodierno ou pré-hodierno.

Sob essa perspectiva, Squartini e Bertinetti (2000) sugerem que os estágios III e IV da evolução do PPC representam um *continuum*, no qual se dispõem as diversas línguas, da mais distante à mais próxima ao valor puramente aorístico. Da mesma forma, García Fernández (2001, p. 230) sugere que, entre as etapas III e IV propostas por Harris (1982), há uma que “*podemos denominar Antepresente y en la que la antigua forma resultativa expresa acciones pasadas dentro de periodos que incluyen el momento de la enunciación*” (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000., 230).

Ignorando a possibilidade de o valor de Relevância presente não ser um único estágio de evolução, mas um valor que sinaliza uma evolução contínua conforme o contexto que recobre, ao olhar para as tabelas apresentadas nesta seção, concluiríamos que a gramaticalização do PPC de Madri e de Lima, por exemplo, encontra-se em estágio de evolução aproximado, uma vez que o percentual de PPC de Relevância presente nessas variedades é relativamente próximo: 75% e 51,2%, respectivamente. Como vimos, esse não parece ser o caso, uma vez que a Relevância presente marcada pela proximidade da situação em relação ao presente – evidenciada por complementos adverbiais do tipo “*hoy*” – é recorrente na amostra da capital espanhola, mas inexistente na amostra da capital peruana, bem como nas demais capitais da América Hispânica consideradas. Logo, é plausível pensar que a Relevância presente marcada pela proximidade da situação em relação ao presente da enunciação não representa exatamente o mesmo estágio da evolução do PPC de Relevância presente marcando resultado ou experiência.

Sob essa perspectiva, confirma-se o adiantamento da evolução do PPC madrilenho, no qual a frequência é fator de grande relevância. Conforme as tabelas ilustradas nesta seção, a variedade de Madri apresenta praticamente o dobro de ocorrências do perfeito composto (76 dados) comparado à variedade de Lima, segunda mais representativa no que diz respeito ao total de frequência dessa forma verbal (43 dados). Segundo Bybee (2003, p. 602), a frequência é o primeiro fator que contribui para o processo de gramaticalização de um item. Logo, é previsível o aceleração mencionado acima sobre a evolução do PPC na variedade madrilenha.

7.4 Valor do PPC: aproximação dos resultados e teste de hipóteses

No decorrer deste trabalho, menciono o interesse em comparar o valor do pretérito perfeito composto no espanhol e no português. Nas seções 2.2.3 e 2.2.4, discorro sobre a evolução e o uso atual dessa forma

verbal em ambos os idiomas a partir de estudos já realizados (ALARCOS LLORACH, 1984; BARBOSA, 2008; CAMUS BERGARECHE, 2008; CARDOSO; FERREIRA, 2003, por exemplo).

Constato, já naquela etapa da pesquisa, que o processo de gramaticalização do PPC segue em ritmo diferenciado nesses idiomas, apresentando divergência de ordem semântico-pragmática, bem como sintática. Como exemplificação, verificamos que, sobre as diferenças semântico-pragmáticas, no português atual, o PPC é empregado com valor exclusivamente de Anterior; enquanto que o espanhol possibilita tanto o emprego de Anterior como de Aoristo. No que diz respeito à divergência sintática, a forma verbal composta do pretérito perfeito português é constituída pelo auxiliar “ter” + particípio; no espanhol, pelo auxiliar “haber” + particípio.

Não é de interesse desta seção retomar o que já foi discutido em seções anteriores, senão sintetizar os resultados discutidos no presente capítulo, comparando-os com os resultados obtidos por Barbosa (2008),¹⁷² de forma a sinalizar o estágio da evolução em que se encontram o PPC português e o espanhol, considerando sete variedades deste último idioma, e duas do primeiro. Para tanto, proponho, primeiramente, uma síntese dos resultados obtidos na análise do PPC espanhol, analisados na seção 7.2.

Tabela 25 – Valor do PPC em variedades do espanhol: percentual de frequência¹⁷³

Estágio da evolução do PPC	Variedades do Espanhol						
	Buenos Aires	Santiago do Chile	La Paz	Lima	Havana	Cidade do México	Madri
Resultado (Estágio I)	0	0	0	0	0	0	0
Continuidade (Estágio II)	48%	60%	67,7%	44,2%	69,7%	84,6%	22,4%
Relevância presente (Estágio III)	40%	40%	32,3%	51,2%	30,3%	15,4%	75%
Aoristo (Estágio IV)	0	0	0	2,3%	0	0	0

¹⁷² É importante destacar que o trabalho de Barbosa (2008) se difere do estudo proposto nesta tese, no que diz respeito, especialmente, ao tipo de amostra e abordagem teórico-metodológica. Dessa forma, a comparação aqui apresentada não pretende apontar uma definição categórica sobre o estágio da evolução do PPC português e espanhol, mas apenas sugerir distanciamentos e aproximações entre as variedades castelhanas e portuguesas.

¹⁷³ Nessa tabela, foram desconsiderados os dados que não se enquadraram em nenhum dos valores, ou seja, os dados ambíguos.

A tabela 25 apresenta os resultados a que cheguei analisando as 262 ocorrências do PPC espanhol, presentes no “*Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico”. Em direção aos estudos de Squartini e Bertinetti (2000) e Camus Bergareche (2008), os dados presentes na amostra evidenciam a evolução do pretérito perfeito composto em todas as variedades hispânicas, considerando a frequência zero do PPC de estágio I – Resultado.

Quanto ao estágio II, observa-se que, em todas as capitais, é frequente o uso do PPC indicando Continuidade. Seguindo a ordem decrescente de percentual de frequência, Cidade do México é a capital onde esse emprego é mais recorrente – 84,6% de frequência. Em seguida, aparecem: a capital cubana com 69,7%, a capital boliviana com 67,7%, a capital chilena com 60%, a capital argentina com 48%, a capital peruana com 44,2% e, por fim, a capital espanhola com 22,4%.

A maior frequência do PPC de estágio III – Relevância presente – é constatada em Madri (75%) – região em que essa forma verbal avança na gramaticalização a uma função aorística (KEMPAS, 2006, SCHWENTER, 1994; SERRANO, 1994). Em seguida, aparece a variedade de Lima, com um percentual de 51,2% de frequência do PPC com esse valor. É importante observar que, entre as capitais americanas, apenas Lima apresenta percentual superior do PPC de Relevância presente, comparado ao percentual do PPC de Continuidade. Chama a atenção o fato de Peru e Bolívia apresentarem resultados distintos quanto à evolução do PPC, já que pertencem à mesma região dialetal hispano-americana – região andina. Na tabela 25, é possível constatar que os resultados de La Paz estão mais distantes dos de Lima do que dos de Havana (região do Caribe) e Santiago do Chile (região do Chile).

Também avança para o estágio III da evolução, o PPC das variedades de Buenos Aires (40%), Santiago do Chile (40%), La Paz (32,3), Havana (30,3%) e Cidade do México (15,4%).

Dessa forma, constata-se que, entre as variedades analisadas, o espanhol de Madri e o de Lima são os que se encontram em estágio mais avançado na gramaticalização do PPC – considerando, obviamente, a amostra analisada nesta tese. Essa afirmação é sustentada no fato de, nos dados de Lima, o PPC de Relevância presente ser mais recorrente do que o de Continuidade, bem como por evidenciar o PPC de valor aorístico. Quanto à afirmativa sobre os resultados de Madri, constatee baixo percentual de frequência do PPC de estágio II (Continuidade) e alta recorrência do PPC de estágio III (Relevância presente): 22,4% contra 75%, respectivamente. Este resultado parece indicar que o PPC

madrilenho caminha em direção ao estágio IV, dada a frequência de casos em que a Relevância presente é marcada pela presença de advérbios relacionados com o presente. Conforme afirmei na seção anterior, a frequência do PPC como ante-presente indica o *continuum*: Anterior > passado recente > Aoristo. Dito de outra forma, o PPC como passado recente parece encontrar-se ritualizado no espanhol madrilenho, possibilitando a expansão dessa forma verbal a outros contextos de passado antes previstos para o PPS.

Os dados também apontam que a trajetória do PPC mexicano segue de forma mais lenta, comparada à trajetória das demais variedades analisadas, em direção a Lope Blanch (1983), Spitzová e Bayerová (1987) e Squartini e Bertinetti (2000). Porém, meus dados também demonstram o emprego do PPC indicando Relevância presente, ou seja, o PPC mexicano já se direciona para o estágio III – o que não sustenta a afirmação de García Fernández (2000) de que o PPC mexicano é exclusivamente durativo.

A fim de comparar o atual uso do PPC espanhol e português, retomo brevemente os resultados obtidos por Barbosa (2008). Considerando dados presentes em diferentes gêneros textuais do século XX, Barbosa constatou que o PPC do português brasileiro e do português europeu, indica, exclusivamente, Continuidade (iteração e duração) – conforme resultados da tabela 4, apresentada na seção 2.2.4.3. Logo, os resultados desta tese e do trabalho de Barbosa (2008) evidenciam um avanço no processo de gramaticalização tanto no português como no espanhol, já que nesses idiomas o PPC já seguiu para o estágio II.

Comparando os resultados de ambas as investigações, também se pode concluir que o português europeu, o português brasileiro e o espanhol de Cidade do México são as variedades mais conservadoras no que diz respeito à mudança do PPC: as duas primeiras variedades apresentam uma totalidade de ocorrências do PPC de Continuidade, e a terceira, um percentual bastante elevado desse estágio de evolução (84,6%).

No que concerne às demais variedades hispânicas, o PPC nos dados de Buenos Aires, Santiago do Chile, Havana, La Paz, Lima e Madri avança para o estágio III. Além disso, os resultados sinalizam um adiantamento para o estágio IV nestas duas últimas variedades.

Com base nas discussões apresentadas neste último capítulo, é possível testar as hipóteses lançadas no início da investigação, as quais retomo a seguir:

Hipótese I: as variáveis semânticas “tipo de verbo” e “tipo de complemento adverbial” contribuem para a interpretação do pretérito perfeito composto – que, no espanhol atual, pode indicar: Continuidade, Relevância presente e Aoristo – e são, inclusive, estatisticamente significativas.

Resultado: A discussão apresentada a partir das ocorrências em (182), (183) e de (189) a (193) corroboram a hipótese acima, evidenciando a contribuição das variáveis semânticas “tipo de verbo” e “tipo de complemento adverbial” na interpretação do pretérito perfeito composto espanhol. Além desse fator, os resultados dos testes estatísticos apontam que o valor do PPC está associado às variáveis em questão, considerando a baixa probabilidade de os resultados obtidos serem devido ao acaso – conforme ilustram as tabelas 11, 12, 14 e 15.

Hipótese II: em direção à primeira hipótese, as variáveis sintáticas “número do sujeito” e “número do objeto direto” também contribuem para a interpretação do PPC e são estatisticamente significativas.

Resultado: A hipótese II é parcialmente confirmada, pois a análise dos dados em (198), (199), (203) e (204) destaca a contribuição das variáveis “número do sujeito” e “número do objeto direto” na interpretação do PPC; porém, os resultados estatísticos apresentados nas seções 7.1.3 e 7.1.4 demonstram a baixa associação entre o valor dessa forma verbal e a construção sintática.

Em relação às hipóteses I e II, vale um adendo: considerando a ordem de importância, as variáveis de análise que mais fortemente atuaram na leitura aspectual do pretérito perfeito composto foram: tipo de verbo, tipo de complemento adverbial, número do objeto direto e número do sujeito.

Hipótese III: no que tange ao valor temporal, o PPC tem comportamento distinto no território hispânico. Na indicação de passado recente, essa forma verbal é recorrente na variedade de Madri, mas não nas variedades hispano-americanas.

Resultado: conforme as discussões apresentadas no capítulo VII – essencialmente na seção 7.3 –, na variedade madrilenha, é recorrente o uso do PPC na indicação de passado recente, acompanhando especialmente complementos adverbiais relacionados com o presente (*hoy, esta tarde e este año*, por exemplo). Nos dados das demais capitais hispânicas, o uso do PPC justifica-se por indicar o resultado de situações

passadas ou situações de experiência. Confirma-se, então, a terceira hipótese.

Hipótese IV: no que tange ao valor aspectual, o pretérito perfeito composto apresenta tanto o Aspecto Anterior como o Aoristo; sendo o primeiro recorrente em todas as capitais analisadas, e o último mais recorrente em Madri.

Resultado: a quarta hipótese é confirmada parcialmente, já que, de fato, todas as capitais analisadas apresentaram o PPC com Aspecto Anterior (Continuidade e Relevância presente), mas apenas a variedade de Lima apresentou a ocorrência do PPC Aoristo – ainda que os dados de Madri sinalizem um avanço do PPC para esse estágio, conforme considerações apontadas na seção 7.3.

Hipótese V: embora Harris (1982) tenha estabelecido quatro estágios de evolução do PPC nas línguas românicas, dados das variedades hispano-falantes analisadas nesta tese não serão coincidentes quanto à etapa da evolução em que se encontra essa forma verbal.

Resultado: os dados analisados a partir do “*Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico” evidenciam que a gramaticalização do pretérito perfeito composto segue em ritmo diferenciado nas variedades castelhanas consideradas, sendo Madri e Lima as variedades mais adiantadas nesse processo, e Cidade do México a variedade mais conservadora – o que corrobora esta última hipótese.

C ONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do estudo sobre a gramaticalização do pretérito perfeito composto castelhano conduziu-me a novos direcionamentos, permitiu-me apontar deduções e generalizações, apresentou-me respostas inéditas, mas também já conhecidas, e, como qualquer investigação, fez-me constatar o não esgotamento do tema, trazendo-me algumas inquietações. Dessa forma, nesta etapa final da tese, apresento um retrospecto dos aspectos mais relevantes discutidos nos capítulos anteriores, evidenciando as conclusões a que cheguei e apontando novos desdobramentos para investigações futuras.

No histórico da pesquisa apresentado no capítulo I, apresento os resultados sobre a variação geográfica das duas formas do pretérito perfeito na língua espanhola, bem como sobre a relevância da distância temporal da situação na escolha entre uma ou outra forma verbal. Os resultados discutidos – decorrentes da minha investigação de Mestrado – indicam uma preferência acentuada do pretérito perfeito composto na variedade de Madri, comparada às variedades hispano-americanas: Buenos Aires, Santiago do Chile, La Paz, Lima, Havana e Cidade do México. Interessada não apenas na variação diatópica no uso do PPS e do PPC, decidi analisar a atuação da distância temporal na escolha por uma das formas verbais, considerando a presença de complementos adverbiais hodiernos (*hoy, esta mañana, este siglo*, por exemplo) e pré-hodiernos (*ayer, la semana pasada, el último año*, por exemplo). Em direção a estudos gramaticais e linguísticos sobre o uso do PPC e do PPS, constatei que complementos adverbiais pré-hodiernos favorecem o emprego do PPS. No entanto, diferente do que propõem algumas investigações, em contexto hodierno, esta forma verbal também é frequente, mostrando que a oposição PPC/*hoy* e PPS/*ayer* não se comprova totalmente em meus dados. Naquele momento, concluía que as variedades de Madri, La Paz e Lima apresentavam um percentual mais elevado do PPC hodierno: 32,3%, 28,6% e 19%, respectivamente. Nas demais capitais, a frequência do PPC hodierno era ainda mais baixa: Santiago do Chile (14,3%), Buenos Aires (4,5%), Havana (4,3%) e Cidade do México (0%).

No capítulo II, com o objetivo de aproximar o leitor ao objeto de estudo desta tese, apresento uma discussão sobre a evolução das duas

formas do pretérito perfeito do indicativo desde o latim até as línguas românicas atuais. Verificamos que o atual perfeito simples não passou por grandes transformações desde sua forma latina de origem. Por outro lado, no que diz respeito ao perfeito composto, são evidentes as modificações românicas em relação ao latim. Conforme autores mencionados naquele capítulo, a construção frasal *habere* + objeto modificado + particípio flexionado passa por transformações sintáticas e semântico-pragmáticas para chegar ao que atualmente identificamos como a forma verbal composta do pretérito perfeito do indicativo, tais como: i) a construção deixa de ser constituída apenas por verbos télicos, estendendo-se a outros tipos de predicados; ii) o verbo flexionado perde o significado lexical, tornando-se um verdadeiro auxiliar; iii) torna-se obrigatória a coincidência entre o sujeito do verbo flexionado e do verbo no particípio passado; iv) o particípio passado torna-se parte do verbo, perdendo a marca de concordância de gênero e número e v) a ordem verbo flexionado e particípio torna-se cada vez mais fixa, apresentando limitações rigorosas em relação ao tipo de constituinte sintático a aparecer entre os dois verbos.

Após discutir sobre os traços formais e o valor do PPC nas línguas românicas, como falante do português, pesquisadora da língua espanhola e interessada em ambos os idiomas, passo a discutir o PPC espanhol e o português. Resenhando estudos sincrônicos e diacrônicos, constato algumas semelhanças acerca das construções resultativas e da forma verbal composta nesses idiomas: i) o espanhol e o português apresentam a mesma estrutura na construção de tempo composto (auxiliar + particípio invariável); ii) o auxiliar aparece flexionado no presente do indicativo; iii) na estruturação da forma verbal composta, o objeto aparece à direita do particípio e iv) as construções resultativas são evidenciadas através da concordância em gênero e número entre o particípio e o objeto. Além das semelhanças, algumas diferenças também foram aventadas: i) o português apresenta como auxiliar do perfeito composto o verbo *ter*, enquanto que o espanhol apresenta o verbo *haber*; ii) na construção resultativa, o auxiliar do português continua sendo o verbo *ter*, enquanto do espanhol passa de *haber* para *tener* e iii) ainda sobre a construção resultativa, enquanto o espanhol mantém juntos o auxiliar e o particípio, aparecendo o objeto à direita deste último, o português intercala o objeto entre os dois verbos.

No que diz respeito à evolução e aos valores atuais do perfeito composto, constato que o espanhol e o português seguiram caminhos diferenciados, resultando em usos atuais distintos: melhor explicitando, enquanto o PPC português indica Aspecto Anterior, o espanhol, além de

apresentar esse valor, pode ainda indicar Aspecto Aoristo. A partir dos estudos de Barbosa (2008) e Alarcos Llorach (1984), fundamentalmente, a hipótese é que a evolução do PPC português seguiu de Aoristo > Anterior, diferente da evolução castelhana de Anterior > Aoristo – sendo esta similar à evolução de outras línguas românicas, como: o italiano estándar, o francês, o romeno estándar, algumas variedades italianas setentrionais e as línguas reto-românicas.

Fechando a lente para o que constitui objeto de estudo desta tese, apresento no capítulo III resultados de investigações sobre o uso do PPS e do PPC na língua espanhola. Sem estender a discussão do capítulo em questão, vale destacar apenas os resultados a que chegam os pesquisadores mencionados. Verificamos que o interesse sobre a possibilidade de a gramaticalização do PPS e do PPC em espanhol seguir o trajeto do PPC francês está presente em diversos estudos. Considerando diferentes variedades do espanhol, sob abordagens teórico-metodológicas distintas, estudos como: Donni de Mirande (1992), Kempas (2006), Lapesa (1981), Schwenter e Torres Cacoullous (2008), Serrano (1994) e Menegotto (2003a; 2003b) constatarem usos do PPC antes previstos para o PPS, expressando situações passadas sem relação com o presente, por exemplo. Essa passagem de Anterior para Aoristo é prevista na evolução do pretérito perfeito composto, que passa por quatro estágios, indicando: I) Resultado, II) Continuidade, III) Relevância presente e IV) Aoristo – conforme definições assumidas nesta tese a partir de Harris (1982). Squartini e Bertinetto (2000) também discutem a tendência de um processo gradual de “aoristização” (*aoristization*) do *perfeito composto* nas línguas românicas; o resultado desse processo conhecido como “*aoristic drift*” é a passagem de uma função semântica de *Perfect* para um passado perfectivo perifrástico – segundo os autores.

Também no capítulo III, apresento estudos interessados nos valores pragmático-discursivos das duas formas do pretérito perfeito. Bermúdez (2005), por exemplo, descreve o significado dos tempos verbais – concentrando-se no perfeito composto – a partir das noções de Modalidade, Aspecto e Evidencialidade. Conforme discussão apresentada no capítulo em questão, a escolha pelo PPS ou pelo PPC decorre, segundo Gutiérrez Araus (1997), de fatores pragmáticos: o PPC pode indicar em determinados contextos, por exemplo, a força emotiva dada pelo falante a uma situação passada. Para García Negroni (1999), as duas formas do pretérito perfeito marcam diferentes graus de adesão: ao utilizar o perfeito composto, o falante pretende evidenciar um maior envolvimento diante do fato. Em direção a esse olhar discursivo sobre a

variação PPS/PPC, discorro sobre os trabalhos de Benveniste (1995 [1959]) e Weinrich (1964), que propõem a relação entre tempos verbais do francês e mundos (planos) discursivos. Para Benveniste (1995 [1959]), o *passé simple* insere-se no plano da história, e o *passé composé* no plano do discurso. Análogo a essa distribuição, Weinrich (1964) mostra que as formas temporais do francês servem, sobretudo, para situar o leitor ou o ouvinte no processo comunicativo: o perfeito composto evidencia que o emissor está comentando os fatos; o perfeito simples, por outro lado, indica que o emissor os está narrando. Fundamentada nessas perspectivas discursivas, em Oliveira (2008b), analiso o uso do PPS e do PPC nos gêneros notícia e artigo de opinião. Constató, no primeiro gênero, a alta frequência dos pretéritos perfeito simples, imperfeito e mais-que-perfeito – formas verbais que afastam o enunciador do acontecimento; e no segundo, maior recorrência do presente e do perfeito composto – tempos verbais que indicam um posicionamento ativo do enunciador diante de seu discurso (BENVENISTE, 1995 [1959]; WEINRICH (1964).

Após ampla discussão sobre os valores do PPS e do PPC, considerados sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas, dedico o capítulo IV à apresentação do modelo teórico no qual a tese está fundamentada: o Funcionalismo Linguístico, como enfoque no paradigma da gramaticalização. As discussões apresentadas a partir de Bybee (2003), Givón (1995); (2001b), Heine (1993), (2003), Heine *et al.* (1991), Hopper (1987), Hopper; Traugott (1993), entre outros, corroboram o pressuposto de que o PPC é uma forma verbal em processo de gramaticalização, considerando as seguintes constatações: i) o surgimento do PPC românico decorre da evolução de uma construção lexical para uma construção gramatical – no caso do espanhol, o verbo pleno derivado de *habere* gramaticaliza-se como auxiliar de formas verbais compostas; ii) uma vez gramaticalizado, o PPC continua adquirindo novas funções gramaticais: sintagma resultativo > Aspecto > Tempo; iii) a frequência do PPC desempenha papel fundamental na aquisição de novas funções: em regiões onde essa forma é mais frequente, a gramaticalização de Aspecto para Tempo parece já rotinizada, avançando para um uso aorístico do PPC e iv) na evolução do PPC, observa-se a atuação de processos de mudança comumente discutidos em estudos sobre a gramaticalização, tais como: expansão metafórica, expansão metonímica, reanálise e analogia.

Verifico, ainda, que o PPC românico passa por um processo gradual de gramaticalização, ou seja, não é uma forma totalmente gramaticalizada. Essa conclusão decorre da aplicação dos cinco

princípios de Hopper (1991), a partir dos quais é possível analisar a gramaticalização em seu estágio mais incipiente, no qual a fusão de radical + afixo ainda não ocorreu. Sintetizando a aplicação dos princípios de Hopper (1991), apresento a seguinte conclusão: a competição entre o PPS e o PPC nos domínios funcionais Tempo e Aspecto evidencia o princípio da **estratificação**; ii) o fato de a forma lexical derivada de *habere* permanecer autônoma na língua espanhola, além de gramaticalizar-se na função de auxiliar, corrobora o princípio da **divergência**; a redução do número de formas em determinada função, prevista pelo princípio da **especialização**, é percebida no processo de gramaticalização do PPC – na função de Aspecto Anterior, o PPC parece ter se especializado em algumas línguas românicas (português e espanhol, por exemplo) –; na função de Aspecto Aoristo, essa forma especializou-se em línguas como o francês e o italiano do norte; iv) o princípio da **persistência** é verificado no momento mais incipiente da gramaticalização do PPC, no qual, o verbo *habere* na construção frasal resultativa mantinha, de certa forma, traços de seu significado original de posse e v) a gramaticalização do PPC constitui-se a partir da perda de alguns traços morfológicos e sintáticos de sua forma de origem – a construção resultativa –, o que confirma o princípio da **descategorização**.

Em seguida, no capítulo V, discorro sobre investigações que partem das categorias Tempo, Aspecto e Modalidade na análise das duas formas do pretérito perfeito, concluindo que, em menor ou maior medida, todas parecem atuar na escolha por uma ou outra forma verbal. Para Bello (1979 [1810]), Rojo e Veiga (1999), Reichenbach (1960 [1947]) e Alarcos Llorach (1984, p. 20), por exemplo, os dois pretéritos opõem-se via perspectiva temporal. Barros e Oliveira (2007), por outro lado, afirmam que a categoria Tempo não é determinante na escolha pelo PPS ou pelo PPC, constatando que eventos ocorridos num mesmo espaço temporal podem ser expressos por uma ou outra forma.

A partir desse pressuposto, passo à discussão das diferenças entre o PPS e o PPC via Aspecto – categoria em torno da qual a análise do valor do PPC aqui proposta está mais concentrada. Fundamentada nos estudos de García Fernández (2000), Comrie (1981), Dahl (1985), entre outros, concluo que o PPS indica Aspecto Aoristo, denotando situações ocorridas e acabadas no passado, sem relação com o presente da enunciação. Concluo, ainda, que o PPC pode indicar situações acabadas no passado, bem como ocorridas nesse espaço temporal, mas com extensão até o presente da enunciação, ou seja, o PPC pode expressar tanto Aspecto Aoristo quanto Anterior.

No que tange à categoria Modalidade, a partir da consideração dos estudos de Godoy e Dias (2003) e Oliveira (2008a), bem como de algumas ocorrências presentes no “*Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico” – apresentadas em (171) e (172) –, discuto a possibilidade de o emprego dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto castelhanos codificar, em certos contextos, as modalidades *realis* e *irrealis*, respectivamente. Nesta tese, o interesse recai fundamentalmente sobre a categoria Aspecto, o que justifica a ausência de controle de variáveis relacionadas à Modalidade.

Partindo da consideração das variáveis “tipo de verbo”, “número do sujeito”, “número do objeto direto”, “tipo de complemento adverbial” e “valor do PPC” – discutidas no capítulo VI, dedicado às descrições metodológicas –, passo, no capítulo VII, à análise sobre o estágio da evolução em que se encontra o PPC nas diferentes variedades hispano-falantes. Conforme mencionado no capítulo VI, trata-se da análise de dados presentes na amostra que compilei para minha investigação de Mestrado: “*Corpus* de notícias mundiais no panorama hispânico”, que contempla notícias de jornais virtuais, publicadas em sete capitais hispânicas: Madri, Buenos Aires, Santiago do Chile, La Paz, Lima, Havana e Cidade do México.

A respeito da análise de cada ocorrência, constato que todas as variáveis trazem importantes contribuições a respeito da definição semântica do PPC. No estudo estatístico, por outro lado, o valor do PPC mostra-se relacionado apenas às variáveis “tipo de verbo” e “tipo de complemento adverbial”, evidenciando que a definição de cada uma dessas variáveis oferece uma ajuda próxima a 30% na interpretação do valor do PPC. Diferente do que acontece com as variáveis sintáticas “número do sujeito” e “número do objeto direto”, considerando o resultado da medida *tau* de *Goodman* e *Kruskal*: valor inferior a 0,5%.

Considerando os resultados discutidos no capítulo VII, sobre a evolução do PPC nas variedades castelhanas, aponto algumas conclusões: i) como já era previsto, nenhuma variedade apresentou ocorrências do PPC de Resultado – primeiro estágio da evolução dessa forma verbal; ii) o espanhol da Cidade do México é a variedade mais conservadora, apresentando percentual bastante elevado do PPC de Continuidade (84,6%) – o qual representa o segundo estágio da evolução; iii) outras variedades do espanhol apresentam a recorrência do PPC de estágio II; em ordem decrescente de percentual de frequência: Havana (69,7%), La Paz (67,7%), Santiago do Chile (60%), Buenos Aires (48%) e Lima (44,2%). Madri, como se pode observar nas tabelas 24 e 25, apresenta um percentual relativamente menor do PPC de

Continuidade (22,4%); iv) os resultados sinalizam um avanço na gramaticalização do PPC em direção ao estágio III em todas as capitais hispano-falantes analisadas. Entre essas, Madri apresenta preferência pelo PPC de Relevância presente (75%); entre as capitais hispano-americanas, Lima encontra-se em estágio mais avançado nesse sentido, apresentando um percentual de 51,2% do PPC de estágio III; v) apenas a variedade de Lima apresenta ocorrência do PPC aorístico, indicando o avanço do PPC para o estágio IV; vi) embora a amostra de Madri não tenha apresentado nenhuma ocorrência do PPC Aoristo, concluí que a alta frequência do PPC como ante-presente indica o *continuum*: Anterior > passado recente > Aoristo. Interessada no espanhol e no português, constatei que a gramaticalização do PPC nesses idiomas segue em ritmo diferenciado, apresentando este último apenas o valor de Continuidade – estágio II da evolução, segundo Harris (1982).

Por fim, admitindo o não esgotamento do tema, apresento algumas sugestões para estudos futuros:

- i) ampliar a amostra de forma a contemplar textos de diferentes momentos históricos. A análise diacrônica sinalizaria o momento em que o PPC nas variedades castelhanas passa a indicar o valor de Relevância presente, ou seja, o momento em que o estágio III fica mais evidente, por exemplo;
- ii) analisar a gramaticalização do PPC em outras variedades hispânicas. O espanhol é uma língua falada em mais de vinte países, e, neste estudo, analisei apenas as variedades de sete capitais.
- iii) analisar amostras da língua falada e da língua escrita. Conforme sinalizei nesta tese, é possível que o PPC Aoristo (estágio IV) esteja rotinizado na língua falada de algumas variedades castelhanas – de Madri e de Lima, por exemplo;
- iv) analisar a possibilidade de o PPS e o PPC castelhanos se oporem via Modalidade, considerando contextos *realis* e *irrealis* e aplicando testes estatísticos.

Como frase final e maneira pessoal de indicar o não esgotamento do tema, digo em português que:

Tenho escrito sobre o pretérito perfeito composto, e, agora, **tenho uma tese escrita**, mas para algumas dúvidas não **encontrei** respostas.

Essa brincadeira – inspirada no título da tese de Barbosa (2008) “Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de categorização do pretérito perfeito do português” –, usando a construção frasal resultativa (tenho uma tese escrita) e as formas composta (tenho escrito) e simples do pretérito perfeito do indicativo (encontrei), é proposital, no sentido de pensar em sua tradução ao espanhol. Na seção 2.2.4, discorri sobre as diferenças entre o PPC e a perífrase resultativa no português e no espanhol: o português apresenta como auxiliar do perfeito composto o verbo *ter*, enquanto o espanhol apresenta o verbo *haber*; na construção resultativa, o auxiliar do português continua sendo o verbo *ter*, enquanto em espanhol o auxiliar passa de *haber* para *tener*; e, nesta construção, o português intercala o objeto direto entre os verbos auxiliar e o particípio; o espanhol, por outro lado, mantém unidos os dois verbos.

Considerando esses aspectos, fecho este trabalho com a tradução ao espanhol do enunciado acima, sobre cuja adequação, ainda me restam dúvidas.

He escrito sobre el pretérito perfecto compuesto y ahora tengo escrita una tesis, sin embargo para algunas dudas no he encontrado respuestas.

ALARCOS LLORACH, E. **Gramática funcional del español**. Madrid: Gredos, 1984.

_____. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Consejería de Educación, 2001.

ANDERSON, L. B. **The “perfect” as a universal and language-specific category**. In: HOPPER, Paul. (ed.). *Tense-aspect: between semantics and pragmatics*. Amsterdam: Benjamins, 1982, p. 227-264.

ANDIÓN HERRERO, M. A. **El español como lengua extranjera: relación entre el estándar y las variedades**. In: *Actas del X Congreso Brasileiro de Profesores de Español*, 2003.

_____. **Variedades del español de América: una lengua y diecinueve países**. Madrid: Espasa-Calpe, 2004.

BACK, A. C. de P.; COAN, M.; FREITAG, R.; REIS, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência: pressupostos teóricos para uma abordagem semântico-discursiva**. In: *Estudos lingüísticos XXXV*, 2006, p. 1463 – 1472.

BACK, Â. C. de P. **A multifuncionalidade da forma verbal –SSE no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica**. Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

BARBOSA, J. B. **Os tempos do pretérito no português brasileiro: perfeito simples e perfeito composto**. Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 2003.

_____. **Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de caracterização do pretérito perfeito do português.** Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 2008.

BARROS, L. G. **Tradição e inovação na teoria verbal da gramática de Andrés Bello.** Tese de Doutorado em Letras Neolatinas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

BARROS, L. G.; OLIVEIRA, L. C. de. **Tempo e referência a questão dos dois pretéritos em espanhol.** In: Revista do Gel. V. 4. Araraquara: Unicamp, 2007, p. 149-158.

BELLO, A. **Análisis ideológico de los tiempos de la conjugación castellana.** In: Obra Literaria. Caracas: Ayacucho, 1979 [1810], p. 415-459.

_____. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos.** Madrid: EDAF, 1984.

BENVENISTE, É. **As noções de tempo no verbo francês.** In: Problemas de lingüística geral. São Paulo: Editora Nacional – EDUSP, 1995 [1959], p. 260-276.

BERMÚDEZ, F. **Los tiempos verbales como marcadores evidenciales. El caso del pretérito perfecto compuesto.** In: Estudios Filológicos 40, 2005, p. 165-188. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0071-17132005000100012&script=sci_arttext. Acesso em 09/10/2008.

BERTINETTO, P. M.; DELFITTO, D. **Aspect vs. Actionality: Why should they be kept apart.** In: Dahl, Östen (ed.) Tense and Aspect in the Languages of Europe. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000, p.189-226.

BOSQUE, I.; DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española.** Madrid: Espasa-Calpe, 1999.

BYBEE, J. L. **Irrealis as a grammatical category.** Anthropological Linguistics. Vol. 40. N. 02. Bloomington: Indiana University, 1998.

_____. **Mechanism of change in grammaticization: the role of frequency.** In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

BYBEE, J.; PAGLIUCA, W.; PERKINS, R. **Back to the future.** In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. V. II. Amsterdam: Benjamins, 1991, p. 17-58.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the language of the world.** Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. **Modality in grammar and discourse.** Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

BULL, W. E. **Time, tense, and the verb: a study in theoretical and applied linguistics, with particular attention to Spanish.** California: University of California Press, 1963.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Uma forma verbal portuguesa.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

_____. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis, 1970.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1974.

CAMUS BERGARECHE, B. **El perfecto compuesto (y otros tiempos compuestos) en las lenguas románicas: formas y valores.** In: CARRASCO GUTIÉRREZ (ed.). *Tiempos compuestos y formas verbales complejas*. Madrid: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2008, p. 65-99.

CAMPOS, M. H. C. **Sur les formes composées du prétérit em portugais.** Actes du XXII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Tübingen, Niemeyer, 2000, p. 57-63.

CARDOSO, A.; PEREIRA, S. **Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português.** Revista ABRALIN. 2 v. n 2. Brasília: ABRALIN, 2003, p. 159-181.

CASTILHO, A. T. **A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português.** Alfa, n.9, Marília: FFCL, 1966, p. 105-153.

_____. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa.** Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 2003.

CASTRONOVO, B. J. **La categoría verbal de modo en la tradición gramatical española.** In: BOSQUE I. Indicativo y subjuntivo. Madrid: Taurus, 1990, p. 66-79.

CHIERCHIA, G. **Semântica.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referencia passado: preterito (mais-que-) perfeito.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

_____. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente.** Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

COMRIE, B. **Aspect.** Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

_____. **Tense.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português.** São Paulo: Parábola, 2005.

COSERIU, E. **Sistema, norma y habla.** In: Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias. Montevideo, 1952, año VI, no. 9.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português.** São Paulo: Contexto, 1990.

CUNHA, C. **Gramática da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Feriame, 1972.

DAHL, Östen. **Tense and aspect systems.** Oxford: Basil Blackwell, 1985.

DE MIGUEL, E. **El aspecto léxico.** In: BOSQUE e DEMONTE. Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid: Espasa-Calpe, 1999, p. 2979-3060.

DOMINGOS, R. de F. de A. **Variação no uso do pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo) na função de cotemporalidade a um ponto de referência passado.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

DONNI DE MIRANDE, N. **El sistema verbal en el español de Argentina: rasgos de unidad y de diferenciación dialectal.** In: Revista de filología hispánica 72, 1992, p. 655-670.

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Tempo e modalidade na língua, Tempo no discurso.** In: Dicionário das ciências da linguagem. Lisboa: Dom Quixote, 1972, p. 365-379.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés. **Corpus oral y sonoro del español rural (COSER).** Disponível em: <http://www.lllf.uam.es:8888/coser/> . Acesso em: fevereiro de 2010.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo.** São Paulo: Ática, 1996, p. 127-255.

FLEISCHMAN, S. **The future in thought and language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 07-16.

_____. **Imperfective and irrealis.** In: Bybee J.; Fleischman S. (eds.), 1995, p. 519-554.

FREITAG, R. M. Ko. **A expressão do passado imperfeito no português: variação, gramaticalização e mudança.** Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

GARCÍA DE DIEGO, V. **Elementos de gramática histórica castellana.** Burgos: Tipografía de El Monte Carmelo, 1914.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. **La gramática de los complementos temporales.** Madrid: Visor Libros, 2000.

GARCÍA NEGRONI, M. M. **La distinción pretérito perfecto simple / pretérito perfecto compuesto. Un enfoque discursivo.** *In:* Revista Iberoamericana de discurso y sociedad 1.2, 1999, p. 45-60.

GILI GAYA, S. **Curso superior de sintaxis española.** XV edición. Barcelona: VOX, 1993.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar.** Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

_____. **Tense, aspect and modality I: functional organization.** *In:* Syntax – an introduction. V.1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001a, p.285-335.

_____. **The functional approach to language and the typological approach to grammar.** *In:* Syntax: an introduction. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001b, p. 1-42.

GODOY, E.; DIAS, L. S. **La oposición modal de los pretéritos perfecto compuesto y simple des español: una perspectiva cognitiva.** Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos, n. 1. Madrid, 1990, p. 53-65.

GÓMEZ TORREGO, L. **Manual de español correcto.** Madrid: Arco Libros, 1989.

GORSKI, E.; GIBBON, A. O.; VALLE, C. R. M.; DAL MAGO, D.; TAVARES, M. A. **Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização.** *In:* ROCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história I. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 106-122.

GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. **Sociofuncionalismo: da teoria à prática pedagógica.** *In:* SILVA et. al. (orgs.) Lingüística e práticas pedagógicas. Santa Maria: Pallotti, 2006, p. 127-148.

GÖRSKI, E. **A questão do continuum na interface variação/gramaticalização.** *In:* MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R.; AMARAL, L. I. C. (orgs.). Estudos da linguagem – VII Círculo de estudos lingüísticos do sul, 2006. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 145-172.

GRICE, H. P. **Logic and Conversation**. In: DASCAL, M. *Fundamentos Metodológicos da Lingüística*, vol. IV Pragmática. Campinas: Editora da Unicamp, 1982, p. 81-104.

GUTIÉRREZ ARAUS, M. L. **Formas temporales del pasado en indicativo**. Madrid: Arco-Libros, 1997.

_____. **Problemas fundamentales de la gramática del español como segunda lengua**. Madrid: Arco Libros, 2005.

HARRIS, M. **The “past simple” and “present perfect” in Romance**. In: VINCENT, N.; HARRIS, M. (eds.). *Studies in the Romance Verb*. London: Croom Helm, 1982, p. 42-70.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. New York Oxford: Oxford University Press, 1993.

_____. **Grammaticalization**. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 575-601.

HENRÍQUEZ UREÑA, P. **Observaciones sobre el español de América**. *Revista de Filología Española*, 8, 1921, p. 357-390.

HOPPER, P. **Emergent grammar**. In: Berkeley Linguistics Society, n. 13, 1987, p. 139-157.

_____. **On some principles of grammaticization**. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. V. 1. Amsterdam: Benjamins, 1991, p. 17-36.

_____. **Some recent trends in grammaticalization**. *Ann. Rev. Anthropol.* 1996.

_____. **The paradigm at the end of the universe**. In: RAMAT, Anna G.; HOPPER, Paul J. (eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998, p. 147-158.

HOPPER, P.J.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOWE, C.; SCHWENTER, S. A. **Present perfect for preterite across Spanish dialects**. Penn Working Papers in Linguistics 9, 2003, p. 61-75.

_____. **Variable constraints on past reference in dialects of Spanish**. In: WESTMORELAND, Maurice; THOMAS, Juan A. (ed). Selected proceedings of the 4th Workshop on Spanish Sociolinguistics. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2008, p. 100-109.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Notas para uma semântica do passado composto em português**. In: Revista Letras, 55. Curitiba: UFPR, 2001, p. 129-152.

KANY, C. E. **Sintaxis hispanoamericana**. Madrid: Gredos, 1976 [1945].

KEMPAS, I. **Estudio sobre el uso del pretérito perfecto prehodiernal en el español peninsular y en comparación con la variedad del español argentino hablada en Santiago del Estero**. Tesis Doctoral. Helsinki: Universidad de Helsinki, 2006.

_____. **El pretérito perfecto compuesto y los contextos prehodiales**. In: CARRASCO GUTIÉRREZ (ed.). Tiempos compuestos y formas verbales complejas. Madrid: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2008, p. 231-273.

JESPERSEN, O. **La filosofía de la gramática**. Barcelona: Anagrama, 1982 [1924].

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera**. Working Papers in Sociolinguistics, number 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors.** Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors.** Oxford: Blackwell, 2001.

LAVANDERA, B. **Where does the sociolinguistic variable stop?** In: *Language in Society, Great Britain*, 1978, p. 171-182.

LAPESA, R. **Historia de la lengua española.** IX edición corregida y aumentada. Biblioteca Románica Hispánica. III. Manuales, 45. Madrid: Gredos, 1981.

LAUSBERG, H. **Lingüística Românica.** Tradução de Marion Ehrhardt; Maria Luísa Schemann. 2ª. Edição. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1963.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization.** Munich: Lincom Europa, 2002 [1982].

LICHTENBERK, F. **On the gradualness of grammaticalization.** In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization.* V. 1. Amsterdam: Benjamins, 1991, p. 37-80.

LOPE BLANCH, J. M. **Estudios sobre el español de México.** México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983 [1961], p. 131-143.

LYONS, J. **Semantics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

_____. **Introdução à lingüística teórica.** Trad. Mattos e Silva, R. V.; PIMENTEL, H. São Paulo: Nacional, Universidade de São Paulo, 1979.

MALMBERG, B. **La América hispanohablante: unidad y diferenciación del castellano.** 3 ed. Madrid: ISTMO, 1974.

MARTIN, I. R. **Espanhol Série Brasil.** São Paulo: Ática, 2004.

MARTÍNEZ-ATIENZA, M. **Dos formas de oposición en el ámbito románico entre el pretérito perfecto compuesto y el pretérito**

perfecto simple. In: CARRASCO GUTIÉRREZ (ed.). *Tiempos compuestos y formas verbales complejas*. Madrid: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2008, p. 203-229.

MATTE BON, F. **Gramática comunicativa del español**. Madrid: Edelsa, 1995.

MATTOS e SILVA, R. V. **Um aspecto auxiliar no português arcaico**. *Tulane Studies in Romance Languages and Literature* (10), 1981, p. 93-109.

_____. **Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1989.

_____. **Variação e mudança no português arcaico: ter ou haver em estruturas de posse**. In: PEREIRA, C. C.; PEREIRA, P. R. D. *Miscelâneas de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 299-311.

_____. **A variação ser/estar e haver/ter em 1540**. *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, v. XXIII, 1999, p. 71-96.

_____. **O português quinhentista**. Salvador: EDUFBA/ UEFS, 2002.

MEILLET, A. **Linguistique historique générale**. Paris: Librairie Honoré Champion, 1965 [1912].

MENEGOTTO, A. **Hacia un modelo de análisis de la variación lingüística en el marco del Programa Minimalista**. Tesis Doctoral. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires/Facultad de Filosofía y Letras, 2003a.

_____. **Tiempo y aspecto de dos variedades de español**. In: *Actas del IX Congreso de la Sociedad Argentina de Lingüística*. Edición en CD. Córdoba: Comunicarte Editorial, 2003b.

MOLHO, M. **Sistemática del verbo español: aspectos, modos y tiempos**. Madrid: Gredos, 1975.

MORENO FERNÁNDEZ, F.; CESTERO MANCERA, A. M.; MOLINA MARTOS, I.; PAREDES GARCÍA, F. **Corpus PRESEEA-ALCALÁ. Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América.** Hablantes de instrucción superior. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2002.

MOURA NEVES, M. H. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A gramática: história, teoria e análise, ensino.** São Paulo: UNESP, 2002.

NARO, A.; LEMLE, M. **Competências básicas do português.** Rio de Janeiro: Sedec/Mobral, 1977.

OLIVEIRA, R. P. de. **Semântica formal: uma breve introdução.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

OLIVEIRA, L. C. de **As duas formas do pretérito perfeito: análise de *corpús*.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

_____. **A atuação das modalidades epistêmicas “pressuposição” e “*irrealis*” no uso dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto em espanhol.** In: Working paper em linguística, vol. 9 (2). Florianópolis: UFSC, 2008a, p. 11-21.

_____. **Análise discursiva das duas formas do pretérito perfeito em espanhol.** In: Anais do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas e V Congresso Brasileiro de Hispanistas. Belo Horizonte: UFMG, 2008b, p. 2850-2858.

_____. **A noção de regra variável na morfossintaxe: um estudo sobre as formas verbais espanholas “*dejó*” e “*ha dejado*”.** In: Working paper em linguística, vol. 10 (2). Florianópolis: UFSC, 2009, p. 21-33.

OLIVEIRA, L. C. de; SILVA, I. M. da. **Análise pragmática no uso dos tempos e modos verbais castelhanos.** In: HAEMING, W. K.; OLIVEIRA, L. C. de; WILDNER, A. K. Linguagem e ensino: teorias,

práticas e debates no Instituto Federal de Santa Catarina. Florianópolis: IF-SC, 2009, p. 51-63.

PAIVA BOLÉO, M. **O perfeito e o pretérito em português em confronto com outras línguas românicas.** Coimbra, 1936.

PALMER, F.R. **The definition of modality.** In: Mood and modality. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 14-22.

PINKSTER, H. **The strategy and chronology of the development of Future and Perfect Tense Auxiliaries in Latin.** In: HARRIS, M.; RAMAT, P. Historical development of auxiliaries. Berlin: Mouton/de Gruyter, 1987, p. 193-223.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic.** New York: Macmillan Company, 1960 (1947).

RIBEIRO, I. **A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser.** In: ROBERTS, I.; KATO, M. Português Brasileiro – Uma viagem diacrônica. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

RODRIGUES, C. S. **Sempre: um estudo de suas interações aspectuais em contexto de prepérito perfeito simples e pretérito imperfeito.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

ROJO, G.; VEIGA, A. **El tiempo verbal. Los tiempos verbales.** In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid: Espasa-Calpe, 1999, p. 2869-2933.

ROMANOS, H.; CARVALHO, J. P. de. **Expansión: Español en Brasil.** São Paulo: FTD, 2002.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa.** 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1964.

SANTOS, C. F. **Variación y cambio lingüísticos del pretérito compuesto: muestras de Madrid, Ciudad de México y Buenos Aires.** In: Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas e I Congresso

Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. **Variação e mudança lingüística dos pretéritos simples e composto, uma perspectiva sociolingüística e discursiva: amostras de Madri, Cidade do México e Buenos Aires.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, C. F.; REICH, U. **Variación y cambio del pretérito compuesto: perspectiva sociolingüística y discursiva.** In: Actas del XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL). Montevideo, 2008.

SCHWENTER, S. **The grammaticalization of an anterior in progress: evidence from a Peninsular Spanish Dialect.** In: Studies in Language 18, n. 1, 1994, p. 71-111.

SCHWENTER, S.; CACOULOS, R. T. **Defaults and indeterminacy in temporal grammaticalization: the “perfect” road to perfective.** In: Language Variation and Change 20, 2008, p. 1-39.

SERRANO, M. J. **Del pretérito indefinido al pretérito perfecto: un caso de cambio y gramaticalización en el español de Canarias y Madrid.** Lingüística Española Actual XVI/1, 1994, p. 21-57.

SILVA, P. N. da. **Os tempos compostos do sistema verbal português.** Coleção Estudos Pós-graduados. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

SILVA, I. M. da. **Indicativo e subjuntivo em espanhol: norma e uso na imprensa escrita.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

_____. **As voltas que o modo dá: parâmetros funcionais da alternância indicativo/subjuntivo em espanhol.** Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

SOLÉ COSTA, J. M. **Gramática de los verbos en español.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

SOUZA, J. de O. **¡Por Supuesto!** São Paulo: FTD, 2003.

SPITZOVÁ, E.; BAYEROVÁ, M. **Posición del perfecto compuesto en el sistema temporal del verbo en el español de México.** Études Romanes de Brno XVIII, 1987, p. 37-50.

SQUARTINI, M.; BERTINETTO, P. M. **The simple and compound past in Romance Languages.** In: DAHL, Ö. Tense and aspect in the languages of Europe. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000, p. 385-402.

STOWEEL, T. **Where the Past in the Perfect.** In: CARRASCO GUTIÉRREZ (ed.). Tiempos compuestos y formas verbales complejas. Madrid: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2008, p. 103-117.

SWEETSER, E. E. **Root and epistemic modals: causality in two worlds.** Proceedings of the Eighth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society. Berkeley: Berkeley Linguistic Society, 1982, p. 484-507.

_____. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p.49-75.

TAFNER, E. P. **As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações. Um estudo sociofuncionalista.** Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

TRAUGOTT, E. C. **Constructions in grammaticalization.** In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). The handbook of Historical Linguistics. Oxford: Blackwell, 2003, p. 624-647.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization.** Vol. II. Amsterdam: J. Benjamins, 1991.

TRAVAGLIA, L. C. **Tempo verbal: um problema gramatical ou discursivo? Tempo verbal e tipo de texto.** In: Letras & Letras. V. 9 (1). Uberlândia, 1993, p. 51-57.

_____. **O verbo e a ordenação referencial de situações em diferentes tipos de textos.** In: Revista Letras – línguas e literaturas. Anexo VI. Porto, 1994a, p. 225-239.

_____. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão.** 3. ed. Uberlândia: EDUFU, 1994b.

VENDLER, Z. **Verbs and Times.** In: Linguistics in philosophy. New York: University Press, 1967, p. 97-121.

VERKUYL, H. **A theory of aspectuality – the interpretation between temporal and atemporal structure.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

WALSH, A. **Statistics for the social sciences.** Nova York: Harper and Row, 1990.

WACHOWICZ, T. C. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro.** Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal de São Paulo: São Paulo, 2003.

WEINRICH, H. **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje.** Madrid: Gredos, 1964.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZAMORA VICENTE, A. **Dialectología española.** II edición. Biblioteca Románica Hispánica. III. Manuales, 8. Madrid: Gredos, 1967.

Sites citados

<http://www.clarin.com>

<http://www.cronica.com.mx>

<http://www.diario.com.mx>

<http://www.elmundo.com.bo>

<http://www.elmundo.es>

<http://www.elpais.es>

<http://www.granma.cu>

<http://www.laopinion.com.mx>

<http://www.larepublica.com.pe>

<http://www.lun.com.cl>

<http://www.youtube.com/watch?v=YTebiRH6dE4>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)